

# QUESTÕES DA VIDA DA IGREJA

Geraldo Luiz Borges Hackmann  
Rafael Martins Fernandes  
(Orgs)

O livro “Questões da vida de Igreja” oferece aos leitores o resultado de pesquisas em curso no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), como também em seu respectivo curso de Graduação. As pesquisas são resultado da inserção dos discentes na diversidade de suas comunidades de origem, iluminada pela reflexão teológica acontecida no decorrer das aulas, fruto da interação entre a teoria teológica e a prática pastoral. Os textos mostram a abordagem dos desafios vindos de questões postas à Igreja e que suscitam a apresentação da mensagem do Evangelho de forma a ser compreendida. É como afirma a Comissão Teológica Internacional no documento *Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios*: “(A teologia) Torna-se teologia, no sentido estrito, quando o crente se compromete a apresentar o conteúdo do mistério cristão de uma forma racional e científica” (n. 18). E este intuito leva a encontrar o necessário equilíbrio entre o intelectual e o espiritual, favorecendo uma religiosidade autêntica. O Papa Francisco afirma: “Naturalmente, não se trata duma religiosidade alienante ou individualista que faça calar as exigências sociais duma vida mais digna, mas também não se trata de mutilar a dimensão transcendente e espiritual como se bastasse ao ser humano o desenvolvimento material. Isto convida-nos não só a combinar as duas coisas, mas também a ligá-las intimamente” (*Querida Amazônia*, n. 76).



Editora Fundação Fênix



## **Questões da vida de Igreja**

# *Série Religião e Teologia*

---

## **Editor**

Isidoro Mazzarolo (PUCRS)

## **Conselho Científico**

Isidoro Mazzarolo (PUCRS)

João Luiz Correa Júnior (UNICAP)

Valmor da Silva (PUCGO)

Vicente Artuso (PUCPR)

## **Conselho Editorial**

Bruno Godofredo Glaab (ESTEF)

Herculano Alves (Universidade Católica Portuguesa/Porto)

Rafael Fernandes (PUCRS)

Ludovico Garmus (Instituto Franciscano de Petrópolis)

Leomar A. Brustolin (PUCRS)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

## **Questões da vida de Igreja**

### **Organizadores**

Pe. Geraldo Luiz Borges Hackmann  
Pe. Rafael Martins Fernandes



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2020



Direção editorial: Agemir Bavaresco  
Diagramação: Editora Fundação Fênix  
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



*Série Teologia – 06*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; FERNANDES, Rafael Martins (Orgs).

Questões da vida de Igreja. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; FERNANDES, Rafael Martins. (Orgs). Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.

232p.

ISBN – 978-65-87424-30-9



<https://doi.org/10.36592/9786587424309>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-200

---

1 Religião. 2 Teologia. 3 Igreja. 4 Vida.

Índice para catálogo sistemático – Religião – 200





## Sumário

### Apresentação

*Organizadores*

#### **1. Eclesiologia da casa ao encontro com Deus: um paradigma de Igreja dialógico e encarnado na realidade do Povo de Deus?**

*Moisés Furmann* ..... 13

#### **2. A centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja na Exortação *Evangelii Gaudium***

*Jonas Emerim Velho* ..... 29

#### **3. A Igreja em saída e o ‘ser-para-os-outros’: uma aproximação entre a eclesiologia do Papa Francisco e Dietrich Bonhoeffer**

*Luiz Maria de Barros Coelho Neto* ..... 45

#### **4. O diálogo do Magistério da Igreja com a ciência: do século XX aos nossos dias**

*Eliseu Lucas Alves de Oliveira* ..... 57

#### **5. Igreja e comunicação: cem anos de reflexão e atuação e o desafio hodierno**

*Joel Sávio* ..... 77

#### **6. O fenômeno religioso das aparições marianas: relatos das aparições de Nossa Senhora da Assunção em Taquari**

*Érick Lopes Vicari* ..... 91

#### **7. A Cruz de Jesus de Nazaré como fonte de sentido para o presidiário cristão a partir da perspectiva do agente de pastoral carcerária da Diocese de Montenegro**

*Oséias Canisio Dreyer* ..... 155

### **8. Recensão**

*Pedro Francisco Simone* ..... 223



## Apresentação



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-0>

Com satisfação, estamos apresentando esta obra, intitulada *Questões da vida de Igreja*, que reúne os trabalhos realizados pelos alunos do primeiro semestre do Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no ano de 2020, para a disciplina de Questões de Eclesiologia, acrescida do resultado da pesquisa de dois alunos do Curso de Teologia da mesma Escola de Humanidades, realizados no Programa de Iniciação Científica.

Apesar de a Igreja ter buscado refletir sobre si mesma ao longo do tempo, como processo iniciado com o advento dos tratados sistemáticos de Eclesiologia, no século XIV, ela sempre necessita atualizar esta dinâmica de autoconsciência, o que poderá fazer na medida em que se situar no mundo, procurando compreender os desafios daí avindos, sempre a partir de sua raiz trinitária e em fidelidade ao seu fundador, Jesus Cristo, determinante para a sua identidade própria, sob a inspiração do Espírito Santo, a fim de poder realizar a sua missão evangelizadora.

Esta obra detém sua atenção sobre questões que dizem respeito à vida de Igreja, ou seja, desafios sentidos no exercício cotidiano do trabalho pastoral. Com efeito, três textos abordam a Exortação Pós-sinodal do Papa Francisco, a *Evangelium Gaudium*: a crise do compromisso comunitário (Moisés Furmann); a centralidade da Palavra de Deus na Igreja (Jonas Emerin Velho) e o tema da Igreja em saída e o “ser-para-os-outros”, comparando a eclesiologia do Papa Francisco e Dietrich Bonhoeffer (Luís Maria de Barros Coelho Neto). Outro tema recorrente é a relação da Igreja com a ciência, aqui abordada a partir do diálogo aberto pelo Magistério à ciência (Eliseu Lucas Alves de Oliveira), prosseguindo com outro tema instigante: a relação da Igreja com o fenômeno recente da comunicação, iniciado há cem anos (Joel Sávio). Outros dois textos analisam aspectos específicos do trabalho pastoral: os relatos do fenômeno das aparições de Nossa Senhora da Assunção em Taquari, RS (Érick Lopes Vicari) e a cruz de Jesus de Nazaré como fonte de sentido para o presidiário cristão, relatando a experiência do agente de pastoral carcerária na Diocese de Montenegro, RS (Oséias Canisio Dreyer). Por fim, a recensão do capítulo terceiro da obra *A Igreja na*

*perspectiva do século XIX e no profetismo de Vicente Pallotti*, intitulado as “Novas ecclesiologias”, de autoria de Valentim Pizzolatto (Pedro Francisco Simone).

Desejamos que a leitura desta obra possa ajudar na qualificação da missão da Igreja nos dias de hoje, a fim de corresponder cada vez melhor à missão evangelizadora recebida de Jesus Cristo.

*Pe. Geraldo Luiz Borges Hackmann.*

*Pe. Rafael Martins Fernandes.*

*Organizadores.*

# 1. Eclesiologia da casa ao encontro com Deus: um paradigma de Igreja dialógico e encarnado na realidade do Povo de Deus?



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-1>

Moisés Furmann

## Introdução

Na presente reflexão pretendemos desenvolver a temática eclesiológica a partir da exortação *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Nesse sentido, o intuito reside em investigar um dos grandes entraves que afetam o trabalho pastoral em paróquias e comunidades católicas: a crise de compromisso comunitário. Estudiosos, dos campos das ciências humanas, teológicas, filosóficas e sociológicas são unânimes ao evidenciarem em suas pesquisas o comportamento mercadológico, que permeia as relações sociais do mundo hodierno. As relações sociais de troca de experiência, do diálogo espontâneo e fraterno do cotidiano do mundo da vida, que ocorria entre os membros das comunidades, principalmente das pequenas comunidades do interior, nos tempos hodiernos passam a ser regidas pelas leis do mercado econômico, por interlocutores com interesses voltados ao lucro e ao acúmulo de bens de valor econômico. Cabe levantar o seguinte questionamento frente a esse “novo” panorama: Como a crise comunitária afeta a Igreja Católica Apostólica Romana?

Assim, esse estudo visa “investigar” sobre os “possíveis” caminhos apontados pelo Papa Francisco, especialmente na encíclica *Evangelii Gaudium* para os próximos anos, que tem uma proposta “dialógico-orientadora” de enfrentamento frente à problemática acima descrita, a saber, a “crise comunitária”.

O Papa Francisco aponta alguns sinais, “dialógico-orientadores” que servem de guia para que os líderes da igreja possam lidar com essa conjuntura problemática, acima descrita, uma vez que convida os cristãos para viverem a alegria do Evangelho, segundo a *Evangelii Gaudium*. Francisco impulsiona a Igreja ao movimento de saída de si mesma, centrando-a na missão, em Jesus Cristo - Evangelizador e Evangelho - e na entrega aos pobres.

A *Evangelii Gaudium* apresenta a urgente transformação missionária da Igreja na ação pastoral, para atingir o contexto hodierno, cujo cenário de “crise do

compromisso comunitário” desafia o anúncio do Evangelho para toda humanidade e, de modo especial, para as novas gerações.

A reflexão sobre os cenários da Igreja num mundo globalizado, plural e fragmentado desenvolvida por João Batista Libânio, no final do ano 1999, pretendia apontar os possíveis cenários da Igreja para as próximas décadas. E, nessa direção, sugeria que a Igreja vivia um momento de transição, segundo ele, “há um cansaço civilizacional”.<sup>1</sup> Nessa perspectiva, constata-se que os pronunciamentos dos Papas instigam de modo especial os católicos, mas também a humanidade, ao debate em torno de temáticas fundamentais, tais como as crises que atingem diretamente a vida. Francisco pontua no documento *Laudato Si*, que a exortação *Evangelii Gaudium* é dirigida “aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária ainda pendente”<sup>2</sup>. As palavras do discurso inaugural da segunda sessão do Concílio Vaticano II, do Papa Paulo VI, foram lembradas por Libânio e, também, pelo Papa Francisco, que afirmava: “a Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério”<sup>3</sup>, ou seja, dizer para si mesma quem ela era olhando para seu interior e para as relações com as outras denominações cristãs e religiosas, com o mundo contemporâneo na densa problemática atual.<sup>4</sup>

O cenário vivido pela humanidade hodierna exige um posicionamento ético para defender à vida do planeta, dos seres e das várias formas de vida, dos diversificados ecossistemas e do humano. Segundo Francisco, os cristãos são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor<sup>5</sup>, gestado a partir do diálogo e da atitude de mudança, além da importante capacidade de se alegrar com as pequenas coisas da vida cotidiana. A Igreja indica o verdadeiro dinamismo da realização pessoal quando recorre ao compromisso de evangelizar. Francisco convida à Igreja para sair e fazer novas experiências missionárias, transmitindo o Evangelho pelo testemunho da fé cristã, que pela memória fecunda evangeliza e irradia alegria ao mundo, que procura ora na angústia, ora na esperança, a Boa Nova.

---

<sup>1</sup>LIBÂNIO, João Batista. Cenários da Igreja. In: *Revista Vida Pastoral*, p. 2-5. Publicado em Novembro-Dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/cenarios-da-igreja/>, Acesso em: 30 de mai. de 2020.

<sup>2</sup>FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, parágrafo 3, p. 4.

<sup>3</sup>FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 26, p. 22.

<sup>4</sup> LIBÂNIO, João Batista. *A trajetória de um teólogo brasileiro*. Testemunhos. (IHU – on-line)

<sup>5</sup>FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 183, p. 146.

## 1 O cenário da Igreja no mundo hodierno – a crise do compromisso comunitário

Ao pesquisar o conceito eclesiologia, na rede mundial de computadores, encontra-se diversas páginas que discorrem sobre sua possível descrição e circunscrição terminológica, destacando-se as últimas publicações sobre os documentos pontifícios. O pontificado de Jorge Mario Bergoglio, iniciado no dia 13 de março de 2013, após a renúncia de Bento XVI marca um divisor de águas na história da Igreja, em nível mundial, pois esse passa a ser o primeiro Sumo Pontífice do hemisfério sul, do continente Latino Americano, natural da Argentina.

A Igreja Latino Americana, da qual Bergoglio faz parte, marca não só seu modo de ver à Igreja e o mundo, mas fundamenta sua experiência na missão de coordenar a Igreja no ministério de Arcebispo e Cardeal de Buenos Aires. Logo, chama a atenção o destaque dado pela imprensa sobre a pessoa do atual Papa, como humilde, misericordioso, preocupado com os pobres, e comprometido com o diálogo.

A exortação, chamada de “programa” do pontificado de Francisco, nasceu a partir da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, resultando na exortação *Evangelii Gaudium*.<sup>6</sup> O processo de elaboração da mesma é uma reelaboração com linguagem e estilo próprios que se dá, segundo destaca Francisco, recolhendo a riqueza dos trabalhos do Sínodo, e da consulta de várias pessoas e de registros da sua preocupação com a obra da evangelizadora da Igreja<sup>7</sup>. A missionariedade na Igreja é o dorso central do texto, no qual Francisco convida todos os fiéis a uma nova etapa de evangelização, caracterizada pela alegria.

A eclesiologia da *Evangelii Gaudium* tem sua face na evangelização da Igreja no mundo contemporâneo, fundamentalmente na pastoral ordinária, na pessoa batizada que não vive a exigência do batismo e a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo, ou que sempre O recusaram. No pensamento descentralizador de Francisco, o aprofundamento cuidadoso desses temas deve ser objeto dos episcopados locais, especialmente para discernir sobre as problemáticas nos seus

---

<sup>6</sup> VATICAN NEWS. *Evangelii Gaudium*: o “programa” do pontificado de Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/papa-francisco-evangelii-gaudium-cinco-anos.html> Acesso em: dia 10 de jun. 2020.

<sup>7</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 16, p. 16-17.

territórios, sem “esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo”.<sup>8</sup>

Com a expressão “salutar descentralização” (EG, 16), Francisco apresenta uma dinâmica eclesial alicerçada na “colegialidade” (EG, 246) exercida pelas Conferências Episcopais para encontrar “novas formas” e “métodos criativos” (EG, 11) recuperando o “frescor original do Evangelho” (EG,11). O dinamismo missionário evangelizador rompe estruturas centralizadoras que condicionam a mensagem do Evangelho.

A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania, “toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial”.<sup>9</sup>

A renovação dos costumes enraizados na Igreja ao longo da história, que não estejam ligados diretamente ao âmago do Evangelho, deve ser transformada com ousadia criativa, para tornar a estrutura eclesial um canal de evangelização do mundo atual, sem pretender a autopreservação. Esta transformação encontra forças no Espírito do caminhar juntos com o sábio e real discernimento pastoral em vista da missão da Igreja na vida de fé das comunidades. Além de reconhecer as limitações da linguagem e das circunstâncias para comunicar melhor o Evangelho, evitando o fechamento nas próprias seguranças, os missionários são desafiados a crescerem na compreensão do Evangelho e a discernirem nas azinhas do Espírito a não renunciar o bem possível, “ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada.”<sup>10</sup>

É sobretudo no exórdio da *Evangelii Gaudium*, seu texto programático, que se pode, todavia, colher como a Igreja deve ela mesma ao agir e à presença de Deus. O modo com o qual Francisco afirma que o centro da Igreja não é Igreja, e que é, por isso, descentrada na direção de Deus, é para recordar que ela deve si mesma ao Evangelho que é, etimologicamente, fonte de alegria para os homens.<sup>11</sup>

A Igreja é fruto do Evangelho, e este, por sua vez, significa o encontro com a Pessoa de Cristo e o amor de Deus que tem coração para os míseros. O Evangelho

---

<sup>8</sup>FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 16, p. 17. A partir de agora passaremos a usar a sigla “EG” para se referir a Encíclica *Evangelii Gaudium*.

<sup>9</sup>FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 27, p. 24.

<sup>10</sup>FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 45, p. 34.

<sup>11</sup> O Sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco. 2018, p. 22.



convida a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, sua presença física que interpela, seu sofrimento, suas reivindicações e sua alegria contagiante, que é o realismo da dimensão social do Evangelho na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo.

O “discernimento evangélico” oferecido por Francisco pretende nutrir de luz e da força do Espírito Santo, o olhar do discípulo missionário (EG,50), no contexto em que temos de viver e agir. Os desafios do mundo<sup>12</sup> atual marcado pela “transformação histórica” (EG,52) originada pela velocidade do progresso científico e tecnológico em vários campos, produzindo o bem-estar das pessoas na saúde, na educação e na comunicação. Por outro lado, a maior parte dos homens e das mulheres vivem precariamente, de modo especial nas comunidades pobres, nas quais aumentam algumas doenças, o medo e o desespero, a falta de respeito e a violência, na desigualdade social evidente e na luta para viver com um pouco de dignidade, aspectos que marcam a era do conhecimento tecnológico científico, da informação e da digitalização, que emanam de um poder por vezes anônimo.<sup>13</sup>

## 2 “Que Igreja somos? Que Igreja queremos e podemos ser?”

Os cenários de Igreja apresentados por João Batista Libânio, no ano de 1999, pretendia compreender as diversas realidades eclesiais através dos elementos comuns do comportamento institucional, no movimento *Ad intra*, observando a organização da sua própria vida e, *Ad extra*, como se tecem as relações com o mundo político-econômico, cultural e religioso circundante. A análise procurava descrever a diferença de cada cenário, pois eles não são escolhidos, mas impostos, tanto internamente quanto externamente, e impõem-se estritamente ao aspecto institucional da Igreja, a

<sup>12</sup> VATICAN NEWS. *Evangelii Gaudium*: o “programa” do pontificado de Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/papa-francisco-evangelii-gaudium-cinco-anos.html> Acesso em: dia jun. 2020. Falando dos desafios do mundo contemporâneo, o Papa denuncia o atual sistema econômico: “é injusto pela raiz” (EG 59). “Esta economia mata” porque prevalece a “lei do mais forte”. A atual cultura do “descartável” criou “algo de novo”: “os excluídos não são ‘explorados’, mas ‘lixo’, ‘sobras’” (EG 53). Vivemos uma “nova tirania invisível, por vezes virtual” de um “mercado divinizado”, onde reinam a “especulação financeira”, “corrupção ramificada”, “evasão fiscal egoísta” (EG 56). Denuncia os “ataques à liberdade religiosa” e as “novas situações de perseguição dos cristãos (...) Em muitos lugares trata-se pelo contrário de uma difusa indiferença relativista” (EG 61). A família – continua o Papa – “atravessa uma crise cultural profunda.” Reafirmando “a contribuição indispensável do matrimônio para a sociedade” (EG 66), sublinha que “o individualismo pós-moderno e globalizado promove um estilo de vida (...) que perverte os vínculos familiares” (EG 67).

<sup>13</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 52, p. 40.

partir dos seus principais centros identificando as forças dominantes e as reações das forças sociais opostas, oferecendo elementos críticos da viabilidade histórica e da harmonia teológica: a cúria romana, a diocese e a paróquia.<sup>14</sup>

Os cenários da Igreja, portanto, procuram descrever como se estruturaria a Igreja com todos os seus elementos sob determinada força hegemônica, dominante. Os cenários giram em torno dessas forças capazes de reordenar toda a figura da Igreja. Em cada cenário estão todos os elementos da Igreja, mas organizados diferentemente por causa do predomínio de um deles. Este estrutura todos os outros. Escolhemos quatro elementos estruturantes: a Instituição, o Carisma, a Palavra, a Práxis da libertação.<sup>15</sup>

O primeiro cenário apresentado por João Batista Libânio é de uma Igreja, da instituição que tem sua força na cúria romana, na diocese e na paróquia, cuja presença é marcada por meio do poder que exerceu calhado no campo econômico, político, social e, conforme pontua Libânio, no futuro o exercerá no espaço cultural. O magistério tem uma teologia oficial a seu serviço, para controlar às teologias, restringindo as reflexões que se afastassem das interpretações consensuais do mesmo, deixando de responder as questões da modernidade, da pós-modernidade e da situação social. Segundo Libânio, “Correr-se-á o risco de elaboração de uma teologia paralela que prescindirá da teologia oficial, evitando, porém, todo confronto. Ela será ora tolerada, ora contida.”<sup>16</sup>

Libânio destaca, ainda, outros elementos como a catequese que deve seguir o Catecismo da Igreja Católica, a liturgia, que seguirá as normas e prescrições vigentes. Assim se pretendia terminar com o tempo das experiências novas e seguir as normas sancionadas pelos órgãos competentes. Os leigos ocuparam um lugar importante na Igreja por meio dos movimentos e do apostolado, cumprindo a função de reforçar a instituição eclesial, dando vida a mesma cumprindo as normas emitidas pelos seus centros. A Igreja mantém atenção aos pobres, neste cenário, assumindo obras de assistência social suprindo as deficiências do Estado, apoiada pela classe burguesa e

---

<sup>14</sup> SILVA, Helena Mendes da. Resenha de Libanio, João Batista, Cenários de Igreja. *Revista Nures*, n. 5 – Janeiro/Abril 2007, p. 1. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistanures>. Acesso em: 10 jun. 2020.

<sup>15</sup> LIBÂNIO, João Batista Cenários da Igreja. In: *Revista Vida Pastoral*, p. 2-5. Publicado em Novembro-Dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/cenarios-da-igreja/>, Acesso em: 30 de mai. de 2020.

<sup>16</sup> LIBÂNIO, João Batista Cenários da Igreja. In: *Revista Vida Pastoral*, p. 2-5. Publicado em Novembro-Dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/cenarios-da-igreja/>, Acesso em: 30 de mai. de 2020.

pelos empresários que usam a Igreja para evitar turbulência social, mas não na perspectiva crítico-social para transformar socialmente a realidade.

O segundo cenário é de uma Igreja do carisma, oposto ao primeiro, mas não contrário e exulta o carisma, a espiritualidade, a mística valorizando as experiências individuais e subjetivas. A Escritura é lida sem recorrer aos aparatos científicos, como um livro de consolo e de receitas pessoais, ou como um livro de autoajuda entregue por Deus. A teologia é de natureza espiritual para nutrir o coração e jamais crítica. A liturgia se configura ao sabor da criatividade da comunidade e a Igreja é celebrativa. Os leigos gozam de liberdade na espiritualidade e nas celebrações. O cristocentrismo vai integrar ou ser substituído pelo Espírito Santo ao ponto do seguimento de Jesus ser totalmente descomprometido com os pobres, pois é realçada a interiorização e a privatização da vida cristã.

O terceiro cenário apresenta uma Igreja da pregação que destaca o aspecto doutrinal da Igreja, a teologia, o anúncio missionário e moral organizando a vida da mesma em torno da Palavra. O conhecimento é a dimensão fundamental da fé neste cenário. Por essa razão a formação teológica intelectual de catequistas leigos e do clero é valorizada, encurtando o aspecto existencial e da práxis, para o mundo moderno. O ensino social da Igreja é a sua contribuição para a constituição da sociedade justa. E procura ocupar as mídias para evangelização propagando a fé e os valores cristãos. Libânio conclui afirmando: “Enfrentar-se-á com mais criticidade o fenômeno religioso.”<sup>17</sup>

O quarto cenário versa sobre uma Igreja da práxis libertadora e, como o próprio título indica, esta opta pela libertação comprometendo-se com os pobres e com as comunidades Eclesiais de base, que estruturará a Igreja. A articulação da fé e da vida fundamenta-se a partir da leitura popular da Sagrada Escritura nos círculos bíblicos e a teologia seguirá o método ver, julgar e agir. A Assembleia do Povo de Deus será a principal orientação da Igreja local, com presença expressiva e crítica na sociedade. A perspectiva pastoral assume a dimensão libertadora presente na catequese e na liturgia. Os leigos assumem a missão de batizados nos ministérios e na coordenação das comunidades, redimensionando a função e a preparação do clero. A valorização da comunicação local incentivando as emissoras comunitárias, a religiosidade popular na

---

<sup>17</sup>LIBÂNIO, João Batista Cenários da Igreja. In: *Revista Vida Pastoral*, p. 2-5. Publicado em Novembro-Dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/cenarios-da-igreja/>, Acesso em: 30 de mai. de 2020.

expressão da vida do povo e as possibilidades libertadoras. Este cenário fundado na tradição de Medellín-Puebla e do testemunho dos mártires enfrentará dificuldades com a crise das esquerdas, das militâncias, risco de milenarismo e o clima de pós-modernidade e de neoliberalismo.<sup>18</sup>

A reflexão desenvolvida por João Batista Libânio apresenta a Igreja “multiforme” na expressão da fé com características próprias em cada lugar geográfico. É a mesma Igreja que em cada continente e em cada povo se expressa de modo próprio, deixando de imitar os povos europeus como em determinados momentos da história. A viabilização de um cenário dá a partir da realidade vivida pela pessoa, que constituindo a comunidade mergulha nela a sua voz, as suas lutas e as conquistas apresentando no altar da Igreja o que traz no seu ser.

A história nunca está fechada nem aberta arbitrariamente para nenhuma possibilidade. Nada acontece nela por pura fatalidade. Todo evento, mesmo com dose aleatória, pode ser inserido num universo de significado. Esta é nossa tarefa humana e de cristãos. Esta necessita encontrar pontos de apoio. Se num juízo crítico desejamos um cenário, cabe-nos colocar as condições de sua viabilidade. No momento, parece-me que os dois primeiros cenários gozam de maior probabilidade, embora julgue pessoalmente os dois últimos como mais afinados com a proposta evangélica.<sup>19</sup>

A missão, segundo Francisco, não pode estar desenraizada, ou esquecer a “história viva que nos acolhe e impele para diante” (EG, 13), mas urge chegar “aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades”, o espaço atual do multicultural (EG,74). O cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas assume o rosto de diversas culturas e povos onde for acolhido e radicado (EG, 116). Afirma, ademais, que a memória é uma dimensão da nossa fé, lembrando a memória de Israel e a Eucaristia de Jesus, que nos introduz na Páscoa. O curso da história moldou costumes na Igreja que, por vezes, não são nuclearmente próprios do Evangelho, e no contexto hodierno não colaboram à difusão do mesmo (EG, 43).

---

<sup>18</sup>LIBÂNIO, João Batista Cenários da Igreja. In: *Revista Vida Pastoral*, p. 2-5. Publicado em Novembro-Dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ecclesiologia/cenarios-da-igreja/>, Acesso em: 30 de mai. de 2020.

<sup>19</sup>LIBÂNIO, João Batista Cenários da Igreja. In: *Revista Vida Pastoral*, p. 2-5. Publicado em Novembro-Dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ecclesiologia/cenarios-da-igreja/>, Acesso em: 30 de mai. de 2020.

Não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura. É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo.<sup>20</sup>

A Igreja tem seu fundamento na manifestação pertencente à iniciativa livre e gratuita de Deus (EG,111). A missão evangelizadora é a tarefa primária e exigente que ocupa toda vida da Igreja. Segundo Karl Rahner, a Igreja é mais que mera organização prática, ou humanamente imprescindível para responder determinadas necessidades religiosas, mas integra o cristianismo enquanto evento salvífico levando a salvação.<sup>21</sup>

### **3 Eclesiologia atenta aos sinais dos tempos, encarnada e dialogal – por uma Igreja comprometida com o mundo em transformação**

Em atenção aos sinais dos tempos a Igreja tomou decisões e construiu documentos para orientar os rumos a serem trilhados. Os documentos eclesiológicos do Concílio Vaticano II são a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, que dá atenção especial a dogmática e a *Gaudium et Spes*, procurando iluminar a pastoral. Ao delinear a doutrina da Igreja, o Vaticano II dinamiza um olhar para dentro da Igreja, e outro para fora, *ad intra e ad extra Ecclesia*, apresentando um modo diferente de posicionamento ante si mesma e o mundo. Com temas pontuais, possibilita compreender melhor a Igreja como povo de Deus, ou como comunhão, que levam ao encontro com Jesus Cristo. A relação dos cristãos entre si, com Jesus Cristo, e com a sociedade moderna, secularizada e centrada no indivíduo.

Ao abordar a relação entre o mundo e a Igreja, a *Gaudium et Spes*, no terceiro parágrafo, estabelece que nenhuma ambição terrena move a Igreja, pois é dirigida pelo “Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido”.<sup>22</sup> A Igreja reconhece as mudanças na ordem social que transformam as comunidades locais tradicionais, elencando a sociedade de tipo industrial, a busca pela vida urbana, os novos e mais perfeitos meios de comunicação, não obstante os problemas que essas

---

<sup>20</sup>FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 118, p. 74.

<sup>21</sup>RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé*: introdução ao conceito de cristianismo, 1989, p. 405.

<sup>22</sup>CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, parágrafo 3, p. 2.

mudanças causam para o ser humano<sup>23</sup>. Neste contexto de profundas transformações a Igreja perscruta os sinais dos tempos e oferece ao ser humano o fundamento último que não muda: Jesus Cristo, referencial inspirador para uma visão antropológica. A responsabilidade e a exigência social são de uma formação<sup>24</sup> mais ampla para que o homem possa cumprir os seus deveres de consciência consigo mesmo e com os grupos dos quais faz parte. O mundo pluricultural exige da Igreja constante transformação adaptando-se a cada povo, com sua mentalidade à única fórmula doutrinária, sob a responsabilidade e direção dos pastores.

Ao apresentar a *Lumen Gentium*, Geraldo Hackmann elenca três elementos eclesiológicos. A perspectiva cristocêntrica, a partir da demonstração de uma consciência que a Igreja existe a partir de, e em Cristo, sacramento universal de salvação. A dimensão pneumatológica, pela qual a Igreja produz frutos, não existindo por si mesma, e sim enquanto instrumento de Deus. E, por fim, a inserção da Mariologia na eclesiologia, sob a qual Maria é mãe e modelo, o que a Igreja deverá ser. Assim, é perceptível a importância das reflexões que já vinham sendo desenvolvidas desde Trento e do Vaticano I, encarnando-se no Vaticano II. As implicações destas mudanças de perspectivas para dentro da Igreja são ainda hoje motivo de reflexões e aprofundamentos. Além de superar, segundo Hackmann, uma eclesiologia jurídica, na qual a Igreja era “vista horizontalmente e a partir de si mesma, passa a ser compreendida verticalmente, isto é, a partir de Deus e de sua presença no mundo.”<sup>25</sup>

O diálogo, segundo Joseph Ratzinger, em seu livro *Introdução ao Cristianismo*, não realiza-se quando o homem fala sobre alguma coisa, mas quando tenta dizer algo de si mesmo e de alguma maneira se fala também de Deus. Este debate está presente desde a aurora da história do ser humano. “Mas vale também dizer que só quando o ser humano aborda a si próprio, naquilo que ele diz, entra no seu discurso, juntamente

---

<sup>23</sup>CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, parágrafo 6, p. 3.

<sup>24</sup> Faustino Teixeira ao conceder entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, jornal ADITAL, no dia 31 de janeiro de 2014, falou sobre a arte de formar-se, segundo João Batista Libânio. Libânio aponta o que chama de os cinco pilares da formação: “aprender a conhecer e a pensar, aprender a fazer, aprender a conviver com os outros, aprender a ser e aprender a discernir a vontade de Deus.” TEIXEIRA, Faustino. J. B. Libânio Um testemunho de abertura, respeito e liberdade. Entrevista especial com Faustino Teixeira. In: *Jornal IHU – ADITAL*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/527801-j-b-libanio-um-testemunho-de-abertura-respeito-e-liberdade-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

<sup>25</sup> HACKMANN, Geraldo (conforme conferência proferida no Simpósio Teológico intitulado *A fé há 50 anos do Vaticano II*), p. 17.

com o logos do ser humano, o logos de todo o ser”<sup>26</sup>. A *Evangelii Gaudium*, apresenta o caminho do diálogo social contribuindo para a paz, promovendo o desenvolvimento humano e o bem comum (EG, 238). A promoção do encontro projeta nas culturas a busca do consenso e de acordos, conservando o foco numa sociedade justa, que cultiva a memória viva. O diálogo político e a criação de consensos promovendo desenvolvimento integral (EG, 239). Uma das reflexões sobre o diálogo entre fé, razão e ciências aparece desta maneira no documento:

A Igreja propõe outro caminho, que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e outros saberes como a filosofia, a teologia, e a própria fé que eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus, e não se podem contradizer entre si. A evangelização está atenta aos progressos científicos para os iluminar com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência.<sup>27</sup>

As comunidades eclesiais são incentivadas a dialogar trocando experiências em vista do nascimento de novo ardor evangelizador, fazendo a proposta do Evangelho<sup>28</sup> chegar aos mais distintos contextos culturais e destinatários, atingindo o ser humano e o lugar onde se encontra, procurando dinamizar a fé, a esperança, a justiça e a caridade. Convida os teólogos a se esforçarem na promoção do diálogo com outras ciências e experiências humanas, não contentando-se com a teologia de gabinete (EG, 133). Aponta, também, para o diálogo ecumênico com outras denominações cristãs, sob um viés inter-religioso, na construção de um caminho de abertura e de respeito, condição necessária para a paz e para a justiça social.

A propósito da crise do compromisso comunitário, Francisco alerta sobre o excesso de diagnósticos e a produção de propostas aplicáveis à transformação da realidade. Aponta, ainda, para a importância dos documentos do Magistério universal, presentes nos episcopados regionais e nacionais, como promotores e protagonistas da

---

<sup>26</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o Símbolo Apostólico. Com um novo ensaio introdutório, 2005, p. 70.

<sup>27</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, parágrafo 232, p. 134.

<sup>28</sup> “Embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor. É disto mesmo que se trata, pois o pensamento social da Igreja é primariamente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, une o próprio empenho ao esforço em campo social das demais Igrejas e Comunidades eclesiais, tanto na reflexão doutrinal como na prática (EG, 183).”

leitura da realidade local detectando os desafios e encontrando caminhos para a transformação da mesma. Francisco oferece-lhes o discernimento evangélico, ao invés de dar uma análise detalhada e completa da realidade que, segundo ele, requer estudar os sinais dos tempos a partir das comunidades, para encontrar soluções. Diante dos processos de desumanização, esclarecendo o que é fruto do Reino e o que é contra o projeto de Deus. Isto é, não só uma interpretação do espírito bom ou do espírito mau, mas a escolha do espírito bom para dinamizar a solidariedade, a dignidade do ser humano, e a renovação missionária da comunidade eclesial (EG, 50 e 51).

### **Concluindo**

A pandemia chegou de improviso, diz Francisco, mostrando a vulnerabilidade, a fragilidade da vida humana e a impotência do ser humano para enfrentar às ameaças que lhe afligem<sup>29</sup>. As lideranças das comunidades se empenham para solucionar os problemas das pessoas, motivando a solidariedade para suprir as necessidades básicas com a partilha de comida e de vestimenta e, acompanhando os doentes nas casas e nos hospitais. O isolamento social, realizado para conter a pandemia, impossibilita as celebrações e as pastorais nas comunidades cristãs, pois estas atividades acontecem quando as pessoas se encontram. Mesmo assim, gestos de solidariedade não foram isolados, visto que um número significativo de pessoas, membros das comunidades estão fazendo máscaras, ou organizando a distribuição de alimentos e de roupas para quem mais precisa. Os membros da comunidade eclesial mantem uma relação virtual, assistindo a celebração paroquial transmitida via internet. Como será a vida das comunidades eclesiais depois da pandemia? Qual será o modo de vida do ser humano depois da pandemia? Podemos dizer que a pandemia no ano de 2020 será um divisor de águas na história da humanidade e na vida da Igreja? Estas questões nos fazem refletir acerca de nosso percurso até o momento do qual nasce o futuro.

---

<sup>29</sup> Na mensagem para o IV dia Mundial dos Pobres, Francisco diz: “Neste cenário, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe (Francisco, Exort. Ap. *Evangelii Gaudium*, 54). Não poderemos ser felizes enquanto estas mãos que semeiam morte não forem transformadas em instrumentos de justiça e paz para o mundo inteiro.”



A eclesiologia que o Papa Francisco apresenta na *Evangelii Gaudium* se fundamenta no diálogo, na abertura, no acolhimento, na ternura, na misericórdia, e no anúncio alegre da Boa Notícia que renova o ser humano e a comunidade. Por ocasião da celebração do *IV Dia Mundial dos Pobres*, Francisco partilha sua compreensão de Igreja, da seguinte forma:

É verdade que a Igreja não tem soluções globais a propor, mas oferece, com a graça de Cristo, o seu testemunho e gestos de partilha. Além disso, sente-se obrigada a apresentar os pedidos de quantos não têm o necessário para viver. Lembrar a todos o grande valor do bem comum é, para o povo cristão, um compromisso vital, que se concretiza na tentativa de não esquecer nenhum daqueles cuja humanidade é violada nas suas necessidades fundamentais.<sup>30</sup>

O momento que passamos coloca em crise muitas certezas e faz-nos perceber nossa vulnerabilidade. A Igreja Povo de Deus comunga o Pão da Palavra e da Eucaristia para nutrir a solidariedade, criando uma nova mentalidade comunitária e priorizando a “vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG, 188). O cenário eclesial hodierno pode ser entendido a partir da comunidade, cujos membros seguem Jesus Cristo, que apresenta o Evangelho. O realismo da fé em Jesus Cristo e sua validade histórica expressa na Igreja nos abre para o outro, promovendo o amor que não se fecha no individualismo espiritual intimista. Impulsionando o missionário ao profundo desejo de mudar o mundo, transmitindo valores que possam deixar a terra um pouco melhor. “Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades” (EG, 183). E o verdadeiro poder é o serviço.<sup>31</sup>

## Referências

BEOZZO, José Oscar. "O Vaticano II é o elemento estruturante da teologia de João Batista Libânio". Entrevista especial com José Oscar Beozzo. In: *Revista IHU online*. Publicado em 31 de janeiro de 2014. Disponível em:

---

<sup>30</sup> PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o IV dia Mundial dos Pobres*. XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM - (15 DE NOVEMBRO DE 2020). Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20200613\\_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20200613_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html) Acesso em: 10 de jun. 2020.

<sup>31</sup> Cf. PAPA FRANCISCO. *Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Domus Sancta e Marthae*. In: *L'Osservatore Romano*, ed. em português, n. 21 de 26 de Maio de 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco\\_20130526\\_meditazioni-8.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130526_meditazioni-8.pdf). Acesso em: 15 de jun. 2020.

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/509898-qo-vaticano-ii-e-o-elemento-estruturante-da-teologia-de-joao-batista-libanio-entrevista-especial-com-jose-oscar-beozzo>. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

BRIGUENTI, Agenor. A eclesiologia do Concílio Vaticano II a partir das quatro notas da Igreja. In: *Convergência*, Ano XLI, n. 389, janeiro/fevereiro.

CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, In: *Instituto HumanitasUnisinos*. – Ano 1, n. 1 (2004) . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004, v. Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014. Disponível em:[http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/091\\_cadernosteologiapublica.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/091_cadernosteologiapublica.pdf). Acesso em: 07, jun. 2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 143-256.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 39-114.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil (2019-2023)*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco Laudato Si' Louvado seja*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium - A alegria do Evangelho*. Brasília, CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Domus SanctaeMarthae*. In: *L'Osservatore Romano*. ed. em português, n. 21 de 26 de Maio de 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco\\_20130526\\_meditazioni-8.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130526_meditazioni-8.pdf). Acesso em: 15 de jun. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o IV dia Mundial dos Pobres*. Dia 13 de junho de 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20200613\\_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20200613_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html) Acesso em: 10, jun. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Misericordia et Misera*. São Paulo: Paulus, 2016.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A Igreja, mistério de comunhão e as exigências da evangelização no mundo. In *Teocominção*, v. 35, n. 147, 2005.

HAKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Lumen Gentium: ontem, hoje e o Ano da Fé*. Coletânea Rio de Janeiro Ano XIII, Fascículo 25, jan/junh. 2014, p. 11-30.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Papa Francisco no Brasil. Alguns olhares. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano 7, n, 79, 2013.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários de Igreja*. In: Revista Vida Pastoral, Publicado em Novembro-Dezembro de 2000, p. 2-5. Disponível em: [vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/cenarios-da-igreja](http://vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/cenarios-da-igreja). Acesso em: 23 de maio de 2020.

LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II – em busca de uma primeira compreensão*. SãoPaulo: Loyola, 2005.

LIMA, Luís Filipe Silvério; SILVA, Bianca Carolina Pereira Da. A presença do Novo Mundo na iconografia da morte e dos sonhos de São Francisco Xavier: a missão jesuítica e as partes e gentes do Império Português. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 30, n. 53, p. 407-441, 2014.

LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins. Interrelações acerca da eco(teo)logia no século XXI. *Paralellus*, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p. 169-183.

O' MALLEY, John W. *The Popes Who Quit. America: the jesuit review*. February 13, 2013. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/media/podcasts/popewho-quit>. Acesso em: 11 dez. 2017.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Tradução Alberto Costa; Revisão Edson Gracindo. São Paulo: Paulinas, 1989.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*. Com um novo ensaio introdutório. Tradução Alfred J. Keller. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. “J. B. Libânio: Um testemunho de abertura, respeito e liberdade”. Entrevista especial com Faustino Teixeira. In: *Revista IHU online*. Publicado em 31 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/527801-j-b-libanio-um-testemunho-de-abertura-respeito-e-liberdade-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>



## 2. A centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja na Exortação *Evangelii Gaudium*



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-2>

*Jonas Emerim Velho*

### **Introdução**

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja tem feito grande esforço de retornar à fonte bíblica. Nas Sagradas Escrituras ela encontra a Revelação divina, que junto da Sagrada Tradição, constitui o tesouro da fé a ser guardado, interpretado, e comunicado pelo Magistério. Do Vaticano II para o período hodierno, a Palavra de Deus voltou a ser entendida em sua centralidade na vida e na missão da Igreja. A Igreja sabe que é em torno também da Palavra que ela se reúne em assembleia, se alimenta, a Palavra suscita a fé, cria comunidade, e a envia em missão. A Igreja existe para isso, para ser serva da Palavra, para a anunciá-la: “Ide pelo mundo inteiro, e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15).

Dentro da retomada do ser Igreja em torno da Palavra de Deus, destaca-se a XII Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos, no Vaticano, ocorrida de 5 a 26 de outubro de 2008, que teve como tema *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, e a Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Bento XVI *Verbum Domini*, que trouxe rica reflexão sobre a natureza e a missão da Igreja de anunciar a Palavra de Deus, e de deixá-la evidente em todas as ações eclesiais.

Após o Sínodo da Nova Evangelização para a transmissão da fé, ocorrido em outubro de 2012 no Vaticano, ainda presidido por Bento XVI, esperavam-se ricas reflexões para o anúncio da Palavra de Deus diante dos desafios atuais. Papa Francisco divulgou a Exortação *Evangelii Gaudium* em novembro de 2013, recolhendo as reflexões do Sínodo de 2012 e também apresentando as linhas gerais que deveriam conduzir seu pontificado, todo ele de fato, marcado pela “alegria do Evangelho”.

Diante do caminho feito pela Igreja de retomada da Palavra de Deus, esse trabalho deseja contribuir, apontando o impulso que a *Evangelii Gaudium* traz para esse percurso. Quais as contribuições que a primeira Exortação do Papa Francisco traz para que a Igreja possa continuar tendo na Palavra a sua fonte? Espera-se encontrar

no documento uma continuidade ao processo de redescoberta da Palavra, processo fundamental para o próprio ser da Igreja.

Para isso, em primeiro lugar será apresentado sinteticamente a teologia da Igreja sobre a presença de Cristo na Palavra, diante da realidade de tantas comunidades que celebram o domingo sem a Eucaristia, mas em torno da Palavra de Deus. Em segundo lugar se traz o que a *Evangelii Gaudium* traz sobre uma Igreja da Palavra, para por fim, apontar-se indicações pastorais para o anúncio da Palavra de Deus, à luz do magistério da Igreja com destaque à *Evangelii Gaudium*; isso em três linhas: a Palavra nas celebrações, a Palavra na catequese e a Palavra na homilia.

## 1 A presença de Cristo na Palavra

Segundo pesquisa realizada nos anos de 1989-1990 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, “aproximadamente 70% das comunidades se reúnem e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus”<sup>1</sup>. Essa também é uma realidade em outros continentes.

O aumento do número de cristãos e sua ‘dispersão, em muitos lugares às vezes separados’, fizeram com que as celebrações da Palavra de Deus fossem difundidas nas comunidades eclesiais da Europa e sobretudo, nas Igrejas da África e da América Latina. Não são poucos os cristãos, nas mais diversas comunidades, que fazem o possível para encontrar-se aos domingos com o objetivo de celebrar<sup>2</sup>.

A liturgia em torno da Palavra é uma realidade na maioria das comunidades eclesiais que não tem acesso à Eucaristia com frequência. Essa realidade pastoral é a motivação de buscar entender o valor teológico, eclesiológico e pastoral dessas celebrações, pois em torno delas muitos fiéis têm se percebido como membros vivos da Igreja<sup>3</sup>.

A riqueza teológica dessas celebrações justifica-se pela fé da Igreja na presença de Cristo nas Sagradas Escrituras proclamadas à comunidade. Essa certeza já é constatada no prólogo do Evangelho de João, que proclama a eternidade da Palavra

---

<sup>1</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*, p. 5.

<sup>2</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, Manual de Liturgia 4: *A Celebração do Mistério Pascal: outras Expressões Celebrativas do Mistério Pascal e a Liturgia na Vida da Igreja*, p. 157.

<sup>3</sup> Cf. VELHO, Jonas Emerim. *O memorial do mistério pascal na celebração da Palavra de Deus*, p. 39.

(Verbo, *lógos*) que estando junto do Pai, fez-se carne e manifestou-se à humanidade<sup>4</sup>. A partir disso, sempre fez parte da Tradição da Igreja a veneração da presença de Cristo na Palavra, pois ele é a Palavra viva de Deus, sua revelação e sua imagem visível<sup>5</sup>, centro e chave de leitura de toda a bíblia.

O próprio Filho é a Palavra, é o *Lógos*. A Palavra eterna fez-se pequena, tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós. Desde então a Palavra já não é somente audível, não possui somente uma voz; agora a Palavra tem um rosto, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré (*Verbum Domini*, n. 12).

Crendo na presença de Cristo nas Sagradas Escrituras, a liturgia foi aos poucos exprimindo essa fé. Mais antiga que as procissões com o Santíssimo Sacramento são as procissões com o evangeliário. Já em Roma, no século VII, esta procissão era acompanhada com sete candelabros. O atual ritual da Missa conserva essa miniprocissão com o livro dos Evangelhos, que vai do altar ao ambão<sup>6</sup>. “A presença ativa de Cristo e de seu Espírito na liturgia da Palavra faz dela um verdadeiro acontecimento, novo e salvífico, que dá um ‘hoje’ sempre atual à proclamação da Palavra de Deus”<sup>7</sup>.

A Palavra é a presença de Deus e de seu Verbo encarnado na Igreja. Nisso acreditavam os Santos Padres, amantes das Escrituras, exegetas e transmissores da Tradição. É claro que a Igreja sempre acreditou desde seus primórdios, na presença eucarística de Jesus, como atesta São Justino: mas sua presença na Palavra também era venerada.

Vós que assistis habitualmente aos divinos mistérios, explica Orígenes aos seus cristãos, vós sabeis com que precaução respeitosa guardais o corpo do Senhor quando vos é entregue, com receio de que caia alguma migalha [...]. Pois se, quando se trata do seu Corpo, tomais razoavelmente tanta preocupação, por que motivo pretenderíeis que a negligência da Palavra de Deus merecesse um menor castigo que a de seu Corpo?<sup>8</sup>

Foi no período medieval, após a patrística, que a presença de Cristo na Palavra foi sendo ofuscada pela presença sacramental na Eucaristia. Aos poucos as devoções ao Santíssimo Sacramento ganharam força, com novenas, procissões e adorações.

<sup>4</sup> Cf. Jo 1, 1-19.

<sup>5</sup> Cf. Cl 1, 15.

<sup>6</sup> Cf. DEISS, Lucien. *A Ceia do Senhor: Eucaristia dos Cristãos*, p. 132.

<sup>7</sup> ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*, p. 410.

<sup>8</sup> DEISS, 1985, p. 130.

“Seguiu-se um crescimento da devoção em relação à Eucaristia, vista como sacramento quase independente do altar e do sacrifício da Missa”<sup>9</sup>. Com a Contra-Reforma, no século XVI, a Igreja voltou a reafirmar com vigor sua fé na presença real de Jesus Cristo nas espécies do pão e do vinho consagrados.

Contudo, o Concílio Vaticano II, último Concílio Ecumênico da Igreja, afirma a importância da fonte bíblica para a Igreja, sobretudo na liturgia. “[Jesus Cristo] Está presente em sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras” (*Sacrosanctum Concilium*, n. 7), e também incentiva as celebrações da Palavra de Deus. A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, ao comentar das duas mesas onde é oferecido o Pão da Vida, põe em destaque a mesa da Palavra ao lado da mesa eucarística (*Dei Verbum*, n. 21). O Cristo Senhor presente na Eucaristia é também presente na Palavra.

A presença “real” do Cristo na Eucaristia é chamada substancial: está ligada à substância do pão. Ela perdura durante todo o tempo que dura a celebração eucarística, de um lado, e, de outro, mesmo depois da celebração, tanto tempo quanto perdurem as “espécies” do pão. Na celebração da Palavra, ao contrário, a presença real do Cristo na Palavra dura tanto tempo quanto dure a celebração da Palavra, mas ela cessa quando a celebração termina e a assembleia se dispersa<sup>10</sup>.

Crendo na presença de Cristo nas Escrituras proclamadas em comunidade, a Igreja, ao escutar a Palavra, faz memória das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação. Também os teólogos afirmam que as celebrações da Palavra se constituem um memorial dos acontecimentos da salvação, levando os fiéis à experiência da presença viva do ressuscitado<sup>11</sup>.

Não é de todo exato atribuir à liturgia da palavra só a proclamação, enquanto que a eficácia salvadora só a teria a liturgia eucarística. Já na celebração da palavra há um acontecimento de salvação, Cristo Jesus já está presente, dando-se como alimento salvador, já se realiza de um modo determinado a salvação e a aliança proclamadas, ainda que depois a Eucaristia leve à sua plenitude esse encontro salvador com outra linguagem, sacramental e mais densa. Há uma dinâmica mútua de relação entre ambas as partes que já em sua primeira aproximação, a palavra, tem muito de realidade salvífica, e na segunda, a Eucaristia, continua tendo muito de proclamação e de fé<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> JOHNSON, Cuthbert; JOHNSON, Stephen. *O Espaço Litúrgico da Celebração*. Guia Litúrgico Prático para a Reforma das Igrejas no Espírito do Concílio Vaticano II, p. 76.

<sup>10</sup> DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus Celebrada: Teologia da Celebração da Palavra de Deus*, p. 38.

<sup>11</sup> Cf. BUYST, Ione; FRANCISCO, Manuel João. *O Mistério Celebrado: Memória e Compromisso*, p. 123.

<sup>12</sup> ALDAZÁBAL, 2002, p. 409.



No entanto, embora a reflexão teológica afirme tal posição, não se encontram tais afirmações nas declarações do Magistério universal da Igreja; pelo contrário, afirmam que a liturgia da Palavra presidida seja por leigos ou até mesmo por ministros ordenados não constitui um autêntico memorial. A Palavra de Deus prepara e encaminha para o memorial na ação sacramental.

Os elementos requeridos para haver assembleia dominical são principalmente os seguintes: a) reunião dos fiéis para manifestar que a Igreja não é uma assembleia formada espontaneamente, mas convocada por Deus, ou seja, o povo de Deus organicamente estruturado, ao qual preside o sacerdote na pessoa de Cristo Chefe; b) instrução sobre o mistério pascal por meio das Escrituras que são lidas e que o sacerdote ou o diácono explicam; c) celebração do sacrifício eucarístico, a ser realizado pelo sacerdote na pessoa de Cristo e oferecida em nome de todo o povo cristão, pela qual se torna presente o mistério pascal<sup>13</sup>.

A visão de teólogos auxilia nessa reflexão; um deles é José Aldazábal. Para ele, se Cristo Jesus se faz presente na Igreja por meio da Palavra proclamada, esse Cristo é o que viveu uma vida “para os outros”, isto é, a sua morte na cruz foi apenas a plenitude de uma entrega e doação que durou toda sua existência terrena. Essa visão se fundamenta na filosofia atual, mais personalista e existencialista; para esta, o ser é, ao mesmo tempo, um acontecimento. Na pessoa humana o ser e o atuar estão unidos. Uma pessoa “é” também seu próprio devir: o passado continua presente nela e o futuro, de algum modo, também já lhe está presente, constituindo seu ser<sup>14</sup>. No caso de Cristo, a essência do acontecimento da cruz é sua “entrega por e para”, sua obediência e sua entrega ao Pai pela humanidade. Ele é aquele que se entrega, a doação sacrificial de sua páscoa pertence à sua própria identidade para sempre. O mistério da páscoa se eternizou nele. Onde Ele está, aí está sua páscoa.

Ele se torna presente a nós como ‘pessoa que se entrega por’. O sacrifício de sua páscoa se torna presente porque Ele mesmo ‘é’ o sacrifício, e a páscoa não é um fato passado, de cujas consequências salvíficas vivemos. Ele ‘é’ a páscoa. Sua morte e glorificação (um único acontecimento) se eternizaram nele ao passar à vida escatológica nesse momento culminante da realização de sua pessoa e de sua missão, com uma vivência pascal que é sua definição para sempre<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Diretório para Celebrações Dominicais na ausência do Presbítero*. 1988. Disponível em: [<https://sites.google.com/site/sagradaliturgia/diretorio-para-celebracoes-dominicais-na-ausencia-do-presbitero>]. Acesso em: 16 de abr. de 2020, n. 12.

<sup>14</sup> Cf. ALDAZÁBAL, 2002, p. 353.

<sup>15</sup> ALDAZÁBAL, 2002, p. 354.

Portanto, presente na Palavra, pois Ele é a Palavra viva de Deus, Jesus Cristo está sempre presente como aquele que, embora tenha morrido, ressuscitou; imolado, vive por toda eternidade. “Ele é o mistério pascal. Tal visão leva a afirmar que a celebração da Palavra realiza o memorial do mistério pascal, por Cristo, nossa páscoa, estar presente”<sup>16</sup>.

O episcopado latino-americano, por sua vez, aborda pastoralmente as celebrações da Palavra em seus documentos e diretórios, e chega a afirmar o memorial do mistério pascal nessas celebrações.

A exemplo das comunidades primitivas, os fiéis congregados em assembleia para a escuta da Palavra na celebração fazem a experiência da presença viva do Ressuscitado. As celebrações da Palavra de Deus são memoriais do mistério pascal de Cristo morto e ressuscitado e glorificado. [...] A celebração da Palavra é a atuação do ‘fazei isto em minha memória’. Ela realiza o memorial do mistério de Cristo, fazendo dos fiéis partícipes do mistério pascal mediante a reunião da comunidade, mediante a proclamação e escuta da Palavra, mediante as orações, cantos e gestos simbólicos<sup>17</sup>.

A partir dessas orientações pode-se afirmar que as celebrações da Palavra de Deus estão ligadas ao mistério pascal pela presença de Cristo morto e ressuscitado. Contudo, percebe-se a necessidade da teologia permanecer estudando a questão, a fim de encontrar sempre mais a relevância teológica da Igreja reunida em torno da Palavra.

Tendo refletido sobre o valor teológico dessas celebrações, faz-se mister perceber seu valor eclesiológico. A eclesiologia em torno da Palavra de Deus já está presente no seu valor teológico que foi descrito. Mas agora debruça-se sobre a Igreja da Palavra presente no magistério do Papa Francisco, sobretudo em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

## **2 A Igreja da Palavra presente na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***

Em 24 de novembro de 2013, o Papa Francisco assinou sua primeira Exortação Apostólica, que trata sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Uma Igreja a serviço da proclamação e testemunho da Palavra está presente em todo o documento. Mas a visão de uma Igreja em torno da Palavra de Deus aparece sobre tudo no capítulo

---

<sup>16</sup> VELHO, 2015, p. 44.

<sup>17</sup> CELAM, 2005, p. 170.

III da Exortação. Estar em torno e a serviço da Palavra constitui a própria natureza da Igreja. A eclesiologia do documento aparece em estreita ligação com o Concílio Vaticano II, e com a centralidade da Palavra que a Igreja tem redescoberto deste então.

A Igreja é como que um sacramento de Cristo, a Palavra de Deus. Ela deve comunicativa, eloquente, no “anúncio do Evangelho”. Ali se considera a necessidade da primazia do anúncio explícito de Jesus como Senhor. A Igreja escuta a Palavra de Deus e a transmite como discípula missionária. A “prioridade absoluta” (cf. EG 110) consiste no anúncio explícito de Jesus Cristo<sup>18</sup>.

Para Francisco está claro que todo o Povo de Deus, toda Igreja, tem a missão de evangelizar. Todo o Povo de Deus é discípulo missionário. É discípulo, enquanto escuta a Palavra, e é missionário, enquanto a anuncia e testemunha. O termo “discípulos missionários”, até então estava presente no Documento de Aparecida: “Deus amou tanto nosso mundo que nos deu o seu Filho. Ele anuncia a boa nova do Reino aos pobres e aos pecadores. Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo” (*Documento de Aparecida*, n. 30). Com Francisco a expressão é levada a toda a Igreja pela *Evangelii Gaudium*. A Exortação retoma o batismo como início da missão do cristão, “Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19)” (*Evangelii Gaudium*, n. 120). Também coloca em evidência a experiência do encontro com Jesus Cristo como início do discipulado e da missão. “Cada cristão é missionário, na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (*Evangelii Gaudium*, n. 120). Assim, a missão da Igreja brota da escuta da Palavra de Deus. Porém, não basta nesse momento da história ser apenas discípulo, é preciso ser missionário. O impulso para o anúncio da Palavra nasce do encontro com Cristo.

Sem “e” não significa que não são aspectos separados, enquanto sem “hífen” significa que não são dois elementos simplesmente iguais. São, sim, as duas caras da mesma moeda: um verdadeiro discípulo é missionário, e um verdadeiro missionário é discípulo. Nesse sentido se aprofundou a compreensão do discipulado, que implica, necessariamente, a missionariedade, indicando que ambos os elementos fazem parte do mesmo processo de seguimento de Jesus, fruto da conversão<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> BIANCHINI, Wagner Cardoso. *A Alegria do Evangelho e a eclesiologia do Povo de Deus*, p. 64.

<sup>19</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz B. *O referencial teológico do Documento de Aparecida*, p. 319.

Para o Pontífice, o evangelizador, que é cada membro do Povo de Deus, deve buscar familiaridade com a Palavra, no estudo e na oração, para transmitir aos outros aquilo que experimentou. “Não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas pré-estabelecidas ou com palavras concretas, que expressem um conteúdo absolutamente invariável” (*Evangelii Gaudium*, n. 129). Guiado pelo Espírito Santo, o evangelizador anuncia aquilo que ele mesmo contemplou da Palavra. No contexto da escuta da Palavra que a Igreja deve estar atenta, o Papa destaca o *sensus fidei* e *lectio divina*.

Pela teologia do *sensus fidei* sabe-se que todo fiel é disposto a uma atitude de discípulo da Palavra, desde o batizado mais analfabeto até o maior doutor, o Espírito Santo dotou a todos de uma sensibilidade para escutar e discernir a Palavra de Deus. Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé, que ajuda a discernir o que realmente vem de Deus (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 119). Assim, “o pregador deve pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir” (*Evangelii Gaudium*, n. 154), e também descobrir o que os fiéis sabem pelo instinto da fé, mesmo que seja algo simplesmente vivido no seu cotidiano.

“Há outra modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por *lectio divina*” (*Evangelii Gaudium*, n. 152). Francisco aponta a leitura orante da Sagrada Escritura como um método eficaz de escuta da Palavra de Deus, que cada membro da Igreja pode servir-se para relacionar-se com Deus. E ele dá orientações bem práticas:

Na presença de Deus, em uma leitura tranquila do texto, é bom perguntar-se, por exemplo: ‘Senhor, o que me diz este texto? Como esta mensagem, que quereis mudar na minha vida? Que é que me dá fastio neste texto? Por que é que isto não me interessa?’; ou então: ‘De que eu gosto? Em que me estimula esta Palavra? O que me atrai? E por que me atrai?’ (*Evangelii Gaudium*, n. 153).

Logo, para Francisco a escuta da Palavra, tarefa de toda a Igreja, acontece de modo privilegiado na oração e também na escuta do próprio Povo de Deus. O discípulo deve ter ouvidos atentos às Escrituras e ao povo, para então realizar a missão da Igreja. Pois, “a evangelização é missão da Igreja” (*Evangelii Gaudium*, n. 111), e “não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor” (*Evangelii Gaudium*, n. 110).

Agora faz-se necessário apontar características da missão da Igreja em torno e a partir da Palavra de Deus, indicadas nos documentos do CELAM e também na *Evangelii Gaudium*. Ambas, em conformidade. Sabendo que “para o anúncio do Evangelho, a *Evangelii Gaudium* incentiva a superação de uma pastoral de mera conservação, introvertida, rumo a uma pastoral decididamente missionária”<sup>20</sup>.

### **3 Uma pastoral a partir da Palavra de Deus**

A ação pastoral da Igreja surge a partir do encontro com a Palavra. Tal eclesiologia leva a perceber os passos que já foram dados, desde o Concílio Vaticano II, para a Palavra tenha sua centralidade na vida eclesial. Assim, será visto agora as orientações do magistério sobre as celebrações da Palavra de Deus, e da *Evangelii Gaudium* destaca-se as orientações para a catequese e a homilia.

#### **3.1 Orientações sobre as celebrações da Palavra de Deus no magistério da Igreja**

Sabe-se, por ensinamento da Igreja, que sem participação na celebração eucarística dominical não há discípulo missionário maduro<sup>21</sup>. Contudo, devido o aumento do número de fiéis e de comunidades eclesiais, e a diminuição do número de sacerdotes por escassez de vocações, os bispos acharam por bem confiar a religiosos e leigos a tarefa de reunir o povo para celebrar a fé aonde não é possível haver a celebração eucarística dominical.

Os bispos julgaram necessário estabelecer outras celebrações dominicais, na falta do presbítero, para que a reunião semanal dos cristãos se realize do melhor modo possível, e seja assegurada a tradição cristã do domingo. Não raro, sobretudo em terras de missão, os próprios fiéis, conscientes da importância do domingo, com a cooperação dos catequistas e dos religiosos, reúnem-se para ouvir a Palavra de Deus, para orar e por vezes também para receber a sagrada comunhão<sup>22</sup>.

O Magistério da Igreja incentiva as celebrações da Palavra de Deus, especialmente aos domingos, onde não há ministros ordenados o suficiente para que

<sup>20</sup> BIANCHINI, 2015, p. 69.

<sup>21</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida*, n. 252.

<sup>22</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1990, n. 29, p. 6.

haja a celebração da Eucaristia. Por essas celebrações em torno da Palavra, os fiéis podem ter acesso aos tesouros da bíblia e da oração da Igreja. Porém, a celebração da Palavra, mesmo com distribuição da Sagrada Comunhão, não deve levar o povo a pensar que se trata do Sacrifício da Missa<sup>23</sup>. Por isso, é importante a catequese dos fiéis sobre o sentido dessas celebrações, e a adequada formação litúrgica dos que nelas desempenham ministérios.

Deve-se reconhecer o valor teológico dessas celebrações, pois são assembleias litúrgicas de fato, portanto há a presença salvadora de Cristo e de seu Espírito. “Na força do Espírito Santo, Jesus marca sua presença na comunidade reunida sob a presidência de um ministro em comunhão com o bispo ou pároco, e fala pelas Escrituras”<sup>24</sup>. É assembleia do povo profético, sacerdotal e régio, em virtude de seu Batismo.

Também se reconhece seu valor pastoral uma vez que a maioria dos fiéis reunirem-se para santificar o domingo em torno da Palavra; se não houvesse tais assembleias, quantos cristãos católicos ficariam sem celebrar a fé no dia do Senhor? Quantos estariam privados de alimentar-se do pão da Palavra de Deus e até da Sagrada Comunhão, nos locais onde ela é distribuída. Sem essas celebrações o compromisso com o Reino de Deus iria apagar-se no coração de muitos fiéis. A celebração constrói e mantém viva a comunidade. A Igreja cresce ao escutar a Palavra de Deus. “Com profundo afeto pastoral, queremos dizer às milhares de comunidades, com seus milhões de membros, que não têm oportunidade de participar da Eucaristia dominical, que também elas podem e devem viver ‘segundo o domingo’ ”<sup>25</sup>.

As celebrações da Palavra de Deus também possuem relevância do ponto de vista pastoral diante da realidade atual dos casais de segunda união e dos não-casados. O Magistério da Igreja orienta que casais em segunda união não recebam os sacramentos, mas alimentem-se da Palavra e dos sacramentais.

O Sínodo dos Bispos confirmou a prática da Igreja, fundada na Sagrada Escritura (Mc 10, 2-12), de não admitir aos sacramentos os divorciados re-casados, porque o seu estado e condição de vida contradizem objetivamente aquela união de amor entre Cristo e a Igreja que é significada e realizada na Eucaristia. Todavia os divorciados re-casados, não obstante a sua situação, continuam à pertencer à Igreja, que os acompanha com especial solicitude, na esperança de que cultivem, quanto possível, um estilo cristão de vida, através da participação da Santa Missa

---

<sup>23</sup> Cf. CNBB, 2011, n. 38, p. 23.

<sup>24</sup> GOEDERT, Valter Maurício. *Orientações para Ministros Extraordinários da Comunhão*, p. 98.

<sup>25</sup> CELAM, 2007, n. 253.

ainda que sem receber a comunhão, da escuta da Palavra de Deus, da adoração eucarística, da oração, da cooperação na vida comunitária, do diálogo franco com um sacerdote ou mestre de vida espiritual, da dedicação ao serviço da caridade, da obras de penitência, do empenho na educação dos filhos (*Sacramentum Caritatis*, n. 29).

Às pessoas nessas situações irregulares a Igreja oferece a mesa da Palavra, que, como diz o Concílio Vaticano II, também nela é oferecido o Pão da Vida. A celebração da Palavra é mais uma oportunidade desses casais sentirem-se acolhidos pela Igreja e terem acesso às riquezas da Sagrada Escritura.

### 3.2 Anúncio da Palavra de Deus em uma catequese querigmática:

Para a *Evangelii Gaudium*, toda vida da Igreja funda-se na Palavra e seu anúncio. A centralidade da Sagrada Escritura na vida eclesial também trouxe nova perspectiva para a catequese.

Toda evangelização está fundada sobre esta Palavra, escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar. É indispensável que a Palavra de Deus se torne cada vez mais o coração de toda atividade eclesial (*Evangelii Gaudium*, n. 174).

Para a Exortação *Evangelii Gaudium* a catequese tem sua tarefa primordial na missão da Igreja. A catequese deve querigmática e mistagógica, para levar a transmissão e amadurecimento da fé. Na catequese deve ser centrada na Palavra de Deus:

O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (*Evangelii Gaudium*, n. 166).

A Palavra de Deus que direciona a catequese leva a pessoa a um encontro com Jesus Cristo. Para Francisco, essa Palavra deve ser anunciada na catequese por meio do querigma. É o primeiro anúncio do amor de Deus que deve caracterizar a transmissão da fé, muito antes das consequências morais da vida cristã.

Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou querigma, que deve ocupar o centro da atividade

evangelizadora. [...] Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo ama-te, deu sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’ (*Evangelii Gaudium*, n. 164).

O Pontífice ainda lembra que não há conteúdo mais sólido e doutrina mais segura do que o querigma. Esse, não deve ser deixado de lado e deve sempre voltar a iluminar a catequese. “Toda formação cristã é, principalmente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética” (*Evangelii Gaudium*, n. 165). O anúncio do querigma deve exprimir o amor salvífico de Deus, que vem antes de qualquer moral religiosa. A presença constante do querigma protege a catequese de se reduzir somente a doutrina, que às vezes são mais filosóficas do que evangélicas.

Papa Francisco está em continuidade com outras orientações que o magistério já havia dado sobre a centralidade da Palavra de Deus na catequese, especialmente no Diretório Geral da Catequese. Seu predecessor, Papa Bento XVI, havia também recomendado:

Um momento importante da animação pastoral da Igreja, onde se pode sapientemente descobrir a sua centralidade da Palavra de Deus, é a catequese, que, nas suas diversas formas e fases, sempre deve acompanhar o povo de Deus. O encontro dos discípulos de Emaús com Jesus, descrito pelo evangelista Lucas (cf. Lc 24, 13-35), representa em certo sentido o modelo de uma catequese em cujo centro está a “explicação das Escrituras”, que somente Cristo é capaz de dar (cf. Lc 24, 27-28), mostrando seu cumprimento em si mesmo (*Verbum Domini*, n. 74).

Assim, a catequese é vista como terreno fértil para a semente da Palavra ser lançada, mas o semeador deve lançá-la com alegria missionária, pois primeiramente para ele o Evangelho deve ser de fato a Boa-Notícia da salvação. Pode-se afirmar que o retorno ao querigma e a alegria missionária de anunciá-lo, são as peculiaridades de Francisco para uma Igreja da Palavra.

### 3.3 O anúncio da Palavra na homilia

A *Evangelii Gaudium* dedica os números 135 a 159 ao tema da homilia. A pregação litúrgica da Palavra de Deus como espaço privilegiado de anúncio do querigma, de fazer o Evangelho ressoar nos corações. Para Francisco a homilia é espaço onde a Igreja pode cumprir sua missão, de mãe que ensina seus filhos, um encontro consolador com a Palavra. O Pontífice admite haver muitas reclamações



sobre a homilia, queixas que devem ser escutadas, pois pela homilia, sabe-se como anda a proximidade dos pastores com seu povo (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 135).

O Papa lembra que a homilia não é um momento propriamente de meditação ou catequese, mas de diálogo, diálogo de Deus com seu povo mediante o pregador, e do pregador com seu povo. Por isso, aquele que prega deve conhecer o coração de sua comunidade. “A homilia não pode ser um espetáculo de divertimento, [...] mas deve dar fervor e significado à celebração. [...] Deve ser breve e evitar que se pareça com uma conferência ou lição” (*Evangelii Gaudium*, n. 138). Além de saber escutar a Palavra de Deus, pelos estudo e pela *lectio divina*, “o pregador deve saber escutar o povo concreto para o qual prega, não por mera necessidade retórica, mas por necessidade teológica”<sup>26</sup>.

Francisco dedica grande atenção à preparação da homilia, a partir do número 145 da Exortação até 159, praticamente trazendo orientações de como preparar a pregação da Palavra. Ele afirma ser preciso confiar no Espírito Santo, mas uma confiança ativa e criativa. “Um pregador que não se prepara não é ‘espiritual’: é desonesto e irresponsável quanto aos dons que recebeu” (*Evangelii Gaudium*, n. 145). Invocar o Espírito Santo e prestar atenção ao texto bíblico, que deve ser o fundamento da pregação, ajuda a compreender qual a mensagem do texto. Deve o pregador ter humildade e veneração diante da Palavra de Deus, com tempo, sem pressa, pois a preparação da pregação requer amor (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 146).

O pregador é chamado a ter ele mesmo, em primeiro lugar, familiaridade com a Palavra de Deus, para depois anunciá-la. Francisco cita São João Paulo II chamando atenção ao testemunho que deve acompanhar a homilia: “Particularmente, a maior ou a menor santidade do ministro influi sobre o anúncio da Palavra” (*Pastores Dabo Vobis*, n. 26, apud *Evangelii Gaudium*, n. 149). E depois: “Jesus irritava-se com pretensiosos mestres, muito exigentes com os outros, que ensinavam a Palavra de Deus, mas não se deixavam iluminar por ela (cf. Mt 23, 4)” (*Evangelii Gaudium*, n. 150). O pregador deve dar espaço para a Palavra fazer-se carne em sua vida, para então comunicá-la aos outros.

Papa Francisco também aconselha da necessidade de usar recursos pedagógicos na pregação. Para ele, não basta saber o conteúdo a falar, ou ter o conteúdo mais teológico e convincente, e se descuidar do “como” pregar, isto é, a maneira adequada

---

<sup>26</sup> BIANCHINI, 2015, p. 67.

de apresentar a mensagem. Ele cita São Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, em dois momentos, primeiramente: “a evidente importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância dos métodos e dos meios da mesma evangelização” (*Evangelii Nuntiandi*, n. 31, apud *Evangelii Gaudium*, n. 156). Francisco diz que pode ajudar na homilia usar imagens para se compreender a mensagem. E cita pela segunda vez Paulo VI na mesma Exortação: “Os fiéis esperam muito desta pregação e dela poderão tirar fruto, contando que ela seja simples, clara, direta, adaptada” (*Evangelii Nuntiandi*, n. 33, apud *Evangelii Gaudium*, n. 158).

Por fim, Francisco ao tratar da homilia, diz que se deve usar uma linguagem simples, que a comunidade ouvinte compreenda. E também uma linguagem positiva, não tanto negativa, ou seja, dizer o que não se deve fazer, o que facilmente cairia no moralismo, para propor o que se pode fazer melhor. A homilia é para ele, espaço de comunicar a alegria do Evangelho, muito antes de ser uma conferência sobre moral.

## **Conclusão**

A redescoberta da Palavra de Deus na vida da Igreja tem feito muitos batizados poderem alimentar-se da presença de Cristo, mesmo sem a celebração da Eucaristia, e até mesmo sem a presença de ministros ordenados. Quanto bem tem feito a centralidade da Palavra. Constata-se nas comunidades a capacidade que ela tem de trazer a alegria do Evangelho, de manter viva a fé cristã, mesmo em regiões onde os sacramentos costumam a ser celebrados.

O Papa Francisco dá sequência a esse caminho em continuidade ao Concílio Vaticano II, lembrando que todo o Povo de Deus, todos os batizados são evangelizadores, é de todos os membros da Igreja a missão de voltar, anunciar e testemunhar a Palavra. Seja na catequese, na pregação litúrgica ou nas celebrações dominicais; o múnus de ensinar, pertencente a cada batizado, impele a cada um a comunicar aos outros o que recebeu do próprio Senhor: a Boa-Nova de seu amor salvífico.

Pode-se resumir a contribuição de Francisco para uma Igreja da Palavra na alegria missionária. O Pontífice trouxe a alegria missionária e a redescoberta do querigma para o anúncio da Palavra de Deus. E assim, ajudou a Igreja a entender o que ela é: comunidade missionária portadora da alegria da salvação, e não somente de

doutrinas e normas. Espera-se que essa certeza frutifique na missão das comunidades eclesiais, levando muitos ao encontro com Jesus Cristo na Igreja. De voltar continuamente a Palavra de Deus, depende o próprio ser da Igreja.

## Referências

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Brasília: CNBB, 2010.

BIANCHINI, Wagner Cardoso. *A Alegria do Evangelho e a eclesiologia do Povo de Deus*. 2015. 114 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Nova edição ver. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BUYST, Ione; FRANCISCO, Manuel João. *O Mistério Celebrado: Memória e Compromisso*. Teologia Litúrgica. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (org.). Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (org.). Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, Manual de Liturgia 4: *A Celebração do Mistério Pascal*: outras Expressões Celebrativas do Mistério Pascal e a Liturgia na Vida da Igreja. Tradução Herman Hebert Watzlawich. São Paulo: Paulus, 2005.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*. 25. ed. São Paulo: Paulinas, 2011 (Documentos da CNBB, 52).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Diretório para Celebrações Dominicais na ausência do Presbítero*. 1988. Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/sagradaliturgia/diretorio-para-celebracoes-dominicais-na-ausencia-do-presbitero>>. Acesso em: 16 de abr. de 2020.

DEISS, Lucien. *A Ceia do Senhor: Eucaristia dos Cristãos*. Tradução João Pedro Mendes. São Paulo: Paulinas, 1985.

DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus Celebrada: Teologia da Celebração da Palavra de Deus*. Tradução Monjas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Vozes, 1996.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

GOEDERT, Valter Maurício. *Orientações para Ministros Extraordinários da Comunhão*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

HACKMANN, Geraldo Luiz B. *O referencial teológico do Documento de Aparecida*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 157, p. 319, set. 2007.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*: sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. 1992. Disponível em: <[www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031992\\_pastores-dabo-vobis.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html)>. Acesso em: 21 de mai. de 2020.

JOHNSON, Cuthbert; JOHNSON, Stephen. *O Espaço Litúrgico da Celebração*. Guia Litúrgico Prático para a Reforma das Igrejas no Espírito do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2006.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 1975. Disponível em: <[www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso em: 21 de mai. de 2020.

VELHO, Jonas Emerim. *O memorial do mistério pascal na celebração da Palavra de Deus*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

### 3. A Igreja em saída e o ‘ser-para-os-outros’: uma aproximação entre a eclesiologia do Papa Francisco e Dietrich Bonhoeffer



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-3>

Luiz Maria de Barros Coelho Neto<sup>1</sup>

#### 1 Introdução

Neste artigo iremos pesquisar e aprofundar aspectos da eclesiologia proposta pelo papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), em continuidade ao espírito do Concílio Vaticano II<sup>2</sup>, e traçar as aproximações deste com o pensamento eclesiológico do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer<sup>3</sup>, objetivando refletir de maneira mais aprofundada a ação e missão da Igreja e sua relação com o mundo nos dias da pós-modernidade. Ele não versa sobre a natureza da Igreja de modo direto, mas supõe a eclesiologia do Vaticano II estabelecendo com esta uma hermenêutica de continuidade.

O mundo hodierno é indiferente à questão da fé, entre outras razões, por considerar que esteja vinculada ao passado. Ter fé sob essa ótica significa prender-se ao passado e isso já não parece fazer sentido em uma cultura com herança da modernidade cujo motor é o “progresso”. A compreensão pós-moderna da realidade está ainda fortemente vinculada à visão científica do conhecimento. A partir da modernidade, a forma de se relacionar com a realidade é a científico-fenomenológica, isto é, o que aparece, o que pode ser medido, calculado, comprovado e tocado, é o que se enquadra dentro do que é tido como autêntico conhecimento. Ainda hoje permanece esse contexto onde a verdade é o que é científico, e o científico é o

---

<sup>1</sup> Presbítero católico, Licenciado em Filosofia (2008), Bacharel em Teologia pela PUCRS (2014) e pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma 2014), e Mestrando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II ocorrido entre 1962 a 1965: “[...] Quem fala de sínodo ou concílio, diz algo sobre a estrutura bem como sobre a constituição interna [não só externa] da Igreja. [...] Hoje, do lado católico, fala-se primeiramente de concílio ecumênico, significando-se com isso a reunião do colégio dos bispos com a sua cabeça, o papa.” (WAGNER, Harald. Sínodo/Concílio. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 830).

<sup>3</sup> Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo e pastor luterano foi expoente na resistência cristã contra a ideologia do nazismo chegando ao extremo de sua convicção ao ser preso e enforcado durante o período da II Guerra Mundial. (cf. MONDIN, Batista. *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 166-170).

fenomenológico, o discurso teológico e, por consequência a Igreja, são vistos com irrelevância.

A ideia de tradição, bem como as instituições de modo geral, não é bem vista na cultura atual. Desse modo também não é “saída” para a teologia ou para a Igreja tentar apresentar a fé com roupagens apenas de desmitologização ou de *aggiornamento*<sup>4</sup>, grande chave hermenêutica do Concílio Vaticano II, reinterpretando as verdades da fé com adaptações de significados ao contemporâneo.

O teólogo Bonhoeffer descreve essa realidade e a analisa sob o olhar de um cristão que percebe a necessidade de uma nova forma de fazer a mensagem teológica de o Evangelho chegar ao mundo hodierno. Para Bonhoeffer o mundo após a modernidade é um “mundo adulto”<sup>5</sup>, isto é, um mundo que aprendeu a viver sem precisar recorrer a Deus como solução de suas inquietações.

Nas questões relativas à ciência, à arte, à ética e até mesmo à vida no espírito, o homem moderno ‘aprendeu a enfrentar qualquer problema, mesmo os importantes, sem recorrer à hipótese da existência e da intervenção de Deus’. Já se tornou adulto e não precisa mais dele.<sup>6</sup>

Questionamo-nos o que então a teologia ou a Igreja deveria fazer, em seu *aggiornamento*, para trazer a mensagem teológica ao mundo pós-moderno e de relações líquidas<sup>7</sup> de forma atualizada? Como fazer chegar o Evangelho a este “mundo tornado adulto”? Não é apenas realizar um esforço como que desesperado para exibir um caráter de atualidade para o mundo contemporâneo, mas sim testemunhar o *escândalo cristão* “[...] uma solução muito profunda que não pode ser abalada sem mais nem menos por

---

<sup>4</sup> “[...] O papa João XXIII indicou esse objetivo [do Concílio] com a conhecida palavra *aggiornamento*, difícil de traduzir, com frequência mal empregada. Ela não significa adequação ao dia de hoje, mas trazer o tradicional em sua novidade para o presente, para o dia de hoje. Tal ‘renovação’ se diferencia de inovação. A palavra ‘renovação’ confirma, muito antes, a compreensão bíblica de ‘novo’ no sentido de novidade escatológica graciosamente não derivável, inconsumpta e sempre capaz de proporcionar novas surpresas.” (KASPER, Walter. *A Igreja Católica*, p. 37).

<sup>5</sup> “[...] o ser humano aprendeu a enfrentar qualquer problema, mesmo os importantes, sem recorrer à hipótese da existência e da intervenção de Deus. Tornou-se adulto e não necessita mais de tutela, sabe cuidar da sua própria vida e necessidades. Diante dessa nova situação, a Igreja se vê obrigada a dar uma resposta condizente a essa questão, principalmente no que se refere às relações entre Igreja e mundo e o anúncio do Evangelho. Ao refletir a esse propósito, Bonhoeffer se coloca firmemente contra a teoria das duas esferas [cristã e mundana], por esta atribuir à Igreja e ao mundo dois âmbitos separados da realidade. Então, para ele, Igreja e mundo constituem uma unidade indissolúvel, pois mesmo permanecendo distinta em sua essência, a Igreja encontra-se tão enraizada no mundo que não existe possibilidade de que algum de seus elementos fique de fora.” (PERUZZO, Tula Maria Ribeiro Diorio. *O desenvolvimento do pensamento ético de Dietrich Bonhoeffer*, p. 104).

<sup>6</sup> Cf. BONHOEFFER, Dietrich. In: MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 187.

<sup>7</sup> Para maior conhecimento sobre o conceito de modernidade líquida: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*, 280p.

meio de teorias ou ações.”<sup>8</sup>, pois, como reconheceu o próprio Ratzinger, “[...] a fé cristã não se preocupa apenas com o eterno, [...] antes ela tem a ver com o Deus que está *dentro* da história, com Deus como homem”<sup>9</sup>.

Assim sendo, é o Deus encarnado, o Cristo crucificado que permanece como fato a ser testemunhado no mundo de todos os tempos, ainda que pareça como escândalo. “A figura do julgado e crucificado é estranha e, no melhor dos casos, digna de compaixão para um mundo em que o êxito é a medida e a justificação de todas as coisas”<sup>10</sup>. É o Deus encarnado e crucificado, que “ama o homem real, que se fez homem real”<sup>11</sup> que une as realidades do divino e do humano. Une e não divide, Deus e o homem, o transcendente e o mundo, o sagrado no profano. O verdadeiro *aggiornamento* não pode consistir na crença enraizada de que o conteúdo da fé que a teologia e a Igreja têm para apresentar ao mundo difere deste como se fosse melhor ou mais puro que o mundo, mas antes se trata de assumir e compreender o verdadeiro significado do princípio da encarnação onde o próprio Deus escolhe estar no meio do mundo para amá-lo e levá-lo à plenitude.

Este o princípio ou ideia de fundo está presente e inspirou o Concílio Vaticano II no conteúdo apresentado pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*<sup>12</sup> (GS) e atualmente o pontificado do Papa Francisco.

## **2 A continuidade entre *Gaudium et Spes* e ‘UMA Igreja em saída’**

O *aggiornamento* proposto como um objetivo do Concílio Vaticano II fez refletir sobre a natureza da Igreja enviada em missão para o mundo enquanto sacramento universal de união com Deus<sup>13</sup>. Para tanto se fazia necessário uma aproximação pastoral com o mundo. Essa aproximação inicia desde a proposta de retomada às fontes da teologia, da Sagrada Escritura e da Patrística e vai tomando dimensões mais aprofundadas à medida que o próprio Concílio ainda é aplicado e

<sup>8</sup> Cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*, p. 42.

<sup>9</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*, p. 42.

<sup>10</sup> Cf. BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 73.

<sup>11</sup> Cf. BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 78.

<sup>12</sup> “As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. [...] Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.” (GS 1);

<sup>13</sup> cf. *Lumen Gentium*, 1.

compreendido por toda a Igreja. De fato, celebrado os cinquenta anos do Concílio Vaticano II, a Igreja ainda está colhendo frutos de sua renovação eclesial e como que aprendendo a colocar em prática aquilo que lhe fora inspirado.

O documento que propunha um relacionamento entre Igreja e mundo de maneira mais específica é a já citada anteriormente Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Derivada da concepção de Igreja à luz da *Lumen Gentium* (LG), a primeira afirma a “solidariedade, amor e respeito”<sup>14</sup> da Igreja para com toda a família humana, “estabelecendo com ela um diálogo sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à luz tirada do Evangelho”<sup>15</sup>.

Por isso, proclamando a vocação altíssima do homem e afirmando existir nele uma semente divina, o Sacrossanto Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a esta vocação. Nenhuma ambição terrestre move a Igreja. Com efeito, guiada pelo Espírito Santo ela pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido.<sup>16</sup>

“A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, pois, fazei discípulos [...]’<sup>17</sup> e é nesse espírito de solidariedade com a família humana que o Papa Francisco, em comunhão com o espírito conciliar, propõe uma transformação missionária na Igreja, despertando em todos os fieis, leigos e ordenados, uma renovada consciência missionária. Afirma Francisco: “A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante [...]. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém.”<sup>18</sup>. Tal elemento não é uma novidade exclusiva do pontificado de Francisco, antes retoma seus predecessores, que já apontavam para um despertar da consciência missionária da Igreja como afirma João Paulo II na exortação *Christifidelis Laici* (ChL):

A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de *a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão*. [...] Assim, a Igreja sente-se devedora à humanidade inteira e a cada um dos homens do dom recebido do Espírito [...].<sup>19</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. GS 3.

<sup>15</sup> GS 3.

<sup>16</sup> GS 3.

<sup>17</sup> EG 19.

<sup>18</sup> EG 23.

<sup>19</sup> ChL 32.



Compreendendo-se como enviada ao mundo, a Igreja abre-se para o diálogo com este. “[...] Hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária.”<sup>20</sup> Com o princípio da encarnação de Deus que armou sua tenda entre nós<sup>21</sup>, o Papa Francisco se dirige aos fieis, afirmando que “[...] todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.<sup>22</sup> Para tanto, se faz indispensável que Igreja e mundo não se compreendam como realidades que se auto excluem mutuamente.

## 2.1 A alegria do Evangelho

Francisco deixa claro que pretende oferecer ao mundo um testemunho de uma Igreja alegre, realizada e realizadora da pessoa humana. Essa alegria, segundo o pontífice, deve ser a marca que acompanha todo discípulo de Jesus Cristo. “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa”<sup>23</sup>. Com isso, vai evidenciando que a preocupação primeira da Igreja não é a doutrinação do mundo, como se concebesse a Igreja como uma mera ‘defensora de um código de conduta moral’,<sup>24</sup> ou ainda como a instância julgadora dos justos e ímpios, “controladora da graça e não facilitadora”<sup>25</sup>, classificada por Francisco como *alfândega*<sup>26</sup>, mas como “a casa sempre aberta do Pai”<sup>27</sup> onde o mundo possa encontrar o rosto misericordioso<sup>28</sup> de Deus.

Este testemunho da alegria deve brotar da profundidade de uma espiritualidade amadurecida de pessoas que se encontraram com Jesus:

A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fieis cristãos a

---

<sup>20</sup> EG 20.

<sup>21</sup> Cf. Jo 1, 14.

<sup>22</sup> EG 20.

<sup>23</sup> EG 6.

<sup>24</sup> “Aos sacerdotes, lembro que o confessionário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível”. (EG 44).

<sup>25</sup> EG 47.

<sup>26</sup> Cf. EG 47.

<sup>27</sup> Cf. EG 47.

<sup>28</sup> Fazendo referência à Bula de abertura do ano da misericórdia *Misericordiae vultus* proclamado pelo Papa Francisco em 8 de dezembro de 2015 e encerrado em 20 de novembro de 2016.

fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria [...].<sup>29</sup>.

Extraí-se desta alegria a noção de santidade compreendida e refletida pelo Papa Francisco e expressa também em seus escritos como “o rosto mais belo da Igreja”<sup>30</sup> e como consequência de “viver em união com Cristo e com os mistérios de sua vida; consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele.”<sup>31</sup>. Em coerência com uma visão integradora do divino no humano, também chama atenção para os inimigos sutis da santidade:

Vejamos estas duas formas de segurança doutrinária e disciplinar, que dão origem a ‘um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente’.<sup>32</sup>.

A urgência do testemunho de alegria também já fora indicada no pontificado de Bento XVI durante a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho ocorrida em Aparecida, São Paulo, de 13 a 31 de maio de 2007 conforme descreve o Documento de Aparecida (DA):

[...] A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com a nossa palavra e obras é nossa alegria.<sup>33</sup>

Essas reflexões feitas acima descrevem ainda a continuidade do papado de Francisco com seus predecessores, evidenciando não uma ruptura, como pretendem classificar certos setores midiáticos, mas uma autêntica eclesiologia de comunhão do Papa Francisco.

---

<sup>29</sup> EG 1.

<sup>30</sup> Cf. GE 9.

<sup>31</sup> GE 20.

<sup>32</sup> GE 35.

<sup>33</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*, n 29.

## 2.2 Igreja samaritana

A sequência das manifestações de Francisco, desde os documentos e exortações oficiais às diversas entrevistas, proclamação do Ano Santo Extraordinário, homilias e audiências, deixam evidenciado o desejo do pontífice por uma Igreja servidora da humanidade, atenta aos que sofrem, capaz de “[...] renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”<sup>34</sup>.

As consequências do magistério de Francisco foram despertando a consciência de uma Igreja no Brasil mais desejosa de colocar-se à serviço da humanidade.<sup>35</sup> Expressão desse desejo pode-se verificar pelas Campanhas da Fraternidade dos últimos anos<sup>36</sup> buscando aproximar-se da sociedade para servir [Campanha da Fraternidade 2015] como também dar uma resposta de cuidado com a vida em todas as suas instâncias e a Casa Comum [2016 e 2017], a superação da violência [2018], justiça social e políticas públicas [2019]. No ano de 2020, a Igreja no Brasil propôs a reflexão a partir da parábola do Bom Samaritano, como expressão da tomada de consciência de uma Igreja mais samaritana, retomando e impulsionando reflexão da Conferência de Aparecida.<sup>37</sup>

Esta parábola é para todos nós uma dádiva maravilhosa, mas também um compromisso! A cada um de nós, Jesus repete aquilo que disse ao doutor da Lei: «Vai, e também tu faz o mesmo!» (v. 37). Somos todos chamados a percorrer o mesmo caminho do bom samaritano, que é a figura de Cristo: Jesus debruçou-se sobre nós, fez-se nosso servo, e foi assim que nos salvou, para que também nós pudéssemos amar-nos como Ele nos amou, do mesmo modo.<sup>38</sup>

É assim, portanto, que Francisco esboça seu modelo de Igreja. Inquieta e preocupa a consciência do Papa “[...] que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a

<sup>34</sup> EG 46.

<sup>35</sup> “Uma viagem rápida pela linha do tempo, além de um olhar para a Igreja, à luz da Palavra de Deus e do Magistério recente, especialmente a Igreja do Concílio até Aparecida, nos fará entender o que quer o Papa Francisco na sua Exortação *Evangelii Gaudium*: uma Igreja solidária, missionária, aberta ao diálogo com o mundo, sem medo de mostrar os valores do Evangelho como caminho para a sua própria conversão e para a salvação do mundo.” (BOSCO, João. *CF 2015: uma Igreja solidária, servidora e missionária*. Disponível em: <<http://www.diocesedeosasco.com.br/noticias/diocesanas/cf-2015-uma-igreja-solidaria-servidora-e-missionaria.html>>).

<sup>36</sup> Para saber mais sobre as Campanhas da Fraternidade: <<https://www.cnbb.org.br/category/campanhas/>>.

<sup>37</sup> “Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. Lc 10,25-37), recordando que ‘a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã’.” (DA, n. 26).

<sup>38</sup> FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. 27 de abr. de 2016. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160427\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”<sup>39</sup>. Uma Igreja que tome a iniciativa, que *primeireie*<sup>40</sup>, que sinta-se “chamada ainda mais a cuidar destas feridas [da humanidade], aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas”<sup>41</sup>. Uma Igreja que esteja atenta às dificuldades sociais e com direito de exprimir sua opinião<sup>42</sup> uma vez que “[...] já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar as almas para o céu.”<sup>43</sup>.

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos.<sup>44</sup>

### 3 O seguimento de Cristo como ‘ser-para-os-outros’: elementos da eclesiologia de Bonhoeffer em diálogo com a exortação *Evangelii Gaudium*

Já dissemos anteriormente que seguindo a concepção eclesiológica do Concílio Vaticano II, o papa Francisco deseja estreitar e não separar as relações entre Igreja e mundo. Antes destes acontecimentos, mas já em sintonia com o mesmo, o teólogo luterano Bonhoeffer propunha uma teologia comprometida com uma só e mesma realidade, onde sagrado e profano, o divino e o humano, o transcendente e o mundo estão unidos em uma pessoa encarnada: Jesus Cristo.

[...] Em Jesus Cristo, a realidade de Deus entrou na realidade deste mundo. O lugar de onde recebe resposta a questão acerca da realidade de Deus assim como a que se refere a realidade do mundo, está indicado exclusivamente por um nome: Jesus Cristo. Neste nome está incluído Deus e o mundo.<sup>45</sup>

<sup>39</sup> EG 49.

<sup>40</sup> EG 24.

<sup>41</sup> FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Roma, 11 de abr. de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

<sup>42</sup> “[...] Os pastores, acolhendo as contribuições das diversas ciências, têm o direito de exprimir opiniões sobre tudo aquilo que diz respeito à vida das pessoas, dado que a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano.” (EG 182).

<sup>43</sup> EG 182.

<sup>44</sup> EG 49.

<sup>45</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 47. (Tradução nossa).

A partir do Cristo encarnado, Bonhoeffer refletiu e protagonizou um cristianismo também encarnado nas condições concretas da história, assim como vimos acima com Francisco. Perguntava-se como se pode ser cristão e seguir Jesus Cristo no *hoje* e no *aqui* da concretude histórica de um *mundo adulto* como ele mesmo chamava. Assim, propunha um seguimento de Cristo que não fosse abstrato, alienado, alheio aos acontecimentos concretos, mas um cristianismo servidor da humanidade como Cristo que sintetizou sua vida no existir para os outros.

A fé é a participação neste ser de Jesus [Encarnação, cruz, ressurreição]. Nossa relação com Deus não é uma relação ‘religiosa’ com o ser mais elevado, mais poderoso, melhor que se possa imaginar – isto não é transcendência genuína – mas nossa relação com Deus é uma nova vida na ‘existência para os outros’, na participação no ser de Jesus. O transcendente não são as tarefas infinitas, inatingíveis, mas é o respectivo próximo ao alcance.<sup>46</sup>

“A configuração a Cristo coloca a vida a serviço das necessidades de outras vidas e do mundo”<sup>47</sup>, assim também a Igreja como um todo deve ser, na visão do teólogo, uma existência vicária da pessoa de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado no mundo.

Pois, Jesus é o ‘homem para os outros’ e isso contém um impulso ético que impede a fuga religiosa do mundo. Portanto, segundo Bonhoeffer, também a Igreja ‘é Igreja só enquanto existe para os outros, bem como a vida do cristão, que consiste em existir para os outros’.<sup>48</sup>

O pensamento do teólogo alemão propõe uma novidade na forma de entender as relações Igreja e mundo no seu tempo, marcado também por conflitos e animosidades entre o mundo moderno e o ensinamento eclesiástico. Essa novidade consiste em afirmar que a Igreja não deve lutar contra o mundo, mas antes, colocar-se a serviço dele ao exemplo do Senhor Jesus. “Na vida presente, entretanto, o discípulo deve exprimir, sobretudo, a encarnação e a crucifixão, porque Jesus foi encarnado e crucificado ao máximo sobre a terra”<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 510.

<sup>47</sup> PERUZZO, Tula Maria Ribeiro Diorio. *O desenvolvimento do pensamento ético de Dietrich Bonhoeffer*, p. 54.

<sup>48</sup> GIBELLINI, Rosino (Org.). *A teologia do século XX.*. In: PERUZZO, Tula Maria Ribeiro Diorio. *O desenvolvimento do pensamento ético de Dietrich Bonhoeffer*, p. 52.

<sup>49</sup> MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 186.

Do princípio da função ‘vicária’, Bonhoeffer extrai a consequência de que a Igreja não deve buscar a si mesma, não deve se preocupar com sua própria consolidação nem com sua própria defesa, mas sim deve se dedicar totalmente ao mundo. Não deve salvar a si mesma, mas ao mundo.<sup>50</sup>

Diante de tais abordagens podemos traçar uma aproximação entre os elementos eclesiológicos do pontificado de Francisco em comunhão com o Concílio Vaticano II e a reflexão do teólogo Dietrich Bonhoeffer. Uma Igreja alegre e servidora precisa necessariamente partir da compreensão de um ‘existir para os outros’, seguido o exemplo de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e homem e homem exemplar, isto é, que “manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação.”<sup>51</sup>.

A Igreja é Igreja somente se estiver aí para outros [...] A Igreja tem que participar das tarefas seculares da vida comunitária, não dominando, mas ajudando e servindo. Ela deve dizer às pessoas de todas as profissões o que significa uma vida com Cristo, o que significa ‘estar-aí-para-outros’. [...] Isso é expresso de maneira muito crua e sumária, mas quero fazer a experiência de expressar simples e claramente determinadas coisas das quais geralmente nos desviamos. [...] Espero, com isso, poder prestar um serviço ao futuro.<sup>52</sup>

## Conclusão

Um acompanhamento desde o início do pontificado de Francisco em 2013 até a atualidade nos permite verificar a coerência entre aquilo que fora esboçado na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e todas as ações, homilias e declarações por ele realizadas pelo até então. Francisco propõe não uma novidade absoluta, visto que pudemos traçar um paralelo entre sua eclesiologia e a eclesiologia de um teólogo luterano da década de 40. Esforça-se assim para concretizar em toda a Igreja uma proposta já vinda desde o Concílio Vaticano II, perpassando pelos pontificados de João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI marcados por um espírito de renovação e *aggiornamento*.

Francisco é desejoso de uma Igreja autenticamente cristã, à imagem de Jesus, que “veio não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate”<sup>53</sup>. Uma Igreja

---

<sup>50</sup> MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 188.

<sup>51</sup> Cf. GS 22.

<sup>52</sup> BONHOEFFER, Dietrich. In: CAPOZZA, Nicoletta; APPEL, Kurt. *‘Estar-aí-para-outros’ como participação da realidade de Cristo*, p. 590.

<sup>53</sup> Mc 10, 45.

missionária, que toma a iniciativa para sair e *primeirar*, ir ao encontro da humanidade, especialmente aquela humanidade, ferida à beira do caminho, marcada pelos mais variadas situações de periferias existenciais. Servidora do Evangelho da alegria e da misericórdia, comprometida com a dignidade humana, numa dimensão inalienável de justiça social e de ecológica integral.

Em suma, trata-se de despir-se de uma Igreja autocentrada e autoreferenciada, para colocar o *outro* no horizonte da vivência de fé. Em um *mundo adulto*, que não faz mais depender sua caminhada da fé, o testemunho de uma Igreja solidária e marcada pela encarnação de Cristo é o caminho para a evangelização.

Exatamente, porém, porque Deus em Cristo é servo do ser humano, ‘para outros’, mostra-se a graça divina no fato de *o* ser humano e *a* Igreja terem seu fundamento em Deus, quando, na disposição da entrega da própria vida e de toda auto-segurança, seguem a Cristo, em decisão livre, quer dizer, *na maioria e na fé*.<sup>54</sup>

O homem pós-moderno, mesmo tornado adulto, permanecerá carente da busca de um ‘progresso’ e de um sentido que não dependerá exclusiva e absolutamente da técnica nem da ciência, mas sim de sua configuração com a vida encarnada de Jesus de Nazaré, cuja vida foi essencialmente ‘ser em prol dos outros’.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. Edición y traducción de Lluís Duch. Editorial Trotta: Madrid, 2000. (Colección Estructuras y Procesos).

\_\_\_\_\_. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

BOSCO, João. *CF 2015: uma Igreja solidária, servidora e missionária*. Osasco, 2015. Disponível em: <<http://www.diocesedeosasco.com.br/noticias/diocesanas/cf-2015-uma-igreja-solidaria-servidora-e-missionaria.html>>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

CAPOZZA, Nicoletta; APPEL, Kurt, ‘Estar-aí-para-outros’ como participação da realidade de Cristo: sobre a eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 583-597, set. 2006.

---

<sup>54</sup> CAPOZZA, Nicoletta; APPEL, Kurt. ‘Estar-aí-para-outros’ como participação da realidade de Cristo, p. 595.

CONCILIO VATICANO II. *Gaudium et spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja e o Mundo. Roma, 1965.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. <https://www.cnbb.org.br/category/campanhas/>.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5. ed. Múltiplas editoras. 2007.

FRANCISCO, Papa. *Audiência geral*. 27 de abril de 2016. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160427\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Evangelii gaudium*: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gaudete et exultat*: Exortação apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual. Roma, 2018.

\_\_\_\_\_. *Misericordiae vultus*: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Roma, 11 de abril de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

GIBELLINI, Rosino (Org.). *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

JOÃO PAULO II. *Christifidelis laici*: Exortação apostólica pós-sinodal. Roma, 1989.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Paulinas, 1979-1980. v.2.

PERUZZO, Tula Maria Ribeiro Diorio. *O desenvolvimento do pensamento ético de Dietrich Bonhoeffer: a ética da responsabilidade num mundo tornado adulto*. 2010. 120f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*: preleções sobre o Símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WAGNER, Harald. Sínodo/Concílio. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 830-835.



## 4. O diálogo do Magistério da Igreja com a ciência: do século XX aos nossos dias



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-4>

*Eliseu Lucas Alves de Oliveira<sup>1</sup>*

### **Introdução**

No presente artigo, será analisado os principais documentos que se referem ao magistério da Igreja no século XX até nossos dias, procurando nestes a posição oficial da Igreja quanto às pesquisas científicas e o diálogo entre fé e razão. Delimitando nosso assunto desde o século XX, será exposto, em breve resumo, o diálogo da Igreja com a ciência antes deste período, que será o início do nossa primeira parte no desenvolvimento.

O Concílio Vaticano II será colocado no centro da pesquisa, pois é um marco na Igreja no século XX e suas reflexões marcam a teologia e a posição oficial do Magistério em todos os assuntos, também no que se refere ao diálogo fé e ciência.

### **1 Os antecedentes do diálogo da Igreja com as ciências anteriores ao Concílio Vaticano II**

O modo de evangelização que vinha desde a Idade Média, conhecido como cristandade, no século XVII e XVIII se encontra com o problema de evangelizar uma sociedade que está se secularizando, pois valoriza mais a razão do que a fé. Deste modo, “a religião precisa ou ser racional e previsível, ou passar para a esfera estritamente privada”.<sup>2</sup>

Diante da necessidade de se posicionar frente a essa realidade, dois grupos surgiram: os jansenistas e os jesuítas. Os jansenistas pregavam a total oposição da Igreja aos ideais modernos e os jesuítas estavam dispostos ao diálogo. “Os jansenistas, consideravam a adaptação ao desenvolvimento moderno tal como ela é empreendida

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela PUCRS. Bacharel em Teologia pela FAPAS. Mestrando em Teologia PUCRS.

<sup>2</sup> WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p. 82.

pelos jesuítas, como apostasia radical em relação à fé cristã antiga”<sup>3</sup>. No final, os jesuítas acabaram triunfando e “o programa espiritual antimodernista foi condenado pela Igreja”<sup>4</sup>. Porém, o debate da Igreja com o pensamento iluminista logo encontrou a oposição pois a Revolução Francesa (1789) trouxe uma “inspiração a-religiosa ou mesmo nitidamente anticristã”.<sup>5</sup> O catolicismo, por isso, muda sua posição diante do modernismo e a “passagem do século XVIII para o século XIX, será marcada por posições de defesa expressas em atitudes cada vez mais intransigentes e negativistas com relação aos ‘novos tempos’.”<sup>6</sup> A consequência disso é que será adotado uma reação antimoderna.

Quanto ao cenário do diálogo da Igreja com as ciências, “no século XX, o magistério católico já aceitava amplamente os dados da física, da astronomia, da química, da zoologia e da botânica”<sup>7</sup>, por isso, “ideias fixistas, ou seja, as que consideraram que o mundo foi criado em seis dias há uns poucos milhares de anos, de acordo com o relato bíblico do Gênesis [...] já estavam desacreditadas”.<sup>8</sup>

O problema enfrentado pela Igreja diante das descobertas científicas não era tanto o questionamento que as descobertas traziam para a fé, mas a tentativa exagerada de teólogos para compatibilizar os relatos bíblicos da criação com as descobertas da ciência. “A esse empreendimento foi dado um limite no mundo católico pelo neotomismo de Leão XIII, na Encíclica *Providentissimus Deus*, de 1853”.

### 1.1 Papa Leão XIII

Leão XIII dizia, na encíclica *Providentissimus Deus*, que o campo do teólogo e do cientista é diferente, conseqüentemente, “não pode haver real oposição entre o teólogo e o físico, desde que um e outro se mantenham em seu próprio campo” (DH 3285). Nisso, ele retomava o que o Vaticano I falava da complementaridade entre fé e razão (Cf. DH 3015-3020), haja vista que a Bíblia não quer ensinar ciência; ela é um texto escrito pelo Espírito Santo com a finalidade da nossa salvação (Cf. DH 3288).

---

<sup>3</sup> WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p. 82.

<sup>4</sup> WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p. 82.

<sup>5</sup> CRISTIANO, Henrique; MATOS, José. *Eu estarei sempre convosco*. p. 65

<sup>6</sup> CRISTIANO, Henrique; MATOS, José. *Eu estarei sempre convosco*. p. 65

<sup>7</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 19-20

<sup>8</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 20

A posição de Leão XIII quanto ao trabalho da ciência, em muitos documentos foi positiva. “Há várias referências favoráveis na *Aeterni patris* (1879) ao progresso da ciência, em particular às ciências físicas e naturais. Ao mesmo tempo, adverte-se que estas não devem estar em contradição com a filosofia escolástica, nem com a orientação da Igreja”.<sup>9</sup> Ou seja, a ciência admitida pela Igreja é aquela que não contradiz as suas afirmações de fé, deste modo, poderia ser chamada de ‘ciência católica’.

## 1.2 Papa Pio XI

O Vaticano refunda seu observatório astronômico (1889) e sua Academia de Ciências (1936). “Pio XI, no documento que fundou a Academia de Ciências [...], após declarar que a Igreja sempre fora amiga das ciências, ao mesmo tempo fala dos ‘filhos pródigos’, aqueles que saíram do rebanho e julgam que a ciência contradiz a fé”<sup>10</sup>.

## 1.3 Papa Pio XII

O Papa Pio XII também incentiva o diálogo da Igreja com a ciência, e distingue uma boa e uma má ciência.<sup>11</sup> Na sua encíclica *Humani generis*, trata com cuidado os aspectos que ele reconhece como influência do modernismo, mas avança no diálogo dando a possibilidade, no n.36, de se considerar a evolução das espécies, desde que o ser humano seja distinguido pela alma imortal.

Quando o padre cientista George Lemaître<sup>12</sup> (1894-1966), pesquisando a teoria da relatividade de Einstein e propõe a teoria do *Big Bang* para explicar a origem da matéria, o Papa Pio XII viu nesta teoria uma comprovação da existência de Deus.

Fazendo agora um parêntese para as ciências físicas, famosa também é a alocução de Pio XII perante a Academia de Ciências em 22 de novembro de 1951. Longa, e cheia de dados advindos principalmente da física, teve a teoria do *Big Bang* como foco. O pano de fundo ainda é aristotélico-tomista – fala da causalidade eficiente e causalidade final, e como as cinco vias de S. Tomás seriam congruentes com os avanços das ciências físicas. Cientistas eminentes, como o padre George Lemaître,

---

<sup>9</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 25

<sup>10</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 29

<sup>11</sup> Cf. CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 30

<sup>12</sup> Físico e matemático belga. Membro da Academia Pontifícia de Ciências e presidentes da mesma, em 1966. Foi assessor pessoal do Papa Pio XII.

sentiram-se desconfortáveis com a afirmação feita pelo papa de que o *Big Bang* seria quase uma prova da existência de Deus.<sup>13</sup>

#### 1.4 Papa João XXIII

Com o Papa João XXIII, o diálogo com a ciência deixa de serem as questões do início do universo e da teoria da evolução e passa a ser o uso da tecnologia como sinal do progresso advindo da ciência. Estas tecnologias deveriam ser meio para fins mais elevados. O Papa, porém, sabe do perigo que as ciências trazem em matéria de secularização e ateísmo. Na Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, para a convocação do Concílio Vaticano II, João XXIII escreve:

a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial.<sup>14</sup>

Na Carta Encíclica *Mater et magistra*, de 1961, ele fala da necessidade de maior cooperação científica, técnica e econômica entre as nações<sup>15</sup>. Também vê o perigo de que sob o otimismo dos “triunfos da ciência e da técnica, os homens podem construir a sua civilização, prescindindo de Deus”.<sup>16</sup> Em 1963, na Carta Encíclica *Pacem in Terris*, inicia com um elogio à ciência e ao progresso. João XXIII diz que as ciências são capazes de descobrir uma ordem universal criada por Deus e “testemunham outrossim a dignidade do homem capaz de desvendar essa ordem e de produzir os meios adequados para dominar essas forças, canalizando-as em seu proveito”.<sup>17</sup>

## 2 O diálogo da Igreja com as ciências no Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II teve como objetivo principal refletir sobre a Igreja, sua identidade e sua missão. “Já na primeira Sessão, o Concílio foi levado a se centrado no

---

<sup>13</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 33

<sup>14</sup> Cf. JOÃO XXIII. *Humanae Salutis*: para a convocação do Concílio Vaticano II. n. 3

<sup>15</sup> Cf. JOÃO XXIII. *Mater et magistra*, n. 164

<sup>16</sup> JOÃO XXIII. *Mater et magistra*, n. 208

<sup>17</sup> João XXIII. *Pacem in terris*, n. 2

duplo tema: a Igreja em si mesma e a Igreja no mundo de hoje. Um em decorrência do outro”.<sup>18</sup>

Para o professor Geraldo Hackmann, no Concílio Vaticano II, dois documentos, *Lumen Gentium* e *Gaudium et spes*, trazem o núcleo do que desejava o Concílio, pois “esses dois documentos representam uma nova autocompreensão da Igreja sobre si mesma [...] e uma nova postura diante do mundo”.<sup>19</sup>

Como o nosso assunto é a o diálogo da Igreja com a ciência e, desde modo, também com o mundo, passaremos a analisar, nos documentos do Concílio, como foi esse diálogo, principalmente na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, que tem como subtítulo ‘a Igreja no mundo de hoje’. Conforme Hackmann, o documento está dividido da seguinte forma:

A Constituição Pastoral ‘A Igreja no mundo de hoje’, formada por duas partes, constitui um todo unitário. É chamada ‘pastoral’, porque, apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Assim, nem à primeira parte falta a intenção pastoral, nem à segunda parte a doutrinal. Na primeira parte, a Igreja expõe a sua parte doutrinal acerca do homem, do mundo, no qual o homem está integrado e da sua relação para com eles. Na segunda, considera mais expressamente vários aspectos da vida e das sociedades contemporâneas, e sobretudo as questões e os problemas que, nesses domínios, parecem hoje de maior urgência.<sup>20</sup>

No Concílio, o diálogo com a ciência se fará, sobretudo, na reflexão sobre a tecnologia, “principalmente na *Gaudium et spes*, e as ocorrências em outros documentos não alteram a mensagem desse primeiro”.<sup>21</sup>

Vejamos como a *Gaudium et spes* trabalhou o diálogo da Igreja com o mundo da ciência e da tecnologia:

a. No n.7, o documento fala do erro de interpretar o ateísmo como resultado imediato do progresso científico.

b. No n. 15, a inteligência é descrita como tendo fonte na inteligência do próprio Deus e que, embora limitada pelo pecado original, mesmo assim é capaz de conhecer a realidade sem erro.

<sup>18</sup> HACKMANN, Geraldo.L.B. A Igreja da *Lumen gentium*, p. 658.

<sup>19</sup> HACKMANN, Geraldo.L.B. A Igreja da *Lumen gentium*, p. 660.

<sup>20</sup> HACKMANN, Geraldo.L.B. A Igreja da *Lumen gentium*. p. 667.

<sup>21</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 40

c. No n. 33, a Igreja reconhece a capacidade humana de dominar a natureza, e se oferece para ajudar a orientar esta atividade, segundo princípios morais e éticos, reconhecendo que não tem todas as respostas.

d. No n. 36, muito conhecido por falar da autonomia das realidades terrestres, distingue a autonomia de pesquisa, vista como boa, e a autonomia que quer se livrar de Deus. Também, neste número, retoma-se a afirmação do Vaticano I sobre fé e razão, ou seja, “do pressuposto tradicional de que a luz da razão e a luz da fé provém ambas de Deus e que por isso não se podem contradizer. Da mesma maneira, o sujeito da ciência e da fé é o mesmo homem”<sup>22</sup>. Cruz cita que houve uma novidade quando a Igreja reconhece que muitas vezes houve equívoco quando se tentou interferir nas pesquisas científicas<sup>23</sup>.

e. O n. 39 aborda o progresso científico à luz do novo mundo que há de vir e do compromisso com esta terra, onde o Reino está presente, mas não está realizado em sua plenitude.

f. O n. 44 diz que a Igreja se serve dos conhecimentos de cada época para melhor transmitir a sua mensagem. E até mesmo as críticas que recebe ela usa para se aperfeiçoar na capacidade de evangelizar.

g. No n. 52, há um otimismo acerca da contribuição das ciências para o bem estar da família. Diz: “Os cientistas, particularmente os especialistas nas ciências biológicas, médicas, sociais e psicológicas, podem prestar um grande serviço para bem do matrimônio e da família” (*Gaudium et Spes* 52). O assunto aqui é a ‘procriação humana’, mas que é chamada de ‘honesta’, abrindo a possibilidade de que exista aquela que não é honesta.

h. O n. 54 compreende o progresso tecnológico e científico como uma nova era que surge e que caminha para a unidade da cultura humana, mas precisará aprender a respeitar as diferenças.

i. No n. 57, é afirmado que, além de contribuir com o progresso da humanidade, aumentar a sua sensibilidade para a beleza, a bondade e a verdade, o ser humano, o ser humano atinge à sabedoria que estava desde sempre em Deus. Todavia, não descarta os desvios desta pesquisa, que pode levar ao agnosticismo e fenomenismo. Mesmo assim, mantém-se uma visão otimista, pois acredita que “estas

---

<sup>22</sup> ZILLES, Urbano. A *Gaudium et spes* e as ciências, p. 702.

<sup>23</sup> Cf. CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 43.

deploráveis manifestações não são, porém, consequências necessárias da cultura atual, nem nos devem fazer cair na tentação de desconhecer os seus valores positivos” (*Gaudium et Spes* 57).

j. No n. 59, o documento retoma a unidade entre fé e razão, exposta no Vaticano I. Diz “O sagrado Concílio, recordando o que ensinou o primeiro Concílio do Vaticano, declara que existem ‘duas ordens de conhecimento’ distintas, a da fé e a da razão, e [...] afirma por isso a legítima autonomia da cultura humana e sobretudo das ciências” (*Gaudium et Spes* 59).

k. O n. 62, reconhecendo as dificuldades de muitas vezes conciliar as descobertas científicas com a fé cristã, motiva os teólogos a dialogar com estes novos conhecimentos, distinguindo o que o depósito da fé exige uma formulação teológica para ser compreensível nos mais variados contextos. Lembrando sempre que os novos conhecimentos são contribuições para uma melhor vivência de fé cristã.

Sobre o restante dos documentos do Concílio, Eduardo Rodrigues Cruz afirma que “não há propriamente novidades em relação à *Gaudium et spes*, apenas nuances e aplicações mais específicas. É o que se pode ver em *Gravissimus educationis*, principalmente no Proêmio e nos ns 10 e 11.”<sup>24</sup> Se refere ao diálogo de fé e razão nas escolas católicas de ensino superior.

Outra referência deste diálogo com a ciência está no documento *Apostolicam actuositatem*. Faz referência a dignidade da ordem temporal, seu valor para o homem e em si mesma por ser criada por Deus, mas também do pecado que pode desviar o ser humano de seu propósito original e, ao invés de dominar sobre as coisas criadas, torna-se escravo delas (*Apostolicam Actuositatem* 7).

### 3 O diálogo da Igreja com as ciências após o Vaticano II

Terminado o Concílio, “a Paulo VI coube colocar em prática as grandes orientações do Vaticano II.”<sup>25</sup> Como tinha acabado de sair de uma disputa entre duas alas da Igreja, conservadores e progressistas, Paulo VI escolheu o meio termo, não sem sofrimento. “Muito sofreu com sistemáticas oposições de aguerridos conservadores, e

<sup>24</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 46

<sup>25</sup> CRISTIANO, Henrique; MATOS, José. *Eu estarei sempre convosco*. p. 91

também se decepcionou com setores da Igreja que queriam, a todo custo, forçar uma aplicação imediata das novidades”.<sup>26</sup>

### 3.1 Papa Paulo VI

Em relação à ciência, também Paulo VI mantém precaução e cautela. No discurso da última sessão pública do Concílio Vaticano II, no dia 07 de dezembro de 1965, ele analisa que este Concílio veio para que a Igreja apresente ao mundo quem ela é e o depósito de sua doutrina, que recebeu de Cristo. E veio em um bom propício, “num tempo em que, como todos reconhecem, os homens estão voltados mais para a conquista da terra do que para o reino de Deus; foi num tempo em que o esquecimento de Deus se torna habitual, como se os progressos da ciência o aconselhassem”.<sup>27</sup> E Paulo VI, após dizer que a Igreja não se posicionou em atitude de luta para com o mundo, mas no reconhecimento da grandeza e da miséria presente no humanismo, afirma que o Concílio “não só respeitou mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas, e depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços”.<sup>28</sup>

Na Mensagem de Conclusão do Concílio Vaticano II, no dia 8 de dezembro de 1965, Paulo VI, diz que a Igreja se alia aos cientistas na busca da verdade, e os incentiva a continuar suas pesquisas, pois acredita nesta parceria e diálogo entre a fé e a ciência. Diz: “Talvez nunca como hoje, graças a Deus, foi tão bem-vinda a possibilidade de um profundo acordo entre a verdadeira ciência e a verdadeira fé, servindo uma e outra a única verdade. Não impeçais este precioso encontro. Tende confiança na fé, a grande amiga da inteligência”.<sup>29</sup>

No dia 11 de julho de 1966, em um Discurso aos participantes do Simpósio sobre o ‘Mistério do Pecado Original’, ele retoma a argumentação do Papa Pio XII na *Humani generis* de que a Igreja aceita a teoria do evolucionismo, desde que se considere a criação imediata de toda e qualquer alma por Deus.<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> CRISTIANO, Henrique; MATOS, José. *Eu estarei sempre convosco*. p. 91.

<sup>27</sup> PAULO VI. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*.

<sup>28</sup> PAULO VI. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*.

<sup>29</sup> Paulo VI. *Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II: aos homens de pensamento e de ciência*.

<sup>30</sup> Cf. PAULO VI. *Discurso aos participantes do Simpósio sobre o ‘Mistério do Pecado Original’*.



Paulo VI se mostra surpreendentemente aberto às ciências em 24 de fevereiro de 1966, em uma Visita a uma fábrica química-farmacêutica importante, quando nesta ocasião cita Teilhard de Chardin. Paulo VI fala:

E o Santo Padre cita Teilhard de Chardin, que deu uma explicação do universo e, entre muitas fantasias, muitas coisas imprecisas, ele conseguiu ler dentro das coisas um princípio inteligente que deve ser chamado de Deus. A própria ciência, portanto, obriga a ser religiosa, e quem é inteligente deve se ajoelhar e dizer: aqui está Deus.<sup>31</sup>

Com isso, Paulo VI faz a atualização do Concílio nos documentos do Magistério Papal acerca do diálogo da Igreja com a ciências.

### 3.2 Papa João Paulo II

O Papa João Paulo II dá mais alguns passos no diálogo, dizendo que, para a Igreja, não há incompatibilidade entre fé e ciências quando cada uma respeita o campo da outra. Em 30 de março de 1979, para a Sociedade Europeia de Física, ele diz:

Se a investigação científica proceder segundo métodos de rigor absoluto e se mantiver fiel ao seu objecto próprio, e se a Escritura for lida segundo as esclarecidas directrizes da Igreja, dadas na Constituição conciliar *Dei Verbum* que são as directrizes, digamos, últimas — havia anteriormente outras semelhantes —, não poderá haver oposição entre a fé e a ciência. Nos casos em que a história assinala tal oposição, esta deriva sempre de posições erróneas postas claramente de parte pelo Concílio ao deplorar ‘certas atitudes de espírito que não faltaram entre os mesmos cristãos, por não conhecerem suficientemente a legítima autonomia da ciência e que, pelas disputas e controvérsias a que deram origem, levaram muitos espíritos a pensar que a fé e a ciência eram incompatíveis’ (Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 36, parágrafo 2).<sup>32</sup>

Também, em 1979, no dia 10 de novembro, no discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein, João Paulo II reconhece que a Igreja procedeu mau no caso Galileu. No n. 6 desta mensagem ele diz:

---

<sup>31</sup> PAULO VI. *Visita de Paulo VI a uma fábrica química-farmacêutica importante*.

<sup>32</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso Do Papa João Paulo II à ‘European Physical Society’*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790331\\_europ-phys-soc.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf_jp-ii_spe_19790331_europ-phys-soc.html)>. Acesso em 27 de mai. de 2020.

Senhor Presidente. Disse Vossa Excelência com muita razão no seu discurso que Galileu e Einstein caracterizaram uma época. A grandeza de Galileu é a todos conhecida, como a de Einstein; mas diferentemente deste; que nós honramos hoje diante do Colégio Cardinalício no palácio apostólico, o primeiro muito teve que sofrer — não poderíamos escondê-lo — da parte de homens e organismos da Igreja. O Concílio Vaticano reconheceu e deplorou certas intervenções indevidas: ‘Seja-nos permitido lamentar — está escrito no número 36 da constituição conciliar *Gaudium et Spes* — certas atitudes que existiram até entre os próprios cristãos, por não terem entendido suficientemente a legítima autonomia da ciência. Fontes de tensões e de conflitos, elas levaram muitos espíritos a pensar que ciência e fé se opõem’. A referência a Galileu está expressa claramente na nota relativa a este texto, que cita o volume *Vita e opere di Galileo Galilei* de Mons. Pio Paschini, editado pela Pontifícia Academia das Ciências.<sup>33</sup>

João Paulo II, ainda, elogia o método de investigação de Galileu no que toca às questões de fé, pois “Galileu introduz o princípio duma interpretação dos livros sagrados, que vai além do sentido literal mas é conforme ao intento e ao tipo de exposição que são próprios de cada um deles”<sup>34</sup>.

Nesta mensagem afirma “que a teoria da evolução é mais do que uma hipótese”.<sup>35</sup> Mas também fala de diferentes teorias da evolução, pois cada uma está baseada em uma filosofia da natureza, e aqueles que não diferenciam a matéria do Espírito, estão pensando de modo incompatível com a compreensão cristã de ser humano.<sup>36</sup>

A Encíclica *Fides et Ratio* reafirma a necessidade da aliança entre fé e razão. No n. 48 diz que, sem a razão, a fé é superstição, e sem a fé, a razão não consegue enxergar a radicalidade do ser.<sup>37</sup>

Consideramos, ainda no pontificado de João Paulo II, o Documento da Comissão Teológica Internacional de 2004 intitulado ‘Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à Imagem de Deus’, sobre a liderança do Cardeal Ratzinger que era o

---

<sup>33</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791110\\_einstein.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html)>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

<sup>34</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791110\\_einstein.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html)>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

<sup>35</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791110\\_einstein.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html)>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

<sup>36</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*.

<sup>37</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Fides et ratio: entre a fé e a razão*, n. 48.

Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé e, como tal, presidente da Comissão Teológica Internacional.

A compreensão do universo é considerado um serviço ao plano de Deus, “sem abraçar um concordismo”<sup>38</sup>. Também se reconhece que habitam os “seres humanos na história deste universo em contínuo processo evolutivo”.<sup>39</sup>

Ainda que reconhecendo a o Big Bang e a evolução como científicas e mais do que uma teoria, o documento relembra que João Paulo II distingue que existe mais de uma explicação para a evolução, e nem todas são compatíveis com a fé católica. O cristão não pode concordar com teorias reducionistas de “de origem neodarwinista, que negam explicitamente que a Providência Divina poderia ter tido algum papel verdadeiramente causal no desenvolvimento da vida no universo”.<sup>40</sup> Afirma, ainda, que entre o animal e o ser humano não existe uma continuidade, mas um ‘salto ontológico’, que diferencia radicalmente o ser humano com alguém que é Imagem de Deus. Por isso, “como pessoa criada à imagem de Deus, o ser humano é capaz de tecer relações de comunhão com outras pessoas e com o Deus Uno e Trino, como também exercer senhorio e serviço no universo criado”.<sup>41</sup>

Novamente, considerando a teoria do Big Bang, o documento da comissão não vê uma oposição desta com a fé cristã, pois algo que existe sempre um dia deve ter um início e é na origem do Big Bang que se pode considerar a existência de um Deus criador que fez tudo, do nada (*creatio ex nihilo*).

Com referência à *creatio ex nihilo*, os teólogos podem observar que a teoria do *Big Bang* não contradiz esta doutrina, sempre que se possa afirmar que a suposição de um início absoluto não é cientificamente inadmissível. Como a teoria do *Big Bang* não exclui de fato a possibilidade de um precedente estado da matéria, é possível relevar que ela parece dar um apoio simplesmente indireto à doutrina da *creatio ex nihilo* que, como tal, só se pode conhecer através da fé.

Deus seria a causa primeira que daria existência a tudo, e criação de Deus agiria com as causas secundárias. Desta forma, Deus age através sendo a possibilidade

---

<sup>38</sup>COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço*: a pessoa humana criada à imagem de Deus. n. 62

<sup>39</sup>COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço*: a pessoa humana criada à imagem de Deus. n. 62

<sup>40</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço*: a pessoa humana criada à imagem de Deus.n. 64

<sup>41</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço*: a pessoa humana criada à imagem de Deus. n. 64

mesma das causas secundárias. Assim, “com referência à evolução de condições favoráveis ao aparecimento da vida, a tradição católica afirma que, enquanto causa transcendente universal, Deus é causa não apenas da existência mas também causa das causas.”<sup>42</sup>

Dizendo que Deus age na base, como condição de possibilidade de qualquer ação natural e humana, tudo o que se predica da natureza também pode ser dito como ação de Deus. Sendo assim, “qualquer mecanismo evolutivo contingente só pode ser contingente por ter sido feito assim por Deus”.<sup>43</sup>

### 3.3 Papa Bento XVI

Em seu pontificado, “Bento XVI é sofisticado o suficiente para não tornar oficial nenhuma interpretação particular da evolução”.<sup>44</sup>

Na viagem apostólica a München, Altötting e Regensburg (9-14 de setembro de 2006) para o encontro com os representantes das ciências, Bento XVI discursa acerca da intrínseca relação entre a fé cristã e o pensamento grego, por isso, também, sobre fé e razão. E esta relação se fundamenta em que Deus se manifesta como ‘eu sou’ e como *logos*. Portanto, “*Logos* significa conjuntamente razão e palavra – uma razão que é criadora e capaz de se comunicar, mas precisamente enquanto razão”.<sup>45</sup> Mas ele reconhece que a crítica de Kant autolimita a razão, fechando no que ele chama de platonismo empirista (cartesiano).

Por um lado, pressupõe-se a estrutura matemática da matéria, por assim dizer a sua racionalidade intrínseca, que torna possível compreendê-la e usá-la na sua eficácia operacional: este pressuposto básico é, por assim dizer, o elemento platônico no conceito moderno da natureza. Por outro lado, trata-se da utilização funcional da natureza para as nossas finalidades, onde só a possibilidade de controlar verdade ou falsidade através da experiência é que fornece a certeza decisiva. O peso entre os dois pólos pode, segundo as circunstâncias, oscilar para

---

<sup>42</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comissão e serviço*: a pessoa humana criada à imagem de Deus. n. 68

<sup>43</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comissão e serviço*: a pessoa humana criada à imagem de Deus. n. 69

<sup>44</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*, p. 60.

<sup>45</sup> BENTO XVI. *Viagem Apostólica de sua santidade Bento XVI a München, Altötting e Regensburg (9-14 de setembro de 2006)*: Encontro com os representantes das ciências. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060912\\_university-regensburg.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html)>. Acesso em 16 de jul. de 2020.

um lado ou outro. Um pensador estritamente positivista como J. Monod declarava-se um platônico convicto.<sup>46</sup>

Esta concepção resulta que “o próprio homem sofre uma redução. Porque nesse caso as questões propriamente humanas, isto é, ‘donde venho’ e ‘para onde vou’, as questões da religião e do *ethos* não podem ter lugar no espaço da razão comum”<sup>47</sup>, e o resultado é separar as questões científicas como objetivas e a questão do sentido e da ética como subjetivas, abrindo portas para o relativismo moral.

A solução, por isso, seria “se razão e fé voltarem a estar unidas numa forma nova; se superarmos a limitação autodecretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abrirmos de novo toda a sua amplitude”.<sup>48</sup>

No Discurso aos participantes da assembleia plenária da Pontifícia Academia de ciências, no dia 31 de outubro de 2008, acerca da evolução, ele reflete que algo evolui porque teve um início. “Para se desenvolver e evoluir, o mundo deve primeiro existir, e assim passar do nada ao ser. Por outras palavras, ele deve ser criado pelo primeiro Ser, que é tal pela sua própria essência”.<sup>49</sup>

Bento XVI relembra que, na fé cristã, se considera que o mundo foi criado em ordem e harmonia.<sup>50</sup>

Por fim, reafirma que a Igreja diferencia o ser humano do animal pela alma imortal. “Deste modo, o Magistério da Igreja tem afirmado constantemente que ‘cada alma espiritual é criada por Deus de modo imediato, e não ‘produzida’ pelos pais; e que é imortal’ (Catecismo da Igreja Católica, n. 366)”.<sup>51</sup>

### 3.4 Papa Francisco

No pontificado do Papa Francisco, logo no início, ele lançou a Encíclica *Lumen Fidei*, sobre a fé, iniciada por Bento XVI.

<sup>46</sup> BENTO XVI. *Viagem Apostólica de sua santidade Bento XVI a München, Altötting e Regensburg (9-14 de setembro de 2006)*: Encontro com os representantes das ciências.

<sup>47</sup> BENTO XVI. *Viagem Apostólica de sua santidade Bento XVI a München, Altötting e Regensburg (9-14 de setembro de 2006)*:

<sup>48</sup> BENTO XVI. *Viagem Apostólica de sua santidade Bento XVI a München, Altötting e Regensburg (9-14 de setembro de 2006)*: Encontro com os representantes das ciências.

<sup>49</sup> BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na Assembleia Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*.

<sup>50</sup> Cf. BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na Assembleia Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*.

<sup>51</sup> BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na Assembleia Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*.

Nos primeiros parágrafos ele fala que no início da modernidade a fé foi comparada à escuridão. Mas o Papa quer, por isso, afirmar o contrário, que a fé ilumina a existência. Uma fé que não prescinde da razão, mas atua juntamente com ela. Faz parte da tradição cristã. “O encontro da mensagem evangélica com o pensamento filosófico do mundo antigo constituiu uma passagem decisiva para o Evangelho chegar a todos os povos e favoreceu uma fecunda sinergia entre fé e razão” (*Lumen fidei* 32).

Falando que o objetivo da fé e da razão é chegar à verdade, salienta que é uma verdade amorosa e que não usa de violência para se impor. “Sendo a verdade de um amor, não é verdade que se impõe pela violência, não é verdade que esmaga o indivíduo” (*Lumen fidei* 34). Portanto, a fé ajuda a razão a ir mais longe. “Convidando a maravilhar-se diante do mistério da criação, a fé alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência” (*Lumen fidei* 34).

Na Encíclica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, de 24 de novembro de 2013, tem dois números dedicados ao diálogo entre fé e ciência: os números 242 e 243.

No n. 242, diz que a Igreja está disposta ao diálogo com a ciência, pois neste diálogo a Igreja e a ciência saem ganhando, ampliando suas compreensões, além de ser evangelização. “A evangelização está atenta aos progressos científicos para os iluminar com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência” (*Evangelii Gaudium* 242).

O n. 243 diz que a Igreja não é contra o progresso científico, pois é dom de Deus. Mas “em certas ocasiões, porém, alguns cientistas vão mais além do objecto formal da sua disciplina e exageram com afirmações ou conclusões que extravasam o campo da própria ciência” (*Evangelii Gaudium* 243). A isso, o Papa chama de ideologia.

Na Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum, de 24 de maio de 2015, em muitas passagens se encontra o diálogo da fé com a ciência. Mas o diálogo deixa de ser somente em vista de uma compreensão maior da realidade para tornar-se a proposta de um pacto para salvar o planeta. Esse diálogo começa com uma visão integral da ecologia. Para isso, “requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exactas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano” (*Laudato Si* 11).

O Papa reflete que, “depois dum tempo de confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está a entrar numa etapa de maior consciencialização” (*Laudato Si* 19). Quer dizer que a ciência não tem a última palavra e o progresso científico-tecnológico nem sempre é positivo.

Para encontrar novos caminhos para a humanidade e para a ecologia, “a Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões” (*Laudato Si* 61).

O Papa sabe das dificuldades que existe neste diálogo de fé e ciências.

Não ignoro que alguns, no campo da política e do pensamento, rejeitam decididamente a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante, chegando ao ponto de relegar para o reino do irracional a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do género humano; outras vezes, supõe-se que elas constituam uma subcultura, que se deve simplesmente tolerar. Todavia a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas (*Laudato Si* 62).

Neste diálogo, a Igreja aceita as afirmações da ciência como o processo evolutivo, mas guarda suas convicções acerca do ser humano como imagem de Deus. Portanto, “Embora suponha também processos evolutivos, o ser humano implica uma novidade que não se explica cabalmente pela evolução doutros sistemas abertos” (*Laudato Si* 81). A criação humana supõe uma ação direta de Deus. Tal afirmação já muito conhecida no magistério da Igreja desde a *Humani generis*.

O Papa também vê com otimismo muitas descobertas no campo da ciência e da tecnologia que trouxeram benefícios e bem estar para as pessoas. Pondera, contudo, que “o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência” (*Laudato Si* 105).

O documento constata que, na raiz do problema da tecnociência, está uma visão extrativista e dominadora sobre a natureza, para quem “o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à sua frente” (*Laudato Si* 106).

Junto a isso, a fragmentação da ciência e do saber impede de enxergar a totalidade e, por isso, não encontra respostas por estar com uma visão limitada sobre a complexidade dos problemas (Cf. *Laudato Si* 110).

Compreendendo o mundo na sua totalidade, com a ajuda de outras formas de saber, entre elas, a religião, é possível a ciência encontrar “a sensibilidade estética, a poesia e ainda a capacidade da razão perceber o sentido e a finalidade das coisas” (*Laudato Si* 199).

A *Laudato Si*, portanto, tem como proposta o diálogo. Diálogo da religião com a ciência, diálogo da ciência com outras ciências, e diálogo das religiões entre si, pois atualmente “a maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade” (*Laudato Si* 201).

## **Conclusão**

Com o presente artigo, pudemos constatar que a relação entre fé e ciências não é uma novidade nos pronunciamentos do Magistério. Por ter limitado o trabalho no pronunciamento da Igreja do Século XX até hoje, não houve preocupação em se estender acerca deste diálogo que certamente aconteceu desde o início do cristianismo, passando pela Idade Média, pelo iluminismo até chegar à contemporaneidade. O que foi citado é que desde o iluminismo, houve debates teológicos acerca das novas descobertas e como elas afetavam a doutrina e a fé.

O diálogo que se fez no século XX teve como alicerce o pronunciamento do Concílio Vaticano I, de que não há oposição entre fé e razão, pois ambas as capacidades humanas tem origem em Deus. Porém, a Igreja sempre foi cautelosa em aceitar uma nova descoberta científica pois não é do campo da teologia dizer se algo é uma mera teoria ou já é uma comprovação, após as mais diversas experiências de refutação. O Magistério da Igreja também considera que as descobertas científicas não podem extrapolar seu campo, entrando no âmbito da fé, e com isso se pronunciar sobre realidades transcendentais àquilo que o cientista pode observar.

Por isso, depois de ter perpassado mais de um século de diálogo entre a Igreja e o pensamento científico, percebemos que o Concílio Vaticano I deu o aval para fé e



razão pudessem dialogar, cuidando para não cair no concordismo, pois cada ciência tem seu campo próprio de pesquisa. É isso que se referirá o *Gaudium et spes*, no Concílio Vaticano II, quando fala da autonomia das realidades terrenas, e por isso, da autonomia da pesquisa científica.

Mesmo não querendo interferir no trabalho do cientista, a Igreja relembra que o ser humano deve ser respeitado e considerado mais do que um animal, pois entre o ser humano e o animal existe um ‘salto ontológico’, o momento em que Deus atuou diretamente e colocou nele uma alma. Sendo assim, ele também é capaz de agir conforme a vontade de Deus, e isso o faz um sujeito ético, para quem as pesquisas científicas não terão uma neutralidade, mas sempre estarão a favor ou contra a vida, seja da vida humana, mas também a vida no planeta.

O artigo, embora delimitado, abrange um período longo em que muito foi escrito no magistério Papal, e possivelmente um ou outro documento tenha passado sem ser analisado devidamente, ou mesmo um número que tenha sido desconsiderado por causa dos limites naturais da pesquisa e do pesquisador.

## Referências

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na Assembleia Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*. Roma, 2008. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20081031\\_academy-sciences.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081031_academy-sciences.html)> Acesso em 03 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Viagem Apostólica de sua santidade Bento XVI a München, Altötting e Regensburg (9-14 de setembro de 2006): Encontro com os representantes das ciências*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060912\\_university-regensburg.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html)>. Acesso em 16 de jul. de 2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Apostolicam Actuositatem*. Disponível em <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)> Acesso em 04 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et Spes*. n. 52. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)> Acesso em 03 de jun. de 2020.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comissão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*. Roma, 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html)> Acesso em 03 de jun. de 2020.

CRISTIANO, Henrique; MATOS, José. *Eu estarei sempre convosco*. São Paulo: Paulinas/Siquem, 2006. (Col. Livros básicos de Teologia – 13).

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016 (Col. Marco Conciliar).

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/358688168/Denzinger-pdf>> Acesso em 3 de jun. de 2020.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. Roma, 2013. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)> Acesso em 03 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Laudato Si: Sobre o cuidado da casa comum*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)> Acesso em 03 de jun. de 2015.

\_\_\_\_\_. *Lumen fidei: sobre a fé*. Roma, 2013. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html)> Acesso em 03 de jun. de 2020.

HACKMANN, Geraldo. L. B. A Igreja da Lumen gentium e a Igreja da Gaudium et spes. In. *Teocomunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 35, n. 150, dez. 2005, 657-676.

JOÃO PAULO II. *Discurso Do Papa João Paulo II à 'European Physical Society'*. Roma. 1979. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790331\\_europ-phys-soc.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf_jp-ii_spe_19790331_europ-phys-soc.html)>. Acesso em 27 de mai. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Discurso do Papa João Paulo II à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*. Roma, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791110\\_einstein.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html)>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Fides et ratio: entre a fé e a razão*. Roma, 1998. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)> Acesso em 31 de jun. de 2020.

JOÃO XXIII. *Humanae Salutis: para a convocação do Concílio Vaticano II*. Roma, 1961. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/john->

xxiii/pt/apost\_constitutions/1961/documents/hf\_j-xxiii\_apc\_19611225\_humanae-salutis.html> Acesso em 03 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Mater et magistra*: sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Roma, 1961. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)>. Acesso em 05 de jul. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Pacem in terris*: a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Roma, 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html)>. Acesso em 15 de jul. de 2020.

PAULO VI. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. Roma, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html)>. Acesso em 16 de jul. de 2020.

\_\_\_\_\_. PAULO VI. *Discurso aos participantes do Simpósio sobre o 'Mistério do Pecado Original'*. Roma, 1966. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1966.index.5.html>>. Acesso em 16 de jul. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II: aos homens de pensamento e de ciência*. Roma, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-intellectuali.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-intellectuali.html)>. Disponível em 16 de jul. de 2020.

\_\_\_\_\_. PAULO VI. *Visita de Paulo VI a uma fábrica química-farmacêutica importante*. Roma, 1966. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1966/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19660224\\_stabilimento-farmaceutico.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1966/documents/hf_p-vi_spe_19660224_stabilimento-farmaceutico.html)>. Acesso em 16 de jul. de 2020.

WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*. In. SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 50-140.

ZILLES, Urbano. *A Gaudium et spes e as ciências*. *Teocomunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 35, n. 150, dez. 2005, 698-710.



## 5. Igreja e comunicação: cem anos de reflexão e atuação e o desafio hodierno



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-5>

*Joel Sávio*

A Igreja existe para evangelizar e sua missão primordial consiste em comunicar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo. É intrínseco à Igreja a prática comunicativa. Não dá para pensar em evangelizar negligenciando o relevante papel da comunicação nesta missão. Sendo constituída por pessoas, o agir da Igreja se constrói a partir de relações. E relação é comunicação.

O objetivo desse ensaio é apresentar as reflexões promovidas pela Igreja Católica no período de um século, especialmente a partir das suas instâncias maiores: os Pontifícios Conselhos, os Papas e as Conferências Episcopais. O ensaio é concluído com uma provocação, matéria de um futuro estudo.

Partimos do conceito de comunicação como um processo que permite às pessoas colocarem-se em relação com sua realidade e, a partir dela, dialogarem com o mundo que as cerca por meio de linguagens que se aperfeiçoam a cada dia. Essas relações mediadas pela comunicação permeiam todo o tecido social em suas interações na família, no trabalho, no lazer, na comunidade, na escola, na sociedade, na Igreja, permitindo ao ser humano sua afirmação como pessoa ativa em uma sociedade em mudança<sup>1</sup>.

Mesmo sendo a comunicação um elemento constituinte da sua ação pastoral, a Igreja demorou até admitir a inegável colaboração que os Meios de Comunicação Social poderiam incidirem em sua prática. A relação amigável entre Igreja e sociedade civil, referente ao uso dos Meios de Comunicação Social, nem sempre foi tranquila. De adversários e concorrentes, a Igreja passou a vê-los como parceiros. Respeitando os limites e assinalando os critérios do seu uso, os meios de comunicação são, hoje, indispensáveis na prática cotidiana da ação evangelizadora.

---

<sup>1</sup> CNBB, *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, p. 181.

## 1.1 A comunicação no âmbito da vida eclesial

A preocupação com uma comunicação de qualidade não é algo recente na Igreja. Desde sua origem, sempre se utilizou dos meios disponíveis para propagar sua doutrina, sua teologia e sua tradição. Além de produtora, foi também fonte de avaliação e reflexão sobre o uso, aplicação e direitos referentes à comunicação. Muitos são os documentos, decretos, cartas pastorais e tratados que manifestam o conceito aplicado pela Igreja sobre este fim. Como base de análise, ficaremos com os mais recentes.

Entendendo a comunicação como um processo de construção simbólica que possibilita a interação pessoal e a organização social, a Igreja, em 1948, instituiu a Pontifícia Comissão de Consulta e Revisão Eclesiástica de filmes, dicastério ligado à Cúria Romana que tinha por finalidade acompanhar a produção cinematográfica católica, primando pela sua didática e veracidade. Teve como primeiro presidente o Monsenhor Martin John O'Connor, que presidiu esta comissão até 1971. Tinha também a função de arquivar produções de cinema. Hoje, possui um importante acervo cinematográfico, desde o período da Segunda Guerra Mundial.

Com o passar do tempo, este Pontifício Conselho foi recebendo novas atribuições, acompanhando não apenas as produções de cinema, mas tudo aquilo que se referia à comunicação social. A Igreja já possuía veículos próprios de comunicação. Era necessário unificá-los em uma única secretaria, caminho que não demorou muito para ser percorrido, incluindo seu mais novo desfecho<sup>2</sup>.

Em 04 de dezembro de 1963, Paulo VI assinou o Decreto Conciliar *Inter Mirifica*, documento que assinalou, pela primeira vez, a preocupação da Igreja sobre a comunicação. Esse Decreto “assegura a obrigação e o direito de ela utilizar os instrumentos de comunicação social. Além disso, o *Inter Mirifica* também apresenta

---

<sup>2</sup> No dia 27 de junho de 2015, no seu terceiro ano de pontificado, o Papa Francisco protocolou, através de um “*Motu Proprio*”, a instituição da Secretaria para a Comunicação. O Papa decretou que todas as realidades que, de vários modos, até hoje se ocuparam da comunicação, sejam reunidas num novo Dicastério da Cúria Romana. Desta forma, o sistema comunicativo da Santa Sé responderá cada vez melhor às exigências da missão da Igreja. Para esta secretaria confluíram os seguintes Organismos: Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais; Sala de Imprensa da Santa Sé; Serviço de Internet do Vaticano; Rádio Vaticano; Centro Televisivo do Vaticano; L'Osservatore Romano; Tipografia do Vaticano; Serviço Fotográfico; Libreria Editrice Vaticana. Assumiu também o site da web institucional da Santa Sé: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) e o serviço de *Twitter* do Sumo Pontífice: @pontifex.

a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social”<sup>3</sup>.

De acordo com Puntel, o documento refere-se aos instrumentos de comunicação, tais como imprensa, cinema, rádio, televisão e outros meios semelhantes, que também podem ser propriamente classificados como Meios de Comunicação Social<sup>4</sup>. Ao enumerar esses meios, no entanto, o decreto refere-se ao que fora comumente classificado como Meio de Comunicação de Massa até aquela data. Nenhuma atenção é dada, no documento, às forças que articulam os meios de comunicação, por exemplo, anúncios, *marketing*, relações públicas e propaganda<sup>5</sup>.

Logo no primeiro capítulo, o documento apresenta a relação entre a Igreja e os Meios de Comunicação Social, lembrando que ela própria considera como “dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos Meios de Comunicação Social, e ensina aos homens a usar retamente estes meios”<sup>6</sup>. Pode-se considerar que a maior contribuição do *Inter Mirifica* foi assegurar o direito de informação, intrínseco à sociedade humana. No entanto, “o uso reto deste direito exige que a informação seja sempre objetivamente verdadeira e, salvas a justiça e a caridade, íntegra”<sup>7</sup>.

O documento lembra a relação entre a arte e a moral, proclamando a primazia da ordem moral objetiva que deve ser aceita por todos, confirmando que “só a ordem moral atinge, em toda sua natureza, o homem, criatura racional de Deus e chamado ao sobrenatural”<sup>8</sup>.

Fator relevante do *Inter Mirifica* é a reflexão sobre o uso dos meios de comunicação, ressaltando o cuidado disciplinado e moderado que os destinatários precisam ter neste campo e reforça a responsabilidade dos realizadores e autores na difusão das comunicações. Recorda também os deveres das autoridades civis na competência de “defender e tutelar a verdadeira e justa liberdade de que a sociedade moderna necessita inteiramente para seu proveito, sobretudo no que se refere à imprensa”<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup> PUNTEL, Joana, in *Inter Mirifica, a comunicação pela primeira vez num Concílio*. <http://www.paulinas.org.br>. Acesso em 15 de maio de 2020.

<sup>4</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Decreto Inter Mirifica*, n. 1.

<sup>5</sup> PUNTEL, Joana, in *Inter Mirifica, a comunicação pela primeira vez num Concílio*. <http://www.paulinas.org.br>. Acesso em 15 de maio de 2020.

<sup>6</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Decreto Inter Mirifica*, n.3.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 05.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 06.

<sup>9</sup> *Ibid.*, 12.

O segundo capítulo do Decreto apresenta uma reflexão mais pastoral com relação aos Meios de Comunicação Social. De acordo com Puntel, nesta parte pastoral do decreto, tanto o clero quanto o laicato foram convidados a empregar os instrumentos de comunicação no trabalho pastoral. Enumeram-se, então, diretrizes gerais, referentes à educação católica, à imprensa católica e à criação de secretariados diocesanos, nacionais e internacionais, de comunicação social ligados à Igreja (IM 19-21)<sup>10</sup>.

Além das atribuições referidas aos organismos da Santa Sé, das obrigações dos bispos, dos organismos nacionais e associações internacionais, o Decreto aponta para a instituição do Dia Mundial das Comunicações Sociais, ato que deve ser celebrado em cada ano em todas as dioceses do mundo, para que neste dia os fiéis sejam instruídos a respeito das suas obrigações enquanto seres comunicantes, convidando-os a orar por esta causa e a dar uma esmola para este fim<sup>11</sup>.

A partir de 1966, primeiro ano após o término do Concílio, todos os anos os Sumos Pontífices enviam sua mensagem por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais. No intento de ser um instrumento de apoio e estímulo para as Igrejas Particulares, a mensagem do Papa é uma relevante ferramenta de reflexão, ratificando a posição da Igreja enquanto Mãe e Mestra e impulsionando o diálogo desta com os mais variados veículos de comunicação.

### **1.2 Os Papas e a relação com os meios de comunicação, a partir de Leão XIII**

Muitas foram as oportunidades em que os principais líderes da Igreja se manifestaram com relação a necessidade da comunicação enquanto processo evangelizador e a utilização dos meios de comunicação como ferramenta para esta atividade. Ficaremos com os escritos dos Papas dos últimos séculos, XX e XXI, mais próximos da realidade hodierna.

De acordo com Quintero Gomez (2008), a Igreja foi se abrindo ao maravilhoso mundo das comunicações pelo caminho das cartas pastorais e do reconhecimento

---

<sup>10</sup> PUNTEL, Joana, in *Inter Mirifica, a comunicação pela primeira vez num Concílio*. <http://www.paulinas.org.br>. Acesso em 15 de maio de 2020.

<sup>11</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Decreto Inter Mirifica*, n. 18.



destas “maravilhosas invenções” (IM 1)<sup>12</sup>. Leão XIII (1878-1903), por exemplo, afirma a necessidade de uma imprensa católica, fato até então ignorado. Pio XI (1922-1939) reconhece que o triunfo da imprensa é um fato irreversível, e, em 1931, funda a Rádio Vaticana e publica a encíclica *Vigilante Cura*, sobre o cinema e, em 1936, inaugura a primeira exposição mundial da imprensa católica.

Com o pontificado de Pio XII (1939-1958), aparece já uma solicitude mais pastoral a este respeito. Os meios de comunicação são recomendados como meios necessários para o cumprimento da missão da Igreja. Sobre o cinema, o rádio e a televisão, o Papa, em sua encíclica *Miranda Prorsus*, de 08 de julho de 1957, além de reconhecer a influência dos meios de comunicação no modo de pensar e falar dos indivíduos e da comunidade, valorizou os meios como instrumentos eficazes a serviço da humanidade e da Igreja e deu boas-vindas aos meios de comunicação e forneceu um programa para uma pastoral dos Meios de Comunicação Social.

A partir do Decreto Conciliar *Inter Mirifica* (1963), a Igreja se abre para a possibilidade de uma reflexão mais profunda sobre a pastoral da comunicação, que será matéria de reflexão em anos posteriores. Foi a primeira vez que a Igreja declara a obrigação e o direito de utilizar os Meios de Comunicação de Massa para fins evangelizadores.

O Papa Paulo VI (1963-1978) inaugurou a Jornada Mundial das Comunicações Sociais, celebrada pela primeira vez em 7 de maio de 1967. A partir de 1966, mensagens são dirigidas aos comunicadores sociais, aos responsáveis pelos periódicos, diretores dos meios, para comprometê-los como atores públicos no exercício de suas atividades, enviadas em virtude do Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado anualmente no sétimo domingo da Páscoa, solenidade da Ascensão do Senhor.

Mais recentemente, o Papa João Paulo II (1978-2005), chamado o *Papa comunicador*, advertiu sobre o uso dos meios de comunicação para o processo evangelizador e suas mensagens e encíclicas fizeram referência permanente aos meios e à comunicação, como caminho para a comunhão. Destaca-se a instrução pastoral *Aetatis Novae* (1992) que, depois de 21 anos sem documentos sobre o tema comunicação, trouxe à tona a reflexão sobre a inclusão da mensagem evangélica dentro dos novos meios e modos de comunicação. Outros documentos são considerados relevantes perante a reflexão sobre a comunicação, embora não sejam específicos nesta

---

<sup>12</sup> QUINTERO GOMÉZ, Carlos Arturo. *A comunicação*, p.11-17.

área. Cita-se a carta encíclica *Redemptoris Missio* (1990) e o documento *Igreja e Internet* (2002).

De sua parte, o Papa Bento XVI (2005-2013), consciente dos avanços tecnológicos, adverte que “os Meios de Comunicação Social, em seu conjunto, não somente são meios para a difusão de ideias, mas também podem e devem ser instrumentos a serviço de um mundo mais justo e solidário”<sup>13</sup>. Bento XVI não escreveu encíclica ou documento específico sobre o tema, mas seus escritos manifestam a atenção que a Igreja precisa ter para com a comunicação.

Seguindo os passos de seus antecessores, Francisco (2013) reconhece que vivemos em um mundo que está se tornando cada vez menor devido ao progresso dos transportes e das tecnologias, interligando-nos sempre mais, ajudados pelo uso dos *mass media*. Todavia, lembra que, apesar destes facilitadores, a humanidade nunca esteve tão dividida. Assinala que “uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e aprender uns dos outros”<sup>14</sup>. Francisco insiste na relevância da comunicação interpessoal, sem esquecer o bom trato com os instrumentos de comunicação.

### 1.3 A comunicação na América Latina

No fértil solo pastoral da América Latina, berço de importante reflexão teológica, inúmeras são as referências quanto à utilização e à prática da comunicação enquanto elemento constituinte da *práxis* evangelizadora. Merecem relevo as reflexões presentes nos documentos resultantes das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, base documental que marcou a Igreja na América Latina, dando-lhe um rosto próprio.

A primeira destas Conferências realizou-se no Rio de Janeiro (Brasil), de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. Em um período de esparsos Meios de Comunicação Social, onde a preocupação primeira era a defesa da fé, com fraca ou ausente relação com o mundo externo, a Igreja já manifestava sua preocupação em acompanhar o

---

<sup>13</sup> Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para a XLII Jornada Mundial das Comunicações Sociais, “os meios: na encruzilhada entre protagonismo e serviço, buscar a verdade para compartilhá-la”, 4 de maio de 2008.

<sup>14</sup> Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais, “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”, 1 de junho de 2014.

desenvolvimento dos meios específicos e buscava criar uma linha de diálogo com os já existentes. Do documento conclusivo, merecem destaque as orientações com relação à utilização dos Meios de Comunicação Social para a evangelização: 1) faz-se voto de que em cada país organize-se ao menos um jornal católico nacional e que se tornem os materiais já produzidos pela imprensa católica mais atraentes, com boa informação, sem perder de vista os critérios essenciais do catolicismo; 2) exorta que em cada Diocese um sacerdote trabalhe com especial dedicação na imprensa católica; 3) aconselha que nos seminários e colégios e, ainda, sendo possível, nas paróquias, não faltem as revistas católicas mais formativas e apropriadas. Por fim, a Conferência recomenda o fervoroso “estudo e a fiel observância dos luminosos ensinamentos pontifícios relativos ao cinema, ao rádio e à televisão”<sup>15</sup>.

Treze anos depois, em Medellín (Colômbia), o episcopado já respirando os ares do Concílio Vaticano II, promoveu uma releitura dos documentos e definições conciliares para a América Latina e o Caribe. A característica de Medellín é assinalada pela situação de um mundo subumano, marcado pela desigualdade social e as divisões produzidas pelo desenvolvimento. E, segundo os bispos, a reta utilização dos meios modernos de comunicação pode colaborar com o fim destas distâncias sociais. Reconhecem que “os Meios de Comunicação Social abrangem a pessoa na sua totalidade, plasmam o homem e a sociedade e tomam cada vez mais seu tempo livre”<sup>16</sup>. Já há uma nova interpretação sobre a utilização e desenvolvimento dos MCS na transmissão da mensagem cristã “até os confins da terra” e, diferente do Rio de Janeiro, Medellín atribui aos leigos a responsabilidade de produzir e propagar a fé através dos meios de comunicação.

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de Los Angeles (México), de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Situa-se numa linha de continuidade de Medellín. Quanto à prática comunicativa e a presença dos MCS na sociedade, reconhece que, salvo raras exceções, ainda não existia na Igreja da América Latina uma verdadeira preocupação por formar o Povo de Deus na comunicação social, capacitá-lo para assumir atitude crítica frente ao bombardeio dos *mass media* e para opor-se ao impacto de suas mensagens alienantes, ideológicas,

---

<sup>15</sup> CELAM, *Declaração dos Cardeais, Arcebispos, Bispos e demais preladados representantes da hierarquia da América Latina reunidos na Conferência Episcopal do Rio de Janeiro*, 68.

<sup>16</sup> CELAM, *Documento de Medellín*, 16.1.

culturais e publicitárias<sup>17</sup>. Insistem, os bispos, que os sacerdotes, religiosos, religiosas, agentes de pastoral sejam devidamente preparados para dialogarem com os MCS, pedem que sejam introduzidos na liturgia os recursos de som e imagem, motivam a criação de canais próprios de informação de notícias e estimulam o uso dos meios de comunicação de grupo (MCG) que, “além de serem menos custosos e de mais fácil utilização, oferecem a possibilidade de diálogo e são mais aptos para a evangelização de pessoa para pessoa que suscite adesão e compromissos verdadeiramente pessoais”<sup>18</sup>.

Segundo os mesmos princípios, a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Santo Domingo (República Dominicana), em 1992, reforça a preocupação da Igreja no que se refere à promoção da pessoa humana e denuncia tudo aquilo que exclui inúmeros homens e mulheres da sociedade. Percebe-se uma mudança de interpretação quanto à utilização dos MCS para a promoção da evangelização. O enfoque principal deve estar sempre na pessoa, confirmando que cada indivíduo e cada grupo humano desenvolve sua identidade no encontro com os outros (alteridade). Esta comunicação é caminho necessário para chegar à comunhão (comunidade). Ainda há preocupação em denunciar a agressiva polarização dos MCS pertencentes a grupos econômicos e políticos, com uma crítica particular à publicidade e à programação televisiva que “sobejam a violência e a pornografia que penetram agressivamente no seio das famílias”<sup>19</sup>. O ponto de virada se identifica na utilização da informática, espaço novo de propagação da mensagem de Cristo Jesus e recurso indispensável para otimizar a prática evangelizadora.

Sob a luz do novo milênio, Aparecida (Brasil) recebeu a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em 2007. Mergulhada em uma atmosfera marcadamente modificada, a Igreja reafirma sua missão de comunicar a Boa Notícia a todos os povos e manifesta seu propósito de imitar a dinâmica do peregrino de Nazaré, Jesus Cristo, comunicador por natureza e exímio propagandista do amor de Deus.

Segundo Gómez, o documento da Conferência de Aparecida, desde o começo até o final, deixa entrever a importância da transversalidade da comunicação, como

---

<sup>17</sup> CELAM, *Documento de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, 1077.

<sup>18</sup> *Ibid.*, 1090.

<sup>19</sup> CELAM, *Documento de Santo Domingo, Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, 280.

algo essencial à vida da Igreja. E completa, dizendo que a comunicação é uma das chaves de interpretação de Aparecida<sup>20</sup>.

O Documento de Aparecida (Dap) acena para uma autêntica pastoral da comunicação. Não basta conhecer e utilizar os instrumentos de comunicação, faz-se necessário otimizá-los como eficazes púlpitos onde, por meio deles, pode-se falar às multidões, tocando o coração de cada indivíduo, tanto dos receptores como dos transmissores da notícia.

A preocupação com a comunicação é tão destacada que os bispos, ao final do encontro, comprometeram-se em acompanhar os comunicadores, especialmente relacionados ao uso dos novos meios de comunicação digital. Vale trazer na íntegra estes compromissos:

- a) *Conhecer e valorizar a nova cultura da comunicação.*
- b) *Promover a formação profissional na cultura da comunicação de todos os agentes e cristãos.*
- c) *Formar comunicadores profissionais competentes e comprometidos com os valores humanos e cristãos na transformação evangélica da sociedade, com particular atenção aos proprietários, diretores, programadores, jornalistas e locutores.*
- d) *Apoiar e otimizar, por parte da Igreja, a criação de Meios de Comunicação Social próprios, tanto nos setores televisivos e de rádio, como nos sites de internet e nos meios impressos.*
- e) *Estar presente nos meios de comunicação de massa: imprensa, rádio e TV, cinema digital, sites de internet, fóruns e tantos outros sistemas para introduzir neles o mistério de Cristo.*
- f) *Educar na formação crítica quanto ao uso dos meios de comunicação a partir da primeira idade.*
- g) *Animar as iniciativas existentes ou a serem criadas neste campo, com espírito de comunhão.*
- h) *Suscitar leis para promover nova cultura que proteja as crianças, os jovens e as pessoas mais vulneráveis, para que a comunicação não transgrida os valores e, ao contrário, criem critérios de discernimento.*
- i) *Desenvolver uma política de comunicação capaz de ajudar tanto as pastorais da comunicação como os meios de comunicação de inspiração católica a encontrar seu lugar na missão evangelizadora da Igreja.*<sup>21</sup>

Merece destaque a inclusão da reflexão sobre o uso da *internet* que, segundo os bispos, “pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se usada com competência e clara consciência de suas forças e fraquezas”<sup>22</sup>. Porém, concluem, os

---

<sup>20</sup> Carlos Arturo QUINTERO GOMÉZ, *A Comunicação*, p. 20.

<sup>21</sup> CELAM, *Documento de Aparecida*, 486.

<sup>22</sup> *Ibid.*, 488.

meios de comunicação, em geral, não substituem as relações pessoais nem a vida comunitária. A identidade da evangelização deve ser preservada.

#### 1.4 Dos pronunciamentos oficiais ao Diretório Nacional

Fazendo ressonância aos documentos e decretos emitidos pela Santa Sé a partir da Secretaria de Comunicação e em unidade com as disposições oferecidas pelas Conferências Gerais da América Latina e do Caribe, a Igreja no Brasil tem oferecido relevante reflexão diante da influência dos meios de comunicação sobre a sociedade moderna e orienta o seu uso para a evangelização.

A partir da Comissão Episcopal para a Comunicação, órgão ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, o tema da comunicação tem aparecido com frequência em documentos e em declarações, sempre com enfoque na correta utilização dos meios de comunicação modernos para fins evangelizadores. O passo mais recente foi a aprovação do Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil durante a 52<sup>a</sup> Assembleia Geral da entidade ocorrida em 2014<sup>23</sup>.

O Diretório de Comunicação tem por objetivo motivar a Igreja no Brasil a utilizar e aprofundar os conhecimentos e referências, tanto de seus pastores quanto de seus fiéis, sobre a natureza e a importância da comunicação para a vida da sociedade eclesial, nos processos de evangelização e no diálogo com a sociedade, tendo presente as mudanças que o mundo vem passando, entre as quais encontra-se o avanço acelerado das tecnologias<sup>24</sup>.

O documento destina-se, segundo ele mesmo aponta, “aos responsáveis pela formulação e pela condução das práticas de comunicação nos diferentes âmbitos da vida eclesial e nas relações da Igreja com a sociedade”<sup>25</sup>. Ou seja, o texto não se destina apenas aos membros da Pastoral da Comunicação e para a formação de sacerdotes, religiosos e leigos, mas “disponibiliza referenciais comunicacionais, sociológicos, éticos, políticos, teológicos e pastorais, destinados à reflexão das lideranças da

---

<sup>23</sup> Este é um marco histórico, haja vista que até aquele momento somente a Conferência Episcopal da Itália tinha seu próprio diretório de comunicação aprovado e em vigência, sendo o Brasil o segundo país no mundo a elaborar seu próprio diretório.

<sup>24</sup> Cf. CNBB, *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, 3.

<sup>25</sup> *Ibid.*, 4.

comunidade eclesial e civil, na promoção de uma gestão da comunicação compatível com as necessidades das comunidades e de sua missão evangelizadora”<sup>26</sup>.

O Diretório apresenta uma dupla finalidade. Em primeiro plano, oferece uma reflexão sobre como os processos de comunicação e suas tecnologias se fazem presentes no dia a dia das pessoas, em uma visão mais orgânica. Também não deixa de fazer uma análise *ad intra*, lançando um olhar sobre a Igreja, uma instituição que busca incansavelmente sua originalidade missionária e que se utiliza destas mesmas tecnologias para atingir seus objetivos.

Do primeiro ao nono capítulo, o Diretório esforça-se em apresentar os fundamentos de uma comunicação eclesial voltada ao bem comum, assimilando seu papel construtivo, baseado em elementos como a teologia, a ética, a vivência da fé, a espiritualidade, a política e os principais agentes comunicadores. Já no décimo capítulo, o Diretório aponta as bases da ação de uma autêntica Pastoral da Comunicação, serviço voltado não apenas para a divulgação de eventos religiosos, mas imbuído de tarefas que vão além das paredes da Igreja, aproximando esta dos outros geradores de conteúdo, refletindo e impulsionando as equipes da Pastoral da Comunicação (PASCOM) a produzirem subsídios na área da comunicação e motivando os mesmos a uma autêntica espiritualidade dos comunicadores.

Outro instrumento importante para a história atual da Igreja no Brasil é o documento *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*. Aprovado pelos bispos no mesmo ano do Diretório, o documento busca iluminar o Ser-Igreja, trazendo, em todo o seu conteúdo, uma acurada análise sociológica, uma avaliação da atuação da Igreja, assim como aponta, apoiado pelos dados históricos, a evolução da dinâmica paroquial e relaciona as funcionalidades com os sujeitos envolvidos, artistas na cena evangelizadora.

Percorrendo todo o texto, percebe-se que a comunicação é uma temática fluente, especialmente quando se verifica sua influência sobre o modo de vida das pessoas e sua capacidade de modificar a opinião pública e as práticas religiosas. No sexto capítulo, destinado a apresentar as proposições pastorais para uma renovação paroquial, o tema comunicação é um dos fatores de mudança. Segundo o documento, “o ser humano atual é informado e conectado, acessa dados e vive entre os espaços

---

<sup>26</sup> Ibid., 5.

virtuais. A ausência da paróquia nesses meios é inconcebível”<sup>27</sup>. Lembra que é importantíssimo rever o modo como se desenvolve a comunicação interna, pois precisa ser mais “direta e objetiva”<sup>28</sup> e orienta para que os veículos existentes, especialmente aqueles de inspiração católica, colaborem em uma pastoral de conjunto, respeitando a pluralidade de opções, mas que garanta “a comunhão efetiva na missão de renovar as paróquias”<sup>29</sup>.

### **1.5 Uma breve conclusão**

Por tudo o que vimos nas linhas acima expostas, é inegável a necessidade de inserção da Igreja na esfera da comunicação social, utilizando-se das ferramentas disponíveis para atualizar a mensagem cristã e favorecer um maduro debate entre os agentes comunicadores e seus receptores. É imprudente negar essa realidade, ainda mais quando o desafio apresenta-se cada vez maior. A transformação social proporcionada pela cibercultura exige da Igreja uma resposta mais clara e eficaz. O ciberespaço concentra um inumerável conjunto de relações de troca, de diálogo, de compra e venda, de construção de conhecimento e de manifestações, e a Igreja não pode (e nem deve) afastar-se deste “novo mundo”.

A provocação, como acima foi dito, consiste exatamente nesta realidade: a Igreja Católica está preparada para conviver e interagir num mundo cada vez mais digitalizado? Sua prática pastoral evangelizadora acompanha a imediatez da era digital? Estaria, a Igreja, preparada e disposta a dialogar com o mundo virtual? Teria ela uma proposta de anúncio evangélico para esta esfera cada vez mais artificial? Como a Igreja poderá proclamar a mensagem cristã a seus filhos cada vez mais conectados e integrados na aldeia global?

A lista de questionamentos poderia ser ainda maior, mas ficamos por aqui com este acendimento inicial. Uma coisa já foi dita e propagada pela atual cultura cibernética: aqueles que desejam acompanhar os passos desta nova ordem mundial precisam ser rápidos e atrevidos. Estamos prontos para esta jornada?

---

<sup>27</sup> CNBB, *Documento Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, 312.

<sup>28</sup> *Ibid.*, 314.

<sup>29</sup> *Ibid.*, 316.



## Referências

CELAM. *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. In. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Documento de Aparecida, 2007*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo/Brasília: Paulus, Paulinas, CNBB, 2007.

CNBB. *A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil*, n. 101. Brasília: Ed. CNBB, 2011.

\_\_\_\_\_. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Decreto Inter Mirifica*. In Compêndio do Vaticano II. 22<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

QUINTERO GOMÉZ, Carlos Arturo. *A comunicação*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

PUNTEL, Joana, in: *Inter Mirifica, a comunicação pela primeira vez num Concílio*. [http:// www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br). Acesso em: 15 de maio de 2020.



## 6. O fenômeno religioso das aparições marianas: relatos das aparições de Nossa Senhora da Assunção em Taquari



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-6>

*Érick Lopes Vicari*

*As gerações hão de chamar-me de bendita,  
pois maravilhas fez em mim o Poderoso.*  
(LITURGIA DAS HORAS. Antífona. Cântico evangélico.  
I Vésperas. Solenidade da Assunção de Nossa Senhora).

### Introdução

Os relatos de aparições e revelações particulares têm se tornado cada vez mais recorrentes na experiência cristã, particularmente aqueles atribuídos a visões da Virgem Maria. Em diversos países se tem conhecimento e narrativas desses fenômenos, atraindo a atenção, de modo particular, da Igreja, das mídias sociais e de inúmeras outras pessoas. A exemplo disso, podemos citar os santuários marianos que atraem anualmente milhões de fiéis em romarias, peregrinações e promessas. No Brasil, os relatos de aparições marianas começam a se intensificar a partir dos anos 1960; entres os mais conhecidos está o da aparição de Nossa Senhora da Assunção em Taquari – RS, no ano 1988, a um grupo de crianças.

O tema das aparições carrega diferentes dificuldades de ordem epistemológica, psicológica, teológica, pastoral, espiritual e, ultimamente, antropológica; por isso merece uma pontual observação. Trata-se de um assunto ao mesmo tempo complexo e polêmico. Os relatos são tão conhecidos que, as aparições da Virgem Maria já fazem parte da experiência religiosa cotidiana dos fiéis católicos, mesmo não sendo exigida por fé divina, isto é, não pertencente à revelação divina, ou como sugere o poeta Dante Alighieri: “tendes o velho e o novo Testamento, mais o pastor da Igreja que vos guia: e que isso baste a vosso salvamento”.<sup>1</sup>

Diante do imenso registro de relatos, ainda são poucos os trabalhos acadêmicos elaborados sobre o tema, principalmente de viés teológico. Nesta área, se destacam os teólogos Clodovis Boff e Afonso Murad. Em contrapartida, tem aumentado o interesse

---

<sup>1</sup> ALIGHIERI, D. *A divina comédia*: paraíso, n 76-78.

de outras áreas do conhecimento, como a antropologia cultural, destacando-se o pesquisador Carlos Alberto Steil.

O interesse particular pelos fenômenos das aparições da Virgem Maria em Taquari se iniciou a partir do projeto de iniciação científica, justificado na intensidade da devoção e popularização dos relatos para a região em questão; também, confrontado com a carência de referências teológicas a respeito. Comparado aos relatos mais divulgados, trata-se de um fenômeno bem recente; os frutos espirituais, que são critérios para aprovação eclesiástica de uma aparição, ainda estão em fase inicial de amadurecimento e, pelo fato de os videntes estarem vivos, muitos documentos são protegidos sob o aspecto confidencial. Então, nosso objetivo específico será elaborar uma reflexão que responda à questão: “qual o significado das aparições de Nossa Senhora da Assunção para a vida cristã dos devotos?”. Para isso, será usado o método de pesquisa bibliográfica para encontrar referencial teórico sobre o tema das aparições e, também, a descrição narrativa dos acontecimentos com base no testemunho dos videntes através de duas origens: os manuais de divulgação local e as conversas realizadas a partir de um roteiro de perguntas – ao todo quatro conversas, dentre as quais apenas uma pessoa do grupo das crianças videntes.

O objetivo deste trabalho não deve ser confundido; não objetiva dizer a validade das aparições, concluir se a Virgem Maria apareceu realmente em Taquari ou não. O ponto de partida está na natureza das aparições, tratadas como fenômenos religiosos porque se referem à esfera do sagrado. Então, desde o início, as aparições são fenômenos religiosos. A questão da autenticidade de uma aparição tem a ver com sua origem: ou extraordinária, porque divina, ou simplesmente sugestionada, porque originada nas disposições humanas.

Para responder à problemática da pesquisa, o texto seguirá uma estrutura de três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado o contexto amplo das aparições marianas, procurando evidenciar a origem, a relevância teológica, os problemas relacionados e a posição do magistério da Igreja. No segundo capítulo, será necessário aprofundar a piedade popular mariana e a relação com as aparições marianas em geral, elencando três grandes mariofanias: Guadalupe, Lourdes e Fátima. No terceiro capítulo, o esforço segue em direção aos relatos das aparições em Taquari, descrevendo as experiências dos videntes e de outros devotos, as mensagens reveladas e os principais elementos simbólicos: romarias, santuário e local das aparições.

## As aparições como revelações particulares

Na Sagrada Escritura, os relatos de aparições estão presentes desde Abraão (cf. *Gn* 18), no Antigo Testamento, até Estevão (cf. *At* 7,54-60), no Novo. Teofanias, aparições de anjos e outras manifestações sobrenaturais<sup>2</sup> são relatadas pelos patriarcas, profetas e, mais tarde, pelos discípulos de Jesus.<sup>3</sup> A vida de Jesus Cristo também é ocupada com fenômenos semelhantes: anúncio do anjo a Maria (cf. *Lc* 1,26-38); sonho de José (cf. *Mt* 1,19-23); batismo (cf. *Mt* 3,16-17); tentação no deserto (cf. *Mt* 4,1-11).

Ao longo da história da Igreja, aparições continuam a ocorrer sob múltiplas facetas. Nas aparições marianas, os relatos mais antigos são recolhidos já no século III e na Idade Média: Gregório Taumaturgo,<sup>4</sup> Teófilo,<sup>5</sup> Maria Egípcia<sup>6</sup> e João Damasceno.<sup>7</sup> Não é eventual a perplexidade e incerteza diante dos relatos que são difundidos. Não obstante, torna-se difícil discernir a origem desses fenômenos: experiência extranatural ou simbolização ulterior. As aparições de Maria estão carregadas de simbologia e importância, transformando a realidade local e fazendo germinar novas disposições culturais ou religiosas, como acontece na América Latina, com as aparições de Guadalupe, no México, em 1531. Ao longo do século XIX acontece uma sucessão de aparições, sendo visível nos anos seguintes até os nossos dias, tais

<sup>2</sup> As línguas de fogo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes (cf. *At* 2,2-5) podem ser consideradas um exemplo de manifestações sobrenaturais, também chamadas de epifenômenos.

<sup>3</sup> O tema das aparições não é novo, cf. LATOURELLE, R. Aparições. In: LATOURELLE, R; FISCELLA, R (Org.). *Dicionário de teologia fundamental*, p. 71. Sendo um assunto recorrente à Teologia Fundamenta, é preciso distinguir as aparições das teofanias. De um modo geral, as teofanias podem ser interpretadas como um modo de articulação das aparições bíblicas, sobretudo do Antigo Testamento. Assim, as teofanias pertencem a um gênero literário caracterizadas como manifestação divina a um sujeito humano, que, por sua vez, tem a finalidade de atuar como mediador entre Deus e o povo escolhido.

<sup>4</sup> Gregório Taumaturgo morreu aproximadamente no ano 270. Por cerca de 5 anos foi discípulo de Orígenes, na Escola de Cesareia da Palestina. “Para ele, a tradição atribuía erroneamente numerosas homilias marianas pseudo-epigráficas. Gregório de Nissa escreveu sua biografia, da qual parece que o Taumaturgo foi o protagonista da primeira aparição mariana da qual temos notícias na história da Igreja”; (GAMBERO, L. *Maria nel pensiero dei padri della Chiesa*, p. 96, tradução nossa: “a lui la tradizione attribuì a torto numerose omelie mariane pseudo-epigrafiche. Gregorio di Nissa ne scrisse la biografia, dalla quale risulta che il Taumaturgo fu protagonista della prima apparizione mariana di cui abbiamo notizia nella storia della Chiesa”). No Anexo A, o leitor pode conferir o relato escrito sobre a possível primeira aparição mariana na história da Igreja.

<sup>5</sup> Cf. LAURENTIN, R. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 117.

<sup>6</sup> Cf. *Ibid.*, p. 117.

<sup>7</sup> Cf. *Ibid.*, p. 117.

como: Catarina Labouré,<sup>8</sup> Salette,<sup>9</sup> Lourdes<sup>10</sup> e Pontmain,<sup>11</sup> na França, Fátima,<sup>12</sup> em Portugal, Beauraing<sup>13</sup> e Banneaux,<sup>14</sup> na Bélgica.

Todavia, outros vários relatos de aparições no seio da Igreja não foram reconhecidos, por vezes relatos julgados de modo hostil.<sup>15</sup> Em certos casos, além de juízo desfavorável, os fenômenos foram mal recebidos, reprimidos e sufocados, olvidando uma correta orientação pastoral e cristã, como evidencia Laurentin: “amiúde irreprimíveis no que se refere aos videntes, essas aparições, não aceitas nem orientadas, mas sufocadas, acabaram se desvalorizando [...]. Podemos nos perguntar se uma pastoral bem preparada não as teria podido dirigir no sentido justo e recuperar esses fenômenos”.<sup>16</sup> Diante da própria ambiguidade dos fenômenos, é evidente um profícuo discernimento desses acontecimentos que, desde à época da Bíblia, ocupam um espaço na experiência de fé e vida do povo de Deus.

Neste capítulo, queremos refletir sobre o caráter objetivo teológico das aparições marianas dentro do contexto geral das revelações particulares, problemas relacionados à origem, às mensagens e ao contexto histórico-cultural em que se apresentam. Além disso, será preciso evidenciar os fenômenos das aparições na experiência cristã e, enfim, concluir com as orientações doutrinárias do magistério.

Previamente, é basilar distinguir o fenômeno das aparições do fato da revelação divina em Jesus (cf. *DV*, n. 2).<sup>17</sup> As aparições marianas não pretendem ocupar o espaço

---

<sup>8</sup> A jovem de 23 anos, noviça das Filhas da Caridade, recebe três aparições no ano de 1830, na rue du Bac, Paris. As aparições dão origem à “medalha milagrosa”, difundida em todo o mundo.

<sup>9</sup> Em 1846, uma única aparição aos pastores Melânia Calvat, de 14 anos, e Maximino Giruad, de 11. Os pequenos encontram Maria chorando e clamando à conversão, nos Alpes franceses.

<sup>10</sup> Em 1858, Bernadete Soubirous recebe 18 aparições.

<sup>11</sup> Após a invasão do exército prussiano em território francês, em 1871, acontece uma única e silenciosa aparição.

<sup>12</sup> Em 1916, após aparições de um anjo, a Virgem aparece 6 vezes, sempre no dia 13 de cada mês.

<sup>13</sup> De 1932 a 1933, Nossa Senhora aparece 33 vezes sobre uma nuvem branca a cinco crianças.

<sup>14</sup> A menina pobre, Mariette Beco, recebe 9 aparições em 1933. Nas aparições, se revela a “Virgem dos Pobres”.

<sup>15</sup> No ano de 1848 são registradas 47 aparições marianas, mas apenas uma reconhecida pelo magistério da Igreja, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 596; outro exemplo de aparição não reconhecida como autêntica é a da Virgem Maria a São Tiago, elaborando a devoção a Nossa Senhora do Pilar e as peregrinações a Compostela. Entretanto, pode-se dizer, como regra geral que, as aparições ou até mesmo o culto a relíquias dos santos são meios e, por isso, fatos relativos, o que implica sempre uma verdade, as vezes não garantida pela Igreja; mas, por outro lado, os fatos ocasionam em frutos espirituais, que por si só são absolutos e já se fundamentam na verdade, sem mediação da Igreja, cf. LAURENTIN, R. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 121.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 118.

<sup>17</sup> Cf. *DV*, n. 2; a revelação acontece por meio de “obras” e “palavras”, profundamente relacionadas. As palavras esclarecem o sentido das obras, enquanto as obras realizam na história a salvação de Deus.

do “[...] mistério primordial [...]”<sup>18</sup> da fé e “[...] primeira categoria do cristianismo[...]”.<sup>19</sup> Não se trata de atualizar ou apresentar uma nova revelação, pois: “depois da vinda de Cristo, não se deve mais esperar uma nova revelação relativa à situação fundamental da humanidade, em relação à salvação”.<sup>20</sup> O Cristo, Palavra de Deus feita carne (cf. *Jo* 1,1-5.14), é, ao mesmo tempo, meio e plenitude da revelação e do que se pode conhecer de Deus (cf. *Mt* 11,27; *Jo* 1,14.16-18; 14,6; *Rm* 1,19; *Ef* 1,3-14; *DV*, n. 2). Embora a morte do último apóstolo marque a conclusão da revelação, Deus continua a agir na historicidade e em todas as épocas, iluminando e guiando os fiéis ao horizonte definitivo da humanidade (cf. *DV*, n. 7-8). Sobretudo, apontando o modo de proceder espiritual, moral e religioso no tempo presente enquanto se espera o cumprimento da promessa escatológica. A este *modus operandi* de Deus, a teologia denomina “revelações privadas”<sup>21</sup> (cf. CEC, n. 67), justamente pela qualidade de não ser pública e imprescindível à economia da salvação. Assim é titulada para divergir da revelação fundante do cristianismo, chamada “revelação pública”, “geral” ou “normativa” em virtude da generalidade às pessoas, às épocas e lugares.

Dizer o caráter privado dessas revelações “[...] não significa que tais revelações sejam necessariamente reservadas a uma só pessoa”.<sup>22</sup> Em vista de superar qualquer errônea interpretação, é preferível utilizar a expressão “revelação particular” ou “especial”, recolhido da teologia conciliar de Trento (cf. *DH* 1540, 1566) e justificada por François Boespflug no *Dicionário crítico de teologia*: “as revelações particulares foram por muito tempo denominadas ‘revelações privadas’, mas a expressão não é feliz, pois toda revelação é destinada a ser comunicada cedo ou tarde e nenhuma é de interesse estritamente privado, afora a da salvação pessoal”.<sup>23</sup>

Sabendo a diferença entre a revelação normativa e as revelações particulares, é oportuno notar a presença desta última na Sagrada Escritura. Para isso, o critério

<sup>18</sup> LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*, p. 5.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>20</sup> ADNÈS, P. Revelações privadas. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Org.). *Dicionário de teologia fundamental*, p. 852.

<sup>21</sup> Não é aleatório a ressonância popularizada das revelações chamadas particulares. Os fenômenos ocorridos em Guadalupe, Lourdes e Fátima são exemplos da potencialidade trans-histórica das revelações particulares, espalhados e conhecidos por toda a humanidade, mesmo decorridos anos dos primeiros relatos em ambos os casos e passadas as diferentes etapas culturais e sociais. Assim, a propriedade particular dessas revelações é justificada pelo status teológico e não somente pela propagação mundial das mensagens. Com isso, não é válido opor particular ao normativo, mas situar o sentido, origem e relevância de cada um.

<sup>22</sup> ADNÈS, P. *Op. cit.*, p. 853.

<sup>23</sup> BOESPFLUG, F. Revelações particulares. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1547.

orientador é identificar os objetos, objetivos e destinatários dos relatos. Sempre que for identificado o caráter particular de qualquer um desses elementos, se trata de revelações particulares.<sup>24</sup> Exemplos desses casos estão presentes no livro dos *Atos dos Apóstolos*: o anúncio de Pedro retornando o profeta Joel (cf. 2,16-21), a visão de Cornélio (cf. 10,3-8), a voz dirigida a Saulo no caminho para Damasco (cf. 9,3-9) e mais tarde, como Paulo, sendo guiado por diferentes visões (16,9; 18,9; 20,23; 27,23-24). Também nas cartas paulinas e no livro do *Apocalipse* lemos revelações particulares, que se apresentam mais como cumprimento máximo da função profética do que ensinamento doutrinal.<sup>25</sup>

### O fenômeno das aparições marianas e os problemas relacionados

Atribui-se ao termo aparição o sentido de manifestação sensorial visível e audível de um ser inesperado pela lógica natural e, por isso, enigmático. O reconhecimento desses seres de condição escatológica, necessariamente imateriais e imperceptíveis, são experiências psíquicas e, ao mesmo tempo, espirituais. Este fator justificaria atribuir ao fenômeno das aparições o estatuto de alucinações, como apresenta o teólogo Laurentin, expoente defensor das aparições marianas: “[...] toda aparição definida como tal seria uma ‘alucinação’, já que é uma visão sem objeto material”.<sup>26</sup> Afirma a CNBB:

o que comumente chamamos de ‘aparições’ e ‘revelações’ são experiências de ordem psíquicas. Por elas se diz reconhecer objetos, seres e situações normalmente ‘invisíveis’, como Deus, Anjos, e pessoas em situação escatológica como: os santos, a Virgem Maria, as almas. São fenômenos extraordinários que não se podem pressupor, mas dos quais temos inúmeros relatos de experiências.<sup>27</sup>

Esses fenômenos carregam diferentes níveis de problemas referentes à natureza e relevância dos acontecimentos. Diante disso, poderia ser elencada uma lista com diferentes perguntas de viés teológico, doutrinal, pastoral, psicológico e

<sup>24</sup> Sobre o caráter particular de alguma revelação bíblica, cf. ADNÈS, P. Revelações privadas. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Org.). *Dicionário de teologia fundamental*, p. 853

<sup>25</sup> Para uma análise histórica das aparições nos diferentes períodos, cf. ADNÈS, P. Revelações privadas. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Org.). *Dicionário de teologia fundamental*, p. 852-855; e cf. LAURENTIN, R. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 119-122.

<sup>26</sup> LAURENTIN, R. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 116.

<sup>27</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Aparições e revelações particulares*, p. 11.



epistemológico, para elucidar o alcance dos problemas alusivos aos fenômenos, porém, foge ao objetivo deste trabalho.

Além disso, as aparições assumem um tipo entre os diversos modos do fenômeno das revelações particulares, que podem ser: audições, visões, êxtases, mensagens, sonhos, figuras no céu, arroubos, segredos ou profecias. Acrescenta-se, ainda, diversos epifenômenos e percepções, configuradas como experiências místicas, que tornam mais complexo os fenômenos, tais como, sensação olfativa, levitação, estigmas e radiações, para citar alguns.<sup>28</sup>

Ao assumir o fenômeno das aparições como simples alucinações, deixa-se de lado uma explicação completa e coerente, pois a precipitação recusa abordar as questões culturais, religiosas, e antes de tudo, epistemológicas. Para o teólogo Laurentin, por mais que seja razoavelmente claro tal conclusão, a percepção das coisas exteriores e a relação de comunicação não se reduzem unicamente à experiência comum pelos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar. Da mesma forma, é condizente à natureza do conhecimento, a possibilidade de ser adquirido intencionalmente mediante o contato do sujeito cognoscente em sua subjetividade com a realidade em si. Explica o teólogo:

Em perspectiva racionalista [...], toda aparição definida como tal seria uma “alucinação”, já que é uma visão sem objeto material. Essa conclusão, aparentemente óbvia, desconhece não só a possível diversidade dos modos de percepção e comunicação, que não se reduzem necessariamente à percepção comum dos cinco sentidos, mas também a própria natureza do conhecimento, caracterizada por sua intencionalidade, isto é, a sua capacidade de pôr-se em contato com uma realidade *começando* por informações ou estímulos que atingem o sujeito cognoscente em sua subjetividade.<sup>29</sup>

Quer dizer que a percepção, mesmo a mais comum, adquirida por um dos cinco sentidos, está imbuída do viés subjetivo do sujeito, embora não se reduza a esse, pois pela essência do conhecimento também é intencionada. Ao mesmo tempo, o conhecimento é caracterizado pelo processo objetivo e subjetivo do sujeito cognoscente: “todo conhecimento, correlativamente, implica em diversos graus um

---

<sup>28</sup> Esses exemplos de fenômenos e experiências místicas estão presentes em: BOESPFLUG, F. Revelações particulares. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1547; e LONGCHAMP, M. H. Mística. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1168.

<sup>29</sup> LAURENTIN, R. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 116.

aspecto objetivo e um aspecto subjetivo”.<sup>30</sup> Devido a essa combinação, é possível adquirir conhecimento por outras vias, até mesmo desconhecidas ou misteriosas.

Acerca disso, vemos os fenômenos das aparições que não devem ser considerados, logo na primeira hora, subjetivos. No interpretar da Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB, esses fenômenos são modos diferentes de ver e ouvir:

Nas relações com a realidade, ou seja, com o mundo que nos rodeia, levantam-se duas questões: as percepções são só aquelas que nos chegam pelos sentidos, ou há outras, “extra-sensoriais”? A realidade restringe-se apenas ao mundo sensível ou vai mais além? Tudo leva a crer que há percepções extraordinárias. Os cientistas que pesquisam nesta área, partem do pressuposto de que a realidade vai além do que é percebido pelos sentidos. Há pessoas que “veem coisas invisíveis” e “ouvem sons inaudíveis” no plano da “normalidade”. Há, pois, outros modos de “ver”, de “ouvir” etc., que a própria ciência hoje aceita e que se pressupõe, acontecem também nos fenômenos de aparições e revelações.<sup>31</sup>

No entanto, deve-se evidenciar a diferença das manifestações divinas por meio de sinais como fogo ou brisa suave das aparições da Virgem Maria. Essas são sempre na forma de corpo glorioso assunto ao céu, que, além disso, registram as mais variadas singularidades, justificadas no contexto cultural dos diversos relatos: idade, cor, vestes, estatura.

Do ponto de vista metodológico, o pano de fundo da abordagem dos fenômenos deve ser sempre em relação especificamente religiosa: o que estas aparições dizem ou representam para nossa vida cristã? Para isso, é importante recusar dois polos de interpretação: de um lado, a propensão a aceitar todo e qualquer relato de aparição ou fenômenos extra-sensoriais como normal e digno de fé; de outro, a tendência de considerar como alucinações psicopatológicas,<sup>32</sup> por não ser possível um discurso científico conclusivo dos fenômenos. Ao primeiro, é dado o nome de ingenuidade; ao segundo, cientificismo.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>31</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Aparições e revelações particulares*, p. 12.

<sup>32</sup> Segundo o autor Antonio Vázquez, as aparições marianas, bem como outras aparições, mesmo não cristãs, fazem parte dos fenômenos alucinatorios. Por ser uma percepção sem objeto físico, a experiência é definida como alucinação, mas não em sentido psicopatológico: “a alucinação aparece vivencialmente como uma percepção, porém em ausência de um objeto físico que possa estimular os receptores sensoriais do sujeito, à semelhança do que ocorre em muitos sonhos, cuja sensação de realidade é tão viva que somente ao despertar nos damos conta de seu caráter onírico-alucinatorio” (VÁZQUES, A. *Aparições: aspectos psicológicos*. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 114).

<sup>33</sup> Segundo o *Subsídio Doutrinal 01* da CNBB, a interpretação das aparições deve seguir um paradigma metodológico, que não é somente intelectual, mas espiritual. Para tal, é preciso evitar dois erros: a ingenuidade e o cientificismo, cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Aparições e revelações particulares*, pp. 15-16.

O horizonte vivencial da fé é o que garante a originalidade e significância das aparições. A cultura, política, ambiente econômico ou contexto social são importantes enquanto contribuem para o significado religioso. Com isso, quer dizer-se que, as aparições não são fenômenos meramente políticos ou culturais.

### Origem e sentido

Achando-se encerrada a revelação divina,<sup>34</sup> não existe prerrogativa ou motivos para suplementos e correções:<sup>35</sup> *“pois bem, mesmo que nós ou um anjo vindo do céu vos pregasse um evangelho diferente daquele que vos pregamos, seja excluído!”* (Gl 1,8). Entretanto, as revelações particulares podem ser benéficas enquanto clarificações do que já foi divinamente revelado. Por isso, as revelações particulares não integram o depósito da fé com o qual é necessário crer com fé divina, mas pertencem à efusão do Espírito, dom profético (cf. 1Cor 14,1-5) presente na Igreja peregrina desde o período apostólico e beneficentemente recomendado como fé humana.<sup>36</sup>

O sentido de uma revelação particular está na função de recordar com maior intensidade e vigor algum dos conteúdos da revelação normativa, fazendo florescer as instruções necessárias para cada momento da história.<sup>37</sup> Em cada época, os fiéis estão sujeitos ao prejuízo de olvidar determinada verdade útil à salvação. Deus não cessa de comunicar sua bondade e de guiar o povo eleito (cf. Hb 1,1-4.2,1-4) ao perfeito cumprimento da justiça; para isso, utiliza-se do apelo das aparições.

<sup>34</sup> Ao lado da expressão “revelação divina” serão usados como sinônimos, ao longo de todo o trabalho, as expressões “revelação fundante”, “revelação normativa” ou “primeira revelação”, todas considerando o mesmo significado e a particularidade em relação à revelação particular.

<sup>35</sup> “A fé cristã não pode aceitar ‘revelações’ que pretendam ultrapassar ou corrigir a Revelação da qual Cristo é a perfeição” (CEC 67).

<sup>36</sup> Sobre as origens das revelações particulares, especialmente interpretadas como dom profético, cf. BOESPFLUG, F. Revelações particulares. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1549; NAVARRO, M. Simbolismo. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1224. Segundo o autor Navarro, o termo vidente tem a mesma origem etimológica da palavra profeta, em hebraico *nabîim*.

<sup>37</sup> Segundo Laurentin, o papa João XXIII esclarece o sentido prático das aparições uma vez que assentam indicações sobre a conduta dos fiéis de um determinado lugar. Confirma a imutabilidade da revelação normativa, quando escreve, em 18 de fevereiro de 1959, por ocasião da comemoração de encerramento do centenário de Lourdes: “Elas [as aparições] transmitem mais normas de conduta do que novas verdades”, acrescenta, “os pontífices romanos, custódios e intérpretes da revelação divina (...), sentem-se no dever de recomendar à atenção dos fiéis, quando, depois de um exame maduro, julgarem-no oportuno para o bem geral, as luzes sobrenaturais que Deus se compraz em conceder livremente a algumas almas privilegiadas, não para propor novas doutrinas, mas para dirigir a nossa conduta [...]”; (LAURENTIN, R. *Aparições: aspectos históricos*. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 118-119).

Entretanto, é inescusável saber a origem destas aparições, mediante distinção de, ao menos, três tipos de visão: natural, alcançada pelo contemplar puro do órgão físico alguma realidade material; especial, enquanto efeito de vislumbrar um fenômeno incorpóreo “[...] que aparece diante do vidente e que, eventualmente, possa ser fotografado ou filmado”<sup>38</sup> e; interior, caracterizada pelo caráter sugestível de representações “[...] que se projetam como se fossem exteriores”.<sup>39</sup>

Mesmo com o auxílio das particularidades estabelecidas entre visão natural, especial e interior, a autenticidade de uma aparição continua em situação problemática. A visão natural é rapidamente ignorada, porém, a origem sobrenatural pode claramente ser misturada com os sentidos interiores do sujeito vidente. Essa estreita e sutil ligação consegue tornar quase impossível distinguir o divino do meramente manipulado, ainda que do ponto de vista conceitual seja evidente. Assim, as ciências humanas, mais particularmente a psicologia, apontam como o saber rigoroso diante dos fenômenos, embora não idealizem superioridade ao que é da responsabilidade teológica, pois “reconhecem, desta forma, que existe um imenso ‘território’ a elas inacessível, aberto a outras formas de conhecimento, que ultrapassam os limites do que é cientificamente ‘controlável’”.<sup>40</sup>

Ainda que as contribuições da parapsicologia, psicanálise ou da corrente humanístico-existencial<sup>41</sup> enriqueçam o entendimento da natureza e dos fatores inconscientes, o discernimento a respeito da autenticidade dos fenômenos é tarefa única da Igreja. Pois, para a Igreja, o significado das aparições não está no sinal social,<sup>42</sup> cultural ou político que possa ser herdado, mas, acima de tudo, no aspecto místico experimentado pela pessoa beneficiada com a visão; acolhido, necessariamente, em uma resposta vocacional e missionária.<sup>43</sup> E, não somente, posto que o conteúdo revelado e a experiência acolhida transcendem a própria vida particular do sujeito vidente, como afirma a CNBB: “o importante não é a aparição ou revelação [particular], mas o que ela significa”.<sup>44</sup>

---

<sup>38</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 40.

<sup>39</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 40.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>41</sup> Para a questão das interpretações psicológicas das aparições, cf. VÁZQUES, A. *Aparições: aspectos psicológicos*. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 114.

<sup>42</sup> Sobre o significado social que uma aparição mariana possa adquirir para uma realidade específica ou em nível mundial, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, pp. 591-646.

<sup>43</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Op. Cit.*, p. 41. Valoriza o aspecto fundamentalmente religioso dos fenômenos.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 42.

## Mensagens e situação histórica

Além dos elementos que significam as aparições, é oportuno analisar as mensagens e a situação histórica em que se manifestam. Somente assim será possível atingir uma compreensão do conjunto dos fenômenos.

As mensagens são sempre comunicadas em formas, caracteres e sistemas específicos da linguagem humana apropriada ao entendimento do sujeito vidente. Da mesma forma, as mensagens recebidas são transmitidas na língua e traduzidas pelas condições intelectuais do vidente. Sendo assim, a interpretação posterior dessas mensagens deve respeitar o sistema linguístico em que ocorre. Além disso, deve ter claramente definido a condição daquele que recebe as mensagens, seja ele criança ou adulto.

Segundo a CNBB, as mensagens comunicadas nos fenômenos das aparições seguem uma estrutura comum de quatro elementos, a serem explicados em seguida. Porém, não são elementos normativos. Em outras palavras, ainda que seja comum encontrá-los, eles não são cânones para autorizar qualquer que seja o fenômeno. Em primeiro, aparece a visão apocalíptica da realidade humana, moral, eclesial ou religiosa, muito próxima aos relatos bíblicos do Antigo Testamento, quanto o povo rompe alguma das alianças estabelecidas com Deus (cf. *Gn* 7; 11,1-9; 19): “pintam um quadro catastrófico de decadência religiosa, moral e social, semelhante às das épocas do dilúvio, da Torre de Babel, de Sodoma e Gomorra, de Níneve”.<sup>45</sup> Em seguida, a mensagem assume a forma de advertência para possíveis penalidades e aflições acerca da realidade humana, principalmente porque afinçada pela malevolência: “[...] ameaça de castigos iminentes sobre a humanidade, caso os homens perseverem no mal [...]”.<sup>46</sup> Após, a mensagem adquire formato de rogativa à resolução das questões e situações contestadas, devolvendo a benevolência própria do gênero humano; rogativa que urge esforço e propósito de perseverar no caminho que é indicado, como condição indispensável: “depois, vem o apelo para a conversão, tentando demover do mau caminho e conclamando para um movimento universal de renovação”.<sup>47</sup> Por fim, ocorrem as recomendações para mudar a situação acusada, reafirmando as próprias orientações da Sagrada Escritura e outros meios alternativos de devoção, que

---

<sup>45</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 43.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 44.

conhecemos como popular: “evitar o pecado, a vaidade, o excesso de riqueza e as diversões mundanas”<sup>48</sup> e “[...] a penitência, o jejum e o sacrifício, a frequência aos sacramentos, a oração como o terço, a jaculatória, as visitas ao Santíssimo [Sacramento], devoções, consagração à Nossa Senhora”.<sup>49</sup>

Já o contexto, às vezes, é confundido com a mensagem, o que provoca dúvidas sobre a originalidade divina. Por isso, é tão fundamental estabelecer critérios para analisar o contexto histórico e cultural em que se apresentam as manifestações, de forma a não negligenciar qualquer aspecto, pois é importante delimitar: “[...] até onde tais mensagens são realmente autênticas manifestações de Deus no mundo, e até onde elas espalham o quadro cultural e religioso dentro do qual as pessoas recebem as mensagens”.<sup>50</sup>

Auxiliado pela teologia da história, a CNBB interpreta o contexto histórico em sete fenômenos, como conjunturas próprias que favorecem o surgimento de revelações particulares e aparições marianas, principalmente entre os anos 1960 e 1990 do perímetro nacional, no clímax dos relatos de aparições no Brasil. É válido recordar que os documentos, subsídios e estudos da CNBB pretendem alcançar o país do norte ao sul, não podendo limitar a observação de um único cenário cultural; em consequência, determinado fenômeno nem sempre será perceptível no mesmo grau do que em outro lugar, isto é, a intensidade é variável conforme a região. O subsídio da CNBB objetiva dar respostas e caminhos doutrinários e pastorais aos Ordinários de cada local.

Em primeiro, destaca-se o quadro de crise epocal provocada pela insegurança da passagem de uma época a outra. Essa transição carregada do sentimento de insegurança é oriunda da perturbação diante da conclusão de um período e, ao mesmo tempo, assombro em vista do desconhecido que há de vir; em palavras metafóricas, é o fenômeno do fim do mundo. Com isso, a religião se torna uma rocha firme para quem não quer se desestabilizar diante da surpresa, também germinam os discursos sentimentais intimidando ao transcendente e os messianismos.

Dos movimentos pentecostais surgem as pretensões ao extraordinário e as ambições aos carismas do Espírito Santo, envolto por “[...] experiências psicológicas e simbólicas que, de fato, predisõem as pessoas a esperar por fenômenos

---

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>50</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 44.

espetaculares”.<sup>51</sup> Normalmente, estes movimentos difundem uma idealização negativa e severa do panorama atual, tanto secular quanto eclesial.

Além dos movimentos pentecostais, ocorrem os espiritualistas, que apregoam a “[...] crença [...] na ação dos espíritos e no encontro [das pessoas] com eles [...]”<sup>52</sup> e alimentam o fenômeno da mediunidade: comunicação dos espíritos através da possessão de um corpo humano, ocasionando as formas chamadas psicografias, psicofonias, psicocinesias etc. Outro panorama advém dos meios de comunicação de massa, as mídias. Cada vez mais os grandes meios de comunicação aproveitam de mecanismos e ferramentas emocionais para manipular fenômenos psicossociais e para condicionar a atenção do público a um determinado produto.

O fenômeno da desesperança que amedronta diversas populações carentes de recursos ou de preocupação política: “situação de desesperança da maioria da nossa população, impotente diante dos privilégios escandalosos de uma minoria ávida de poder e de riqueza [...]”<sup>53</sup> é outro cenário de contexto. Por fim, dentro do contexto eclesial aponta o fenômeno religioso da devoção popular, principalmente mariana; afloram como recurso alternativo para comunhão com Deus e, ao mesmo tempo, meio paralelo à liturgia tradicional e à hierarquia católica, olvidando a congruência com o mistério pascal: “[...] a devoção mariana popular desenvolveu-se como forma alternativa de manifestação religiosa relativamente autônoma em relação à hierarquia e suas expressões litúrgicas”.<sup>54</sup>

### **Crítérios de discernimento e procedimentos propostos pela igreja**

Diante da rápida difusão de notícias destas aparições entre fiéis católicos e não-católicos, principalmente em decorrência dos surgimentos de novos meios de comunicação e plataformas de relacionamento, bem como a atual oportunidade de deslocamentos humanos em vista de peregrinações, a autoridade eclesiástica competente é convocada a manifestar seu posicionamento como norma para todo o povo de Deus.

---

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>53</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 47.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 47.

Assim, os membros da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, presididos pelo Cardeal Franjo Šeper, emitem normas de como proceder diante da notícia de tais fenômenos: *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*. As conclusões são frutos da Sessão Plenária anual realizada em 1974 e aprovadas pelo Papa Paulo VI. Reunido, o grupo examinou problemas relacionados às aparições e revelações, considerando questões próprias do momento histórico e das necessidades da Igreja: exigências de crivo científico e deliberação pela autorização ou reprovação de culto e devoção pública.

Por princípio, toda devoção deve prezar pela comunhão com a Igreja, de modo que os frutos não ocasionem em esfriamento ou ruptura da unidade. É pelos frutos de devoções que a Igreja é capaz de discernir sobre a natureza desses fenômenos.

A Sagrada Congregação propõe o seguinte roteiro a ser seguido diante da hipótese de aparições:<sup>55</sup> a) primeiro, usar os critérios positivos e negativos para julgar os acontecimentos; b) e, em caso de desfecho favorável, facilitar e assentir a expressão exterior da devoção e ao culto público, não olvidando a prudência e vigilância; c) por fim, apreciando de modo *sui generis*<sup>56</sup> a fertilidade dos frutos da devoção em questão e, tendo decorrido o tempo necessário junto à experiência, manifestar publicamente um “[...] juízo *de veritate et supernaturalitate* [...]”.<sup>57</sup>

No roteiro proposto pela Sagrada Congregação, os critérios positivos e negativos têm caráter substancial e necessitam de uma particular e sólida consideração. Se respeitados pela autoridade eclesiástica competente, asseguram certo grau de plausibilidade sobre a natureza das possíveis aparições. Todavia, os critérios permanecem na esfera das evidências e não se aplicam a conclusões incontestáveis.

Os critérios positivos são, em primeiro lugar, certeza moral, isto é, grande probabilidade da existência do fenômeno, que há de ser obtida de uma genuína averiguação. Em segundo, os critérios relacionados às circunstâncias particulares do fenômeno: a) características pessoais e autodomínio psíquico dos sujeitos – docilidade, lisura, honestidade e transparência como elementos habituais, inclusive no relacionamento com a autoridade eclesiástica e, a evidente inclinação a reaver o modo

---

<sup>55</sup> Sobre o roteiro de discernimento da autenticidade de uma aparição, cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*.

<sup>56</sup> De modo especial e característico.

<sup>57</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*, n. 2.



ordinário de viver a fé; b) ausência de erro doutrinal teológico ou espiritual nas revelações; e c) frutos abundantes e assíduos, tais como os testemunhos de caridade, de conversão e vigor da oração, sem exageros devocionais. Já os critérios negativos são os de: a) explícito e indiscutível erro; b) erros doutrinários sobre Deus, a Bem-Aventurada Virgem Maria ou outro santo; c) pretensão por lucro; d) ações imorais decorrentes do fenômeno ou realizadas no momento pelos sujeitos ou adeptos; e, por fim, e) psicopatologias e outras doenças de ordem mental nos sujeitos influentes dos fenômenos ou mesmo, histerismo coletivo e manifestações semelhantes.

Em certas situações, os fenômenos sobrenaturais ocasionam involuntariamente cultos e práticas devocionais. Nestas realidades, a autoridade eclesiástica competente tem a obrigação de investigar com o máximo cuidado e empenho os acontecimentos, ainda que em estado inicial. Julgando segundo os critérios – positivos e negativos – e, se deles obtendo um desfecho favorável aos fenômenos, intervir advogando em prol dessas práticas devocionais e cultos públicos. Todavia, a aprovação da autoridade eclesiástica deve ser oriunda da solicitação formal dos próprios fiéis e não por mera simpatia particular. A aprovação do culto e da devoção pública não equivale à aprovação final e legítima da Igreja, que recai sobre o caráter sobrenatural dos fenômenos; antes de tudo, a aprovação contribui como incentivo para as práticas devocionais dos fiéis.

Em casos graves, sendo evidente e incontestável a presença dos critérios negativos, a autoridade deve manifestar publicamente um juízo para prevenir e corrigir os abusos e para condenar os erros doutrinários, considerando sua própria missão pastoral e doutrinal: múnus de ensinar e governar. Diante das circunstâncias duvidosas e sabendo a ausência de perigos para a comunhão da Igreja, a autoridade não necessita emitir qualquer juízo, contudo, manter atitude de vigilância e prudência para intervir se assim for necessário.

Cabe, em primeiro lugar, ao Ordinário local a tarefa de investigar e intervir, se necessário. Em segundo, às Conferências Episcopais nacionais ou regionais a pedido do próprio Ordinário local ou em decorrência da amplitude dos fenômenos. Em terceiro, cabe a Sé Apostólica<sup>58</sup> intervir tanto pelo pedido do Ordinário do lugar,

---

<sup>58</sup> A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé é quem recebe o pedido do Ordinário do lugar ou do grupo de fiéis. Em sintonia com Ordinário local e, se necessário, a Conferência Episcopal, compete a esta Sagrada Congregação a intervenção diante de situações graves, principalmente se os fenômenos

quanto pelo pedido de fiéis qualificados, ou ainda, pela extensão universal da jurisdição do Sumo Pontífice.

A CNBB acrescenta outros elementos importantes como critérios de discernimento, sendo a virtude da prudência a norma fundamental. Desta norma fundamental, originam-se outros princípios:

Aparições e revelações não se presumem. Uma vez acontecidas, devem ser devidamente comprovadas; não se deve recorrer facilmente a explicações sobrenaturais, quando há explicações por causas naturais ou paranormais; em casos concretos, é sempre possível o engano. O ser humano é frágil. Pode sofrer alucinações, ilusões, obsessão, sugestões coletivas...<sup>59</sup>

Os critérios do Papa Bento XIV, no século XVIII, são apontados como básicos para a verificação eficaz da autenticidade de aparições. Para ele, são cinco critérios a serem observados: a pessoa, o conteúdo, a forma, a finalidade, e o milagre, sendo este último critério decisivo.

Uma aparição pode ocorrer tanto a um pecador quanto a um santo, porém, “não se pode admitir que um pecador, depois da aparição, não mude, radicalmente, o seu modo de proceder”.<sup>60</sup> Então, é evidente analisar a vida, as virtudes, a condição física e psíquica dos videntes. Existindo nitidamente uma disfunção psíquica ou atestada clinicamente, a aparição pode ter sido originada nas crises histéricas, alucinações ou outras patologias. Nestes casos, é preciso submeter o vidente a um procedimento com especialistas, pois pode ser que ele “[...] transmite a aparição com tal emoção, coerência e pormenores que chegam a levar ao engano”.<sup>61</sup> Além disso, a obediência se apresenta como fator importante, no âmbito da pessoa, somado à firmeza e humildade no modo de expor os acontecimentos e mensagens.

Quanto ao conteúdo, nenhuma aparição ou mesmo uma determinada mensagem pode se opor à racionalidade humana, nos aspectos de verdade, moralidade e bondade, aos dogmas e à revelação normativa. Existindo qualquer matéria que contrarie os elementos primordialmente necessários, a aparição já tem base considerável para ser julgada charlatã, sem mesmo passar por análises posteriores. Posto isto: “tudo o que contradiz a Palavra de Deus, os ensinamentos dos Padres da

---

envolvem uma parte considerável da Igreja. Também é sua competência analisar e aprovar os juízos do Ordinário do lugar ou reexaminar e emitir um parecer diferente do realizado pelo Ordinário.

<sup>59</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 51.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>61</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 52.

Igreja, ou vai contra Deus, só pode ser considerado como fenômeno demoníaco ou como mistificação”.<sup>62</sup>

Sendo Deus pura perfeição e amor, não pode manifestar a si, senão nestas condições; como afirma a CNBB: “Deus é perfeição e amor. Não se manifesta na imperfeição”.<sup>63</sup> Então, toda aparição que contenha imperfeição física ou moral deve ser considerada inautêntica. Pois, nesta visão a forma autêntica de uma aparição é a perfeição do corpo, dos movimentos, das atitudes, das palavras e pensamentos. Sobre o critério de finalidade, necessariamente, tudo que é divinamente manifesto se dirige ao aperfeiçoamento da vivência cristã e ao esforço da perfeita comunhão com Deus; perceptíveis na conversão pessoal dos videntes.<sup>64</sup> A sentença última para qualificar como autenticamente divina uma aparição procede do critério de milagre: “o critério decisivo é o milagre. Quando comprovado pelo juízo da Igreja, assegura a autenticidade da manifestação divina nas aparições e revelações particulares”.<sup>65</sup>

Por fim, podemos concluir com Bento XIV, que resumidamente escreve:

levamos ao conhecimento geral que a autorização dada pela igreja a uma revelação privada nada mais é do que o consentimento concedido depois de um atento exame, a fim de que essa revelação seja conhecida, para a edificação e o bem dos fiéis. A essas revelações, mesmo aprovadas pela igreja, não se deve conceder assentimento de fé católica. Segundo as normas da prudência, deve-se dar-lhes o assentimento da fé humana [...], enquanto tais revelações são prováveis e piamente críveis. Assim, pode-se portanto recusar o assentimento a tais revelações [...] e não tomá-las em consideração, desde que se faça com a oportuna reserva, por boas razões e sem sentimento de desprezo.<sup>66</sup>

Portanto, as aparições e revelações particulares não carecem de fé divina da parte dos fiéis, mas é profundamente recomendado como fé humana. O juízo elaborado pela Igreja, apenas assegura a ausência de elementos contrários à fé e aos costumes cristãos, isto é, em conformidade com a missão da Igreja: deliberação *nihil obstat*.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>64</sup> Sobre o critério de finalidade para discernimento do caráter divino nas aparições, cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Op.cit.*, p. 53.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>66</sup> BENTO XIV. In: LAURENTIN, R. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 120.

## Piedade popular mariana a partir dos fenômenos DAS APARIÇÕES

Diante da emergência dos relatos de aparições, da facilidade nos deslocamentos para as peregrinações e das pretensas aparições marianas em todo o mundo, tem se revelado um sentido a mais para a interpretação e aprofundamento da piedade popular, especialmente aquela dedicada à figura de Maria. Neste capítulo, serão expostas as características essenciais da piedade popular em geral e da piedade mariana, em particular, bem como seu desenvolvimento durante os séculos e a relação com as aparições em Fátima, Lourdes e Guadalupe.

A piedade popular mariana tem sido redescoberta nos últimos tempos, sobretudo pelas ciências sociais, que procuram associar a religiosidade, para usar os termos dessa área, como consequência direta e forçada dos acontecimentos históricos.<sup>67</sup> Essa leitura da religiosidade não é óbvia na reflexão teológica, elaborada, particularmente, pela liturgia e pastoral. Sendo assim, é incontestável a complementaridade que uma análise pode oferecer a outra;<sup>68</sup> e, justamente na diversidade de interpretação do mesmo fato que se mostra a raiz mais profunda: guiar o homem secularizado.<sup>69</sup>

Apesar de serem usados habitualmente como sinônimos, piedade popular, religiosidade ou religião popular não significam a mesma coisa.<sup>70</sup> Diante do fenômeno

<sup>67</sup> Destacam-se as pesquisas nas áreas de antropologia cultural, psicologia, história e etnografia. Para essas, a religiosidade é um fenômeno social, por excelência, já que decorre de eventos culturais conflituosos, como, por exemplo, guerras, situações de perseguição e resistência, surgimento de movimentos operários etc. Essa leitura, traz para a piedade popular o caráter de libertação social, cf. cita: AGOSTINO, G. Piedade popular. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 1066. Além disso, pode ser acrescentada a influência que as ciências econômicas têm exercido para a valoração da espiritualidade no homem contemporâneo, principalmente pelas ferramentas de *coach* e gestão de negócios, estimulando a religiosidade apenas como gatilho para sucesso profissional.

<sup>68</sup> Como veremos mais adiante, a própria designação terminológica conduz à troca de saberes entre teólogos e cientistas sociais. Contudo, uma interpretação que permaneça somente com critérios socio-interpretativos, reduz a prática da piedade popular em obrigações meramente sociais, cf. AGOSTINO, G. *Op. cit.*, p. 1067. Isso acontece porque as ciências sociais usam métodos e critérios científicos diferentes dos empregados no fazer teológico, por vezes, ocasionando em uma visão reduzida e parcial do ser humano: “os critérios científicos vigentes, hoje em dia, traduzem a religiosidade popular em chave psicológica, econômica e sacral [magias]”, cf. AGOSTINO, G. *Op. cit.*, p. 1067.

<sup>69</sup> Não são raras as sociologias que mostram a condição do ser humano contemporâneo, entreposto, de um lado pela falta de sentido, de outro, a secularização, cf. LIPOVETSKY. *O império do efêmero*. Também o teólogo Beinert escreve sobre: “em nossos dias, o destinatário da pregação eclesial geralmente é o homem secularizado. Mesmo quando nominalmente é cristão, não costuma inspirar-se mais, em sua conduta, nos modelos cristãos”: BEINERT, W. *Como se aproximar de Maria*, p. 13.

<sup>70</sup> Não vamos nos ater a explicar a morfologia linguística de cada palavra, mas apenas o seu valor semântico teológico. Essa diferenciação metodológica e, aparentemente formal, quer indicar o caminho para o qual se dirige a reflexão. Para esclarecimentos terminológicos, cf. AGOSTINO, G. *Op. cit.*, p. 1066-1067; BOFF, C. *Mariologia social*, p. 550-552.

a ser analisado e do viés teológico empregado, a terminologia mais adequada é piedade popular.<sup>71</sup> Mesmo sendo coisas diferentes, elas não podem ser dissociadas e antagonizadas. A preferência por um termo tem valor semântico: a religiosidade popular ou religião valoriza os aspectos antropológicos e seus contextos, “[...] manifestação, gestualidade, comportamento [...]”<sup>72</sup> humanos, que por vezes não contemplam a visão integral do ser humano; já a piedade popular “[...] é o que há de oculto, é o ‘humus’, a matriz, a fonte interior de tais gestos”.<sup>73</sup> Pode-se acrescentar ainda, que: “em nível científico a que é chamada ‘religiosidade popular’ nem sempre é lida com inteireza e autenticidade, porque falta o elo com sua inteireza mais profunda, elo não descritível e que é próprio da ‘*pietas*’, isto é, da interioridade do homem em atitude dialógica com Deus”.<sup>74</sup>

Partindo de uma visão integral do ser humano, em sua totalidade e aquém de reducionismos, a piedade popular, em geral, é aquela forma de expressão religiosa própria das multidões católicas, das massas dos fiéis. Indiferente da situação econômica<sup>75</sup> ou do lugar em que se vive, é uma forma de culto, ao lado da liturgia.<sup>76</sup> Por isso, a piedade pode ser resumida assim:

A piedade popular não pode ser considerada como um cristianismo ‘de verniz’ ou ‘superficial’, nem como um cristianismo tão somente ‘preparatório’ à fé verdadeira, nem ainda como um cristianismo ‘fragmentário’ ou, pior ainda, ‘inferior’. Não; tomado no conjunto, trata-se antes de um cristianismo inteiro e verdadeiro, ainda que deficiente ou imperfeito. Nele é garantida a centralidade substancial de Cristo, embora esta apareça aí em parte desfocada, por causa da importância muitas vezes exagerada do culto dos santos, especialmente a Virgem Maria.<sup>77</sup>

<sup>71</sup> Este também é o emprego utilizado pelo Magistério, especialmente nos documentos pós-conciliares e do Vaticano II: SC, n. 9,11 e 13; LG, n. 66-67. Contudo, no CEC, os números 1674-1676 e 1679, assumem o termo religiosidade em lugar de piedade.

<sup>72</sup> AGOSTINO, G. Piedade popular. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 1067.

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 1067.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 1067.

<sup>75</sup> Apesar de ser uma prática acessível a todos os níveis econômicos, são as pessoas das classes pobres que fazem da piedade popular o lugar da expressão da fé. Nesse sentido, é necessário recordar Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, n. 48: “[a piedade popular] traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar [...]” e por isso ela se configura como a “[...] religião do povo [...]”, cf: *EN*, n. 48.

<sup>76</sup> Clodovis Boff usa a contribuição de Romano Guardini para elucidar essa questão. Como influenciador da *Sacrosanctum Concilium*, Guardini justifica a devoção popular como uma possibilidade da expressão religiosa do povo de Deus, não sendo tarefa exclusiva da liturgia, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 552. Assim, essa prática cristã também não deve seguir as regras litúrgicas, já que possui regras naturais intrínsecas. Boff introduz a devoção popular dentro da esfera da piedade quando descreve as características dessa piedade. Em contrapartida, Beinert utiliza da seguinte argumentação para expor a diferença: “a *pietas* mariana não se identifica com a devoção mariana; não basta reavivar esta última em todas as suas formas para despertar automaticamente a primeira”, cf. BEINERT, W. *Como se aproximar de Maria*, p. 13.

<sup>77</sup> BOFF, C. *Mariologia social*, p. 552.

Também os bispos da América Latina, em outubro de 1992, reunidos em Santo Domingo para a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, sublinham a importância da piedade popular, especialmente em observância ao Concílio Vaticano II, de 1962. Na conclusão da Conferência, são destacadas as linhas pastorais:

Temos de promover uma liturgia que, em total fidelidade ao espírito que o Concílio Vaticano II quis recuperar em toda a sua pureza, busque, dentro das normas dadas pela Igreja, a adoção das formas, sinais e ações próprios das culturas da América Latina e Caribe. Nesta tarefa, dever-se-á dar uma especial atenção à valorização da piedade popular, que encontra sua expressão especialmente na devoção à Santíssima Virgem, nas peregrinações aos santuários e nas festas religiosas, iluminadas pela Palavra de Deus. Se nós os pastores, não nos empenharmos a fundo em acompanhar as expressões de nossa religiosidade popular, purificando-as e abrindo-as a novas situações, o secularismo impor-se-á mais fortemente a nosso povo latino-americano e a inculturação do Evangelho será mais difícil.<sup>78</sup>

Apesar disso, cabe à liturgia a centralidade do culto divino, inclusive a purificação de exageros e inconstâncias. Segundo a *Lumen Gentium*, as formas de piedades populares pertencem ao gênero dos carismas e não propriamente ao caráter institucional da Igreja:<sup>79</sup> “devem aceitar-se estes carismas como ação de graças e consolação, pois todos, desde os mais extraordinários aos mais simples e comuns, são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja” (*LG*, n. 12). Por essa razão, a piedade popular tende a assumir características específicas dentro do contexto religioso.

Essas características, conforme Clodovis Boff, são marcadas pela emoção, exuberância, expressividade, vitalidade e pelo caráter maravilhoso. A emoção e o sentimento podem atingir menores ou maiores intensidades, de qualquer forma, são expressões da primeira característica: *via cordis*.<sup>80</sup> É propriamente nesta característica que piedade e devoção se cruzam, transformando a devoção popular, atitude

---

<sup>78</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Santo Domingo*, n. 53.

<sup>79</sup> Por esse motivo, acrescento a ênfase de Boff: “[...] as duas vertentes [liturgia e piedade] são constitutivas da estrutura da Igreja, estão entrelaçadas e são mutuamente complementares: a piedade popular exige o reconhecimento e o acompanhamento dos pastores, e estes acolhem a piedade popular em seu ministério de evangelização e de celebração sacramental”, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 553.

<sup>80</sup> Caminho do coração; cf. BOFF, C. *Op. cit.*, p. 553

fundamental da entrega total de si,<sup>81</sup> no coração da piedade.<sup>82</sup> Geralmente o termo devoção é aplicado com dois significados: primeiro, expressão da disposição virtuosa interior do cristão no relacionamento com Deus; em segundo, as sequelas sensíveis desse relacionamento; em outros termos, a devoção é empregada tanto para a vontade interna quanto para o culto externo do cristão:

[...] a devoção constitui o primeiro ato interior da virtude da religião, definido como “vontade de dar-se prontamente ao serviço de Deus”. A condição corporal do homem faz que esse ato interior não possa realizar-se senão por atos exteriores e visíveis. Por isso a devoção comporta atos concretos de devoção que têm a Deus por objeto. Efetua-se assim a passagem da devoção às devoções e a relação destas com a atitude originária da qual procedem [...] o uso analógico do termo para a devoção e os atos em que se expressa.<sup>83</sup>

Ainda na característica do sentimento, a piedade popular assume caráter vigorosamente afetivo, visto de diversas maneiras e com diferentes nomes. Os devotos estabelecem autêntica familiaridade com os santos e, especialmente, a Virgem Maria, como por exemplo, mãezinha do céu, minha mãe, santinha, entre outros nomes e diminutivos: “em relação à Maria Santíssima, a piedade do povo católico é verdadeiramente ‘visceral’ ou ‘entranhada’. Os devotos tratam Maria com extremo carinho”.<sup>84</sup>

A segunda característica é a exuberância material, o excesso natural que se deve usar em qualquer piedade, inclusive onde os recursos são restritos: “a intensidade da afeição religiosa faz com que a piedade popular seja, de fato, exuberante em termos de hinos, ladainhas, flores, fogos e cores”.<sup>85</sup> Essa exuberância se torna normativa religiosa pelas “razões do coração”.<sup>86</sup> Entretanto, essa veemência do sentimento deve sempre ser esclarecida pastoralmente para não levar a superstições e sincretismos.

<sup>81</sup> Cf. VELASCO, J. M. Devoção mariana. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p 392. Aqui, o autor apresenta as dificuldades relacionadas ao termo devoção, principalmente no contexto da piedade popular mariana. Devoção designa a atitude de entrega plena e máxima de si mesmo, visível em religiões não cristãs, como no islã e hinduísmo. Nestes dois casos, a entrega total de si é somente para a pessoa da divindade: Alá e Ishvara, respectivamente, denominados com os termos *islam* e *bhakti*. Dessa forma, não seria errado, semanticamente, falar de devoção a Deus Trindade, isto é, aplicando o mesmo significado no contexto cristão. Então, a palavra devoção só pode ser empregada analogamente quando atribuído à figura de Maria. Cf. também BOFF, C. *Op. cit.*, p. 553

<sup>82</sup> Cf. *Ibid.*, p. 553

<sup>83</sup> VELASCO, J. M. Devoção mariana. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p 393.

<sup>84</sup> BOFF, C. *Mariologia social*, p. 554.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 555.

<sup>86</sup> Cf. *Ibid.*, p. 555: a piedade popular “[...] é avessa ao comedimento e à sobriedade, inclinando-se antes para o transbordamento expressivo das emoções”.

Na terceira característica, é perceptível o caráter corporal e cultural da piedade: “é [...] fortemente ‘encarnada’: ela assume as expressões culturais do povo em questão”;<sup>87</sup> por isso, a existência de tanta expressividade, de sinais exteriores, gestos e manifestações, sem as quais a piedade não teria o mesmo sentido:<sup>88</sup> “de fato, em sua devoção, o povo usa numerosos sinais e gestos, como tocar as imagens, beijá-las, oferecer flores e ex-votos, acender velas, fazer peregrinações e procissões, andar de joelhos, usar medalhas, fitas e escapulários, levar vestes especiais etc”.<sup>89</sup>

A vitalidade constitui a quarta característica, designando um aspecto mais social da piedade – a religiosidade popular. Maria é figura intercessora, protetora e provedora celestial porque nos pedidos de seus devotos está a esperança da solução de problemas, o pedido de proteção frente os perigos e o desejo da libertação dos males.<sup>90</sup> As salas dos milagres nos grandes santuários marianos, com fotos, recados, representações etc., são paradigmas para a dimensão vital da piedade: exemplificam uma devoção íntegra, “[...] que não separa a vida da religião, o corpo da alma, o profano do sagrado”.<sup>91</sup>

Por fim, o caráter maravilhoso é a última característica a ser observada. A piedade é fortemente marcada pelo direcionamento à transcendência: “o temor reverencial que ela manifesta diante de tudo o que é misterioso ou simplesmente maravilhoso”.<sup>92</sup> Em torno da piedade mariana giram as graças alcançadas, os milagres recebidos, as aparições e todo esse universo de esfera extraordinária. Sem saber, o povo mais humilde já vive em suas práticas devocionais aquilo que a Igreja recomenda por hiperdulia.<sup>93</sup>

---

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 556.

<sup>88</sup> Cf. *Rm* 1,20: “de fato, os atributos invisíveis de Deus, seu poder eterno e sua divindade, são compreendidos através das coisas feitas”.

<sup>89</sup> BOFF, C. *Op. cit.*, p. 556.

<sup>90</sup> Cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 557.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 557.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 558.

<sup>93</sup> Segundo Boff, na piedade popular está presente uma ideia da Virgem Maria como deusa, rainha gloriosa. A Virgem recebe dignidade maior que qualquer outro santo de devoção, porém, permanece abaixo de Deus: corresponde ao culto especial que se deva prestar à Mãe de Deus, chamado de hiperdulia, cf. BOFF, C. *Op. cit.*, p. 558; *LG*, n. 66. *Dulia* é a veneração destinada aos santos; *hiperdulia* é reservada ao culto mariano, cf. VELASCO, J. M. Devoção mariana. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 394.



## Elementos da História da piedade mariana

A origem da piedade e a própria devoção Maria exigem um esforço particular que, embora seja resumido em suas principais linhas, este trabalho não pretende esgotar. De todo modo, a devoção mariana é potencializada pelas Sagradas Escrituras, particularmente no Evangelho de Lucas. Nele, a revelação da nova aliança desencadeia no louvor à Virgem Maria, iniciado pelo anjo mensageiro: “*alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo*” (Lc 1,28). Junto a Lucas, os outros evangelistas complementam a figura bíblica de Maria e dão início a uma doutrina acerca do mistério da Mãe de Deus.<sup>94</sup>

Clodovis Boff demarca o nascimento da piedade popular mariana em correspondência ao surgimento do cristianismo de massa: “só com a aliança constantiniana começou a ‘Igreja de massa’ e, com ela, uma ‘piedade popular’ distinta da oficial”.<sup>95</sup> Nos três primeiros séculos da história da Igreja, o popular e o oficial não eram separados. A figura de Maria era conhecida pelas atribuições dos Santos Padres: a Mãe do Senhor, mulher de fé e humilde, cheia de graça ou Bem-Aventurada, Virgem e Esposa, *Dei Genitrix*.<sup>96</sup> Neste primeiro milênio, surgem elementos que se conservam ao longo da história. É neste período, no século IV, em que se registra a primeira aparição da Virgem Maria, recebida por São Gregório Taumaturgo e relatada por São Gregório de Nissa;<sup>97</sup> neste mesmo século surgem as demonstrações de mariolatrias, censuradas por Santo Epifânio.<sup>98</sup> Do século II são herdados os primeiros afrescos com representações marianas;<sup>99</sup> mais tarde, no século IV, a figura de Maria é representada em mosaico no teto da Basílica Santa Maria Maior, de Roma, em comemoração ao dogma da divindade de Jesus.<sup>100</sup> Surgem as antífonas e invocações marianas como o

<sup>94</sup> São as Sagradas Escrituras que concede à Virgem Maria seu espaço dentro do mistério. Nos Evangelhos a mariologia tem sentido enquanto relacionado ao mistério cristológico, cf. BOFF, C. *Op. cit.*, p. 27.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 559.

<sup>96</sup> Cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 560.

<sup>97</sup> Cf. GAMBERO, L. *Maria nel pensiero dei padri della Chiesa*, p. 96; ANEXO A, deste trabalho.

<sup>98</sup> Cf. BOFF, C. *Op. cit.*, p. 561.

<sup>99</sup> Cf. *Ibid.*, p. 560.

<sup>100</sup> O mosaico representa o dogma elaborado em Éfeso, 341, de modo pomposo. Maria é exaltada como Mãe de Deus. As representações na Basílica de Santa Maria Maior têm, por isso, um sentido catequético e instrutivo, cf. *Ibid.*, p. 561.

*Sub tuum praesidium*, onde a invocação é diretamente à Virgem Maria.<sup>101</sup> No final do século IV é testemunhada a “[...] primeira festa de caráter propriamente mariano que a Igreja celebrou”,<sup>102</sup> a festa da Purificação, hoje, Apresentação do Senhor.<sup>103</sup> Em Constantinopla, a partir do século V, começam a ocorrer as primeiras peregrinações de fiéis para santuários marianos, o de Maria da Fonte.<sup>104</sup> Ainda nesse período, é propagado o sábado como o dia por excelência da memória de Maria.<sup>105</sup>

Na primeira metade do segundo milênio, de 1000 a 1500, a oração “Ave-Maria” começa a ser declamada por monges e por fiéis, somente com a primeira parte, como conhecemos hoje; mais tarde, entra para a liturgia ocidental em formato de antífona e dessa oração popular surge o Rosário.<sup>106</sup> Da Idade Média aparece o título “Nossa Senhora”, retirando a centralidade existente na figura da “Mãe de Deus”, desde o período próximo ao apostólico. Pode-se dizer que a devoção mariana deixa de lado as raízes neo-testamentárias e passa a ser cultuada preferencialmente como intercessora e rainha do que símbolo da Igreja e humilde serva:<sup>107</sup> “ela é vista como a grande intercessora e mediadora, que vem em socorro do povo para livrá-lo dos perigos e, mais ainda, para alcançar a salvação, que era a grande preocupação dos cristãos medievais”.<sup>108</sup> A figura de São Bernardo de Claraval, no século XII, impulsiona a piedade mariana, especialmente nas construções das grandes catedrais e santuários marianos. Esses lugares demandam a mesma exigência pastoral que os santuários da Terra Santa ou aqueles dedicados aos mártires em Roma, devido presença constante de peregrinos vindos de todo o mundo: “é que a Santa Virgem é vista ainda no quadro da *Communio sanctorum*, como a coroa dos eleitos”.<sup>109</sup> Dentre as construções desse

---

<sup>101</sup> Cf. *Ibid.*, p. 561. Beinert escreve: “a primeira oração dirigida expressamente à Mãe de Deus é a invocação *Sub tuum praesidium*, formulada no fim do século III ou mais provavelmente no início do IV”, cf. BEINERT, W. *Perspectivas teológicas da piedade mariana*, p. 33.

<sup>102</sup> BOFF, C. *Op. cit.*, p. 561.

<sup>103</sup> Segundo Boff, a festa foi testemunhada por Etéria, em Jerusalém, cf. *Ibid.*, p. 561; BEINERT, W. *Perspectivas teológicas da piedade mariana*, p. 103-108.

<sup>104</sup> Esse santuário antecipa Lourdes no elemento simbólico da água: para beber ou se lavar, representa recuperação da saúde. Segundo Boff, a “Lourdes do Oriente”, cf. BOFF, C. *Op. cit.*, p. 561.

<sup>105</sup> Cf. *Ibid.*, p. 562.

<sup>106</sup> Primeiro com o nome “Saltério da Virgem”, o “Rosário” é uma das devoções mais populares e divulgadas até nossos dias. Para chegar até nós, o Rosário que conhecemos passou por um longo processo de evolução. A primeira elaboração surgiu do cartuxo Alano da Rocha, dando o nome de Saltério da Virgem. Outro monge e confrade, Jacob Sprenger quem popularizou o nome Rosário, cf. *Ibid.*, p. 562.

<sup>107</sup> Cf. VELASCO, J. M. Devoção mariana. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 396.

<sup>108</sup> BOFF, C. *Mariologia social*, p. 563.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p. 563.

período destacam-se: “Poitioers, Laon, Paris, Chartres, Reims, Palermo, Monreale, Siena”.<sup>110</sup>

Na segunda parte do segundo milênio, de 1500 a 2000, a ruptura existente entre cristianismo popular e litúrgico ficou ainda mais evidente, principalmente pela imposição dos padrões estabelecidos pelas elites: “[...] desde o século XVII a elite eclesial, quer clerical, quer leiga, se põe a definir a forma popular de fé como distinta dela e pretende ‘orientá-la’ segundo os seus padrões”.<sup>111</sup> Com isso, gera-se uma cultura religiosa que define a piedade popular do povo em geral como piedade de massa e antiquada, enquanto a piedade da elite, mais legítima e nobre. Neste período, Maria excede o culto aos demais santos e se torna a preferida na piedade popular; também nas peregrinações religiosas, os santuários dedicados à Virgem Maria obtêm maior número de peregrinos em comparação aos templos da Terra Santa, ou mesmo os santuários dos Apóstolos, em Roma:<sup>112</sup> “[...] a meta preferida dos peregrinos não são mais os santuários da Terra Santa e dos Santos Apóstolos (São Pedro e São Paulo em Roma, São Tiago em Compostela), mas os santuários marianos”.<sup>113</sup> A piedade mariana assume por excelência a forma da piedade popular do povo de Deus, entretanto, acompanhada por exageros simbólicos e teológicos, como o de considerar a Virgem uma quarta pessoa na Santíssima Trindade.<sup>114</sup> Nos séculos XIX e XX, a devoção chega ao seu ápice com o surgimento das aparições,<sup>115</sup> fomentando o levantamento de santuários por todo o mundo e as peregrinações religiosas a estes lugares.<sup>116</sup> A Igreja Católica é mergulhada por este novo espírito de piedade popular mariana, não mais divorciado da liturgia; singularmente fomentado pelas definições dogmáticas da Imaculada Conceição, em 1854, e da Assunção de corpo e alma ao céu, em 1950, uma

---

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 563.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p. 563.

<sup>112</sup> Conforme Rosso, “a peregrinação moderna tem caráter mariano, devido ao desenvolvimento do culto a Maria na Igreja”, cf. ROSSO, S. Peregrinações. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 1049.

<sup>113</sup> BOFF, C. *Op. cit.*, p. 564.

<sup>114</sup> Sobretudo no período barroco, entre 1600 e 1700, quando o culto mariano transforma a Mãe de Deus em uma deusa, separada do mistério cristológico, cf. *Ibid.*, p. 564.

<sup>115</sup> Não são raras as relações apontadas entre o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) e as aparições marianas, ainda mais no Brasil, quando o surgimento dessas aparições, a partir de 1980, coincide com a dilatação do movimento RCC, cf. ARAÚJO, K. Aparições marianas na contemporaneidade: o contexto brasileiro e o caso de piedade dos gerais, *Annales*, p. 104.

<sup>116</sup> A Basílica Santuário dedicada à Nossa Senhora de Guadalupe, Cidade do México, no México, é o mais visitado do mundo, recebendo cerca de 15 milhões de peregrinos ao ano, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 567. No Brasil, o Santuário Nacional de Aparecida recebe ao ano aproximadamente 8 milhões de pessoas.

sequência de papas marianos, congressos de estudo e aprofundamento, congregações religiosas e institutos de vida apostólica e o capítulo VIII da *Lumen Gentium*.

### As Mariofanias

As aparições marianas ou mariofanias são fenômenos religiosos pouco estudados em âmbito acadêmico;<sup>117</sup> os raros trabalhos desenvolvidos, quase sempre se reduzem à esfera sociológica da problemática. Entre vários fatores está a tendência de considerar as aparições como manifestações da irracionalidade humana, fruto de problemas psicopatológicos ou simplesmente ilusões: “essa é uma postura mental nem sempre isenta de preconceito, enquanto se fecha a admitir fenômenos que não entram nos clichês estabelecidos pela ‘ciência convencional’”.<sup>118</sup>

Normalmente, o discurso sobre aparições marianas assume o século III como referência para a primeira aparição da história cristã da qual se tem relato.<sup>119</sup> Todavia, os fenômenos das mariofanias começam a se intensificar no mesmo período em que a piedade mariana atinge seu primeiro clímax, no início do segundo milênio. Mas será somente na segunda metade do segundo milênio que as aparições adquirem a mesma força e sentido que apresentam hodiernamente: “[...] de uma revelação particular e privada a videntes que recebem a missão de transmiti-la aos demais”.<sup>120</sup>

Se nos primeiros relatos as aparições eram reservadas aos clérigos, monges, religiosas e pessoas das classes distintas da sociedade;<sup>121</sup> a partir da modernidade, as aparições são especialmente recebidas por leigos humildes e pobres.<sup>122</sup> Para Boff, essa realidade já é sinal evangélico da ação de Deus: “isso tudo já mostra que Deus, através

<sup>117</sup> Cf. *Ibid.*, p. 592: “as mariofanias não receberam dos estudiosos, quer teólogos, quer cientistas da religião, a atenção que sua importância merece”.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 592.

<sup>119</sup> O primeiro relato é atribuído a Gregório Taumaturgo, cf. *ANEXO A* deste trabalho.

<sup>120</sup> STEIL, C. A. *Aparições marianas na história recente do catolicismo*, p. 24.

<sup>121</sup> São registradas aparições ao Imperador Augusto, São Tiago, Narses, general do Império Bizantino, Gregório Taumaturgo, São Basílio Magno, Santo Isidoro de Sevilha, Papa Libério e senador João Patrício, cf. BOFF, C. *Op. cit.*, p. 602. Desse modo, é evidente que nada impede a ação libérrima de Deus. “Há outra série de mariofanias a não pobres: as que marcam o início de mais de vinte conhecidos institutos religiosos [...]”, cf. *Ibid.*, p. 603.

<sup>122</sup> São oito aparições da época moderna que têm como destinatários pessoas humildes: Guadalupe, no México, a um velho índio; Rua du Bac, em Paris, a uma postulante sem muita cultura e filha de camponeses; Lourdes, na França, à criança analfabeta e enferma, Bernadette; La Salette, na França, aos pequenos pastores Melânia e Maximino; Pontmain, também na França, a quatro meninos lavradores; em Fátima, Portugal, a três pastores; em Beauraing, na Bélgica, a cinco crianças do interior; e em Banneux, Bélgica, para Mariette, menina não alfabetizada, filha de operários, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 600.

de Maria, leva adiante a lógica que presidiu toda a história da salvação: a escolha preferencial pelos pobres”<sup>123</sup> e, mais adiante, enaltecendo o significado sociopolítico: “se a sociedade não valoriza os pobres, mas, antes, os despreza e exclui, a Mãe de Deus, pelo contrário, os escolhe como protagonistas de seus altíssimos planos e como seus mensageiros privilegiados frente ao mundo”.<sup>124</sup>

Não é rara a presença dos elementos naturais: fonte, água, pedra, gruta, árvore etc. Tanto na aparição em si, mas, principalmente, como sinal na eleição do lugar para a construção do santuário, solicitado, muitas vezes, na própria aparição.<sup>125</sup> Outras vezes, é a própria Virgem Maria quem indica o lugar específico para a edificação do templo: “[...] as chaves da mensagem da Virgem eram a localização do santuário, de modo que as aparições vinham dirimir essa questão, uma vez que era a própria santa que indicava o lugar”.<sup>126</sup> Com isso, multiplicam-se os centros de peregrinações em todo o mundo, descentralizando Roma e Jerusalém como focos peregrinos desde o início do cristianismo. Fator que é produzido pela própria Virgem ao escolher lugares distantes e não os grandes centros urbanos como contexto para a aparição: “Maria oferecia, assim, lugares alternativos de encontro com o sagrado fora das vilas e cidades, conduzindo os seus moradores para a natureza”.<sup>127</sup>

Neste momento, o objetivo não é descrever ou nomear as diversas aparições de âmbito nacional e internacional, mas apenas destacar elementos nas três principais aparições marianas da história do cristianismo: Guadalupe, Lourdes e Fátima.

## **Guadalupe: México**

Em meio à cultura religiosa politeísta dos astecas, desde 1325, e nos passados dez anos da invasão e conquista dos espanhóis, comandada por Hernán Cortés, é que aparece a Virgem de Guadalupe.<sup>128</sup> A primeira aparição é relatada no dia 09 de

<sup>123</sup> *Ibid.*, p. 600. Deve-se entender que a opção preferencial pelos pobres não é exclusividade, como escreve o autor mais adiante, cf. *Ibid.*, p. 604: “como se vê, o céu tem preferências, mas não exclusividades”.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 604.

<sup>125</sup> Sobre os santuários marianos, cf. *Ibid.*, p. 609-610; sobre as mensagens solicitando construções de santuários, cf. STEIL, C. A. *Aparições marianas na história recente do catolicismo*, p. 24.

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>128</sup> Os aspectos históricos do desenvolvimento cultural do México são narrados como contexto para as aparições de Guadalupe, cf. MACCAGNAN, V. Guadalupe. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 552.

dezembro de 1531, ao índio recém batizado João Diego, pertencente à classe dos “*macehuales*”.<sup>129</sup> Enquanto se dirigia à Igreja da Santa Cruz de Tlatelolco com a finalidade de participar da aula de catecismo, o índio é encantado pelo garganteio melodioso dos pássaros, mas, em seguida, silenciado por uma voz a chamar seu nome: “Juanito, Juan Dieguito!”.<sup>130</sup> “Ele, sem um pingo de medo, contente, caminhou em direção à colina. Quando chegou ao alto viu uma Senhora, de pé, que o convidava a se aproximar. Uma vez diante dela, ficou estupefato com a sua beleza sobre-humana [...]”.<sup>131</sup> Prostrado diante da imagem, João Diego inicia um diálogo com a Senhora, que lhe chama de o menor entre os seus filhos e lhe dispensa uma missão:<sup>132</sup>

Fique bem entendido por ti, que és o menor dos meus filhos, que eu sou a virgem santa Maria mãe do verdadeiro Deus, fonte da vida, do Criador que tudo compreende, o Senhor do céu e da terra. Desejo ardentemente que aqui seja construído para mim um templo, onde eu possa mostrar e oferecer todo o meu amor, a minha proteção – porque eu sou vossa mãe misericordiosa – a ti, a todos os habitantes desta terra e aos outros devotos que me invocam com confiança; onde eu possa ouvir as suas queixas e dar remédio às suas dores, a todas as dificuldades e sofrimentos. E, para realizar o que minha clemência quer, irás ao palácio do bispo do México para dizer-lhe que fui eu que te mandei e que desejo que ele me construa um templo na esplanada. Tu lhe dirás exatamente o que viste e ouviste: fica certo de que eu te serei muito grata, eu te recompensarei e te farei feliz e tu merecerás a recompensa pelo esforço e pela fadiga de haveres cumprido a minha missão. Eis que ouviste a minha ordem, meu filho, o menor de todos. Vai agora e põe nisto o teu empenho.<sup>133</sup>

Em seguida, João Diego se despede e segue em direção ao palácio do bispo João de Zumárraga, da ordem dos franciscanos, que, porém, não lhe dá o crédito esperado. Desanimado, o índio João Diego retorna ao lugar da aparição e recebe a visita da Virgem pela segunda vez. No outro dia, João Diego repete a mesma missão, e agora o bispo pede um sinal ao índio; volta ao lugar da aparição e relata à Virgem o pedido do bispo. Na quarta aparição, dia 12 de dezembro, em uma terça-feira pela manhã, João Diego volta a dialogar com a Virgem, contando sobre a enfermidade de seu tio e a pressa em buscar um sacerdote para a confissão do enfermo. No entanto, a Virgem lhe dirige a seguinte palavra:

---

<sup>129</sup> Cf. *Ibid.*, p. 551: os “*macehuales*” são uma das quatro classes sociais astecas, caracterizada como classe média com direito ao voto.

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 552.

<sup>131</sup> *Ibid.*, p. 552.

<sup>132</sup> Cf. *Ibid.*, p. 552.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 552.

escuta e compreende bem, meu filho, o menor de todos. Nada deve perturbar o teu coração. Não te preocupes com esta doença nem com alguma outra desgraça. Não estou aqui eu que sou tua mãe? Não estás sob a proteção da minha sombra? Não sou eu a tua saúde? Felizmente não repousas no meu seio? De que mais tens necessidade? Não fiques mais preocupado e aflito, nem mesmo com a doença de teu tio, porque ele não morrerá agora. Fica certo de que neste momento será curado.<sup>134</sup>

Após o diálogo com a Virgem Maria, João Diego colheu as flores perfumadas e cheias de orvalho, desabrochadas fora de época. Guardando-as em seu manto, seguiu caminho, novamente, até o palácio do bispo. Ao chegar diante do bispo, repetiu a mensagem da aparição e abriu o manto; logo após as rosas de castilha tocarem o chão, o manto ficou estampado com a imagem da Virgem Maria. O mesmo manto pode ser contemplado no santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, em Tepeyac. Para o povo mexicano, a aparição ganhou um significado diferente daquele dos espanhóis: “o que para os espanhóis eram apenas uma aparição, para o povo mexicano, conquistado e destinado a desaparecer, foi o nascimento de uma nova civilização”.<sup>135</sup>

Depois da construção do primeiro oratório, o manto do índio impresso com a imagem de Nossa Senhora foi exposto para a veneração pública. Durante os 17 anos após as aparições, João Diego permaneceu alojado próximo ao oratório, como testemunha e guardião da Virgem morena.<sup>136</sup> Segundo os relatos, as aparições fomentaram uma expressiva quantidade de conversões, principalmente por parte dos nativos: “15 mil batismos por dia [...]. Em dez anos (1531-1541) houve sete e oito milhões de conversões”.<sup>137</sup> Além do México, índios de outras regiões chegavam ao oratório com o desejo do batismo. Porém, o número elevado não foi sinônimo para um cristianismo puro e uma conversão que deixasse de lado as idolatrias e superstições. Em todo o percurso de evangelização, “Maria era a estrela evangelizadora”<sup>138</sup> porque vem para “[...] proclamar a vocação para a fé; em Tapeyac ela manifesta a sua maternidade divina e espiritual como um serviço, para que seja eficaz a ação salvífica de Deus na história”.<sup>139</sup> O templo requisitado pela mensagem da aparição é um sinal

<sup>134</sup> MACCAGNAN, V. Guadalupe. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 553-554.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 554.

<sup>136</sup> Cf. *Ibid.*, p. 555.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p. 555.

<sup>138</sup> *Ibid.*, p. 556.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 556.

visível e imutável da presença amorosa de Deus Pai; “no templo será colocada a sua imagem, não pintada por mãos humanas, mas dom milagroso do céu”.<sup>140</sup>

Com o passar dos anos, outros templos foram erguidos em homenagem à Virgem de Guadalupe, inclusive um santuário e uma basílica com capacidade para 40 mil pessoas. Devido à constante peregrinação, o Papa Pio X, no ano de 1910, atribui à Nossa Senhora de Guadalupe o título de padroeira da América Latina.<sup>141</sup> Cerca de 20 milhões devotos de vários países visitam anualmente o santuário de Guadalupe em mais de 6 mil grupos de peregrinações, sendo, assim, o santuário mais visitado do mundo. “Para o povo mexicano o santuário mariano é o lar comum, onde se compartilham as esperanças e as inquietações, a devoção e a fé dos humildes, a epifania patriótica e a busca apaixonada da alma nacional”.<sup>142</sup>

### **Lourdes: França**

Lourdes é considerada a capital mundial da oração,<sup>143</sup> justamente pelo potencial atrativo, sendo o segundo destino europeu mais visitado, atrás de Roma.<sup>144</sup> Recebe ao ano mais de 5 milhões de peregrinos, vindos principalmente dos países limítrofes.<sup>145</sup>

Bernadete Soubirous é filha do humilde Francisco. O seu pai, anos antes de acontecer a aparição, é expulso do próprio moinho do qual era dono, devido às questões financeiras; a família de Bernadete, por consequência desse acontecimento, passa a viver na miséria. No dia 11 de fevereiro de 1858, aos 14 anos, Bernadete, acompanhada pelas irmãs Maria e Joana, saem à procura de lenha e ossos para ajudar no sustento da família. Neste dia, na gruta de Massabielle, Bernadete recebe a aparição da Virgem Maria. Segundo os relatos, enquanto atravessava o canal que liga a gruta ao lugarejo em que a família residia, Bernadete ouve um barulho que lhe causa espanto, semelhante a um vento forte: “a rajada e vento se repete, o nicho da gruta depois do canal se ilumina suavemente como se atravessada por um raio de sol que penetra a névoa do dia, e na luz ela vê uma jovem maravilhosa, vestida de branco, que lhe sorri

---

<sup>140</sup> *Ibid.*, p. 556.

<sup>141</sup> Cf. MACCAGNAN, V. Guadalupe. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 557.

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 558.

<sup>143</sup> Cf. LAURENTIN, R. Lourdes. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 767.

<sup>144</sup> *Ibid.*, p. 767.

<sup>145</sup> Estimativa, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 607.



e lhe faz sinal para que se aproxime”.<sup>146</sup> Além de vestido branco, a jovem tem uma faixa azul em volta da cintura, aos pés, rosas amarelas e rosário da mesma cor.

No caminho de volta para casa Bernadete havia contado a visão às irmãs; estas, porém, não se contendo, relatam para a mãe, o que causa repreensão. Bernadete só pode voltar à gruta no dia 14, acompanhada das mesmas irmãs, e recebendo a segunda visão. Na terceira aparição, dia 18 de fevereiro, a Virgem fala a Bernadete: “queres fazer-me o favor de vir aqui durante quinze dias?”<sup>147</sup> e continua: “não te prometo fazer-te feliz neste mundo mas no outro”.<sup>148</sup>

Entre os dias 19 de fevereiro e 4 de março de 1858, Bernadete recebe as 15 aparições. Durante as aparições, Maria faz pedidos e indicações específicas a Bernadete, tais como: “vai beber à fonte e lava-te”;<sup>149</sup> “reza pela conversão dos pecadores”;<sup>150</sup> “beija o chão em penitência pelos pecadores”;<sup>151</sup> e “penitência, penitência, penitência”.<sup>152</sup> No dia 02, recebe uma ordem destacada: “vai dizer aos sacerdotes que venham aqui em procissão e que se edifique aqui uma capela”.<sup>153</sup> Mesmo cumprindo a ordem da Virgem, Bernadete não é bem recebida pelo pároco. Porém, à medida que passam os dias durante às 15 aparições, também aumenta o número de espectadores curiosos, a tal ponto de em 04 de março, durante a última das 15 aparições, estarem presentes 8 mil pessoas. Todos são atraídos pela expectativa de um milagre, mas ele não se concretiza; mesmo assim, a gruta começa a ser frequentada para celebrações e cultos. É somente em 25 de março, quando Bernadete recebe outra aparição na gruta, que se revela a identidade: “eu sou a imaculada conceição”.<sup>154</sup> Recebe mais duas aparições no mesmo lugar, em 07 de abril e 16 de julho.

## **Fátima: Portugal**

Fátima é um vilarejo localizado próximo ao centro do país, cerca de 125 km de Lisboa. Os fenômenos das aparições são relatados na localidade denominada Cova da Iria, predominantemente marcada por rochas calcárias côncavas, distante 3 km de

<sup>146</sup> LAURENTIN, R. *Op. cit.*, p. 770.

<sup>147</sup> LAURENTIN, R. Lourdes. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 770.

<sup>148</sup> *Ibid.*, p. 770.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 770.

<sup>150</sup> *Ibid.*, p. 770.

<sup>151</sup> *Ibid.*, p. 770.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 770.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 770.

<sup>154</sup> *Ibid.*, p. 770.

Fátima: “se com o tempo prevaleceu o nome de Fátima, isto se deve ao fato de que tal nome era mais conhecido, e, talvez, também graças ao encanto e à lenda que cercam este belo topônimo árabe”.<sup>155</sup>

Lúcia de Jesus, com 10 anos, Francisco Marto, com 9 anos e sua irmã, Jacinta Marto, com 7 anos, são os três videntes das aparições. Moradores da localidade de Aljustrel, as crianças são filhas de pais humildes, dedicados ao trabalho no campo e por não frequentarem a escola, não são letradas:

a vida desses camponeses transcorre simples e feliz, em torno do lar doméstico ou no trabalho campestre de todos os dias, que só lhes concede uma pausa aos domingos e nas festas de preceito. Nesses dias irrompe no lugarejo um folclore rico em música, em danças e na mais singela alegria.<sup>156</sup>

Ao todo, foram seis aparições, de maio a outubro de 1917. Entretanto, as aparições foram acompanhadas por elementos adicionais, como a aparição de um anjo no ano anterior à aparição da Virgem e as aparições complementares em Pontevedra e Tuy, em 1925 e 1929, respectivamente.

A aparição do anjo, em 1916, aos três videntes, é interpretada como preparação para as aparições da Virgem Maria. Apresentando-se como o “anjo da paz” ou ainda “anjo de Portugal”, ensina as orações:<sup>157</sup> “Meus Deus, creio, espero e vos amo. Peço-vos perdão pelos que não creem, não esperam e não vos amam” e “Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu vos adoro profundamente e vos ofereço o preciosíssimo corpo, sangue, alma e divindade de Jesus Cristo, presente em todos os tabernáculos do mundo, em reparação dos ultrajes, dos sacrilégios, das indiferenças com que ele é ofendido; e pelos méritos infinitos do coração sacratíssimo de Jesus e pela intercessão do coração imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores”.

Após o anjo, a Virgem Maria aparece pela primeira vez em 13 de maio de 1917, enquanto as crianças pastoreavam o rebanho na Cova da Iria. Próximo ao meio dia, as crianças repararam no céu um fecho de luz, muito semelhante a um relâmpago; assustadas, reúnem o rebanho para retornar em direção à casa. Entretanto, um novo raio de luz obrigou as crianças a se abrigarem próximo às árvores e moitas. Do lugar onde estavam, reparavam uma azinheira, de onde irrompe um clarão branco. É neste

---

<sup>155</sup> DE FIORES, S. Fátima. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 534.

<sup>156</sup> DE FIORES, S. Fátima. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 534.

<sup>157</sup> Sobre as três aparições do anjo, cf. *Ibid.*, p. 534.

momento que as crianças afirmam a primeira aparição. Além disso, a Virgem pede para retornarem nos próximos seis meses, no mesmo dia, hora e lugar.

Na segunda aparição, Maria confia uma missão à vidente Lúcia: “sim, Jacinta e Francisco virei em breve buscá-los. Tu, porém, deves permanecer aqui na terra por mais tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu coração imaculado. A quem a praticar, prometo salvação”.<sup>158</sup> Com o tempo, as aparições começam a ter a participação de público, porém, apenas as crianças recebem a visão de Maria. Na terceira aparição, a Virgem Maria revela um segredo às crianças, que deveria ficar resguardado somente aos três. Mais tarde, Lúcia escreveu os segredos em três partes: as duas primeiras partes, sobre a visão do inferno e sobre a necessidade da devoção mundial ao imaculado coração de Maria, incluindo a Rússia, foram reveladas nos anos mais tardes, nos escritos de Lúcia, de 1941. A terceira parte, refere-se ao Sumo Pontífice, escrito em 1943, mas permanecendo sob os cuidados do Vaticano, até ser revelado no ano 2000.<sup>159</sup>

Em 19 de agosto de 1917 acontece a quarta aparição, rompendo com a lógica anterior e o desejo inicial da primeira aparição, não por vontade divina, mas por manipulação humana. No dia reservado para a aparição, os videntes são sequestrados pelo prefeito da cidade com a intenção de desvendar à força os segredos das mensagens. Entretanto, o público que esperava para assistir a aparição no dia 13, recebe outros sinais particulares: “é que o céu realiza então prodígios especiais para testemunhar que a ausência das crianças não é impedimento para as manifestações do Senhor”.<sup>160</sup> Por causa desse insulto aos videntes, na quinta aparição, em 13 de setembro, Maria promete curas de enfermos a serem efetuadas na aparição do mês seguinte. Com isso, logo se espalha a notícia do grande milagre prometido pela Virgem Maria, atraindo, segundo os relatos, 50 mil pessoas à Cova da Iria.<sup>161</sup> Após a aparição, as pessoas puderam testemunhar fenômenos no sol: rotação, mudança de cor, diversas direções e três sucessivos movimentos de translação em direção à terra.<sup>162</sup> Na aparição, Maria deixa a seguinte mensagem às crianças: “sou a Virgem do rosário. Quero que se

---

<sup>158</sup> DE FIORES, S. Fátima. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 535.

<sup>159</sup> Sobre as três partes ou três mensagens de Fátima, cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *A mensagem de Fátima*.

<sup>160</sup> DE FIORES, S. *Op. cit.*, p. 535-536.

<sup>161</sup> Estimativa, cf. *Ibid.*, p. 536.

<sup>162</sup> Eventos relatados, cf. *Ibid.*, p. 536.

construa aqui uma capela em minha honra. Continuem sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra está para terminar e os soldados voltarão em breve para casa”.<sup>163</sup>

Depois das aparições prometidas, a Virgem Maria aparece outras duas vezes e, segundo Laurentin, a partir do testemunho escrito por Lúcia sobre a aparição de 13 de maio, cumpre a promessa de pedir favores específicos; as crianças, porém, desconheciam para quem, onde ou como seria. Neste novo ciclo de duas aparições, Lucia é a única vidente; primeiro em Pontevedra, onde residia como postulante dorotéia, na noite de 10 de dezembro de 1925, relatado pela própria vidente. Segundo Lúcia, além da Virgem, recebe a aparição do Menino Jesus:

olha minha filha, o meu coração cercado de espinhos com que os homens ingratos a cada momento o atravessam com as suas blasfêmias e ingratidões. Tu ao menos procura consolar-me, e, de minha parte, anuncia que eu prometo assistir, na hora da morte, com as graças necessárias à salvação das almas, todos os que no primeiro sábado de cinco meses consecutivos se confessarem, receberem a santa comunhão, rezarem o terço do rosário e me fizerem companhia durante quinze minutos, meditando os mistérios do rosário, a fim de me oferecer em reparação.<sup>164</sup>

Na segunda, em Tuy, no ano de 1929, a aparição a Lúcia é relatada pelo diretor espiritual do convento:

Nossa Senhora me disse: chegou o momento em que o Senhor pede que o santo Padre faça, em união com todos os bispos do mundo, a consagração da Rússia ao meu coração imaculado, prometendo salvá-la por esse meio. São tantas as almas que a justiça de Deus condena por causa dos pecados cometidos contra mim! Venho pedir reparação. Sacrifica-te por esta intenção e reza.<sup>165</sup>

Depois dessas duas, as aparições de Fátima são consideradas encerradas. As mensagens de Fátima não prejudicam em nada a doutrina católica, ao contrário, se bem entendidas, podem contribuir na pastoral e catequese, justamente pela ligação que possuem com o Evangelho, a partir dos núcleos: oração e conversão. Além do mais, as aparições de Fátima se mantêm atuais: “[...] com o tema da Rússia coloca-se no centro das preocupações mundiais e dos acontecimentos históricos mais importantes do [...] século; oferece [...] o único remédio, de tipo religioso e transcendente, capaz de enfrentar as catástrofes [...] que todos anunciam”.<sup>166</sup>

---

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 536.

<sup>164</sup> DE FIORES, S. Fátima. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 536.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 536.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 537.

Junto às peregrinações e devoção, especialmente ao imaculado coração de Maria, conforme o pedido da Virgem nas aparições, também aparecem as perseguições. A primeira capela, construída em 1919 é violentamente explodida em março de 1922. Porém, nos anos seguintes já se iniciam a construção de uma basílica, sendo esta inaugurada em 1951. No cenário internacional, o santuário de Fátima é visitado pelos papas Pio XII, ainda nos 25 anos das aparições, e em seguida por Paulo VI, em 1967, e João Paulo II, em 1982. Atualmente, a estimativa anual de peregrinos é de 4 milhões.<sup>167</sup> Fátima, de pacata localidade, é inserida no grande núcleo das localidades de expressão religiosa: “a força da religião contribuiu para a evolução e estruturação da cidade de Fátima, que, de pequena aldeia passou a ser cidade religiosa de expressão mundial”.<sup>168</sup>

A partir dos três fenômenos de aparições, a saber, Guadalupe, Loures e Fátima, é possível evidenciar o carinho dos fiéis para com as peregrinações e os santuários, principalmente aqueles dedicados a alguma aparição mariana. São fenômenos religiosos que envolvem multidões de pessoas, fenômenos de massa, daqueles que anseiam impetuosamente ver a Virgem Maria: “nenhuma figura religiosa do Ocidente arrasta mais gente atrás de si do que a Virgem Maria. Isso se observa principalmente nos santuários marianos, ligados em geral a uma aparição”.<sup>169</sup> É por este motivo que Boff atribui às aparições marianas o caráter de fatos sociais, sem olvidar o elemento religioso.<sup>170</sup>

### **Aparições de nossa senhora da assunção em taquari: experiências e simbolismos**

Este capítulo descreverá fenomenologicamente os eventos das aparições de Nossa Senhora da Assunção, no município gaúcho de Taquari. Em alguns aspectos, o relato dos acontecimentos de Taquari, carregam semelhanças e proximidades com outros relatos de aparições ocorridas no Brasil e fora do país,<sup>171</sup> sendo esta uma das

<sup>167</sup> Estimativa, cf. BOFF, C. *Mariologia social*, p. 607.

<sup>168</sup> SILVA, D. et al. “Nossa Senhora está aqui!”: fé e manifestação religiosa à Nossa Senhora. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, p. 54.

<sup>169</sup> BOFF, C. *Mariologia social*, p. 605-606.

<sup>170</sup> São verdadeiros fatos sociais, ainda que sob caráter religioso, cf. *Ibid.*, p. 608.

<sup>171</sup> Para o antropólogo Steil, as aparições em Taquari conservam semelhanças com as aparições de outro município gaúcho, Erechim, no ano de 1944. Outra autora, Lilian Sales, relaciona o contexto geral do Brasil com as aparições de Iugoslávia. Conferir, respectivamente: STEIL, C. A.; ALVES, D. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”: a aparição de Maria em Taquari – RS. In: STEIL, C. A. (org.). *Maria entre*

possibilidades de análise e interpretação dos eventos. Em nossa exposição, destacamos o próprio relato narrativo dos fenômenos vivenciados, junto aos elementos e símbolos envolvidos diretamente à aparição: mensagens reveladas, videntes e o local.

Nesta perspectiva, os fenômenos não serão abordados a partir dos resultados políticos, sociais ou econômicos ocasionados pela a aparição, nem mesmo os elementos político-sociais que antecederam os fatos. Entendemos que, por mais valiosos e múltiplos que possam ser, não significam o sentido último das aparições, sendo este o sentido religioso. Dessa maneira, será possível evidenciar a experiência religiosa da devoção popular nas romarias e no cotidiano do local, objetivo deste trabalho.

O município sede das aparições está situado na região central do estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente a 96 km de distância da capital gaúcha, 72 km de Santa Cruz do Sul e 130 km de Caxias do Sul. Está situado às margens do rio que lhe concede o nome, Taquari. Emancipada em 4 de julho de 1849, Taquari é a primeira cidade gaúcha de povoamento planejado pelo governo português.<sup>172</sup> As origens históricas remontam ao século XVIII com a chegada de casais portugueses, provenientes da ilha dos Açores. Por volta do ano 1760, a coroa portuguesa ordena a fundação de um povoado na localidade, como parte de um sistema de expansão territorial e proteção contra as invasões castelhanas. Os primeiros colonizadores açorianos se estabeleceram às margens do rio Tibiquari, hoje rio Taquari, recebendo assistência do governo em forma de demarcações de terras e títulos de propriedades. É somente no ano de 1764 que é criada a Freguesia de Taquari, pelo governador José Custódio de Sá e Faria. Ainda hoje, na região comercial do município, é possível perceber casas no estilo açoriano do século XVIII e XIX.

O nome da cidade é de origem indígena, que traduzido significa “rio das taquaras”. Ao ser elevado à Vila em 1849,<sup>173</sup> Taquari passa a ser um dos maiores

---

*os vivos*: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil, p. 175-202; SALES, Lílian. As aparições de Nossa Senhora em Jacareí: continuidade e modelagem. *Ciências Sociais e Religião*, p. 67-92.

<sup>172</sup> Para um histórico completo, cf. BALEM, J.M. *A Paróquia São José de Taquari*.

<sup>173</sup> Em 4 de julho de 1849, o presidente da Província de São Pedro do Rio Grande, Francisco José de Sousa, eleva a localidade de Taquari à Vila, desmembrando-a do município de Triunfo, por meio da Lei Provincial n. 160: “O Tenente-General Francisco José de Sousa Soares de Andréa, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a lei seguinte: Art. I – Fica elevada à vila, a Freguesia de Taquari, tendo por limites, provisoriamente, os que lhe forem marcados pelo Presidente da Província. Art. II – Ficam revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem

municípios do estado em relação à extensão territorial, o que abre espaço para o surgimento de novas localidades. Diretamente se emanciparam os municípios de Estrela, General Câmara, primeiro com o nome de Santo Amaro, Bom Retiro do Sul, Paverama e Tabaí; e indiretamente, Lajeado, Colinas, Roca Sales, Imigrante, Teutônia, Venâncio Aires e Fazenda Vilanova.

Ao longo da história, o município ficou conhecido nacionalmente pelo atributo de “Terra da Laranja” e as festas nacionais da laranja, limão e mel promovidas entre os anos 1950 e 1990. Além disso, a figura de Arthur da Costa e Silva, nascido em Taquari, 27º presidente do Brasil e o segundo no período da Ditadura Militar, entre os anos 1967 e 1969. Atualmente, a extensão territorial é de aproximadamente 350 km<sup>2</sup> e a população é superior a 26 mil habitantes, segundo dados do IBGE.<sup>174</sup>

### Os eventos<sup>175</sup>

O primeiro indício das manifestações particulares da Virgem Maria em Taquari é relatado no dia 24 de março de 1988. O menino de 11 anos, Volnei Quadros,<sup>176</sup> é primeiro a vivenciar a experiência, arquivada em vários materiais locais de devoção e divulgação das aparições. Conta-se que ao entardecer de uma quinta-feira, o menino passava pelas proximidades da capela Nossa Senhora da Assunção com a intenção de apanhar leite. Aquele trajeto já lhe era familiar, porém, no dia 24, chamou-lhe a atenção uma borboleta de cor amarela. O menino, com o desejo de capturar a borboleta

---

o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que cumpram e a façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo, na real e valorosa cidade de Porto Alegre, aos 4 dias do mês de julho de 1849, vigésimo oitavo da Independência e do Império. Francisco José de Sousa Soares de Andréa”.

<sup>174</sup> Dados de população e extensão territorial coletados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, cf. IBGE. Pesquisa por cidades: panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/taquari/panorama>>.

<sup>175</sup> Embora possam existir diferentes versões e perspectivas do mesmo acontecimento, a estrutura narrativa dos fenômenos é herdada dos manuais elaborados pela comissão local de estudo das aparições, atuante desde o início dos fatos. Em nenhum dos manuais é declarada a identidade dos participantes da comissão, apenas a condição de assiduidade na comunidade local. Nos anos iniciais de trabalho, a comissão é presidida por Frei Orly Inácio Reidel, OFM, na época pároco da Paróquia em Taquari, RS. Mais tarde, o trabalho de estudo e de condução da devoção é presidida por João Sulzbach, OFM. Com isso, supõe-se uma razoável formação cristã dos membros. Ainda hoje, o nome destes permanecem desconhecidos. Para saber mais, cf. MANUAL. *Quero conduzi-los para um caminho melhor*; MANUAL. *Vim elevá-los à verdadeira vida*; MANUAL. *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção: com Maria ao mistério do amor*.

<sup>176</sup> Todos os nomes citados no decorrer do trabalho são de caráter público; sem prejudicar a integridade moral de qualquer sujeito, cf. ANEXO C deste trabalho; MANUAL. *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção: com Maria ao mistério do amor*, p. 12-13; MANUAL. *Quero conduzi-los para um caminho melhor*, p. 2.

ou simplesmente pela alegria de brincar, corria atrás do inseto. Ao pousar em um tronco de uma árvore, a borboleta já não lhe causara mais tanto encanto como antes, pois deu espaço à visão de uma jovem. Conta ainda que a jovem estava envolta por um globo esfumaçado, flutuando cerca de vinte centímetros do chão. Após essa rápida visão, a jovem desaparece da sua vista.

As manifestações continuaram a acontecer nos dias seguintes, com isso emerge a curiosidade, por conta da notícia se espalhar pela localidade e municípios limítrofes.<sup>177</sup> Outras pessoas também afirmam ver as manifestações da jovem que se apresentava como Nossa Senhora da Assunção. Nos parágrafos que seguem, vamos discorrer sobre as demais visões, de forma cronológica.

### **25 de março de 1988**

Esta é uma data tradicionalmente litúrgica, pois é celebrada a festa da Anunciação do Senhor. Neste dia, novamente o menino Volnei volta a ver a jovem junto à árvore. Desta vez não está só, resolve convidar alguns colegas de aula e amigos para lhe acompanhar. São eles: Cláudia, Alex, Diulnéia e André. Segundo os relatos, todos afirmam ter avistado a jovem, mas somente o menino Alex que relata ter ouvido a moça lhe dizer: *“sou Nossa Senhora da Assunção. Não vim para o mal de ninguém. Quero o bem de todos. Quero a paz entre os homens”*.<sup>178</sup>

Após a revelação da identidade, a jovem faz um pedido: *“busquem a minha imagem em Taquari, aqui na igreja é o meu lugar”*. As crianças entendiam que a igreja de que se falava era a capela dedicada à santa. Assim fizeram, dirigindo-se até a igreja matriz, cerca de 07 km de distância do local das aparições, onde encontraram a imagem de gesso que a jovem pedia. Por ocasião das festividades do padroeiro paroquial, São José, celebrado no dia 19 de março, todas as comunidades levavam as imagens esculpidas dos patronos das capelas para a matriz. Por este motivo, a imagem de Nossa Senhora da Assunção não estava na capela original. Ao encontrarem a imagem, retornaram ao local das aparições e na capela a depositaram. É neste dia que apenas uma das crianças relata ouvir outro pedido da jovem: *“quero que tragam as crianças para a igreja, porque vou estar com elas”*.

---

<sup>177</sup> Nos anexos deste trabalho é possível conferir algumas das primeiras notícias das aparições em Taquari, tanto em âmbito local quanto nacional.

<sup>178</sup> Para diferenciar as mensagens reveladas do corpo do texto, usaremos a formatação itálica entre aspas.



## 26 de março de 1988

Atendendo ao pedido da jovem que se apresentava como Nossa Senhora da Assunção, outras pessoas se somaram ao grupo. Era próximo do entardecer e cerca de 60 pessoas estavam no local das manifestações. Ao redor da árvore da primeira manifestação, as crianças, ajoelhadas ao chão, formavam um círculo. Permanecendo de pé, os demais presentes também se agruparam ao redor das crianças. Diante da expectativa do grande grupo, as crianças, sentindo a presença da Virgem Maria, diziam “ela está aqui na nossa frente”. Além das crianças, outras pessoas presentes afirmam ter a mesma visão e, além disso, o menino Alex acrescenta o pedido da Virgem: “*que os homens entrem na igreja e que haja mais união nas famílias*”. Após o pedido, todos os presentes entraram na igreja permanecendo muitas horas em orações e entoando hinos de louvores.

## 27 de março de 1988

No calendário daquele ano, celebrava-se a Solenidade do Domingo de Ramos, início da Semana Santa. Ao final do dia, um grupo se reuniu por ocasião das aparições, dessa vez no interior da capela: Volnei, Alex, Sílvio, Carlos Alexandre, Diulnéia, Elisando, André, Sérgio, Cleusa, Nilda, Cláudia, Vânia, João, Aline e Tristão.<sup>179</sup> Atendendo à solicitação da jovem, o grupo permaneceu em oração do entardecer até à noite. Nos relatos escritos, as crianças parecem ter uma atenção especial pela jovem que convida a fazer vigílias noturnas de oração. O grupo, espontaneamente e sem combinação prévia acabava se encontrando na mesma hora na capela. O apelo das mensagens sempre estava direcionado ou relacionado à oração. Além das mensagens reveladas, algumas aparições de Nossa Senhora continham apenas sinais espirituais, como relatados a seguir.

---

<sup>179</sup> Acréscimo de mais pessoas ao grupo original é relatado nos manuais, cf. MANUAL. *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção: com Maria ao mistério do amor*, p. 19. Nem todos são considerados videntes, pois se somaram ao grupo a partir das mensagens e do envolvimento com o fenômeno das aparições, que já causava certo alvoroço e desconfiança na comunidade. São considerados como videntes somente o grupo original, aqueles que estiveram presentes no dia 25 de março, conforme relatado acima, em 3.1.1.

### 31 de março de 1988

Durante a quinta-feira santa, os videntes, ocupando o campo próximo à árvore das aparições, dizem sentir medo e sensação de serem impedidos de caminhar, como se algo ou alguém os impedisse de mover as pernas, acompanhado de um forte odor de enxofre. Na tentativa de contornar a situação, relatam aumentar a intensidade da oração no momento. Para os videntes, o medo que sentiram decorre da presença negativa do mal, como um ser espiritual que, no momento sentido, rondava os corações na tentativa de penetrar e derrubar a árvore das aparições. Com esse sentimento de que o mal quer destruir a árvore, os videntes penduram um singelo crucifixo junto ao tronco. Também assumiram o terço como objeto de proteção pessoal contra o maligno.<sup>180</sup>

### 2 de abril de 1988

No sábado santo, aproximadamente 3 mil pessoas passaram ao longo do dia pelo campo que abriga a árvore das aparições. Ainda era tarde, próximo às 15h30min, a árvore chá-de-bugre, segundo os relatos, derramou gotas tal como se estivesse chorando lágrimas, mas sem molhar ou tocar o chão. Além desse ocorrido, outro fato testemunhado por muitas pessoas foi observado ao cair da tarde, próximo às 18h. Durante a oração do terço, as pessoas percebem um fenômeno diferente no sol e cada uma das pessoas recebia de formas diferentes, ocasionando em uma alegria contagiante.<sup>181</sup>

Após este dia, não há mais relatos de aparições ou epifenômenos experimentados. Nos relatos escritos, o dia 02 de abril é “[...] o dia mais marcante [...]” dos eventos de 1988;<sup>182</sup> “aquele entardecer ficou marcado na memória de muitas

---

<sup>180</sup> Este evento das aparições é relatado por Carlos Alberto Steil e Daniel Alves, nos Debates do Núcleo de Estudos da Religião, do ano 2003, sob o título: *A santa e o demônio: relato e interpretação de um momento crucial da aparição de Nossa Senhora em Taquari, RS*. Segundo os autores, a manifestação do dia 31 de março de 1988 “[...] foi imediatamente reconhecida pelo odor forte de enxofre, pela animação e deslocamento dos objetos, por um vento forte, sem origem natural precisa, que bate portas e vira os quadros na parede, por tremores que se apoderam dos corpos de alguns participantes, numa experiência de quase transe ou possessão”, p. 43. Para saber mais sobre esse relato, conferir o artigo.

<sup>181</sup> Segundo os relatos escritos, as pessoas testemunhavam percepções diferentes do fenômeno: “sol pulsava e gritava; o sol mudava de cor a todo momento e se aproximava de nós; o sol podia ser visto sem nenhuma ofensa aos olhos; o sol ficou azul, a árvore brilhava; eu vi o sol se transformar numa hóstia; eu vi os três anjos que estão aos pés da imagem de Nossa Senhora da Assunção”, cf. MANUAL, *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção: com Maria ao mistério do amor*, p. 22.

<sup>182</sup> MANUAL. *Quero conduzi-los para um caminho melhor*, p. 02.

peessoas como algo único e inesquecível”.<sup>183</sup> Além disso, é destacado o dia 03 de abril, Domingo de Páscoa, pelo número de pessoas visitando a árvore das aparições, cerca de 10 mil.

### **As mensagens**

O vidente Alex é o principal sujeito das mensagens reveladas nos fenômenos das aparições. Nossa Senhora teria se comunicado diretamente com ele até o dia 15 de agosto do mesmo ano do início das aparições. Após esse dia, todas as mensagens são divulgadas por meio da devota Nilda Maria Granja Pereira, em forma de locução interior. Locução nada mais é do que uma sensação interna de ouvir uma voz e, conseqüentemente, uma mensagem. Pode acontecer de duas formas: interna, quando a voz soa dentro da pessoa, mas não é inventada; e externa, quando a voz é escutada semelhante à voz de outra pessoa. Murad situa a locução dentro dos fenômenos religiosos: “entende-se por locução o fenômeno pelo qual a pessoa tem a sensação de ouvir a voz de Deus, de Maria, ou de outro santo, que lhe comunica uma mensagem. Ela sente que a voz, expressão da alteridade divina, não provém dela mesmo, mas de alguém do âmbito sagrado”.<sup>184</sup> Em outras palavras, as locuções interiores são fenômenos místicos.

Para facilitar a compreensão das mensagens, preferimos utilizar o recurso de ilustrações,<sup>185</sup> favorecendo três tipos de mensagens em suas respectivas datas de ocorrências – ano, dia e mês, e mensagem, conforme relatos escritos. As ilustrações que seguem, são agrupadas em três quadros, indicando o contexto amplo em que se sucederam: reveladas ao vidente Alex durante os fenômenos das aparições, reveladas ao vidente Alex após encerrar os fenômenos das aparições e reveladas por locução interior a Nilda Maria.

---

<sup>183</sup> MANUAL. *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção: com Maria ao mistério do amor*, p. 22.

<sup>184</sup> MURAD, A. *Visões e aparições*, p. 18.

<sup>185</sup> Ilustrações elaboradas com base nos relatos das aparições, cf. MANUAL. *Quero conduzi-los para um caminho melhor*.

### Quadro 1 - Mensagens reveladas ao Alex durante o fenômeno das aparições

988	5.03	Sou Nossa Senhora da Assunção. Não vim para o mal de ninguém. Quero o bem de todos. Quero a paz entre os homens. Busquem minha imagem em Taquari, aqui na Capela é o meu lugar.
988	6.03	Quero que tragam as crianças para a Capela porque vou estar com elas. Que os homens entrem todos na Igreja. Peço que haja mais união nas famílias.
988	7.03	Peço que fiquem na Capela esta noite e rezem. É preciso muita oração.
988	9.03	Quero que protejam a árvore e a natureza.

### Quadro 2 - Mensagens reveladas ao Alex após o fenômeno das aparições

988	9.04	Que a paz renasça em todos os corações! O amor de Cristo vos uniu.
988	5.05	Sigam os meus mandamentos e os mandamentos da lei de Deus, porque tudo isto terá um fim.
988	3.06	Vim visitá-los porque estou feliz em vê-los rezando em família. Quero em vocês uma família de Nazaré. Rezem pela união de todas as famílias. Quero que cada pai seja um José e cada mãe uma Maria... Tenho um plano de salvação. Quero famílias unidas na oração para que isto aconteça, porque o demônio está tentando a todo custo dividir as famílias para prejudicar o meu plano. Rezem, rezem profundamente uns pelos outros. Não façam muitos planos, o futuro só Deus quem sabe. Não falem mal uns dos outros, não guardem mágoa no coração, um coração cheio de rancor espalha tristeza. Eu vim trazer a paz.
988	6.07	Rezem pelas crianças. Jesus ama muito as crianças. Elas não devem pagar pelos pecados dos grandes. Rezem pelas conversões. Para seguir a Jesus sejam como as crianças, tenham os corações puros.
988	5.08	Que todos sejam uma só família em oração, para que haja a conversão de todos.

**Quadro 3 - Mensagens interiores a Nilda Maria**

1988	08.09	Que a paz resplandeça em todos vocês. Este lugar está purificado com o Espírito Santo.
1988	07.10	O mundo só pode se salvar com o Rosário. Os homens constroem armas. O Rosário é a única arma da salvação. Muitas famílias têm o Rosário em casa, mas não rezam.
1988	13.10	Se o mundo tivesse vivido as minhas mensagens de Fátima, não teriam acontecido tantos sofrimentos ao longo destes anos. Ouçam, meus filhos, vivam as minhas mensagens! Eu vim porque quero conduzi-los para um caminho melhor. Procurem viver mais para o céu.
1988	08.12	Os homens querem colocar-se acima de Deus, e por isso, há tanto pecado, espalham injustiça em cima de injustiça. Não há mais respeito humano. Só com muita oração poderão fugir de tantos pecados.
1989	25.05	... cada corpo humano é a morada do Espírito Santo. O corpo de meu Filho, que hoje celebram, está presente em cada corpo humano. Por isso, é preciso que respeitem o corpo de cada irmão.
1989	20.07	Às sextas-feiras façam jejum a pão e água. Ofereçam isto para que haja mais justiça neste país. Sejam solidários com tantos pequeninos meus que não têm o pão. Não abusem de tantos alimentos. Alimentem-se sim, com o Corpo de meu Filhos, busquem este alimento com todo o coração. Vocês nem sabem a força da oração e do jejum feitos com fé e sinceridade. Isto pode alcançar muitas graças.
1989	24.07	Eu, como humilde serva do Senhor, vim aqui neste lugar de um povo simples e humilde, porque é pelo povo simples que se une, reza e jejua, onde muitas barreiras de orgulho, existentes dentro da Igreja de meu Filho, cairão. Por que paróquias franciscanas? Francisco foi modelo de humildade e pobreza...
1989	03.08	Deus ama o corpo de cada filho, porque é obra sua e sofre em vê-lo no pecado. Um corpo que é luz resiste a toda tentação do pecado. Então é possível famílias mais felizes, sem infidelidades, vivendo com muito amor. É preciso muita oração e abandono total a Deus para que isto aconteça. A humanidade esqueceu de Deus e não reza mais, por isso, não tem paz.
1989	26.08	Filhos, não percam este precioso tempo preocupando-se com coisas pequenas. Deixem eu trabalhar o coração de vocês...
1989	29.08	Vim purificar a Igreja de meu Filho. Esta Igreja que quis seguir normas de um mundo moderno e esqueceu meu Filho continua o mesmo ontem, hoje e sempre. Esqueceu que os mandamentos são os mesmos, assim como a Palavra de Deus permanece a mesma. Uma Igreja simples, humilde, sem pretensões, sem poder, onde quem deve reinar é o meu Filho. Escolhi vocês, povo simples, para ajudar-me a recomeçar.
1989	31.08	Filha, uma vida que nasceu, viveu e morreu aqui neste mundo e partiu para outra vida, é como uma folha seca que o vento levou, aqui ficou cumprida a sua missão. As almas que partiram precisam descansar. É um grande perigo buscar nas outras pessoas um ente

		querido. Isto Deus não aprova. Aqui está começando uma nova família espiritual, onde a Mãe maior sou eu.
1989	14.09	Vivam, vivam, vivam a Palavra de Deus. Não vivam como pessoas deste mundo em atitudes e palavras, senão jamais vão compreender e viver o doce da Palavra divina. Sejam todos de Deus. Amem profundamente a sua Palavra, a Igreja e os Sacerdotes, por meu Filho, o grande Sacerdote.
1989	19.09	Eu preciso de almas puras aqui na terra para me ajudar a salvar as outras almas. Estas almas puras sempre terão a proteção de todos os anjos e santos.
1989	24.09	A grande Luz está se aproximando. Meu Filho é a grande Luz. Tudo que está nas trevas será descoberto. O pecado gera confusão. É preciso achar a doença para poder curá-la. Há algumas incuráveis pela dureza dos corações. Rezem para que Deus tenha misericórdia destas almas.
1989	28.09	Junto com o Corpo e Sangue de meu Filho no altar estão também o corpo e sangue de todos os mártires, irmãos de vocês, que derramaram o sangue pela causa do Reino. Se algum de vocês tiver que derramar sangue por esta causa, este sangue estará presente em todas as igrejas do mundo junto com meu Filho. Como gostariam que este alimento fosse recebido pelos outros irmãos?
1989	14.10	Busquem o perfeito amor. Este vai torná-los firmes na fé e, então, terão forças de se desvencilhar dos pecados que ainda estão agarrados em vocês. Não tenham medo de mudar, nem do que o mundo possa pensar de vocês. Quero que transmitam meu Filho, vivo no rosto de cada um de vocês.
1989	28.10	Os sacerdotes são meus filhos muito amados. Conto com o amor e as orações de vocês. Nunca eles precisaram tanto do amor e das orações de seus rebanhos como agora. Amem a eles como amam a meu Filho.
1989	09.11	Filha, o orgulho fecha as portas para a paz que eu vim trazer. Por causa do orgulho há nações em conflito. O orgulho faz sangue nos irmãos. Só as almas humildes gozarão eternamente as delícias do Senhor. Por causa do orgulho, parte da humanidade será destruída, como já está sendo. Por isso, insisto tanto que rezem com humildade. Vim salvá-los do orgulho e trazê-los para junto de mim e de meu Filho.
1989	04.12	Filhos, a Igreja de meu Filho, da qual sou Mãe, triunfará com grande esplendor. Nunca deixem de amar esta Igreja. Amem e confiem. Haverá muita escuridão e muitos perderão a esperança de um futuro risonho. É preciso que isto aconteça para que desperte no coração do povo a única esperança que é Deus. Meu Filho não voltará enquanto muitos corações não estiverem preparados. Há muitos bons corações que precisam despertar para o amor de meu Filho. Não desanimem. Pela gloriosa Cruz a Igreja triunfará sobre o poder do mal.
1990	11.01	Em tudo o que fizerem pelo verdadeiro amor, eu estarei junto de vocês. Por isso estou aqui. Não tenham medo. Sempre terão luz. Comecem por vocês a colocá-lo em prática. Que toda ação seja feita por amor. O que é oferecido a Deus de coração, Ele em troca, dá em abundância.
1990	30.01	Filha, pela natureza o homem e a árvore são irmãos. Se o homem respeitar e amar sua própria natureza, pode haver entre ele e

		a árvore uma profunda comunhão. A árvore, como irmã do homem, pode salvá-lo até da morte, isto se ele souber viver para o Espírito, porque é pelo Espírito que o homem começa a amar tudo que foi criado por Deus.
1990	23.03	Filha, este é o grande sinal. Todo aquele que ainda busca sinais externos é porque meu Filho ainda não está sendo o grande sinal e seu coração. Seja paciente com estes que ainda precisam de outros sinais, pois chegará um tempo em que estes sinais já não falarão muito, porque meu Filho será o grande sinal permanente, manifestado na paz e na alegria de muitos corações. Este é o meu grande desejo.
1990	16.04	Filhos amados, quero-os unidos num só amor pelos laços profundos do Espírito. Não sejam demasiados nos sentimentos e preocupações com os que lhes são queridos. Isto atrapalha a ação do Espírito que quer torná-los livres e desapegados, ensinando-os a amar verdadeiramente como irmãos, ultrapassando toda e qualquer ligação carnal. Confie em mim e sejam pacientes. A nova família espiritual, que vim formar, já está sendo gerada. Deem lugar ao Espírito, para que possam aqui, nesta nova família, viver um pouco do céu, que é para onde quero levá-los comigo.
1990	16.05	Filhos queridos, não basta a minha presença para que tenham Vida Eterna. Vivam o que eu peço: rezem e convertam-se. Em muitos lugares o meu apelo à oração está sendo atendido, mas ainda falta muita conversão, que só acontece com a entrega de um coração desapegado, livre para Deus. Aqui é um lugar de purificação, onde Deus colocou a porta estreita que leva ao Céu. Por isso estou aqui como a Mãe da Assunção, para ajudá-los a se levantarem do leito de morte para a verdadeira Vida. Aqui o Espírito Santo está presente atraindo, principalmente, os que rezam para que pela força do mesmo Espírito sejam purificados. Confie em mim. Vim conduzi-los por este caminho que os eleva à verdadeira Vida, que os conduz ao Céu.
1990	02.06	Meus queridos filhos, quero com meu amor de Mãe acalentá-los, aliviando-os de toda dor. É preciso que confie no poder do Espírito Santo, pois é por meio d'Ele que posso ajudá-los. Este fogo divino queimando em muitos corações é que destruirá o poder das trevas neste mundo. Confie e entreguem-se. Desejo ardentemente que cada filho meu goze a paz que eu vim trazer. Acreditem na força do Espírito Santo para que sejam revestidos inteiramente pela luz da Nova Vida.
1990	28.06	Filha, consagra a Deus tudo o que tens, desde a família até os bens materiais. Faze todo teu trabalho sem reclamar e em tudo dá graças a Deus que te confiou tantas coisas. Tudo a Deus pertence, por isso, que nada seja para ti motivo de orgulho. Alegre-se o teu coração em poder servir. Ama sempre e confia.
1990	16.08	Filhos, insistam no amor. Vivam-no. Anunciem-no. Levem-no aos outros. O amor é meu Filho Jesus Cristo...
1990	12.10	Filhos, cantem este amor ao Deus único, digno de todo louvor...

## Os videntes

Na maioria dos relatos de aparições marianas da modernidade, os videntes não são simples figurantes, mas personagens fundamentais. Isso configura a existência de um modelo de aparições marianas, baseado, sobretudo, nos relatos ocorridos a partir do século XIX.<sup>186</sup> A existência desse modelo favorece a própria investigação acerca da legitimidade das aparições. Contudo, esse padrão não é definitivo, principalmente quando é analisado à luz das aparições marianas contemporâneas, como justifica Steil: “[...] desde o evento da aparição de Medjugorje, em 1981, constata-se uma mudança nesse padrão no sentido de um deslocamento do protagonismo dos videntes para os mensageiros”.<sup>187</sup>

Nesse sentido, os eventos ocorridos em Taquari conservam os dois elementos: registram a passagem da atenção dos videntes para as mensagens e mantêm a continuidade a elementos simbólicos de outros relatos.<sup>188</sup> Em um jornal local,<sup>189</sup> um espectador anônimo testemunha sua experiência, que certamente pode ser usada como referência para o perfil dos videntes:<sup>190</sup>

No dia 28, segunda-feira, à noite, fomos até o local onde havia uma missa na pequena Capela, durante a qual nossa preocupação principal era observar as crianças videntes que lá se encontravam perto do altar, e cuja identificação estava sendo feita através de um morador da localidade. Logo pudemos perceber que as crianças não tinham preocupação nenhuma em querer aparecer, continuavam simples e modestas. Após a missa conversamos com algumas delas e tivemos a impressão que realmente estavam falando a verdade.<sup>191</sup>

---

<sup>186</sup> A autora Lilian Sales elabora um estudo sobre a continuidade simbólica das aparições marianas da contemporaneidade e modernidade, relacionando, principalmente, com o amadurecimento da própria devoção mariana, cf. SALES, L. *As aparições de Nossa Senhora em Jacaréi*: continuidade e modelagem.

<sup>187</sup> STEIL, C. A.; ALVES, D. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”: a aparição de Maria em Taquari – RS. In: STEIL, C. A. (org.). *Maria entre os vivos*: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil, p. 184 Ainda segundo o autor, a aparição em Taquari é um exemplo concreto da passagem da vidência para as mensagens.

<sup>188</sup> Destacam-se dois elementos simbólicos em continuidade com outros relatos de aparições marianas e, também, com a tradição bíblica: a natureza e as crianças. O simbolismo da natureza será valorizado na descrição do local da aparição, especialmente na valorização da árvore como pilar para aparição mariana de Taquari.

<sup>189</sup> Na edição especial do jornal *O Taquaryense*, são divulgadas diferentes reportagens e artigos sobre os acontecimentos relacionados às aparições, sem autoria e data original. Pelo estilo da linguagem, presume-se que alguns relatos são escritos nos meses próximos aos fenômenos, outros, em anos posteriores. Ao que tudo indica, a edição completa foi publicada em 2015 ou nos anos seguintes.

<sup>190</sup> Esse testemunho é relatado em duas partes, valorizando somente a figura do grupo de videntes. Sem identificação de data original, deduzimos, com base nas informações do próprio texto, que tenha sido escrito nos meses próximos à aparição.

<sup>191</sup> JORNAL. *As aparições de Nossa Senhora em Taquari, O Taquaryense*, p. 1.



E acrescenta:

No entanto, nossas observações continuavam nos dias seguintes, enquanto isto, a cada momento chegavam mais fiéis, imprensa, estudiosos e religiosos para ver de perto o fato e as testemunhas das aparições, já que a notícia havia se espalhado por todo o país. Entre os fatos que mais chamaram a atenção, destacamos: a simplicidade dos videntes e a naturalidade dos mesmos.<sup>192</sup>

A primeira criança a relatar a aparição é Volnei Quadros da Silva, com 11 anos. Na época, aluno da 4ª série na escola municipal Timóteo Junqueira, ao lado do atual santuário. No jornal já citado, Volnei é entrevistado sobre os fenômenos de 1988. Além do dia 24 de março, afirma ter recebido a visão em outras duas ocasiões: “na segunda vez que eu vi, eu estava olhando pela janela da sala de aula. Eu via um clarão na árvore e no meio a imagem dela, com uns quinze centímetros”<sup>193</sup> e na terceira vez diz ser examinado pelo pároco: “o frei Orly perguntou onde eu estava vendo a santa e eu apontei. Ele chamou o Alex e fez a mesma pergunta, sem que eu dissesse, ele apontou para o mesmo lugar. O frei falou que daquele dia em diante passaria a acreditar em nós”.<sup>194</sup> Atualmente, Volnei trabalha em uma cooperativa de redes elétricas, é casado e tem filhos, porém, não é assíduo na comunidade.

Além de Volnei, outras crianças e jovens relatam ter a mesma visão, entre elas, Cláudia de Fátima Lang Rosa, então com 17 anos, a mais velha do grupo de videntes. Cláudia esteve presente no dia 25 de março e nos dias que se sucederam. Na época, trabalhava de faxineira em algumas casas vizinhas e, assim como os demais membros do grupo de videntes, foi por meio do relato de Volnei que começaram a frequentar o lugar das aparições. Atualmente, Cláudia é funcionária pública na escola Timóteo Junqueira, não tem o ensino fundamental completo e frequenta a comunidade Nossa Senhora das Graças.

Alexsandro Oliveira dos Santos, com 13 anos, era o único que recebia as mensagens de Nossa Senhora. Estudava na mesma escola que Volnei, mas não era participante nas celebrações da capela. Morava de favor em algumas casas da

<sup>192</sup> JORNAL. As aparições de Nossa Senhora em Taquari, *O Taquaryense*, p. 1.

<sup>193</sup> JORNAL. E foi com uma borboleta que tudo começou, *O Taquaryense*, p. 4. Em outro artigo do mesmo jornal, a professora Ana Beatriz Bilhar Hartmann, dá seu testemunho sobre o vidente Volnei Quadros, também seu aluno. Na entrevista, conta que, após o primeiro relato, Volnei não conseguia mais prestar atenção à aula, pois mantinha seu olhar fixo na árvore, através da janela da sala, cf. JORNAL. Professora diz que acreditou em alunos que viram a Nossa Senhora da Assunção, *O Taquaryense*, p. 4

<sup>194</sup> JORNAL. E foi com uma borboleta que tudo começou, *O Taquaryense*, p. 4.

localidade, mais tarde adotado por uma família. Hoje, não se tem mais informações sobre ele, sabe-se apenas de sua dependência química.

Diulnéia Granja Pereira, tinha 13 anos, estudava na quarta série na época das aparições. É filha de Nilda Maria Granja Pereira, que mais tarde passou a receber as mensagens por locução interior. Durante as aparições, Nilda estava com 33 anos de idade e frequentava com assiduidade a comunidade, mas nunca viu a aparição. Além desses, André Amadeu Rocha dos Santos, com 11 anos, aluno da terceira série. Não foram encontradas informações atuais sobre Diulnéia e André.

Em conversas realizadas com diferentes pessoas,<sup>195</sup> por meio de roteiros de conversas, são relatadas informações a mais do que aquelas contidas nos manuais de devoção e divulgação das aparições. Segundo essas pessoas, Nossa Senhora continuou a aparecer após os eventos de março e abril de 1988, sendo visível até 2 de fevereiro de 1990. E, além da árvore, a “santa”, como chamam, aparece no interior da capela da comunidade, na maioria das vezes sendo precedida por algum momento de celebração ou oração comunitária. Na fala da *pessoa A*, as aparições de Maria sempre ocorreram na vida comunitária e não a alguém específico, ainda que tenha sido uma criança sozinha a relatar o primeiro fenômeno.

## O santuário

As aparições de Nossa Senhora da Assunção ocorreram na zona rural do município de Taquari, localidade chamada Rincão São José, distante, aproximadamente, 8 km da sede municipal. Nos anos seguintes aos fenômenos, foram efetivadas melhorias no acesso à localidade, facilitando o fluxo de peregrinos nas romarias e outras celebrações religiosas como a pavimentação da rodovia estadual que liga o centro urbano diretamente ao santuário das aparições, ou à “santinha”, como é conhecido.

---

<sup>195</sup> Durante o ano de 2019 foram realizadas conversas com alguns membros do grupo de videntes e pessoas envolvidas com os relatos das aparições em Taquari, fruto do projeto de Iniciação Científica (BPA – Interesse Institucional - PUCRS) desenvolvido nos anos 2018 e 2019. As conversas foram realizadas apoiadas em roteiros contemplando informações sobre os fatos, a pessoa em questão, sua vivência comunitária atual e devoção mariana, cf. *Apêndice A* deste trabalho. Das sete pessoas convidadas para participar, quatro acolheram conversar; para manter a identidade anônima dos voluntários, não serão divulgados os nomes ou frases na íntegra, apenas com as expressões: “pessoa A” e “pessoa B” etc.

Embora a realidade do bairro seja de contexto rural, os moradores da região vinculam as atividades propriamente conhecidas por rurais, agricultura e pecuária familiar, à atividade comercial e indústrias locais, típicas do ambiente urbano.

Além dos fenômenos das aparições, a história da construção do santuário está relacionada com as outras construções religiosas anteriores aos eventos. A primeira capela de celebração erguida no local, valorizou os moradores do chamado Rincão de Cima,<sup>196</sup> hoje conhecido por bairro Rincão.<sup>197</sup> O templo serviria de espaço para as celebrações religiosas tanto do Rincão de Cima quanto do Rincão de Baixo, fator que motivou a escolha do lugar, inicialmente no centro entre as duas regiões.<sup>198</sup> Em 1950, começou o processo de construção que foi concluído com a inauguração da comunidade Nossa Senhora das Graças, em 28 de abril de 1957. Em fevereiro do mesmo ano, iniciou-se a construção da capela do Rincão de Baixo, esta por sua vez dedicada à Nossa Senhora da Assunção, inaugurada ainda no mesmo ano, aos 15 dias de agosto.<sup>199</sup> A escolha do padroeiro ao qual se dedicaria a capela recém-inaugurada se deve ao dia da inauguração. No dia 15 de agosto, a Igreja Católica celebra a Assunção de Maria ao céu e por ter sido inaugurada neste dia a comunidade a declarou como padroeira da capela.

Com o passar dos anos e a necessidade de ampliar a acomodação dos fiéis, a comunidade começou a construção de um segundo templo, o dobro do espaço em comparação ao primeiro. Com 64 m<sup>2</sup>, a nova sede da comunidade, concluída em 5 anos, foi inaugurada no dia 9 de fevereiro de 1986, próximo à Escola Municipal e à primeira capela.<sup>200</sup> É no interior da vida eclesial desta comunidade que se desenrolarão os eventos das aparições:

---

<sup>196</sup> Rincão de Cima é a primeira localidade antes de chegar no Rincão de Baixo, conforme a linguagem coloquial dos moradores. Atualmente, são chamadas pelos respectivos bairros, Rincão e Rincão São José, inexistentes na época das aparições.

<sup>197</sup> A capela dedicada à Nossa Senhora das Graças, no Rincão, fica a aproximadamente 03 km de distância do santuário. Nos dias em que ocorrem as Romarias, esta capela serve de marco para o início da caminhada.

<sup>198</sup> Pelo fato do Rincão de Cima ser mais próximo do centro comercial da cidade e, conseqüentemente, mais populoso, as famílias da comunidade decidiram construir a capela de modo a contemplar mais os moradores daquela região do que os moradores do Rincão de Baixo.

<sup>199</sup> Como já havia uma comunidade de fé constituída no local, porém, sem a referência visível de um templo religioso e, também pelo fato da primeira capela ser construída valorizando apenas os moradores do Rincão de Cima, as famílias começaram a se empenhar na construção de um espaço religioso. Francisco Antônio e Cristina Porto Bittencourt são os responsáveis pela edificação da nova comunidade e coleta dos recursos financeiros, ao lado de Loucival da Silva. As mesmas famílias já cediam voluntariamente suas residências para as celebrações eucarísticas e batizados.

<sup>200</sup> Com a construção da segunda capela, a primeira passou a ser utilizada para reuniões e encontros de catequese.

Durante dois anos, depois da inauguração da nova igreja, a comunidade caminhou dentro daquela rotina normal como todas as outras comunidades. Havia bastante interesse e união da comunidade para as promoções festivas em benefício da comunidade, no entanto, a participação nas celebrações e no que se referia ao crescimento espiritual era mínima, embora tivesse um grupo que, fielmente, assumia a parte religiosa e buscava alimentar a fé nas celebrações da missa, rezada uma vez ao mês e nos cultos dominicais, presididos por pessoas da própria comunidade, como também nas novenas em famílias.<sup>201</sup>

Nos anos seguintes aos fenômenos das aparições, devido ao fluxo crescente de peregrinos e atendendo aos próprios apelos dos relatos das aparições, foi iniciada a construção de um terceiro templo, no dia 4 de outubro de 1995. Dessa vez, a estrutura do templo deveria acomodar em seu interior mais pessoas e conduzir os visitantes a Cristo Eucarístico.<sup>202</sup> A capela, afavelmente é chamada de santuário pela comunidade e visitantes peregrinos, porém não atende aos requisitos da Igreja Católica para tal.<sup>203</sup>

### **As romarias e peregrinações**

Após os primeiros indícios de manifestações naquele local, iniciadas em 24 de março de 1988, a comunidade começou a realizar a Romaria da Assunção. A primeira Romaria foi realizada em 21 de agosto de 1988 e passou a ter sempre o mesmo trajeto, sendo inteiramente percorrido a pé. O trecho da caminhada tem seu início na capela Nossa Senhora das Graças e fechamento no santuário Nossa Senhora da Assunção, percurso de aproximadamente 3 km. Desde então, a Romaria acontece todos os anos.

No início, os relatos das aparições causaram grandes dúvidas e desconfortos para a comunidade e região. Algumas delas esperavam ser agraciadas por tal visão. Não é nosso objetivo justificar a autenticidade dos fatos, mas visto a grande repercussão dos fenômenos, torna-se importante descrever seus diferentes aspectos, até mesmo os contrários. Em um jornal de época, a primeira romaria é retratada como

---

<sup>201</sup> MANUAL. *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção*: com Maria ao mistério do amor, p. 11.

<sup>202</sup> No centro do templo e com maior destaque deveria estar o Tabernáculo, lugar para conservação da reserva Eucarística. Muitos outros elementos estéticos e religiosos presentes em todo o complexo – templo, casa de retiro, bosque, etc. São frutos da interpretação posterior às mensagens reveladas por Nossa Senhora, tanto as reveladas ao Alex quanto à Nilda.

<sup>203</sup> Santuário, segundo o Código de Direito Canônico, é o lugar sagrado para o qual há um número elevado de fiéis, por consequência de um motivo peculiar de piedade. A este lugar, os fiéis são convidados a realizar peregrinações, sempre com a aprovação explícita do Ordinário local. Além disso, requer-se um estatuto próprio e aprovado pela instância a qual corresponde: se diocesano, o Bispo titular; se nacional, a Conferência dos Bispos; e se internacional, a Santa Sé, cf. *CIC* 1230-1232, com ênfase no cânon n. 1232 §2.

um sinal particular dentro do conjunto dos eventos daquele ano. Segundo o relato, cerca de 10 mil pessoas participaram da primeira Romaria: “foi a expressão mais eloquente de que ali há algo muito forte, que comunica bem estar espiritual, paz e confiança às pessoas, tão inseguras diante das incertezas e ciladas do dia a dia”;<sup>204</sup> ainda complementa: “vimos pessoas de credos e idades diferentes, de nível sócio-econômico-cultural diferente, e todos falavam a mesma linguagem, tinham a mesma simplicidade e alegria no olhar, eram fraternos no gesto”.<sup>205</sup>

Outro relato que corrobora o significado da Romaria desde sua origem, é testemunhado por um dos organizadores voluntários dessa primeira edição. Segundo Paulo do Carmo, a Romaria favoreceu o fortalecimento dos laços fraternais entre os moradores das localidades do Rincão de Cima e Rincão de Baixo. Ele comenta: “antigamente se via muita rivalidade entre o Rincão de Cima [...] e o Rincão de Baixo [...]. Mas a romaria acabou por apaziguar as comunidades”.<sup>206</sup>

Em 18 de agosto de 2019 foi realizada a 31ª da Romaria da Assunção. Nesta edição, aproximadamente 30 mil pessoas<sup>207</sup> de diferentes localidades do estado circularam pelo santuário. Em todos os anos, a estrutura é praticamente a mesma: início às 13h30min e conclusão com Celebração Eucarística, presidida pelo Bispo Diocesano. Durante a caminhada, os fiéis meditam algum dos mistérios da oração do rosário, iluminados com catequeses e reflexões a partir de um lema, escolhido previamente. Além disso, durante todo o dia existe uma programação reservada aos peregrinos que visitam o santuário, com bênçãos individuais, celebração penitencial e sacramento da reconciliação.

As cinco últimas Romarias realizadas entre os anos 2015 e 2019, tiveram os seguintes temas:<sup>208</sup>

---

<sup>204</sup> JORNAL. Romaria à Capela Nossa Senhora da Assunção, *O Taquaryense*, p. 1.

<sup>205</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>206</sup> JORNAL. A crença na Santa de Taquari, *O Taquaryense*, p. 4.

<sup>207</sup> Dados e estimativa, cf. GARSKE, C. Devoção, gratidão e esperança marcam Romaria da Assunção, *O Informativo*, online; FLORES, P. Romaria da Assunção leva mais de 30 mil devotos ao Rincão São José, *O Taquaryense*, online.

<sup>208</sup> Com base nos cartazes de convite para as Romarias.

**Quadro 4 - Temas das Romarias entre os anos 2015 e 2019**

2015	Com Maria, um novo amanhã de paz.
2016	Maria, a mulher que Deus sonhou para a obra da sua criação.
2017	Com Maria, é hora do amor em ação.
2018	Com Maria, nas pegadas do amor.
2019	Maria: amor de mãe sem igual.

**A árvore**

Dentro da simbologia religiosa dos devotos, assumida a partir dos relatos dos fenômenos das aparições, está o ponto específico em que Nossa Senhora escolheu se manifestar: a árvore. De nome popular, a árvore “chá-de-bugre” é conhecida por ser o pilar das aparições de Nossa Senhora da Assunção em Taquari.

Nativa desde Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, a espécie da árvore pode crescer em torno de 08 a 12 metros de altura e ter em seu tronco o diâmetro de até 40 cm. A *cordia ecalyculata vell*, nome científico para a planta, pertence à família das boragináceas. Além de chá-de-bugre, é conhecida pelos nomes: porangaba, cafezinho, café-do-mato e chá-de-frade. De suas folhas e frutos são extraídos extratos para chás e outras finalidades farmacêuticas.<sup>209</sup>

Com o passar do tempo e pela movimentação de romeiros, a árvore das aparições acabou morrendo. Em lugar, nasceu outra árvore da espécie paineira e foi erguido um oratório devocional. O tronco principal da árvore permanece em exposição durante todo o ano aos romeiros, visitantes e devotos, sendo protegido por uma caixa de vidro, dentro da nave do santuário. Na devoção popular dos devotos, o tronco assume um caráter muito próximo ao sobrenatural, como se fosse uma ponte entre o humano e o divino. Acerca disso, são evidentes as mensagens e pedidos, às vezes até algumas fotos, grudados entre as dobras do tronco ou mesmo caídos ao seu redor. Esta é uma prática realizada naturalmente por aqueles que frequentam o santuário nos grandes eventos ou nas celebrações cotidianas.

<sup>209</sup> Outras informações botânicas da planta, cf. SATIO, M. L.; OLIVEIRA, F. Morfodiagnose e identificação cromatográfica em camada delgada de chá de bugre. *Revista Brasileira de Farmácia*, online.

## Conclusão

Após uma análise detalhada do fenômeno das aparições, quanto a sua origem, seu sentido teológico, pastoral, espiritual, as mensagens e dificuldades relacionadas, bem como os elementos constitutivos da devoção mariana a partir das mariofanias e expressões da piedade popular, identificamos o vasto campo que compõe o fenômeno religioso das aparições marianas.

Este trabalho buscou enfatizar o sentido religioso das aparições de Nossa Senhora da Assunção em Taquari para os fiéis devotos e peregrinos. Foram usadas como base as narrativas dos acontecimentos, roteiros de conversas com videntes e pessoas envolvidas com o cotidiano do santuário e, ainda, bibliografias sobre o tema das aparições, tanto teológicas quanto antropológicas. Por se tratar de um evento recente, os relatos das aparições em Taquari são pouco conhecidos, a devoção está em processo de amadurecimento e crescimento, com maior evidência nas romarias anuais. O lugar dos fenômenos, independente do caráter autêntico ou não, é pouco explorado no cotidiano dos fiéis como ambiente sagrado. A Igreja mantém um constante espírito de prudência e sigilo, pois todos os relatórios escritos pelo pároco da época, Frei Orly Inácio Reidel, com registros das pesquisas psicológicas, geográficas, químicas e parapsicológicas, acerca dos videntes e do ambiente das aparições, encontram-se sob o ar de confidencialidade. Para esta pesquisa, tivemos acesso apenas à primeira parte do relatório, do período de março a agosto de 1988.

Mesmo com o atual crescimento dos peregrinos nas romarias, a comparação do momento hodierno da devoção com os primeiros anos que se seguiram aos fenômenos das aparições, evidencia um intervalo substancial. No início, o lugar das aparições se apresentou como uma potência significativamente atrativa: celebrações litúrgicas, manifestações de piedade, terço três vezes por dia, procissões e excursões de diferentes localidades. Com o tempo, a devoção se concentrou mais nas romarias anuais e nas eventuais celebrações religiosas promovidas pelo santuário, celebração da colheita e do aniversário das aparições, por exemplo. Finalizada a fase da empolgação e curiosidade, a devoção às aparições ganhou um caráter maduro, porém não consolidado no dia a dia do santuário.

Do ponto de vista antropológico, as aparições significam o evento singular para a interpretação do dado religioso no atual contexto secular, como argumenta Steil: “*loci* privilegiado de compreensão e interpretação da religião no mundo

contemporâneo”.<sup>210</sup> Do âmbito teológico, constituem um verdadeiro dom carismático dado aos fiéis;<sup>211</sup> dom que é profético. Mais que uma simples semelhança etimológica entre as palavras “profeta” e “vidente”, a saber, o termo hebraico *nabîim*, pelos elementos das mensagens reveladas as aparições se integram ao gênero profético: revelam um apelo à conversão, oração, penitência e transformação social.<sup>212</sup>

As aparições marianas originam situações pastorais pertinentes à evangelização e catequese. Transformam uma simples realidade pacata em terreno fértil e semeado à espera dos frutos (cf. *Mt 13,8.23*). Esse é propriamente o resultado objetivo de uma aparição: seu potencial evangelizador. Em Taquari, essa capacidade é traduzida nas romarias, um dos frutos desse acontecimento: “*se a árvore for boa, o fruto será bom; se a árvore for má, o fruto será mau. É, portanto, pelo fruto que se conhece a árvore*” (*Mt 12,33*). Antes de declarar a autenticidade extraordinária dos fenômenos pelo exame crítico, é preciso reconhecer os frutos espirituais, como bem apresenta Boff: “a Igreja mesma não garante a verdade factual das aparições e de outras piedosas tradições [...], mas apenas seu sentido religioso e seus frutos espirituais, pois os fatos, sendo meios, são relativos, enquanto que a referência ao mistério, sendo o fim, é o absoluto”.<sup>213</sup>

Então, diante dos fatos das aparições, é preciso assumir a postura semelhante ao agir divino. Deus usa uma pedagogia própria para com o povo: as aparições não pretendem substituir ou complementar a revelação normativa, mas, a partir da devoção popular, mostrar elementos objetivos e convidar novamente ao encontro com o Senhor. Por isso, as aparições marianas não podem afastar o fiel de Cristo. Todavia, por ser um fenômeno complexo, não pode ser suprimido sem uma clara investigação, já que é carisma do Espírito Santo para os tempos atuais.

A devoção mariana, em si mesma, conduz o cristão a viver a fé no dia a dia, com as intempéries próprias da vida humana. Ainda que estejam muito associadas, devoção e aparição, deve-se deixar esclarecido que a fé cristã não necessita desses fenômenos extraordinários, não se constitui deles e não são necessários para a salvação; basta a revelação em Jesus Cristo.

---

<sup>210</sup> STEIL, C. A. *Aparições marianas na história recente do catolicismo*, p. 22.

<sup>211</sup> As aparições são dons que o Espírito Santo concede aos fiéis e à Igreja a fim de observar algum ponto do Evangelho, cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*, p. 59.

<sup>212</sup> O aspecto profético é o âmbito geral das aparições marianas, cf. BERNARD, C. A. Simbolismos. In: FIORES, S.; MEO, S. (Org.). *Dicionário de mariologia*, p. 1224.

<sup>213</sup> BOFF, C. *Mariologia social*, p. 605.



Há muitos outros elementos para serem abordados e estudados no que se refere às aparições marianas, particularmente os fenômenos ocorridos em Taquari. Não só elementos históricos, mas principalmente pastorais, espirituais, catequéticos, antropológicos, entre outros. As aparições se constituem por fenômenos religiosos que transcendem os eventos históricos, superam as barreiras cronológicas dos fatos e arrastam inúmeras pessoas para peregrinações, santuários e, principalmente, ao encontro com o mistério divino. Além do mais, acham-se como prodigiosa ferramenta evangelizadora da qual a Igreja deve se apropriar.

## Referências

ADNÈS, Pierre. Revelações privadas. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino (Org.). *Dicionário de teologia fundamental*. Trad.: Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1994.

AGOSTINO, G. Piedade popular. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. IIa IIae: q. 81 e 84. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2019.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. IIa IIae: q. 174. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: paraíso*. Trad.: Italo Eugenio Mauro. 4.ed. São Paulo: Editora 34, 2017. Edição bilíngue, n. 76-78.

ARAÚJO, Karine Luiza Rezende Silva. Aparições marianas na contemporaneidade: o contexto brasileiro e o caso de piedade dos gerais. *Annales*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 101-109, 2017.

BALEM, João Maria. *A Paróquia São José de Taquari: no bicentenário da colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752 – 1952)*. Porto Alegre: A Nação, [1952?].

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 2.ed. 2019.

BECKER, Augusto. *Paróquia São José: 250 anos*. Taquari: 2015.

BEINERT, Wolfgang. Como se aproximar de Maria?: primeiros passos de um culto a Maria adequado ao nosso tempo. In: BALTHASAR, Von et al. *O culto a Maria hoje*:

subsídio teológico-pastoral elaborado sob orientação de Wolfgang Beinert. Trad.: Luiz João Gaio. Paulinas: São Paulo, 1979. Coleção Teologia Hoje.

BEINERT, Wolfgang. Perspectivas teológicas da piedade mariana. In: BALTHASAR, Von et al. *O culto a Maria hoje: subsídio teológico-pastoral elaborado sob orientação de Wolfgang Beinert*. Trad.: Luiz João Gaio. Paulinas: São Paulo, 1979. Coleção Teologia Hoje.

BERNARD, Charles André. Simbolismos: I-III. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

BOESPFLUG, François. Revelações particulares. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Trad.: Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2006. Coleção: Teologia Sistemática.

BOFF, Clodovis. *Mariologia: iniciação teológica*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. Trad.: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 23. ed. rev. e amp. São Paulo: Loyola, 2015.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965. *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Aparições e revelações particulares*. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. Coleção: Subsídios Doutrinários – 01.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Santo Domingo: texto oficial*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1992. Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano.

DE FIORES, Stefano. Fátima. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

DENZIGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad.: José Marino; Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

FLORES, Pedro Harry. Romaria da Assunção leva mais de 30 mil devotos ao Rincão São José. *O Taquaryense*. Taquari, 18 de agosto de 2019. Disponível em: <[https://jornalotaquaryense.com/2019/08/18/romaria-da-assuncao-leva-35-mil-devotos-ao-rincao-sao-jose/?fbclid=IwARowSpXGsb7a9kDwteXSuSG4XF2MOMLucQSNcLB\\_aMmwyqybMurG6VhSyWA](https://jornalotaquaryense.com/2019/08/18/romaria-da-assuncao-leva-35-mil-devotos-ao-rincao-sao-jose/?fbclid=IwARowSpXGsb7a9kDwteXSuSG4XF2MOMLucQSNcLB_aMmwyqybMurG6VhSyWA)>. Acesso em: 27 de setembro de 2019.

GAMBERO, Luigi. *Maria nel pensiero dei padri della Chiesa*. Milano: Edizioni Paoline, 1991.

GARSKE, Caroline. Devoção, gratidão e esperança marcam Romaria da Assunção. *O Informativo*. Lajeado, 19 de agosto de 2019. Disponível em: <[https://www.informativo.com.br/geral/devocao-gratidao-e-esperanca-marcam-romaria-da-assuncao,317365.jhtml?fbclid=IwAR2PI1s5mpfDjpV3xScSRe2x9qPTeaVZ-gZR\\_8W9Ho8TT5DkJfZsLNQTunk#.XVqiKYSldwQ.facebook](https://www.informativo.com.br/geral/devocao-gratidao-e-esperanca-marcam-romaria-da-assuncao,317365.jhtml?fbclid=IwAR2PI1s5mpfDjpV3xScSRe2x9qPTeaVZ-gZR_8W9Ho8TT5DkJfZsLNQTunk#.XVqiKYSldwQ.facebook)>. Acesso em: 27 de setembro de 2019.

IBGE. Pesquisa por cidades: panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/taquari/panorama>>. Acesso em: 12 de setembro de 2019. Romaria à Capela Nossa Senhora da Assunção. *O Taquaryense*. Taquari, edição especial, p. 1, [2015?].

LANNA, Maria Goretti. Santa montanha: aparições marianas em Guiricema, Minas Gerais. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 14, n. 16, p. 125-148, junho de 2012. <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/26676>>.

LATOURELLE, René. Aparições. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino (Org.). *Dicionário de teologia fundamental*. Trad.: Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1994.

LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

LAURENTIN, René. Aparições: aspectos históricos. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

LAURENTIN, René. Lourdes. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

LINS, Mísia Reesink. Para uma antropologia do milagre: Nossa Senhora, seus devotos e o Regime de Milagre. *Caderno CRH*, v. 18, n. 44, p. 267-280, 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632167010>>.

LOIOLA, Inácio (santo). *Exercícios espirituais*. Trad. Geza Kovecses. 1966.

LONGCHAMP, Max Huot de. Mística. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Trad.: Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

MACCAGNAN, Valerio. Guadalupe. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

MANUAL. *Quero conduzi-los para um caminho melhor*. Taquari: 1989. (Comissão Local de Estudos das Aparições).

MANUAL. *Vim elevá-los à verdadeira vida*. Taquari: 1991. (Comissão Local de Estudos das Aparições).

MANUAL. *Caminhada com Nossa Senhora da Assunção*: com Maria ao mistério do amor. Taquari: 2011.

MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2004. Coleção: livros básicos de teologia 8.2.

MURAD, Afonso. *Visões e aparições*: Deus continua falando?. Petrópolis: Vozes, 1997.

NAVARRO, Mercedes. Simbolismo. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

ROSSO, Stefano. Peregrinações. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *A mensagem de Fátima*. Fátima: 2000. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000626\\_message-fatima\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html)>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*. Roma: 1978. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19780225\\_norme-apparizioni\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19780225_norme-apparizioni_po.html)>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2019.

SALES, Lílian. A legitimação das aparições da Virgem Maria: estratégias e agências. *Etnográfica*, v. 17 (2), p. 317-219, junho de 2013.

SALES, Lílian. *Aparições de Nossa Senhora*: mensagens e peregrinações na contemporaneidade. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2008. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-24092009-114043/publico/LILIAN\\_MARIA\\_PINTO\\_SALES.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-24092009-114043/publico/LILIAN_MARIA_PINTO_SALES.pdf)>.

SALES, Lílian. As aparições de Nossa Senhora em Jacaré: continuidade e modelagem. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 13, n. 14, p. 67-92, setembro de 2011. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/19960/13650>>.

SALES, Lílian. Redes e peregrinações: a circulação nas manifestações marianas. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 11, n. 11, p. 59-99, setembro de 2009.

SATIO, Maria Lucia; OLIVEIRA, Fernando. Morfodiagnose e identificação cromatográfica em camada delgada de chá de bugre. *Revista Brasileira de Farmácia*, São Paulo, v. 67, p. 1-6, 1986. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/12418>>.

SILVA, Drance Elias et al. “Nossa Senhora está aqui!”: fé e manifestação religiosa à Nossa Senhora. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, v. 7, n. 1, p. 49-61, novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/975>>.

SILVA, Tiago Vidal da. A construção da figura de Maria na Igreja Católica: uma análise do contexto político, social e religioso das aparições de Fátima de 1917 a contemporaneidade. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st2/Silva,%20Tiago%20Vidal%20oda.pdf>>.

STEIL, Carlos Alberto; ALVES, Daniel. A santa e o demônio: relato e interpretação de um momento crucial da aparição de Nossa Senhora em Taquari, RS. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p. 43-61, julho de 2003.

STEIL, Carlos Alberto; ALVES, Daniel. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”: a aparição de Maria em Taquari – RS. In: STEIL, C. A.; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (org.). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 175-202.

STEIL, Carlos Alberto. Aparições marianas na história recente do catolicismo. In: STEIL, C. A.; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (org.). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 19-36.

TANQUEREY, A. *Compêndio de teologia ascética e mística*. 6.ed. Trad.: João Ferreira Fontes. Porto: Apostolado da Imprensa, 1961.

VÁZQUES, Antonio. Aparições: aspectos psicológicos. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

VELASCO, Juan Martín. Devoção mariana. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. Trad.: Álvaro Cunha, Honório Dalbosco, Isabel Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

## Apêndice A – Roteiro de conversa com os videntes

Visando a melhor compreensão e entendimento dos fenômenos acontecidos em Taquari – RS, foram elaborados *roteiros de conversas* direcionados aos videntes, conforme abaixo:

### *Sobre os fatos:*

1. Conte a sua experiência: O que você viu? Quem estava presente? Como foi? Quantas vezes? (dia 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30/03, 01 e 02/04 de 1988).
2. Qual foi o dia mais marcante das aparições? Por quê?
3. Qual foi a mensagem mais marcante das aparições? Por quê?
4. Recebeu mais alguma aparição? Descreva (local, disposição, acontecimentos):
5. Para quem você contou sobre o que viu/ouviu? E como reagiram?
6. Como conseguia entender e saber que se tratava de algo divino?

### *Sobre o entrevistado:*

1. Como você se considera em relação às aparições? Por quê? (ouvinte, vidente...).
2. Qual a sua idade no período das aparições?
3. O que costumava fazer nesta idade?
4. Qual a sua escolaridade no período das aparições?
5. O que mudou na sua vida?
6. Consegue viver as mensagens no seu dia a dia?

### *Sobre a vivência comunitária:*

1. Qual a interferência hoje?
2. Participa da comunidade? Com que frequência?

### *Sobre a devoção mariana:*

1. Qual a influência de Maria na sua prática religiosa?
2. Qual a importância das aparições na história da cidade?
3. O que você sabe sobre o Dogma da Assunção de Nossa Senhora?

## Apêndice B – LISTA DE SIGLAS e abreviaturas

CEC – Catecismo da Igreja Católica (*Catechismus Catholicae Ecclesiae*)

CED – Comissão Episcopal de Doutrina

CIC – Código de Direito Canônico (*Codex Iurus Canonici*)

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

EN – *Evangelii Nuntiandi*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

KM – Quilômetros

KM<sup>2</sup> - Quilômetros quadrados

LG – *Lumen Gentium*

M – Metros

M<sup>2</sup> - Metros quadrados

RS – Rio Grande do Sul

SC – *Sacrosanctum Concilium*

## Anexo a – Maria aparece ao jovem Gregório Taumaturgo<sup>214</sup>

Enquanto (Gregório) passou a noite sem dormir por causa dessas preocupações, um personagem apareceu para ele com aparência humana, de aspecto envelhecido, vestido com roupas que denotavam uma dignidade sagrada, com o rosto marcado por um senso de graça e virtude. Gregório, assustado, levantou-se da cama e perguntou quem ele era e por que ele viera.

O outro, em voz baixa, depois do queixo, disse-lhe que lhe havia aparecido por vontade divina, por causa daquelas perguntas que lhe pareciam questionáveis e para revelar-lhe a verdade sobre a fé piedosa. Depois de ouvir essas palavras, Gregório se iluminou e começou a observar o outro com certa alegria e assombro.

O outro então estendeu a mão para frente, como se quisesse indicar para ele, com os dedos estendidos, algo que parecia oposto. Gregório, voltando o olhar na direção indicada a ele pela mão do outro, viu outra figura à sua frente, que aparecera um pouco antes, parecendo uma mulher muito mais bonita que a condição humana normal. Mais uma vez perturbado, virando o rosto para o outro lado, desviou o olhar e ficou perplexo; nem sabia o que pensar daquela aparição que ele não podia suportar com os olhos. De fato, o caráter extraordinário da visão consistia no fato de que, apesar de ser

---

<sup>214</sup> GAMBERO, L. Maria nel pensiero dei padri della Chiesa, p. 96-97, tradução nossa: “*Mentre (Gregorio) trascorreva la notte insonne a causa di queste preoccupazioni, gli apparve un personaggio con sembianze umane, dall'aspetto invecchiato, vestito con abiti che denotavano una sacra dignità, con il volto improntato a un senso di grazia e di virtù. Gregorio, spaventato in volto, si alzò dal letto e chiese chi fosse e per quale motivo fosse venuto.*

*L'altro, con voce sommessa, dopo aver calmato il suo turbamento, gli disse di essergli apparso per divino volere, a motivo di quelle questioni che gli sembravano discutibili e ambigue, al fine di rivelargli la verità intorno alla pia fede. Udite queste parole, Gregorio si rasserenò e prese a osservare l'altro con una certa gioia e stupore.*

*L'altro allora stese la mano in avanti, come per indicargli, con le dita tese, qualcosa che era apparso dirimpetto. Gregorio, volgendo lo sguardo nella direzione indicatagli dalla mano dell'altro, vide un'altra figura di fronte a lui, apparsa poco prima, dall'aspetto di una donna assai più bella della normale condizione umana. Nuovamente perturbato, volgendo altrove il viso, distoglieva lo sguardo ed era pieno di perplessità; né sapeva che cosa pensare di quell'apparizione che egli non riusciva a sostenere con gli occhi. Infatti il carattere straordinario della visione consisteva nel fatto che, pur essendo la notte oscura, una luce si era messa a brillare per lui, insieme alle figure apparse, come se una lampada ardente si fosse accesa.*

*Quantunque non potesse sostenere con gli occhi l'apparizione, Gregorio udì il discorso di quelli che gli erano apparsi, i quali discutevano tra loro dei problemi che lo angustiavano. Dalle loro parole Gregorio non solo ricavò un'esatta conoscenza della dottrina della fede, ma apprese anche il nome dei due che gli erano apparsi, dal momento che i due si chiamavano reciprocamente per nome.*

*Si dice infatti che abbia udito colei che gli era apparsa in forma muliebre esortare l'evangelista Giovanni affinché spiegasse al giovane il mistero della vera fede. Giovanni a sua volta si dichiarò del tutto disposto a compiacere anche in questo la madre del Signore e che questa era la cosa che gli stava più a cuore. E così, terminato il discorso pertinente alla questione, dopo che lo ebbero ben chiarito e precisato, i due scomparvero dai suoi occhi”.*

a noite escura, uma luz começara a brilhar para ele, junto com as figuras que apareciam, como se uma lâmpada tivesse se acendido.

Embora ele não pudesse suportar a aparição com os olhos, Gregório ouviu a fala daqueles que apareceram para ele, que discutiam entre si problemas que o incomodavam. De suas palavras, Gregório não só obteve um exato conhecimento da doutrina da fé, mas também aprendeu os nomes dos dois que lhe haviam aparecido, uma vez que os dois se chamavam pelo nome.

De fato, diz-se que ele ouviu a mulher que lhe apareceu em forma feminina e exortou o evangelista João a explicar ao jovem o mistério da verdadeira fé. João, por sua vez, declarou-se completamente disposto a agradar a mãe do Senhor nisso também, e que essa era a coisa com a qual mais se importava. E assim, tendo terminado o discurso relevante para a pergunta, depois de clarificado e esclarecido, os dois desapareceram de seus olhos.



Anexo b – jornal “o açoriano” de 31 de março de 1988

# CRIANÇAS GARANTEM TER VISTO NOSSA SENHORA



Intenso movimento de curiosos, crentes, e até descrentes, está marcando a movimentação até a Capela de Nossa Senhora da Assunção, no Rincão São José, desde sexta-feira passada.

Tudo surgiu depois que um grupo de crianças afirmou que viram (e estão vendo) uma aparição, que se identificou como a padroeira daquela Capela.

O que mais está chamando a atenção e provocando mais perguntas e que muitas destas crianças e adultos são pessoas que não são assíduos frequentadores da Igreja e que agora tem sua fé colocada “em cheque”.

A Igreja Católica está acompanhando os fatos e dando assistência à comunidade do Rincão São José, notadamente no atendimento a repórteres e jornalistas, da imprensa da Capital e outras cidades do Rio Grande do Sul, que estão continuamente em Taquari buscando novos fatos.

A grande expectativa está no que deverá acontecer neste fim de semana, quando muitas caravanas chegarão à Taquari, principalmente para ver o que foi prometido pela visão, quando algo grandioso deverá acontecer, provando a todos da realidade da Virgem Maria em Taquari.

Mais detalhes pág. 3

Este é o altar onde a visão permanece, segundo afirmam as crianças, sempre em tamanho pequeno.

# EXECUTIVA REGIONAL MARCARÁ NOVA CONVENÇÃO

Há exatamente uma semana, o juiz eleitoral da Comarca de Taquari, Dr. Miguel A. Juchen, suspendeu a convenção do PMDB, que elegeria sua executiva e indicaria o nome do candidato a prefeito nas próximas eleições municipais.

Tendo por base o pedido de eleitores, que ingressaram junto à Justiça Eleitoral e fundamentado da doutrina e jurisprudência do Tribunal Superior Eleitoral para hipóteses semelhantes, a melhor interpretação da lei é que o eleitor filiado, ao parti-

do, mas com ficha não validada pela Justiça Eleitoral, não pode votar. Seu voto é nulo.

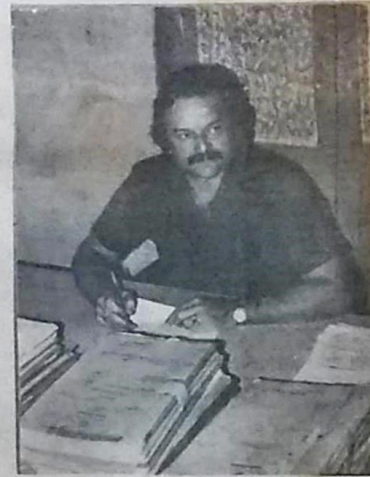
Como o juiz já está sabendo que estes, de antemão, seriam considerados nulos, bem como os votos de todos os outros filiados, não haveria outra medida a ser tomada, suspendendo a convenção para que outra data seja designada e, neste espaço de tempo, estas cerca de 900 fichas possam ser regularizadas.

O juiz eleitoral disse ainda crer que, seja do interesse da própria Executiva Municipal regula-

rizar esta situação, já que enviou correspondência demonstrando o desejo que estes filia-

dos votem na convenção.

Também para evitar prejuízos aos outros eleitores e não apenas aos 900 sem fichas e ainda para resguardo e não prejuízo para ambos os grupos, que disputam a direção da Executiva Municipal, pois a Convenção fatalmente seria anulada porque apareceriam um número maior de votos do que aqueles que estão registrados junto ao Cartório Eleitoral.



O Juiz dr. Miguel A. Juchen diz que é de competência da Executiva regional do PMDB marcar outra data para a Convenção.



## O AÇORIANO

Taquari, 31 de Março de 1988

ANO 10 - NÚMERO 18  
EXEMPLAR Cz\$ 10,00

### Barbada

#### VENDE-SE

Um terreno na rua David Canabarro, de 290 por 250.000,00 até dia 01 de abril.  
Tratar pelo fone 653.1442.

Anexo c – jornal “o açoriano” de 31 de março de 1988

THUQUARI, - 31/03/88
O AÇORIANO
- 3 -

## CRIANÇAS GARANTEM TER VISTO NOSSA SENHORA

Thaquari inteira, desde o último fim de semana, esta mobilizada em torno de um assunto polemico e que esta provocando grandes discussões: a aparição de uma visao, para varias crianças, no Rincão São José.

Mais de 10 crianças já viram ou estão tendo esta visao, afirmando que ela permanece dentro da Capela Nossa Senhora da Assunção, ao lado da E.M. Timotheo Junqueira e que teria afirmado que ira embora no sabado de Aleuia.

### O INICIO

Volnei, um dos primeiros a ter a visao, afirmou que a viu, em torno de 15h30min, perto de um cinamomo que fica atrás da Capela. Assim que Alex teve a visao, que ele afirma ser igual a da imagem da padroeira da capela, esta falou com ele e disse que estava trazendo uma mensagem de paz, que a humanidade estava precisando de mais orações, para evitar o sofrimento pelo qual ela já passou.

Este fato aconteceu na quinta-feira, dia 24 e, na sexta, já com um grupo maior de crianças vendo a aparição, esta lhes pediu que trouxessem de volta a Capela, a imagem de Nossa Senhora da Assunção, que havia sido trazida para a Igreja Matriz, durante as festas de São José.

Já com toda a comunidade mobilizada, na tarde de sabado, a imagem foi levada de volta a capela e, com as presenças de Frei Orly e Frei Leopoldo, todos rezaram um terço e varias orações.

Desde então, a capela, sempre aberta, esta recebendo um numero bem grande de pessoas, que vão rezar e tentar ver a aparição, que pediu as crianças que permanecessem durante a noite, pois não quer ficar sozinha.

Alex, que vê continuamente a aparição, disse que ela identificou-se como sendo Nossa Senhora da Assunção e pediu que lhe trouxessem seus "anjos" e foi nomeando quais as crianças que queria ver na capela: Claudia, Lisandro, Silvio, Andre, Cleusa, Sergio, Daniel e Andreia.

Uma das promessas, como prova da presença, foi o pedido de que trouxessem uma senhora da comunidade, não conhecida do menino que recebeu a mensagem, a qual será curada de sua doença. Jo Silene, a Josi, de 10 anos e deficiente física, também vê a aparição e esta afirmou a Alex que a curaria.

A mensagem completa, escrita e pregada no altar da capela, diz que esta aparição foi morta pe-

los judeus, em 28 de agosto de 1842, em outro mundo, não sendo explicado qual seria este outro mundo.

### DEPOIMENTOS

Várias pessoas da comunidade, de idades diferentes, condições financeiras também diferentes e varios niveis de cultura, quase 20 pessoas, afirmam ou que vem ou sentem a presença de alguém, de alguma coisa que as toca.

Um morador próximo, cujo filho está vendo esta aparição, duvidou do que o menino disse e foi ao local indicado, nos fundos da capela, perto de uns cinamomos. Confessando-se quase ateu e não frequentando igrejas, teve a maior surpresa de sua vida quando avisou a aparição, do tamanho de uma menina de 8 a 10 anos.

Tristão, de 37 anos, disse que seus olhos são bem azuis e, quando mais ele olhava, mais azuis ficavam e, sem querer, seus olhos lacrimejavam e sentia-se surdo, como se nada mais existisse no mundo. Assustado pediu para não ter mais esta visao e afirmou que este fato mudou completamente seu pensamento diante da igreja.

Uma professora, que disse duvidar do fato e até ter rido da situação afirmou que uma das crianças lhe tomou a mão e disse que a Santa estava ali e que a tocaria. Esta professora, muito impressionada com o que lhe aconteceu disse ter sentido algo macio como pele de bebe, lhe tocar a palma da mão. Imediatamente, sua mão ficou to-

da gelada.


Muitos e muitos são os depoimentos dos que viram ou sentiram alguma coisa e é grande o numero dos que vão até a capela na esperança de também ter uma visao.

Frei Orly, que está acompanhando os fatos desde o inicio, já entrou em contato com o Arcebispo sobre qual a posição a tomar, recebendo a orientação de agir com muita cautela, sem precipitações.

Frei Orly e Frei Leopoldo estão dando assistência religiosa às crianças e adultos que se reúnem, inclusive com missas às tardes, mas não podem afirmar que se trata de uma manifestação mística, de uma real aparição da Virgem Maria.

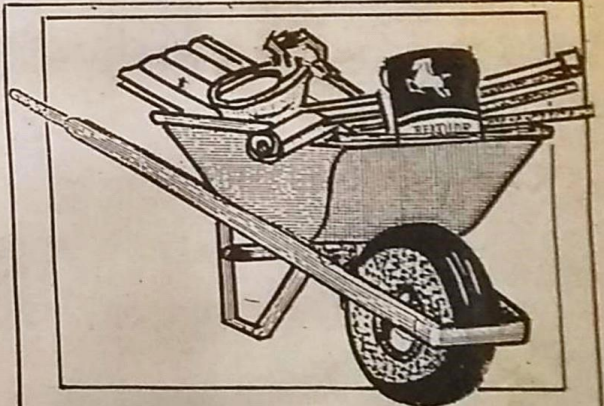
A todos, resta esperar o sabado e o desenrolar dos acontecimentos, sempre com cautela e muito cuidado, devido a seriedade do assunto.

### A POSIÇÃO DA IGREJA CATÓLICA




Este é o grupo de crianças que afirmam que estão vendo ou mantendo contato com uma visao, que afirma ser Nossa Senhora da Assunção.

### ENCONTRE ECONOMIA ONDE A QUALIDADE FAZ A DIFERENÇA




## JOMASA

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO LTDA.  
Rua Vereador Praia, 865 - Tel. (051) 653-1209  
Thaquari - RS



ESPERAMOS VOCÊ DE CASA NOVA,  
CONSTRUA CONOSCO OS SEUS SONHOS.

VISITE - NOS.



Frei Orly, muito cuidado com os fatos narados pelas crianças.

## **7. A Cruz de Jesus de Nazaré como fonte de sentido para o presidiário cristão a partir da perspectiva do agente de pastoral carcerária da Diocese de Montenegro**



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-7>

*Oséias Canisio Dreyer*

### **Introdução**

Existem várias realidades de sofrimento, que provocam dores, angústias, desesperança na vida, sentimento de abandono e de solidão. Um desses lugares é o presídio. Por isso, a presente pesquisa tem como objetivo responder à pergunta: Qual é o sentido que um presidiário cristão consegue descobrir para sua vida ao olhar para a cruz de Jesus de Nazaré, na perspectiva dos agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro? A resposta a essa problematização se desenvolve em três capítulos.

A metodologia empregada é da pesquisa bibliográfica, acrescida com o resultado de diálogo com agentes da Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro. Assim, no primeiro capítulo, a obra principal é Jesus, O libertador: a História de Jesus de Nazaré, de Jon Sobrino, além de outros livros e comentadores. No segundo capítulo, utiliza-se livros da Pastoral Carcerária, documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), artigos de sociólogos e informações dos meios de comunicações, como jornais e revistas, para apresentar brevemente a realidade nacional carcerária e a Pastoral Carcerária. Por fim, no terceiro capítulo, por meio do roteiro de conversa, procura-se resgatar a história da Pastoral Carcerária na Diocese de Montenegro; relacionar a realidade prisional nacional e a Evangelização da Pastoral Carcerária nacional com realidade prisional da Diocese de Montenegro e a Evangelização da Pastoral Carcerária na Diocese de Montenegro para verificar se há semelhança; e relacionar o roteiro de conversa com a teologia da cruz para descobrir o sentido da cruz de Jesus de Nazaré para o preso e se é possível chamar a população carcerária como face de um povo crucificado.

No primeiro capítulo, fundamenta-se a teologia da cruz de Jesus de Nazaré, segundo o teólogo Jon Sobrino. No primeiro tópico, a pesquisa demonstra a justificativa da morte de Jesus, oriunda de um contexto social de perseguição, em que houve dois julgamentos, que se complementam, responsáveis pela sua condenação: o religioso e o político. Depois, descreve o sentido da morte de Jesus, que consiste num ato de fidelidade ao Pai e de serviço aos seus, o amor. O terceiro tópico destaca que na cruz não morre um sujeito qualquer, mas o Filho de Deus, elencando três elementos na teologia de Sobrino, como o silêncio de Deus na cruz, o sofrimento de Deus e o conhecimento de Deus na cruz de Jesus.

Ainda no primeiro capítulo, a quarta ideia que se aprofunda é o significado soteriológico da cruz, norteadada pela reflexão de como se pode interpretar a cruz de Jesus de Nazaré num contexto de povo crucificado, em que a morte e o sofrimento perpassam a realidade. Desvela-se a interpretação a partir dos passos a “explicação fornecida pelo Novo Testamento, da cruz como escândalo à cruz como salvação, a credibilidade do amor de Deus e a eficácia soteriológica da cruz. Por fim, o quinto tópico aborda a cruz e os crucificados da história, local de conhecimento, atualmente, da cruz de Jesus. Eles completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1,24).

No segundo capítulo, apresenta-se a prisão como um lugar de sofrimento e de evangelização. Para isso, mostra-se, num primeiro momento, brevemente a realidade prisional. Na prisão, os presos são depositados num ambiente superlotado, gerando problemas de saúde e largados à violência. Há na prisão facções e consumo de drogas. No segundo tópico, demonstra-se a presença do anúncio do Evangelho, realizado pelos agentes de Pastoral Carcerária da Igreja Católica no cárcere, ambiente de sofrimento e abandono. Descreve-se, nesse tópico, os objetivos da Pastoral Carcerária – ser sinal da presença de Cristo e da Igreja no cárcere, o surgimento da Pastoral Carcerária, a Espiritualidade do Agente de pastoral, bem como o método da catequese no cárcere, destacando o seguinte princípio: a presença de Jesus de Nazaré, o Cristo, no privado de liberdade. Importante destacar que a Pastoral Carcerária utiliza a nomenclatura “privado de liberdade” para se referir ao preso.

No terceiro capítulo, delimitado para a Diocese de Montenegro, baseia-se num roteiro de conversa qualitativo com doze voluntários anônimos que foram ou são agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro. Com isso, pretende-se

resgatar a história da Pastoral Carcerária da referida Diocese e percebe se a missão no cárcere está em comunhão com o projeto da Pastoral Carcerária nacional. Além disso, elucidar o sentido que o preso, como cristão, encontra para a sua vida ao olhar para a cruz de Jesus de Nazaré. Trata-se, em outras palavras, de perceber se Jesus de Nazaré, o fiel ao Pai e serviçal aos seus, que anuncia o amor do Pai – como é apresentado no primeiro capítulo - tem algum significado para o preso e se a população carcerária forma uma face do povo crucificado, mediante a sua realidade de sofrimento, na perspectiva do agente de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro.

Importante frisar que o presente trabalho de conclusão de curso não pretende elucidar os motivos, nem as justificativas acerca da ação do preso, o que o levou estar ali. Não tem o objetivo de relacionar ou descrever as relações entre os agentes penitenciários e os presos. A elaboração visa apresentar a realidade carcerária e analisar se nessa realidade o detento consegue descobrir na cruz de Jesus de Nazaré algum significado para sua vida. Trata-se de uma relação entre a realidade e a vida do preso com a fé.

## 1A Cruz de Jesus de Nazaré<sup>1</sup>

A morte de Jesus, decorrência de sua condenação, é um assassinato: morte de cruz. Percebe-se isso com clareza nos quatro evangelhos que destacam a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Tanto que Kähler menciona: “a máxima extensão à paixão e

---

<sup>1</sup> A obra principal de Jon Sobrinho utilizada na pesquisa é *Jesus, o Libertador: a História de Jesus de Nazaré*. Esse livro recebeu uma notificação da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, no ano de 2006. A notificação não tem um caráter condenatório, mas uma advertência, ou seja, uma chamada de atenção por causa de algumas proposições que não estariam em conformidade com a doutrina da Igreja. Na introdução da Notificação ao livro de Sobrinho, a Congregação para Doutrina da fé enfatiza que objetivo não consiste em julgar as intenções subjetivas do autor, ou seja, não estão em discussão as dúvidas em relação a fé de Sobrinho, mas as afirmações. As proposições que não estão conforme a Igreja são: “1) os pressupostos metodológicos enunciados pelo Autor, onde ele funda a sua reflexão teológica, 2) a divindade de Jesus Cristo, 3) a encarnação do Filho de Deus, 4) a relação entre Jesus e o Reino de Deus, 5) à autoconsciência de Jesus Cristo, 6) ao valor salvífico da sua morte”. CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ, *Notificação sobre as obras do P. Jon Sobrinho S.I: Jesuscristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret (Madrid, 1991) e La fe em Jesucristo. Ensayo desde las víctimas* (San Salvador, 1999). Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20061126\\_notification-sobrinho\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20061126_notification-sobrinho_po.html). Acesso em 22 de outubro de 2019. Contudo, o foco da presente pesquisa não é debater a Notificação da Congregação para Doutrina da Fé em relação a obra de Sobrinho, mas de perceber se na cruz de Jesus de Nazaré, soteriologia apresentada por Sobrinho, o preso consegue descobrir sentido para a sua vida no cárcere.

morte de Jesus, de maneira que os evangelhos não são outra coisa senão a história da paixão com uma longa introdução”.<sup>2</sup>

A partir da morte violenta de Jesus, Sobrino pretende elucidar dois problemas diferentes que se complementam: por que matam Jesus? Por que Jesus morre? A própria história de Jesus já fundamenta a primeira. Entretanto, à segunda pergunta não há resposta objetiva. Trata-se de reflexão que remete a mistério. Assim, neste primeiro capítulo, demonstram-se essas duas problematizações acerca da morte de Jesus.

Adentra-se, também, sobre a morte reveladora na cruz, o acontecimento e escândalo da morte de um inocente na cruz, apresentando a relação do discurso teológico sobre Deus. Apresenta-se, posteriormente, o significado soteriológico da cruz de Jesus de Nazaré, em que a problematização é em torno do significado soteriológico da cruz na Cristologia sobririana. Por fim, culmina-se na novidade dos estudos Cristológicos, a Cruz e os crucificados da história, fundamentando-se, em encontro com os demais tópicos, a partir de uma realidade de sofrimento, miséria, pobreza em relação ao sofrimento de Jesus.

### **1.1 Justificativa da morte de Jesus**

A morte de Jesus consiste num assassinato. Existem reflexões teológicas que aprofundam as razões de sua morte, contribuindo para melhor compreensão de sua existência. Contudo, Jesus é morto num contexto social. Ele tem uma história humana que contribui para sua condenação e morte na cruz. Identificar os motivos de sua morte e os responsáveis não exaure o mistério das reflexões teológicas, pelo contrário, colabora para uma fundamentação consolidada.

Saber os responsáveis pela sua morte não significa incriminar alguém, mas consiste em perceber as estruturas que provocam a sua morte. Dessa maneira, ao desvelar a repressão que existia no tempo de Jesus, por meio das estruturas sociais dominantes, torna-se possível uma ampla compreensão da realidade de pecado em que Jesus estava inserido. Ajuda, também, a desvelar a “densidade reveladora representada pela sua vida para a humanidade”.<sup>3</sup> A resposta à problematização

---

<sup>2</sup> KÄHLER, M *apud* SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 287.

<sup>3</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 29.

porque Jesus é morto desenvolve-se em dois aspectos: o clima da vida de Jesus é de perseguição e o julgamento de Jesus.

### 1.1.1 O clima da vida de Jesus: a perseguição

A pregação e a prática de Jesus representam ameaça ao poder religioso e a qualquer poder opressor de sua época. Isso o fez receber, de Sobrino, o título de “homem em conflito”; sendo, assim, perseguido. Jesus conflitava com crenças em deuses em nome de Deus, esclarecendo que não existe um ou outro lado. Tratava-se de estar Jesus ou não, “quem não está comigo, está contra mim” (*Mt 12,30; Mc 9,40*).

Segundo Bornkamm, menciona: “os evangelhos são fiéis à história ao afirmar que (...) simpatia e hostilidade constituem desde o princípio a trama da vida de Jesus”.<sup>4</sup> Percebe-se, principalmente nos relatos do evangelho, a possibilidade de desentendimento com Jesus.

No evangelho de Lucas, desde o princípio, Jesus sofre perseguição por sua posição em favor dos pobres. O confronto acontece em torno dos sinais que realiza em sua terra Nazaré, embora não pretendesse realizar os sinais que fez em Cafarnaum. Pode-se lembrar da perícopos que diz: “Ninguém é profeta em sua terra” (*Lc 4,24; Mc 6,4; Mt 13,57; Jo 4,44*). O relato conclui que seus conterrâneos da sinagoga, “levantando-se, expulsaram-no da cidade, levaram-no até o topo do monte sobre o qual estava construída a cidade deles, a fim de despenhá-lo” (*Lc 4,29*).

No evangelho de Marcos, apresentam-se perseguições que Jesus sofre por motivos religiosos. No desenrolar da perícopos a cura no sábado do homem com a mão seca (*Mc 3,1-6*), após a cura de Jesus, mostra que Jesus ia saindo e “os fariseus imediatamente deliberaram com os herodianos contra ele, a fim de destruí-lo” (*Mc 3,6*). Entretanto, no início da passagem comenta que eles estavam esperando para ver se realizaria o milagre no sábado. Várias passagens dos sinóticos demonstram que os escribas e fariseus queriam pôr Jesus à prova: a propósito do divórcio (*Mc 10,2; Mt 19,3*), de um sinal no céu (*Mt 16,1; Mc 8,11; Lc 11,16*), de curar no sábado (*Lc 14,1*).

O evangelho de João demonstra a marca de toda a vida de Jesus: a perseguição por parte dos judeus. Em sua entrada em Jerusalém, Jesus desconfia dos judeus (2,24ss). Numa segunda estada, por ter realizado alguns sinais no sábado e também

<sup>4</sup> BORNKAMM, G *apud* SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p 289.

“dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (5,18), os judeus começam a persegui-lo. Ao subir a Jerusalém para a festa do tabernáculo apresenta que “Jesus andava pela Galileia; de fato, não queria andar pela Judeia, porque os judeus procuravam matá-lo” (7,1). Em outras discussões com os fariseus “alguns dentre eles queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos nele” (7,44).<sup>5</sup>

Analisando os evangelhos, Sobrino demonstra a intensificação e aumento progressivo desse clima de conflito, culminando na cruz. Assim, pode-se questionar: qual é o significado cristológico desses conflitos? “A crucificação e morte de Jesus não foi um episódio isolado, acidental ou circunstancial, mas foi a consequência de sua prática de vida”.<sup>6</sup> Por isso, pode-se dizer que a “designação ‘homem em conflito’ se converte praticamente numa paráfrase da fé cristã, ‘homem Deus’”<sup>7</sup>, porque Jesus estorva, em nome de Deus, os ídolos ou outros deuses.

Importante frisar que os provocadores desse conflito final não são toda a população. Jesus se volta contra o sistema de opressão. Consequentemente, os provocadores são os prejudicados do anúncio de Jesus. “Os inimigos principais de Jesus não são os judeus em sua generalidade, mas os fariseus”.<sup>8</sup> Tratando-se de um conflito “de Deus com ídolos (mediadores), entre o Reino e o anti-reino (mediações)”.<sup>9</sup>

### 1.1.2 O julgamento de Jesus

Jesus morre numa cruz após ser condenado à morte. A morte por cruz consiste num “castigo de escravo e subversivo”,<sup>10</sup> concedido pela lei romana aos que cometem graves crimes como traição, rebelião, assassinato e furtos graves. Trata-se da forma de condenação mais humilhante e vergonhosa.

Em relação aos cidadãos romanos condenados por algum crime, ocorre a decapitação e nunca a crucificação. Os judeus não têm a morte de cruz mencionada na Lei. Os que são condenados à morte por blasfêmia ou idolatria são pendurados “no madeiro após a morte mediante apedrejamento ou decapitação” (*Dt 21,22s*), sendo tachados de amaldiçoados por Deus.

---

<sup>5</sup> São algumas citações que constam nos evangelhos, há outras, mas para a explanação da perseguição de Jesus é o suficiente.

<sup>6</sup> SOBRINO, J. *apud* HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 31.

<sup>7</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 31.

<sup>8</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 291.

<sup>9</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 31.

<sup>10</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 300.



As acusações messiânicas levantadas do lado judaico contra Jesus são a causa de sua morte. Segundo Merklein, “muito menos segura”<sup>11</sup> é a questão da formalidade jurídica. Entretanto, permanece em aberto se as acusações “resultam de um processo de todo o Sinédrio, ou simplesmente são estabelecidas em base a uma investigação conduzida pelas lideranças da aristocracia sacerdotal saduceia”.<sup>12</sup> Isso porque, as perícopes não são tão homogêneas. Nos evangelhos *Mt* 26,57-68; 27,1 e *Mc* 14,53-65; 15,1-2, houve duas sessões do Sinédrio em busca da condenação de Jesus. Em *Lc* 22,54-71, teve só uma. E em *Jo* menciona um interrogatório com Anás (18,11-24). O que há de comum é a unanimidade “quanto ao julgamento diante de Pilatos, ao qual se atribui a responsabilidade formal última da condenação de Jesus”.<sup>13</sup>

Os evangelhos, principalmente os Sinóticos, apresentam constantes perseguições das autoridades judaicas a Jesus. Em consequência, responsabilizando-as pela sua morte, mesmo se em *Jo* mencione os judeus que o perseguem. Segundo Sobrino, os grupos responsáveis pela morte de Jesus são as autoridades religiosas e políticas de sua época, que diretamente têm algum poder econômico, político, religioso, ideológico, policial/militar. Com isso, exime-se a população simples de qualquer culpabilidade histórica na condenação de Jesus.<sup>14</sup>

Jesus concomitantemente participa de dois processos distintos, político e religioso, cada qual à sua forma, dos quais se origina sua condenação. Esses confrontos são entre as divindades e suas mediações contra Jesus e seu Deus. Assim, segundo Sobrino, “o processo contra Jesus é também um processo contra seu Deus”.<sup>15</sup> A maneira como Jesus apresentava Deus no mundo o conduziu à morte, sendo condenado em nome de um Deus. Diretamente os responsáveis são os políticos, os sumos sacerdotes e dirigentes religiosos. Por isso, pode-se questionar: qual o motivo ou um dos maiores motivos que contribuem a sua condenação?

Conforme Boismard, o motivo da condenação é em virtude de Jesus querer destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias (*Mt* 26,61; *Mc* 14,58). O Templo consiste no centro configurador da sociedade judaica, onde os judeus adoram e oferecem sacrifícios a Deus. Então, destruir o templo trata-se de aniquilar o espaço sagrado dos judeus e o centro de sua sociedade.

<sup>11</sup> MERKLEIN, H *apud* HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 32.

<sup>12</sup> MERKLEIN, H *apud* HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 32.

<sup>13</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 32.

<sup>14</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 293.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 300.

Segundo Sobrino, Jesus oferece “uma alternativa distinta e contrária e isso supunha não mais fazer do templo o centro de uma teocracia política, social e econômica da vida de Israel”.<sup>16</sup> Por isso, é compreensível que os dirigentes políticos e religiosos, que são ao mesmo tempo ricos, quisessem o eliminar.<sup>17</sup>

Jesus é acusado de dois crimes: supostos atos políticos e o outro, que ocasiona a sua condenação, oposição religiosa política que objetivamente representa em relação à Roma. Não há dúvidas de que Jesus foi considerado, pelos dirigentes políticos e religiosos, um malfeitor e subversivo por se proclamar rei dos judeus, sendo conseqüentemente, condenado à morte de cruz, que os romanos executaram. Nesse sentido, a troca de Jesus por Barrabás, um subversivo político, realizada por Pilatos comprova as acusações de ordem política.

As acusações em relação aos atos políticos subversivos de Jesus ocorrem na apresentação a Pilatos. Em *Lc 23,2* relata: “Nós achamos este homem tumultuando a nossa nação; ele impede de pagar tributo a César e se diz Messias, rei”; em *Jo 19, 12-15* “(...) todo aquele que se faz rei declara-se contra César (...)”. Assim, as acusações são de proibir a população de realizar pagamentos de impostos a César (*Mc 12,13-17; Mt 22,15-22; Lc 20,20-26*) e de se fazer rei.

Pilatos dialoga com Jesus e não encontra razões para condená-lo, pois as acusações não lhe geraram eco. Procura libertar Jesus, porém os líderes religiosos incitam o povo a ameaçar Pilatos: se o soltasses, não estaria agindo como amigo de César (*Jo 19,12*).

Nesse sentido, conforme Sobrino, o processo movido contra Jesus não é “movido pelo povo contra um inimigo deste povo, mas por seus representantes, no intuito de se livrarem dele”<sup>18</sup> e “o processo parece ter sido menos um julgamento do que uma formalização acusatória contra Jesus”.<sup>19</sup> Jesus é vítima de um contexto estrutural, no qual os usurpadores de poder destroem todas as alternativas de defesa.

Por isso, não se pode atribuir a um julgamento caráter religioso (o judeu) e ao outro (o romano) caráter político. Os dois julgamentos são de caráter político e religioso. Para isso, Sobrino apresenta “como fio condutor do seu discurso o esquema da ‘luta entre os deuses’ na sua dupla ramificação de ‘luta entre as mediações’ e de ‘luta

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 302.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 302.

<sup>18</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 34.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 34.

entre mediadores”<sup>20</sup>. Jesus e Pilatos são os dois mediadores. As duas mediações consistem: Jesus no Reino de Deus e Pilatos no Império Romano (*a pax romana*). O pano de fundo do julgamento, envolvidos com os mediadores e as mediações, é o confronto de duas divindades: “o Deus de Jesus e o deus de Pilatos, César Imperador. Os evangelhos confirmam: “não se pode ‘ser amigo’ de Jesus e de César ao mesmo tempo, todo ‘rei opõe’ a César (*Jo 19,12*)”<sup>21</sup>.

Assim, a condenação e execução de Jesus têm caráter decisivo e profundo: “não se trata simplesmente da execução de um inocente; é a condenação e execução do Filho de Deus encarnado e em consequência desta encarnação”<sup>22</sup>. A morte de Jesus e sua crucificação são resultantes de sua encarnação e quénosis<sup>23</sup>, e não por ter participado, acidentalmente, dos confrontos da história.

Portanto, Jesus é morto num clima de perseguição, apresentado nos evangelhos, o que faz com que Sobrino o denomine: “O Perseguido”<sup>24</sup>. Os romanos e os judeus são os que o crucificam. A razão de sua morte, segundo Sobrino, é oriunda de um processo, religioso e político, em que foi condenado por causa de sua concepção de Deus.

## 1.2 O sentido da morte de Jesus

Segundo Sobrino, “na cruz não morre um ser humano qualquer, mas o Filho de Deus”<sup>25</sup>. Por isso, quando indaga por que Jesus morre, tem por pano de fundo duas questões: qual é a interpretação que Jesus concede à sua própria morte e que esclarecimento posteriormente será fornecido, lembrando-se que entre as duas perguntas tem o hiato da ressurreição, sem a qual ambos questionamentos não passariam de antropologia. Da provocação acerca da consciência de Jesus dos dois aspectos fazem parte: o saber e significado que Jesus concede a sua própria morte.

<sup>20</sup> PEREIRA, S. *A Teologia da Cruz em Jon Sobrinho*. 26.

<sup>21</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 306.

<sup>22</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 37.

<sup>23</sup> Sobre essa quénosis e encarnação “se historiam não só assumindo carne humana, mas assumido a solidariedade com os pobres e marginalizados”. *Ibidem*, p. 37.

<sup>24</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 289. Esse título é importante na América Latina pela perseguição em massa e cruel.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 281.

### 1.2.1 A consciência de Jesus

Jesus tem consciência do que pode ocorrer consigo? Depois da morte de João Batista, do ponto de vista histórico, apresenta-se a possibilidade de algum final trágico de Jesus. Não há dúvida do conhecimento de Jesus sobre a morte violenta de João Batista, que foi decapitado pelas mãos de Herodes.<sup>26</sup>

Entretanto, Jesus continua sua caminhada com comportamentos polêmicos, como alguns gestos radicais: o envio dos discípulos (*Lc* 10,1; *Mt* 10,5b; *Lc* 10,8-11), a entrada em Jerusalém (*Mc* 11,1-10), a purificação do templo (*Mc* 11,15s) e a última ceia (*Mc* 14,22-25; *1Cor* 11,23-25). Esses comportamentos contribuem para as suspeitas de que Jesus conscientemente aceita sua morte futura.

Segundo Sobrino, quando Jesus menciona a morte sofrida e violenta dos profetas (cf. *Mt* 23,34-37; *Lc* 11,50; 13,34) e comenta que “o bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas” (cf. *Jo* 10,11.15), por um lado deixa em aberto a possibilidade sobre possíveis riscos que corria. Por outro, mostra que “não somente anuncia esperança aos pobres e anatematiza seus opressores, mas se mantém nesta posição, apesar da perseguição, por esta ser a vontade de Deus”.<sup>27</sup> Confirmando, assim, a “sua fidelidade a Deus e a radicalidade (ultimidade) de sua misericórdia para com os homens”.<sup>28</sup>

### 1.2.2 Significado que Jesus deu à sua morte

Segundo Sobrino, “o Jesus histórico não interpreta sua morte de maneira salvífica segundo os modelos soteriológicos que, depois, o Novo Testamento elaborou: sacrifício expiatório, satisfação vicária”.<sup>29</sup> Ele não menospreza essa teologia e nem o pensamento, antes porém, “quer sublinhar o significado particular para a Cristologia latino-americana no contexto da fé vivida na perseguição: o sentido dado por Jesus à sua morte ilumina as decisões a serem tomadas pelos cristãos quando eles, por sua vez, são perseguidos”.<sup>30</sup>

Assim, concentra-se sobre as “razões do próprio Jesus a partir das quais terá (...) acesso ao sentido atribuído por Jesus à própria morte”.<sup>31</sup> Pode-se questionar: as

<sup>26</sup> A morte de João Batista, segundo Bravo, “é um dos fatos históricos mais seguros”. *Ibidem*, p. 294.

<sup>27</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 295.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 294.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 296.

<sup>30</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 41.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 41.

razões da morte de Jesus podem ser encontradas onde? “Jesus vai para a morte com lucidez e confiança, com fidelidade a Deus até o fim e como expressão de serviço pelos seus”.<sup>32</sup> A explicação de sua morte está na última ceia (*Mc* 13,24; *Lc* 22,20; cf. *Mt* 26,28; *1Cor* 11,24). Jesus afirma que sua vida é “para”, “em favor de outros (*hyper*) e que isso produz neles um fruto positivo”.<sup>33</sup> Tem-se aí a compreensão de serviço, da vida de Jesus, como “serviço sacrificial”.<sup>34</sup>

Dessa maneira, “sua morte não é, pois, algo absurdo e inútil nem para ele nem para os outros. Diretamente, Jesus oferece a todos os homens o sentido de uma vida de serviço, e é isso que propõe aos seus discípulos”.<sup>35</sup> A sua morte é um ato de confiança e último ato de serviço. Além disso, Jesus “para Deus, é o homem fiel; para os homens, é o homem serviçal. O que a aceitação da morte acrescenta é que ele é fiel e misericordioso ‘até o fim’”.<sup>36</sup> Deixando<sup>37</sup> “em aberto a possibilidade de Jesus ter interpretado a própria morte como um serviço ao advento do Reino, porque, segundo ele, não se pode querer forçar esta interpretação”.<sup>38</sup>

### 1.3 A morte de Jesus – o deus crucificado

A dor de um inocente representa escândalo, mais ainda se desencadeia morte, e de cruz. O sofrimento é imenso, principalmente, caso seja aquele “a quem na fé se reconhece como Filho de Deus e como Deus”.<sup>39</sup> Desta maneira, este tópico analisa a relação deste acontecimento e seu sentido teológico acerca de Deus, diferenciando os três elementos que Sobrino aborda: o silêncio de Deus, o sofrimento de Deus e o conhecimento de Deus na cruz de Jesus.

<sup>32</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 299.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 298.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 298.

<sup>35</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 299.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 300.

<sup>37</sup> Alguns teólogos pensam diferente de Sobrino, como Bruno Forte. Conforme Bruno Forte, por amor, livremente e consciente do passo dado, o Nazareno foi ao encontro da morte: uma entrega total, ele deixou que o levassem de um lado para o outro. [...] Entrega de si mesmo, o oferecimento livre e generoso de si ao Pai pelos homens! [...] Isso é expresso pelo grito relatado por Lucas: ‘Pai, em tuas mãos o meu espírito!’ (*Lc* 23,46: cf. *Sl* 31,6) A história da paixão aparece então como a consumação suprema da entrega de Jesus ao Pai por nosso amor: na luz trinitária revelada plenamente na Páscoa, mas já presente na relação filial única e exclusiva do Nazareno com Deus, ela é a história do Filho na carne, o seu caminho para a alteridade, ao encontro da morte do despojamento incondicional de si para dar-se ao Pai e levar-nos consigo na sua vida”. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*, p.284.

<sup>38</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 41.

<sup>39</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 338

### 1.3.1 O silêncio de Deus na cruz de Jesus

A cruz de Jesus se configura em um escândalo, principalmente por ser vítima inocente e Filho de Deus. Isso se nota nas descrições das passagens dos evangelhos, que frisam o assassinato e a crueldade. Os evangelhos ainda demonstram o sentimento de Jesus de abandono em relação ao Pai. Assim, a cruz de Jesus apresenta duplo escândalo: o abandono do Pai e o assassinato do Filho.

Conforme Sobrino, normalmente Deus é concebido como todo poderoso, tornando difícil aceitar a ideia do Pai como passivo na cruz.<sup>40</sup> Entretanto, a morte de Jesus é relatada como uma tragédia. “O típico de sua morte transparece então em considerarmos três elementos: a mensagem de Jesus da proximidade de Deus, seu grito na cruz e o abandono do Pai”.<sup>41</sup>

Deus é amor e se faz próximo daqueles que a lei separa, os sem-Deus - os marginalizados e rejeitados. Contudo, na cruz Jesus experimenta a ausência deste Deus. “Aparece aqui uma primeira descontinuidade entre a expectativa de Jesus em relação a Deus e sua aparente ausência na cruz”.<sup>42</sup> Logo, surgem indagações: na cruz, qual é a relação entre Deus e Jesus? Qual Deus se revela na cruz? Quem é Deus se o Filho inocente morre?

Sobrino analisa as palavras de Jesus na cruz que remetem para a realidade de Deus e o sentido do abandono. Destaca a dificuldade de expor claramente quais foram as últimas palavras de Jesus, por não serem escutadas e pronunciadas claramente.<sup>43</sup> Baseado em X. L. Dufour, Sobrino acredita na possibilidade que Jesus dá “grande grito” (*Mc* 15,37; *Mt* 27,50; *Lc* 23,46, consta em *Jo* 19,30: “inclinando a cabeça, entregou o espírito”) e os evangelistas podem ter mencionado “o resultado das concreções que a comunidade primitiva fez de um grito sem palavras”.<sup>44</sup>

A interpretação mais provável da morte de Jesus é a de Marcos.<sup>45</sup> A narração não é triunfalista, pois “certamente não pode ser inventada pelas comunidades posteriores, dado o escândalo que supunha o fato de que o ressuscitado, o Filho de

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 228.

<sup>42</sup> PEREIRA, S. *A Teologia da Cruz em Jon Sobrino*, p. 68.

<sup>43</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 342.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 342.

<sup>45</sup> Importante frisar que Sobrino destaca a dificuldade de sustentar o abandono de Deus na cruz de Jesus.

Deus, aparece morrendo abandonado pelo Pai”<sup>46</sup> e, ainda, “Lucas e João tentam suavizar a tragédia da morte de Jesus. Enquanto em outros escritos do Novo Testamento, como a Teologia paulina, por exemplo, Jesus morre como maldito, feito pecado”.<sup>47</sup> Na carta aos Hebreus Jesus, diante de quem lhe podia tirar da morte, aparece com gemidos.

Segundo Sobrino, Jesus durante a sua vida anuncia o Reino e permanece a serviço de sua chegada. Não aparece, em nenhum momento, menção nos Evangelhos em relação ao reino, nem por meio de pensamentos ou palavras, na cruz. Isto representa uma descontinuidade com a sua vida. Além disso, ocorre também uma descontinuidade em sua relação com o Pai. Jesus revela durante toda a vida sua proximidade com o Pai e, paulatinamente, aprende o que há no Pai de mistério. No entanto, na cruz, “Jesus se sente abandonado daquele Deus a quem ele pregava como se aproximando em graça”.<sup>48</sup>

Se antes havia a experiência do amor, de confiança, agora é a experiência de abandono. A correspondência com o Pai é na entrega, não na obediência. “Onde antes houvera louvor e pedido confiante agora há somente o grito; onde antes houvera experiência calorosa e solidária do Pai, agora há somente silêncio”.<sup>49</sup> Jesus faz a experiência do silêncio e do abandono do Pai, o que gera a sua morte e aparentemente a sua justificativa.

Conforme Sobrino, dificilmente ou improvável determinar o real sentimento de Jesus, na hora da morte, em relação ao Pai. Provavelmente, Jesus teria vivido uma desolação teologal. Ou seja, escuta-se de Deus mais silêncio do que alguma palavra de proximidade.

### 1.3.2 O sofrimento de Deus

A relação entre o sofrimento de Jesus na Cruz e Deus é outra questão posta. “Se quem morre desta forma é o Filho de Deus, impõe-se a pergunta: o que faz Deus diante do sofrimento, o que a cruz de Jesus diz de Deus, quem é Deus?”<sup>50</sup> A resposta não é

<sup>46</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 343.

<sup>47</sup> PEREIRA, S. *A Teologia da Cruz em Jon Sobrino*, p. 69.

<sup>48</sup> SOBRINO, J; HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 44.

<sup>49</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 44.

<sup>50</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 348.

simples. Conforme as “escrituras Deus é conhecido pelo que faz e diz na história”.<sup>51</sup> Na cruz de Jesus Deus não intervém, Deus não faz nem diz, deixa as coisas ocorrerem. Nota-se tal postura de Deus, também, no desenrolar da história humana, em que muitas pessoas diante do sofrimento sentem o silêncio de Deus. “A cruz propõe então o gravíssimo problema de se e como o não-fazer e o não-dizer, como o silêncio, o abandono, a inação podem revelar algo de Deus”.<sup>52</sup> Há duas reflexões sobre essa relação de Deus com o sofrimento: Deus perante o sofrimento e o sofrimento em Deus.

### 1.3.2.1 Deus perante o sofrimento

O que se pode falar de Deus perante o sofrimento humano? O sofrimento humano é o enigma por excelência à razão humana. “Nada pode dar sentido ao fato da morte de vítimas inocentes, [...] são abundantes na história da humanidade”.<sup>53</sup> “Quanto à fé, se não renunciar a impor a Deus suas próprias pré-compreensões ou pré-conceitos corre o risco de soçobrar”.<sup>54</sup>

Segundo Sobrino, trata-se da corrente teológica de Urs von Balthasar e de J. Moltmann, em que o necessário não é justificar, nem sublimar, nem dar um sentido ao sofrimento humano, mas “de ser honesto com a revelação e de ‘deixar-se dar’ por essa revelação uma nova perspectiva, leve onde levar”.<sup>55</sup> Deus não faz nada como o ser humano quer perante o sofrimento. Deus não concede e nem explica o sentido do sofrimento. Ele participa do sofrimento. A cruz representa que não há limites da proximidade de Deus com os seres humanos na história. “A única coisa que a cruz diria é que o próprio Deus carrega o sofrimento, e – para quem aceitar de maneira crente sua presença na cruz de Jesus – que é preciso carregá-lo”.<sup>56</sup>

### 1.3.2.2 O sofrimento em Deus

Qual é o efeito do sofrimento em Deus? Este tema, na América Latina, nasce da correlação do sofrimento e a morte da população. “A partir de uma perspectiva

---

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 348.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 349.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 350.

<sup>54</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 46.

<sup>55</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 351.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 351.



dogmática deve ser afirmando, e com radicalidade, que o Filho (a segunda pessoa da Trindade) assume toda a realidade de Jesus”.<sup>57</sup> O Filho é Jesus de Nazaré e Jesus de Nazaré é o Filho. “O Filho experimenta a humanidade, a historicidade, a vida, o destino e morte de Jesus”.<sup>58</sup>

Como o sofrimento do Filho, segunda pessoa da Trindade, afeta a Deus, ao Pai? Se Jesus não só é o primogênito de Deus, que aponta para o futuro, nem só o que se tornou Deus, “é também o que sofre na cruz e o que sofre especificamente o abandono de Deus, então se impõe a pergunta pela própria realidade de Deus na cruz”.<sup>59</sup>

Não há formulações sobre o sofrimento de Deus no Novo Testamento. Falar do sofrimento de Deus na cruz é, portanto, reflexão teológica não arbitrária. Nas cartas paulinas, menciona-se que Deus estava na cruz de Jesus e, em *Mc* 15,39, o centurião faz a confissão de fé: “verdadeiramente este homem era Filho de Deus”. A confissão ocorre após a morte de Jesus.

Nada se saberia de um bom Deus, caso não estivesse nas obras que Jesus realiza. Por isso, “a revelação de Deus é de índole sacramental, [...], ao se fazer presente em realidades históricas”,<sup>60</sup> manifestando em todo lugar algo de Deus. Sobrino, sem cair numa “exacerbação conceptual de Lutero”,<sup>61</sup> acredita de forma antropomórfica “que Deus sofre na cruz de Jesus e nas vítimas deste mundo o fato de ser testemunha inatento e silenciosa delas”.<sup>62</sup> Nota-se que a preocupação de Sobrino é uma acolhida da presença de Deus, para ganhar sua alteridade e amor.

O sofrimento de Deus na cruz apresenta o Deus “que luta contra o sofrimento humano e quis se mostrar solidário para com os seres humanos que sofrem, e que a luta de Deus contra o sofrimento é também à maneira humana”.<sup>63</sup> Dessa forma, o desafio do sofrimento é o de carregar, ao invés de o ignorar ou de o sublimar.

“A pré-compreensão de Deus é posta em crise pela surpresa desta sua presença insuspeitada diante da qual, num primeiro momento ao menos, faz-se silêncio”.<sup>64</sup> Entretanto, na cruz, Deus está. Nesse sentido, as palavras de Leonardo Boff estão corretas, segundo Sobrino:

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 351.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 351.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 352.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 353.

<sup>61</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 48.

<sup>62</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 354.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 356.

<sup>64</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 48.

“Se Deus cala diante da dor é porque ele mesmo padece e faz sua a causa dos martirizados e dos que sofrem. A dor não é alheia a ele; se a assumiu, não foi para eternizá-la e deixar-nos sem esperança, mas porque quer acabar com todas as cruces da história”.<sup>65</sup>

Dessa maneira, “Deus está crucificado”<sup>66</sup> e “O Deus crucificado não é uma realidade que pode ser abordada como um conceito teórico, mas como um conceito prático; não se trata, pois, de teologia, mas de teo-práxis”.<sup>67</sup> Percebendo-se, assim, a presença de Deus na cruz, agora, pergunta-se pela revelação a partir da cruz. Por isso, o próximo tópico: o conhecimento de Deus.

### 1.3.3 O conhecimento de Deus na cruz de Jesus

O conhecimento da cruz muitas vezes acontece de forma positiva ou negativa, ou seja, acostuma-se a ignorar o sofrimento de Deus ou a transformar o sofrimento de Deus além da racionalidade o dito conhecimento do escândalo. Entretanto, a cruz “revela algo de Deus por sua relação de amor a nós: revela credibilidade do amor de Deus”,<sup>68</sup> porém a partir do negativo.

A cruz é um dos momentos reveladores que deve ser mantido com os outros momentos reveladores. A revelação de Deus, “como a história de sua revelação”, é composta de vários elementos: “desde a criação, passando pelo Antigo Testamento, a encarnação, a cruz e a ressurreição da vítima inocente”.<sup>69</sup> Além disso, a história da revelação de Deus é “uma história aberta da revelação que só culminará no final, deixando – durante a história – que cada elemento da revelação seja o que é, sem tirar agudeza de um em favor de outro”.<sup>70</sup>

Dessa maneira, o ser humano se encontra diante de um mistério de Deus, devido à impossibilidade de sintetizar os elementos reveladores, o que para Sobrino, consiste “*in actu*”, prova definitiva de que se está diante de Deus.<sup>71</sup> Com isso, é necessário reformular a transcendência como Deus maior e Deus menor, reconhecer a

---

<sup>65</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 356.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 355.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 357.

<sup>68</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 49.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>70</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 357.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 358.

insuficiência de qualquer teologia natural e apontar para as vítimas como lugar de revelação.

### 1.3.3.1 O mistério do “Deus maior” e o “Deus menor”

“A revelação de Deus pode ser plenitude, mas também escândalo”,<sup>72</sup> por isso a radicalidade do destino de Deus e o escândalo são possibilidades que homem precisa ter presente. É necessário considerar que o pequeno pode ser mediação de Deus, não apenas algo maior. A cruz, na época de Jesus, é um escando, algo menor. Por isso, a partir da cruz é necessário pensar a transcendência de Deus, frequentemente pensada em categorias de “Deus maior”, em categoria de “Deus menor”. Deus está no sofredor, no pequeno, pois tudo revela e afeta Deus. “A transcendência de Deus se expressa agora precisamente em manter a simultaneidade da grandeza e da pequenez de Deus”.<sup>73</sup> Desta forma, “Deus se torna mais transcendente, mais inabrangível, mais inefável, mais mistério”.<sup>74</sup>

A partir do “menos” da cruz, tem-se categorias bíblicas que expressam drasticamente a transcendência de Deus: a proibição de imagem (*Dt* 5,8), fundamentada na expressão do evangelista João “a Deus ninguém viu” (1,18); por imagem não “pensada”, demonstra-se na cruz pelo silêncio total; agora, no Antigo Testamento, se Deus aparece como Aquele que promete - vos levarei para a terra que prometi (cf. *Ex.* 6,7s) – e cria um futuro – “Nesse dia saberão quem sou” (*Rs* 20,13.28; *Ez.* 25,6.8), o que é movido para o final dos tempos no Novo Testamento (cf. *1Cor* 15,28), na cruz aparece como impotência, o “radical fracasso”. Deus é sucumbido diante do poder do mal, não triunfa, tendo-se a derrota do “Deus da vida” pelos “ídolos da morte”.

Essa derrota do “Deus da vida” exige, conforme Sobrino, que seja repensada a sua transcendência. “Em outras palavras, a divindade de Jesus, pensada a partir da cruz, deve incluir a via negativa, ao lado da analogia e da iminência”.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 358.

<sup>73</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 359.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 359.

<sup>75</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 51.

### 1.3.3.2 A Insuficiência de qualquer teologia natural

A cruz crítica semelhantemente a teologia natural, “seja no acesso a Deus, seja na qualidade do conhecimento, seja no seu interesse”.<sup>76</sup> A teologia natural quando procura acessar a Deus ante a cruz, parte de alguma afinidade positiva com Deus. Embora essa experiência em alguma instância seja necessária, é insuficiente. Não aparece na cruz diretamente o positivo. “Ali não há vida, nem beleza, nem poder, nem racionalidade, coisas todas estas através das quais o ser humano pretende ter acesso a Deus”.<sup>77</sup> Poder-se-ia conhecer na cruz Deus somente *sub specie contrarii*, “e isso significa aprender a ver poder na impotência, palavra no silêncio, vida na morte”.<sup>78</sup>

Conforme Hammes, “do ponto de vista do sujeito cognoscente, na cruz, em lugar da admiração [...] que pro-voca o conhecimento, está o sofrimento a pro-vocar sim-patia [...]. Será o sofrimento como sofredor, do sujeito cognoscente, à vista do sofrimento do crucificado”,<sup>79</sup> que ajudará na compreensão de algo de Deus na cruz. Esse conhecimento, sofrer com (sim-patia), desencadeia-se num movimento que inclui a práxis e a esperança, tratando-se de um conhecimento noético.

Por fim, a cruz crítica interesses pessoais (cf. Habermas) que podem ocorrer a partir de algum conhecimento de Deus, que visam monopolizar o todo de Deus. Ou seja, conceituar um Deus que agrada. A cruz desmascara os interesses ilegítimos e reforma os legítimos. A cruz não é resposta à pergunta por Deus, mas é a pergunta radical à pergunta sobre Deus.<sup>80</sup>

Nesse sentido, Sobrino menciona um poema de D. Bonhoeffer,<sup>81</sup> o qual apresenta que todos os cristãos e pagãos em suas necessidades se aproximam de Deus. Assim, Sobrino explica o sentido dessa crítica para a América Latina: “os pobres aceitam um Deus sofredor porque na cruz veem a ‘seu’ Deus e esse ‘seu’ Deus na cruz lhes dá – paradoxalmente – esperança e ânimo”.<sup>82</sup>

---

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>77</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 360.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 361.

<sup>79</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 51.

<sup>80</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 362.

<sup>81</sup> “Os homens em sua dor chegam a Deus, imploram ajuda, felicidade, pão, que salva os seus da enfermidade, da culpa e da morte. Isso fazem todos, todos: cristãos e pagãos. Os homens se aproximam de Deus na dor de Deus, e o encontram pobre, insultado, sem abrigo, sem pão, vêem-no vencido e morto por nosso pecado. Ó Senhor! Os cristãos permanecem com Deus na paixão”. Cf. *Ibidem*, p. 363.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 363.

### 1.3.3.3 As vítimas como lugar de revelação de Deus

“O conhecimento de Deus tem sempre um lugar material e o lugar do conhecimento do Deus crucificado são as cruzes deste mundo”.<sup>83</sup> É o que nos apresenta o capítulo 25 de Mateus. O sofrimento em que Deus está presente é o das vítimas deste mundo. Esse conhecimento é sacramental. As vítimas fazem Deus presente, propiciando o conhecimento. Na cruz de Jesus, “a divindade se esconde”, mas está ali, como diz Santo Inácio, “nas mediações da paixão”.<sup>84</sup>

Dessa maneira, “junto à cruz se decide a integridade da fé cristã, porque rigorosamente falando, supõe a ressurreição. Sem a ressurreição a fé na presença de Deus na cruz seria impossível”.<sup>85</sup> Embora, para Sobrino, a cruz não seja o todo da revelação de Deus, é um grande momento, cujo significado maior surge das dores e sofrimentos para o povo da América Latina.

Na cruz, Deus está presente mesmo que o Filho sinta o abandono e a solidão de Deus. Assim, acreditar na presença de Deus na cruz e que o crucificado seja o Filho de Deus dá um caráter diferente à ressurreição: “não se trata de qualquer ressurreição, mas da ressurreição de um crucificado”.<sup>86</sup> Isto é, a ressurreição propicia um reconhecimento de um crucificado como Deus, tornando para a humanidade a cruz o verdadeiro evangelho, principalmente para as vítimas crucificadas da humanidade. Agora, é necessário a compreensão sobre o mistério da cruz no mistério de Deus.

## 1.4 Significado soteriológico da cruz

Os tópicos anteriores demonstraram as reflexões de Sobrino a respeito da crucificação de Jesus, em vista da relação entre cristologia e soteriologia. Agora elucidada a indagação acerca do significado soteriológico da cruz em sua Cristologia, analisando a correspondência entre cruz e soteriologia. A problematização norteadora consiste: num contexto de povo crucificado, em que perpassa a morte e a dor, como a cruz pode ser interpretada? A resposta ao questionamento tem o ponto de partida no Jesus histórico para a Cristologia e a precedência sobre a soteriologia. Por isso, a resposta se

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 363.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 364.

<sup>85</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 53.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 53.

desvela em quatro passos: a “explicação” fornecida pelo Novo Testamento, da cruz como escândalo à cruz como salvação, a credibilidade do amor de Deus e a eficácia soteriológica da cruz.

Importante frisar que para os primeiros cristãos era normal procurar uma explicação para a morte e sofrimento de Jesus. Contudo, pode-se ter o perigo de suavizar a cruz, exaurindo as dores que ocorreram. Por isso, em última análise, quando se busca uma explicação ou um significado para a cruz, deve-se ter no pano de fundo uma questão de fé.

#### 1.4.1A “explicação” fornecida pelo Novo Testamento

Sobrino apresenta três explicações neotestamentárias sobre a cruz: a cruz como destino de um profeta (*1Ts* 2,14s; *Rm* 11,3 – retomada em *Mt* 23,37; *Mc* 12,2s explicitando a fonte Q e que se trata da rejeição de um profeta por Israel *Lc* 11,49ss; *Mt* 23,34); nas escrituras consta predição (cf. o antigo texto de *1Cor* 15,4; após em *Lc* 24,25, como profecia *ex eventu* *Mc* 8,31; 9,31; 10,33 e par); e os desígnios de Deus (cf. *At* 2,23; 4,28, *Lc* 24,26; *Mc* 8,31). O pano de fundo da afirmação que Jesus sofreu o destino comum dos profetas na história “esclarece indubitavelmente porque mataram Jesus,<sup>87</sup> porém o significado profundo dessa morte não é esclarecido, tratando-se mais de uma constatação do que de uma explicação. Entretanto, no Novo Testamento, Jesus não é apenas um profeta, mas o messias, transformando-se a indagação para: por que morre o messias, o Filho de Deus?

Assim, compreende-se a razão do Novo Testamento buscar uma resposta na predição nas Escrituras. Essa resposta tem um grande valor, vinda da tradição judaica. No entanto, “não oferece luminosidade intrínseca ao fato de Jesus, messias e Filho de Deus, ter acabado dessa maneira”.<sup>88</sup>

Por último, recorre-se ao desígnio de Deus (*At* 2,23; 4,28), afirmando que a cruz era necessária (cf. *Lc* 24,26; *Mc* 8,31). Remonta-se a explicação ao próprio Deus, demonstra-se que a cruz em si mesma não apresenta algum sentido captável aos seres humanos, mesmo que haja um esforço contínuo de situar no próprio Deus algum

---

<sup>87</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 321.

<sup>88</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 322.

sentido. Trata-se de “compaginar o mal e a injustiça com Deus”.<sup>89</sup> Dessa maneira, o Novo Testamento, segundo Sobrino

por um lado, ao manter que a cruz pode ter um sentido – ainda que somente em Deus – expressa a esperança de que o absurdo não é a última palavra sobre a história. Mas essa esperança não tem como fonte o ‘saber’ do mistério, mas a ‘fé’ nesse Deus concreto com esse desígnio concreto.<sup>90</sup>

Conforme Sobrino, o perigo consiste em eliminar “as arestas do escândalo da cruz”.<sup>91</sup> Ainda mais perigoso, é como “mostram todos os anselmianismos – pretender saber porque e como a cruz de Jesus se torna algo lógico e até necessário em Deus”.<sup>92</sup> Nesta perspectiva, a cruz não apresentaria novidade sobre Deus.

#### **1.4.2 Da cruz como escândalo à cruz como salvação**

Responder que o significado da cruz de Jesus é Deus não anula a pergunta: por que “é este e não o outro o desígnio de Deus”?<sup>93</sup> Como explicar a aparente crueldade do Deus bondoso ao entregar seu Filho à morte de cruz? Por isso, é necessária a passagem da pergunta noética – por que morre Jesus? – “necessariamente para a pergunta salvífica: para que Jesus morre, o que há de bom – se existe algo – na cruz de Jesus, já que esse foi o desígnio de um Deus bom?”<sup>94</sup> As respostas não são simples, é necessário analisar o conjunto da história de Jesus.

Importante frisar que Deus, por meio da cruz, traz a salvação. Embora não possa ser reduzida apenas ao pecado, precisa manter sua relação com as salvações plurais praticadas por Jesus de Nazaré: “salvação de qualquer tipo de opressão interna e externa, espiritual e física, pessoal e social.”<sup>95</sup>

Em segundo lugar, deve-se considerar os dois níveis na afirmação da salvação na cruz: “ao nível da fé, o mais profundo,[...] na cruz há salvação; e ao nível da reflexão, o mais teológico, [...] mostrar como pode haver salvação na cruz”.<sup>96</sup> À resposta à última questão, os primeiros teólogos lançaram mão de modelos vétero-

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 322.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>95</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 324.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 324.

testamentários, os quais “não devem ser compreendidos como argumentação apodítica em favor da eficácia salvífica da cruz, [...] no máximo, uma argumentação de conveniência”.<sup>97</sup>

Conforme Sobrino, é preciso estar atento e não concluir apressadamente mediante a abordagem sobre o tema da cruz, como foi realizado pelos primeiros teólogos. É um equívoco acreditar que explicam a problematização sobre o sofrimento de Deus, pois seus procedimentos “são só uma forma de dizer, racionalmente, que na cruz se manifestou o amor salvífico de Deus”,<sup>98</sup> ou “querer tirar as arestas do escândalo da cruz em si mesma”,<sup>99</sup> supondo “que já anteriormente à cruz saibamos que é Deus e como ‘que salvar de seus pecados aos seres humanos’, ao invés de aceitar o escandaloso, o novo, de Deus revelado na cruz”.<sup>100</sup>

Há no Novo Testamento vários modelos teológicos que foram utilizados: terminologia cúltico-sacrificial; nova aliança, servo sofredor e a Teologia Paulina. Sobrino privilegia a Teologia Paulina, com a centralidade na cruz, apesar da ressurreição “e da salvação como transformação do negativo humano em positivo e como libertação da lei”:<sup>101</sup>

A cruz se converte em desmascaramento de todos os pressupostos humanos e pecaminosos para não aceitar a revelação do verdadeiro Deus. Poder-se-á aceitar a Deus ou não, diria Paulo, mas aceitando-o na cruz, por escandaloso e inusitado, então se aceitou realmente a Deus e se aceitou para ele mesmo se nos mostrou, não que nós tenhamos chegado a ele por nossas próprias forças.<sup>102</sup>

### 1.4.3 A credibilidade do amor de Deus

A salvação surge do próprio Deus no Novo Testamento. Por isso, há uma indagação: o que a cruz de Jesus fala a respeito de Deus? Inicialmente, no Novo Testamento, nota-se a desvinculação do sofrimento para a salvação. Ou seja, não é o sofrimento na cruz, em si mesmo, que ocasiona a salvação. A salvação “é consequência do fato de o Pai ter aceito Jesus, porque em toda sua vida – na totalidade constituída

---

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 324.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 325.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 325.

<sup>100</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 56.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>102</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 330.



pela encarnação, a história e a cruz, tal como aparece narrativamente nos sinóticos e sinteticamente na carta aos hebreus”<sup>103</sup> - é o que agrada Deus.

Assim, com essa afirmação, demonstra-se a importância do sofrimento, entregando-lhe a autonomia intra-histórica e se mantém a importância na soteriologia do Jesus Histórico. Por isso, caso se conceda algum destaque ao sofrimento, este não advém dele, mas é oriundo da história do amor, a verdadeira origem da salvação. “É por o mundo ser como é, e as condições, nas quais o amor se realiza, serem como são, que o amor acontece no sofrimento”.<sup>104</sup>

Se a existência de Jesus é o que agrada a Deus, a sua maneira de ser é o elemento salvífico, em que o Novo Testamento apresenta como aquele que passa fazendo o bem (cf. *At* 10,38), o fiel misericordioso (cf. *Hb* 2,17), o que não vem para ser servido, mas para servir (cf. *Mc* 10,45). Jesus “é a revelação do *homo verus*. Do homem verdadeiro cabal, não só do *vere homo*, quer dizer, de um ser humano no qual se teriam cumprido faticamente as características de uma verdadeira natureza humana”.<sup>105</sup>

A verdade apresentada em Jesus é o amor. O amor para com todos os seres humanos, podendo-se afirmar “que existe o amor e que nesta terra não só o mal se faz presente, mas também o amor nos envolve”.<sup>106</sup> Portanto, no final da vida de Jesus a cruz é salvífica, mostrando-se ser mais causa exemplar do que causa eficiente. Entretanto, “isto não anula que não seja eficaz: aí está Jesus, o fiel e misericordioso até o fim, convidando e animando as pessoas a reproduzirem o *homo verus*, o humano verdadeiro”.<sup>107</sup>

Em suma, a fidelidade de Jesus é a tradução da soteriologia: com fidelidade vê a própria morte, “último ato de serviço”.<sup>108</sup> O que faz Jesus ir até as últimas consequências em vida é o amor a todos seres humanos e a fidelidade a Deus. Ou seja, Jesus é perseguido e condenado à morte de cruz, mantendo a sua racionalidade constitutiva: “para Deus é o homem fiel; para os seres humanos, é o homem serviçal”.<sup>109</sup> Isso significa que a morte de Jesus é eficaz para demonstrar numa forma concreta de enfrentamento do mal.

<sup>103</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 57.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>105</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 334.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 334.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 334.

<sup>108</sup> SOBRINO, J.; HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 58.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 59.

Contudo, é importante destacar o mais importante sem desmerecer as considerações anteriores. A “salvação provém do próprio Deus e por isso é preciso perguntar o que a cruz de Jesus diz definitivamente sobre o Deus salvífico”.<sup>110</sup> Para mudar a ação de Deus em relação às atitudes dos homens, o Novo Testamento não diz que a cruz e a vida de Jesus eram necessárias para fazer que Deus passasse de um Deus irado a um Deus condignamente aplacado. O Novo Testamento afirma o seguinte:

o próprio Deus tomou a iniciativa de fazer-se salvificamente presente em Jesus, a cruz não é, então, só o que agrada a Deus, mas aquilo em que Deus se expressa ele mesmo como agradável aos seres humanos. Não se trata, pois, de causalidade eficiente, mas de causalidade simbólica. A vida e a cruz de Jesus é aquilo em que se expressa e chega a ser o mais real possível o amor de Deus aos seres humanos.<sup>111</sup>

Desta maneira, afirma-se que a cruz de Jesus e a encarnação do Verbo são iniciativas de Deus, indiferente dos impactos que podem ocasionar. “Jesus é o sacramento histórico no qual Deus expressa sua irrevogável mudança salvífica em relação”<sup>112</sup> ao ser humano. Não ocorre nenhuma mudança pela cruz, mas se tem a expressão dessa mudança, a decisão de Jesus. O amor de Deus está na vida e na cruz de Jesus:

nem o mais querido por Deus, seu próprio Filho, colocou limites a que Deus mostrasse seu amor aos seres humanos. [...] Não poupar o Filho é o modo de expressar que nada impede o amor de Deus aos homens. [...] Se alguém não perceber que, ao nos preferir a seu Filho, Deus quis mostrar-nos seu amor, nada convencerá disso. [...] Nada, absolutamente nada, foi obstáculo para Deus mostrar seu sim definitivo, salvador, acolhedor, irrevogável a este mundo.<sup>113</sup>

Por fim, conforme Sobrino, Jesus não consiste numa vítima de Deus, mas dos ídolos da sociedade. Não é a sua relação com o Pai que desencadeia a sua morte, mas incomoda e provoca as autoridades e as estruturas sociais da época.

#### **1.4.4 A eficácia soteriológica da Cruz**

A indagação sobre o “para quê” da cruz conduz ao significado soteriológico: como ocorre a salvação? A morte de Jesus é necessária? A morte de Jesus deve conduzir à boa análise soteriológica de fidelidade e contra o poder do pecado. Isto

---

<sup>110</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 334.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 335.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 335.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 336.

porque sua morte é consequência das suas atividades no contexto em que vive histórico-temporal, que prefere suportar a morte a trair a Deus e seus irmãos e irmãs.

Por isso, da condenação à sua morte de cruz, oriunda das forças do pecado historizado, surge o significado soteriológico e constitui uma relação com essa cruz: “a cruz diz algo da soteriologia e a soteriologia é interativa com a cruz. E se a salvação está relacionada à cruz, consequência de uma condenação na história, a salvação também diz respeito à história”.<sup>114</sup>

Jesus não nega, em nenhum momento, algumas das acusações levantadas contra ele no processo, demonstrando as falibilidades das estruturas nas quais se apoiavam as acusações. Assim, ao se dispor a morrer por morte de cruz devido à sua inconformidade com essas estruturas, “põe a nu a sua contradição com Deus no qual crê e por fidelidade ao qual se torna impossível ceder, mesmo pagando o preço da vida”.<sup>115</sup>

### 1.5 A cruz e os crucificados da história

Conforme mencionado anteriormente, a cruz de Jesus tem um lugar que se pode conhecer hodiernamente e na história: os povos crucificados. Por isso, neste tópico comenta-se sobre a cruz e os povos crucificados da história, visto que as análises anteriores vêm ao encontro deste aspecto cristológico em Sobrino. Apresenta-se também o povo crucificado com Jesus e a meditação de Jesus sobre o povo crucificado.

A cruz e os crucificados da história são novidades nos estudos cristológicos, nas reflexões sobre a fé cristã que nascem do contexto de pobreza, de sofrimento, de angústias e perseguições de Sobrino. O primeiro a utilizar este termo é I. Ellacuría, que condiciona fortemente o pensamento de Sobrino, aparecendo citações em vários artigos e em livros, como por exemplo: “O povo crucificado é vítima do pecado do mundo e é também aquele que trará a salvação do mundo”.<sup>116</sup>

Em primeira instância, o tema povo crucificado remete ao sofrimento humano, em referência a Jesus crucificado. Em segundo, significa comentar, contudo, a

<sup>114</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 61.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p.61.

<sup>116</sup> SOBRINO, J. Ensaio de soteriologia, *Revista Concilium*, p.21.

In. Aniquilação do outro, memória das vítimas, p. 21. In: CONCILIUM, 240, 1992-2. Aqui Sobrino menciona uma frase de Ellacuría do seu famoso texto *O povo crucificado. Ensaio de soteriologia histórica*.

ressurreição do crucificado, pois se Jesus não tivesse ressuscitado, vã seria a fé cristã e a esperança dos povos crucificados. Em terceiro lugar, dizer algo sobre o significado de Jesus, o servo sofredor, em que muitos pobres de hoje encontram o sentido “em relação ao qual eles e elas se tornam servos e servas, dividindo com ele o fardo do pecado”<sup>117</sup>. Isto porque a cruz de Jesus, incorporadora das demais, é a “cruz qualificante na qual os sofrimentos humanos recebem o nome de cruces históricas”.<sup>118</sup>

No próximo capítulo, fala-se a respeito de uma realidade de sofrimento: o presídio. Então, omite-se aqui o debate acerca da cruz do mundo de hoje, apresentando o significado cristológico. Sobrino diferencia três níveis de significado para a expressão “povo crucificado”.

O primeiro nível é fatural-real, porque o significado da cruz remete não apenas à pobreza, mas para a morte dos pobres, ampliando para o seu desenraizamento cultural. O segundo nível faz menção ao histórico-ético, que demonstra as mortes oriundas das estruturas injustas, denominadas por Medellín de violência institucionalizada.<sup>119</sup> O terceiro nível é o religioso em referência à morte de Jesus, que “para o crente tem a força de evocar o fundamental da fé, do pecado e graça, da condenação e salvação”.<sup>120</sup>

Dessa maneira, Sobrino enfatiza que falar “de povos crucificados é também linguagem pura e necessária na cristologia[...]. Os povos crucificados são os que completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo”<sup>121</sup> (cf. Cl 1,24). “Eles são a presença atual de Cristo crucificado na história”.<sup>122</sup>

---

<sup>117</sup> HAMMES, É. *Fili in filio*, p. 63.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>119</sup> No período de 24 de agosto à 6 de setembro de 1968, aconteceu em Medellín, na Colômbia, a 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. O comentário do CELAM a respeito da violência institucionalizada é: *Si el Cristiano cree en la fecundidad de la paz para llegar a la justicia, cree también que la justicia es una condición ineludible para la paz. No deja de ver que a América Latina se encuentra, em muchas partes, em una situación de injusticia que puede llamarse de violencia institucionalizada cuando, por defecto de las estructuras de la empresa industrial y agrícola, de la economía nacional e internacional, de la vida cultural y política ‘ poblaciones enteras faltas de lo necesario, veven em uma tal dependencia que les impide toda iniciativa y responsabilidad, lo mismo que toda posibilidad de promoción cultural y de participación em la vida social y política’, violándose así derechos fundamentales’*. CELAM, *La Iglesia em la actual transformación de América Latina a luz del Concilio*, p. 72.

<sup>120</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 367.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 367.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 367.

### 1.5.1 O povo crucificado com Jesus

Quatro coisas implicam as pessoas que sofrem como povo crucificado: pessoas que sofrem; as pessoas que sofrem se constituírem como povo; o sofrimento relacionado à cruz de Jesus; e relacionado a Jesus, a nova realidade que surge desse encontro. O primeiro passo consiste em perceber, ver e aceitar que existe sofrimento, um povo é crucificado. Em segundo, é importante conforme Hammes:

Reconhecer, no segundo passo, nas vítimas, nas vítimas anônimas, ‘sem rosto humano’, e em todos aqueles e aquelas que não contam, um povo, é confessar sua dignidade mais fundamental e primeira: não mais massa anônima e insignificante estas vítimas são reconhecidas em sua identidade inalienável de semelhantes sujeitos, irmãos e irmãs, filhos e filhas. Possível já no plano antropológico, este reconhecimento em última análise é compreendido plenamente em Deus mesmo.<sup>123</sup>

Assim, compreender as dores desse povo como cruz significa atribuir-lhe vínculo especial à cruz de Jesus de Nazaré, “a cruz como antonomásia. O sofrimento perde assim a sua inocência de fatalidade humana ou cósmica e se erige em pergunta e interrogação em busca de resposta e responsabilidade que se faz ao Filho de Deus”.<sup>124</sup> Converte-se, sobretudo, em experiência de amor, de comunhão e de esperança.

Em busca de melhor compreensão, Sobrino faz analogia do povo crucificado com o servo sofredor, devido à realidade latino-americana de dores, angústias, miséria, pobreza, exploração, ditadura militar. Segundo Sobrino, a figura do servo sofredor que aparece nos cânticos de Isaías é percebida como presença hodierna de Cristo crucificado por meio do povo que se encontra em situação semelhante: maltratado, descartado, humilhado, torturado, deplorado.

Importante frisar que essa analogia não tem como objetivo forçar o texto a descrever arbitrariamente o que não está descrito, transgredido a exegese. Trata-se de transcender a teorização, devido a ser fruto de uma experiência. Sobrino, em El Salvador, tem a experiência do sofrimento do povo que vivência a miséria, a fome, a opressão. O povo massacrado como o servo sofredor. Milhares de pessoas foram

<sup>123</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 64.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 65.

mortas, dentre elas crianças, mulheres, idosos, chamadas de “povos crucificados”, por D. Oscar Romero e Ignacio Ellacuría.<sup>125</sup>

### 1.5.2 Meditação sobre o povo crucificado

O primeiro elemento comum entre o servo de Javé e o povo crucificado consiste em: o servo é “homem das dores, habituado ao sofrimento” (*Is 53,3*), ao passo que o povo crucificado também o é devido a sua condição de fome, casebres, analfabetismo, doenças, frustração por falta de emprego e de educação. Em ambos, suas aflições aumentam quando outros decidem “estabelecer a justiça e o direito” (*Is 42,4-7*), pois sobre eles recai a violência, a condenação à morte e o julgamento. Então, aparece ainda mais sua condição de servos, quando sobrevivem por causa da desfiguração humana, sem aparência de pessoa, sem beleza, nem formosura que atraia (cf. *Is 52,14; 53,2*). “A feiura da pobreza cotidiana se soma ao horror das torturas, dos decapitados, dos queimados com ácido”.<sup>126</sup> Dessa maneira, para não vê-los (cf. *Is 52,14*), muitos desviam os olhos porque se sentem horrorizados (cf. *Is 52,14*) e para não ofuscar a falsa felicidade, que o povo crucificado pode desvelar aos que o crucificam.

Outro aspecto comum entre o servo e o povo crucificado é que são “desprezíveis e os homens não fazem caso dele” (*Is 53,3*). A dignidade do povo crucificado foi tirada. “Não são estimados mas desprezados. E o desprezo se consuma quando a ideologia toma colorido religioso para condená-los em nome de Deus”,<sup>127</sup> “nós o considerávamos ferido por Deus”, “contado entre os pecadores” (*Is 53,4.12*). “Se os povos crucificados sofrem pacientemente, são considerados bons, simples e até mesmo com religiosidade, mas quando decidem lutar por seus direitos são considerados subversivos, marxistas, criminosos, terroristas”.<sup>128</sup> Além de serem desprezados na vida, são também desprezados na morte, pois ao servo “deram-lhe sepultura em meios aos ímpios (*Is 53,9*). Há situações que nem sepultura os povos crucificados têm. Vários são jogados

---

<sup>125</sup> “Monsenhor Romero dizia que Jesus Cristo, o libertador, tanto ‘se identifica com o povo, ao ponto de os intérpretes da Escritura não saberem se o servo de Javé que Isaías proclama é o povo sofredor ou é Cristo que vem nos remir’. I. Ellacuría dizia: ‘esse povo crucificado é a continuação histórica do Servo de Javé, do qual o pecado do mundo continua tirando toda figura humana, o qual os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe até a vida, sobretudo a vida’. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 368.

<sup>126</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 369.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 370.

<sup>128</sup> PEREIRA, S. *A Teologia da Cruz em Jon Sobrino*, p. 83.

em lixeiras, em cemitérios clandestinos, em valões, em rios.

O servo se “humilhava e não abria boca, como cordeiro conduzido ao matadouro” (*Is 53,7*). Em vários países do Terceiro Mundo, na Etiópia e na América Latina, os povos crucificados morrem dessa maneira. Outros morrem como indigentes, nem se sabe a causa ou como morreram, nem como viveram. Os povos crucificados geralmente são desconhecidos, pois nem seus nomes são descobertos e nem o número com exatidão é divulgado.

O servo é eliminado “por um julgamento violento” (*Is 53,28*), injusto e arbitrário. Hodiernamente diversas pessoas lutam pelos seus direitos e pelas suas vidas, encontrando profetas que as defendem. Entretanto, “quem questiona as cruzes da história e se dedica por suprimi-las são geralmente levados à cruz”. Ou seja, os profetas que alertam para os sofrimentos dos povos crucificados são reprimidos e, em algumas situações, condenados conforme os povos crucificados.

O último elemento comum é a inocência, conforme descreve o cântico: “embora não tivesse praticado a violência nem houvesse falsidade em sua boca” (*Is 53,9*), foram mortos. Neste sentido, Sobrino indaga pelos crimes que os povos indígenas da Guatemala que formam queimados dentro da Igreja São Francisco em Huehuetenago ou a camponeses assassinados em Sumpsul ou as várias crianças mortas de fome na Etiópia ou Biafra.

Por fim, segundo Sobrino, assim é a realidade do povo crucificado. Não é realidade de só indivíduos, mas de pessoas que constituem os povos. Eles “são os que continuam completando em sua carne o que falta à paixão de Cristo”.<sup>129</sup> Além disso, “o povo crucificado é o que melhor remete a Jesus e permite compreender que Jesus crucificado é o servo e porque a partir da fé foi proclamado como o servo”.<sup>130</sup>

Portanto, este capítulo apresenta as sínteses do pensamento teológico sobriniano a respeito da cristologia em relação com a soteriologia e da soteriologia em correspondência com a cristologia. Demonstra-se, também, “que a história de Jesus não termina com a cruz, pois Deus o ressuscitou dentre os mortos”,<sup>131</sup> estando presente em tantos povos crucificados na história, que enfrentam os sofrimentos, a miséria e o abandono.

<sup>129</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 371.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 371.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 391.

Assim, pode-se questionar a existência de um “povo crucificado” hodiernamente. Um local de sofrimento, abandono, miséria, estigmatizado pelo preconceito é o presídio, que está permeado pela violência e doenças. Porém, Sobrino não descreve o presídio como um local de “povo crucificado”. Entretanto, ele menciona que Jesus de Nazaré veio para libertar todas as pessoas de todas as estruturas de opressão e de sofrimento, demonstrando o maior gesto de fidelidade ao Pai e de serviço aos seres humanos, como prova de amor, na morte condenada na cruz, por estruturas políticas e religiosas de sua época.

Por isso, a presente pesquisa quer apresentar qual é o sentido da cruz de Jesus de Nazaré para o presidiário cristão a partir da perspectiva dos agentes de Pastoral Carcerária na Diocese de Montenegro, elucidando os aspectos cristológicos e soteriológicos fundamentados neste capítulo. Entretanto, é importante descrever brevemente a realidade prisional brasileira, para perceber os sofrimentos e constatar que o regime carcerário é uma realidade de opressão da dignidade humana, e é um ambiente do anúncio do evangelho, o que ocorre pelos agentes de Pastoral Carcerária.

## **2 A realidade prisional e a evangelização nos cárceres**

A prisão é uma realidade de sofrimento e de evangelização. Os privados de liberdade<sup>132</sup> são colocados num espaço superlotado, o que gera doenças, e largados à violência. Nesse ambiente, o Evangelho é anunciado e testemunhado pelos agentes de Pastoral Carcerária que, sistematicamente, realizam atendimentos religiosos. Assim, o objetivo deste capítulo consiste em apresentar, brevemente, a realidade prisional no Brasil e a presença do anúncio do Evangelho, realizado pelos agentes de Pastoral Carcerária da Igreja Católica no cárcere.

### **2.1 Realidade prisional**

No Brasil, as prisões têm o objetivo de servir de punição, de recuperação e de ressocialização do apenado através das penas privativas de liberdade. Entretanto, as penitenciárias se transformaram em depósitos humanos. Observa-se que a punição ao sujeito ultrapassa a perda da liberdade, atingindo a dignidade, a saúde, a integridade.

---

<sup>132</sup> Chama-se privado de liberdade nesta laboração o preso que está no presídio.



Assim, uma das finalidades do presídio, o caráter de recuperação, dificilmente é alcançado, desencadeando o aumento da violência. Alguns dos fatores que descaracterizam o sentido das prisões são as superlotações, violências, criminalidade, doenças.

O principal problema das cadeias brasileiras é a superlotação das prisões. O Brasil, conforme o Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça, em 2014 teve 607.731 privados de liberdade, ocorrendo aumento de 575% em relação a 1990, quando havia 90.000 presos. Em 2014, a capacidade carcerária era de 376.669,<sup>133</sup> operando com o déficit de 231.062.<sup>134</sup>

A superlotação desencadeia falta de dignidade humana e de higiene. Ao reduzir o espaço para os privados de liberdade, leva-os a dormirem no chão geralmente próximo ao local que chamam de “banheiro”, que na prática é um buraco onde urinam e depositam as fezes.<sup>135</sup>

No presídio existe violência constante. “Homicídios, abusos sexuais, espancamentos e extorsões são práticas comuns por parte dos presos que já estão mais ‘criminalizados’ dentro do ambiente da prisão, os quais, em razão disso, exercem um domínio sobre os demais”,<sup>136</sup> que muitas vezes desembocam em facções, originando inúmeras rebeliões. Além disso, adentram ali materiais proibidos como facas, celulares, armas e drogas que dão apoio ao crime organizado, que inclusive orquestra crimes fora da prisão.

O atendimento médico é precário, embora o preso disponha da Lei Execuções Penais nº 7.210/84, em seu artigo 14, que “a assistência à saúde do preso e do internado, de caráter preventivo e curativo, compreenderá atendimento médico, farmacêutico e odontológico”. A precariedade no presídio está ligada à “insalubridade do ambiente, a promiscuidade sexual, ao intenso uso de drogas e a falta de assistência

---

<sup>133</sup> Em 2016, o regime carcerário teve 726.712 privados de liberdade, tendo um aumento de mais de 104.000 em relação a 2014. Cf. VERDÉLIO, A. *Com 726 mil presos, Brasil tem terceira maior população carcerária do mundo*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-12/populacao-carceraria-do-brasil-sobe-de-622202-para-726712-pessoas>. Acesso em: 23 de maio de 2019. Se a população carcerária continuar subindo neste ritmo, cogita-se quem em 2025 terá 1.470.000 privados de liberdade. Cf. RODRIGUES, A. *Governo desenvolve projeto para ampliar acesso de presos à educação*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/ministerios-desenvolvem-projeto-para-ampliar-acesso-de-presos-ensino>. Acesso em: data: 23 de maio de 2019.

<sup>134</sup> DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Ministério da Justiça. *Levantamento Nacional de informações penitenciárias INFOPEN*, p. 15.

<sup>135</sup> FERREIRA, P. *A estrutura do sistema prisional brasileiro frente aos objetivos da teoria da pena*. Disponível em: [http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos.2093](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos.2093). Acesso em: 23 de maio de 2019.

<sup>136</sup> *Ibidem*. Acesso em: 24 de maio de 2019.

médica e psicológica preventiva”.<sup>137</sup> Dessa maneira, percebem-se nas prisões pessoas com saúde frágil, impossibilitadas de condições satisfatórias à vida. Alguns privados de liberdade contraem doenças, como aquelas que atingem o sistema respiratório, principalmente, a tuberculose, doenças transmissíveis sexualmente como a AIDS.

Existem no Sistema Carcerário outras dificuldades e aspectos além desses apresentados, como a falta de educação e de ocupação. Contudo, o foco da pesquisa não é esgotar os defeitos e as peculiaridades estruturais, mas questionar: qual é o sentido que um privado de liberdade cristão, ao olhar para a cruz de Jesus de Nazaré, encontra para a sua vida? A resposta à problematização se aprofunda estritamente no terceiro capítulo, fundamentado a partir da perspectiva de agentes de Pastoral Carcerária na Diocese de Montenegro. No entanto, é necessário apresentar a Pastoral Carcerária, sua missão e sua espiritualidade.

## **2.2 Pastoral carcerária**

Comentou-se brevemente a realidade do Sistema Carcerário no Brasil, que está superlotado e violento, ocasionando doenças físicas, psicológicas e sociais nos privados de liberdade. Nesse contexto, a Pastoral Carcerária realiza atendimentos religiosos, acreditando que Jesus Cristo é fonte de sentido para vida de todas as pessoas, principalmente, às que estão condicionadas às estruturas de sofrimento.

O presente tópico visa abordar aspectos da Pastoral Carcerária, como os seus objetivos, a linha do tempo – sua história brevemente - a espiritualidade do agente de pastoral, o método de catequese no cárcere e o princípio da Pastoral Carcerária: a presença de Jesus de Nazaré no privado de liberdade.

### **2.2.1 A Pastoral Carcerária e seus objetivos**

A Pastoral Carcerária é membro do corpo de Cristo, a Igreja. Assume o compromisso de transmitir “a mensagem gozosa aos desventurados; de anunciar aos cativos a liberdade e aos cegos a recuperação da vista; de pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor (cf. *Lc 4,18-19*)”.<sup>138</sup>

---

<sup>137</sup> *Ibidem*, Acesso em: 30 de maio de 2019.

<sup>138</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *Agentes da Pastoral Carcerária*, p. 29.

A Pastoral age junto às pessoas privadas de liberdade e às suas famílias, motivada pelo lema “Estive preso e viste me visitar” (Mt 25,36). Assim, a Pastoral Carcerária busca ser presença de Jesus Cristo e da Igreja nas realidades prisionais, caracterizadas pela superlotação, pela violência e por atendimentos precários, o que, conseqüentemente, geram torturas à dignidade humana.

Importante destacar que os agentes de Pastoral Carcerária se engajam como discípulos missionários e também catequistas. Cada membro deve sentir compaixão pelos privados de liberdade, de maneira semelhante ao Mestre, afirmando em seu coração que sente “as dores, da situação desumana em que vivem a grande maioria dos presos, que também necessitam”<sup>139</sup> da presença solidária e fraterna da Igreja.

A Igreja Católica, como mediadora do desejo salvífico de Deus à humanidade, confia na missão específica da Pastoral Carcerária de ser sinal de salvação aos privados de liberdade, em meio ao cárcere e em todo o sofrimento desumano. Isto pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (*Gaudium et Spes*, n. 1). E toda a realidade verdadeira humana encontra eco no seu coração.

A Pastoral Carcerária é uma pastoral sócio-transformadora. Seus agentes de pastorais rezam com e pelos presos. Contudo, procura a mudança social no presídio, não sendo um grupo ou movimento social de anarquia. Quer, sim, os privados de liberdade tratados com dignidade. Por isso, alguns objetivos de ordem da espiritualidade – oração e social se complementam.

Os objetivos de ordem espiritual são lembrar o privado de liberdade que o preso Jesus continua preso em cada um; “comunicar a força animadora de Deus a esses sofredores, inclusive através da própria ternura com que os valoriza e acolhe”;<sup>140</sup> estar com os pobres e necessitados, ajudando-os a crescer na fé e a se sentirem parte da comunidade cristã”;<sup>141</sup> realizar reuniões, atualizações, formações e orações com os agentes de Pastoral Carcerária.

Alguns dos objetivos de preocupação social são conduzir “os irmãos e as irmãs que por circunstâncias se encontram na cárcere à reflexão crítica sobre as causas e o

---

<sup>139</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, n. 65.

<sup>140</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório Nacional de Catequese, n. 209-210.

<sup>141</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *Agentes da Pastoral Carcerária*, p. 31.

processo de empobrecimento”;<sup>142</sup> motivar os agentes de pastoral e a comunidade carcerária para justiça, paz, solidariedade e comunhão; encorajar nas pessoas, batizadas ou não, atitudes políticas direcionadas aos mais pobres; direcionar as denúncias de maus tratos, de tortura e violações de direitos humanos realizados aos privados de liberdade; “priorizar a defesa intransigente da vida, bem como a integridade física e moral das pessoas privadas de liberdade”;<sup>143</sup> conscientizar a sociedade em relação à difícil situação do sistema prisional.

A missão da Pastoral Carcerária, bem como seus objetivos, tem uma história que gradativamente se constrói. Por isso, o tópico seguinte demonstra, brevemente, as linhas gerais dessa pastoral, que preza pelo zelo e cuidado com os privados de liberdade.

### 2.2.2 Linha do Tempo

Desde o início a Igreja se preocupou com as pessoas em situações de vulnerabilidade, procurando as encorajar mediante os sofrimentos, inclusive as encarceradas. Contudo, no Brasil, a Igreja começou a se organizar, enquanto pastoral direcionada aos presos, na década de 60, desencadeando na Pastoral Carcerária.

A Igreja Católica inicia atendimentos religiosos no cárcere brasileiro, nas cadeias e penitenciárias femininas, na década de 60 pelas irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor. As irmãs são motivadas pelo tripé da congregação: carisma, missão e espiritualidade, que condensa o termo Bom Pastor, pelo qual são conhecidas. **“O Bom Pastor que conhece, guarda, alimenta, cuida e procura aquela que se perdeu”**.<sup>144</sup> **Outro estímulo das irmãs é o ideal de sua fundadora Santa Maria Eufrásia**<sup>145</sup> **de “tornar presente junto de jovens e mulheres a Misericórdia de Deus que acolhe e acarinha todos, especialmente,**

---

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>143</sup> *Idem*. *O que é a Pastoral carcerária*. Disponível em: <https://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria#1541815130503-621cac4b-75d4>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

<sup>144</sup> IRMÃS DO BOM PASTOR. *Quem somos*. Disponível em: <http://bom-pastor.org/home.php>. Acesso em: data 04 de abril de 2019.

<sup>145</sup> Santa Maria Eufrásia Pelletier ingressou na Ordem Religiosa de Nossa Senhora da Caridade e Refúgio, em 20 de outubro de 1814, aos 18 anos, fundada por São João Eudes (1601-1679). Com autorização da Igreja Santa Maria Eufrásia Pelletier funda a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, em 1835. Cf. *Ibidem*.

*os mais carentes e feridos pela sociedade, imitando tanto quanto possível, a ardente caridade dos Corações de Jesus e Maria*".<sup>146</sup>

Na década de 70, ocorrem movimentos religiosos missionários nos presídios em que foram permitidos atuar. Os grupos organizam reuniões, reflexões bíblicas, cursos, também realizam celebrações litúrgicas e visitas às famílias dos presos. Nesse período, precisamente de 7 a 9 de agosto, de 1973, no Rio de Janeiro, acontece o primeiro encontro nacional da Pastoral Carcerária, previsto pelo Segundo "Plano Bienal de Atividades".<sup>147</sup> A finalidade consiste em estudar a Pastoral Carcerária com vistas a direcionar os leigos e participantes da pastoral. Apresenta-se debate sobre a realidade do preso, sua condição psicológica e familiar. Desse debate surge *o estudo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil número 4 sobre Pastoral Carcerária*.

Nos anos 80, as Irmãs da Consolata<sup>148</sup> incorporam-se à Pastoral Carcerária, principalmente, através das Irmãs Daniela e Ananias, que se dedicam à evangelização dos privados de liberdade da Casa de Detenção. No ano de 1985, Pe. Chico<sup>149</sup> inicia visitas à Casa de Detenção, em seguida, forma um grupo de voluntário e começam os atendimentos religiosos no Pavilhão 7. Dessa maneira, paulatinamente, acontecem reuniões e a Pastoral Carcerária forma corpo, com objetivo de ser Igreja dentro dos presídios. Em 1986, ocorre a primeira reunião nacional da Pastoral Carcerária como serviço organizado da CNBB.

Em 1988, cria-se a Coordenação Nacional da Pastoral Carcerária e estabelece-se contato com organizações nacionais e internacionais que contestam o sistema penitenciário. Além disso, é nomeada, por Dom Paulo Evaristo Arns, nova equipe de Coordenação para a Pastoral Carcerária: Itamar Junior, Irmã Maria Emília e Padre Chico como coordenador Nacional. As laborações ganham corpo com formações,

<sup>146</sup> IRMÃS DO BOM PASTOR. *Quem somos*. Disponível em: <http://bom-pastor.org/home.php>. Acesso em: data 04 de abril de 2019.

<sup>147</sup> CONFÉRCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Pastoral Carcerária, introdução.

<sup>148</sup> A Congregação das Irmãs Missionárias de Consolata foi fundada por José Alamano, em 1910, em vista de colaborar com as exigências feminina na África. "A sua presença no meio dos pobres torna-se um sinal de consolação por meio do anúncio da Palavra, acolhimento, promoção humana, empenho pela vida". Cf. CONSOLATA. *Família da Consolata*. Disponível em: <http://www.consolata.pt/quem-somos/fam%C3%ADlia-da-consolata/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

<sup>149</sup> Pe. Robert Francis Reardon, conhecido como Pe. Chico, atuou na Pastoral Carcerária entre 1985 e 1999, inclusive foi coordenador nacional e vice-coordenador latino-americano. "Ele comparava a ação dos agentes da Pastoral carcerária como um barco que segue contra maré da opinião pública, nas igrejas e sociedade, tentando defender a vida, a dignidade, e a integridade física e moral dos presos". Cf. PASTORAL CARCERÁRIA. Coordenação Nacional da Pastoral Carcerária. *Tortura em tempos de encarceramento em massa*, p. 14.

assembleias e reuniões. Iniciam-se novos atendimentos religiosos em novos presídios, como o Centro de Observação Criminológica<sup>150</sup> – COC, Distritos Policiais – DP.

Na década de 90, especificamente, em 02 de outubro de 1992, ocorre o Massacre do Carandiru,<sup>151</sup> que apresenta à sociedade as veias do sistema penitenciário. O presídio contém 7257 detentos, destes 2070 estavam no pavilhão 9, que cai por causa do conflito. O prédio tem 428 celas – entre individuais, com até 3 privados de liberdade, e coletivas, com até 40 pessoas – é destinado aos novatos, com idade entre 18 e 25 anos, que aguardam julgamento.<sup>152</sup> Nesse cenário, a Pastoral Carcerária torna-se uma das referências às pessoas que indagam as políticas oficiais de repressão e o sistema penal.

No final da década de 90, em 1997, a CNBB promove a Campanha da Fraternidade com o lema “Cristo Liberta de todas as prisões”, em vista do tema Fraternidade e os Encarcerados. A Campanha visa “dar maior visibilidade para a situação das pessoas presas e as violências promovidas pelos cárceres no Brasil, além de impulsionar os trabalhos da Pastoral em todo o país”,<sup>153</sup> principalmente após o massacre do Carandiru.

No segundo milênio, em 2006, junto a outras organizações, a Pastoral compõe a primeira formação do Comitê Nacional de Prevenção e combate à tortura. A publicação do primeiro relato de monitoramento de locais de privação de liberdade acontece em 2010, o qual demonstra um mapa das ocorrências de tortura em cerca de 20 estados. Acontece em 2013 a reunião com a presidente da República Dilma Rouseff, na qual a Pastoral Carcerária e outros movimentos sociais apresentam a Agenda

---

<sup>150</sup> Centro de Observação Criminológica é “um estabelecimento penal destinado à triagem de presos que ingressam no Sistema Penitenciário do Estado. Realiza avaliações técnicas e entrevistas de triagem nas áreas: social, psicológica, saúde e jurídica, com sistema de identificação digital”. Cf. SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. *Centro de observação Criminológica e Triagem – COT*. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/modules/conteudo/?conteudo=29>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

<sup>151</sup> Carandiru, pelo qual foi conhecido, na época era um dos maiores presídios nacionais. Na ocasião, teve uma briga entre dois membros de gangues diferentes, que resultou numa rebelião. Contudo, a força militar, em busca de controle da situação, invadiu o presídio de maneira agressiva, ocasionando a morte de 111 presos foram e deixando 110 feridos. A justiça, hodiernamente, após 27 anos, não responsabilizou os responsáveis pelo massacre.

<sup>152</sup> Cf. KLEBER, Tomaz. *Massacre no Carandiru faz 25 anos; justiça suspende novos júris até STJ julgar recursos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/massacre-do-carandiru-faz-25-anos-justica-suspende-novos-juris-ate-stj-julgar-recursos.ghtml>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

<sup>153</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *O que é a Pastoral carcerária*. Disponível em: <https://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria#1541815130503-621cac4b-75d4>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

Nacional pelo Desencarceramento.<sup>154</sup>

Nos primeiros dias de 2017, acontece na região do Amazonas – nos estados Rio Grande do Norte e Roraima - o maior ciclo massacrante do sistema carcerário brasileiro, com mais de 130 mortos. Esse acontecimento trágico confirma a avaliação da Pastoral Carcerária, no que tange à crescente degradação da realidade prisional e a completa inadequação das atuais políticas, de que o presídio é um lugar de ascendência violenta e de tortura, conforme o tópico anterior sobre a Realidade Prisional no Brasil. Hodiernamente a Pastoral Carcerária tem agentes em quase todas as dioceses do Brasil. Por isso, é importante questionar: qual é a espiritualidade do agente de Pastoral Carcerária? A resposta a essa indagação se comenta no tópico seguinte.

### **2.2.3 Espiritualidade do Agente de Pastoral Carcerária**

O primeiro o ato do agente de Pastoral Carcerária é receber o chamado de Deus, convite que parte de acontecimentos ou de pessoas. O chamado é movido pelo Espírito e pela Palavra de Deus para anunciar seu amor e sua misericórdia às pessoas mais pobres e excluídas. Dessa maneira, o agente de pastoral não se caracteriza, simplesmente, como aquele que possui conhecimento, mas “assume um compromisso de vida: uma verdadeira testemunha da presença de Deus na vida das pessoas”.<sup>155</sup> São seres humanos que acolhem a Palavra de Deus e procuram vivenciá-la, demonstrando que Deus está junto com o seu povo, mediante as alegrias e anseios. Por isso, quando o agente de Pastoral Carcerária parte em missão até o privado de liberdade, é Deus que está, juntamente, ali visitando.

O sistema carcerário apresenta realidade de sofrimento, conseqüentemente, tem muitos desafios. A iluminação do Espírito Santo, essencial à evangelização, sopra em várias pessoas, principalmente, nas que caminham em comunhão com a Igreja e participam da vida de comunidade. Assim, é importante para o agente de Pastoral Carcerária andar em comunhão com a Igreja, participar da comunidade de fé,

---

<sup>154</sup> “Em novembro de 2013, em audiência pública com o Governo Federal provocada pelo movimento Mães de Maio, movimentos e organizações sociais de enfrentamento ao Estado Penal apresentaram uma agenda para o sistema prisional, cuja proposta central apontava para a exigência de um programa de desencarceramento que estabelecesse metas claras para a redução imediata e drástica da população prisional”. Cf. PASTORAL CARCERÁRIA. Agenda nacional pelo desencarceramento. Brasília. Disponível em: <https://carceraria.org.br/agenda-nacional-pelo-desencarceramento>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

<sup>155</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *Agentes da Pastoral Carcerária*, p. 11.

comungar do mesmo Pão, Cristo, e ser envolvido no mesmo Espírito. A comunhão com a Igreja é essencial para que não se corra o risco de comunicar algo insosso ou opiniões e ideias de que não são da Boa-Nova.

A Trindade é a fonte verdadeira de veraz espiritualidade: no Pai as pessoas se tornam filhos no Filho e com o Filho são “enviadas em missão, iluminadas pelo Espírito Santo, a serviço da pessoa encarcerada. Assim, há uma espiritualidade de comunhão”:<sup>156</sup> a pessoa na Trindade e a Trindade na pessoa. Para isso, necessita-se de vida bem nutrida de oração, leitura diária do Evangelho, meditação, jejum, participação na Eucaristia e nos sacramentos.

A fundamentação da espiritualidade do agente de Pastoral Carcerária confirma a certeza de que Deus caminha junto. A missão revela-se difícil, exigente, complexa e mal interpretada por algumas pessoas que agem com preconceito ou com raiva e indignação. Dessa forma, o agente de pastoral deve estar muito compenetrado em Cristo para que persevere e não abandone os privados de liberdade e “é preciso uma atitude de gratuidade e amor”.<sup>157</sup>

#### **2.2.4 Método da catequese no cárcere**

O cristão e a Pastoral Carcerária, compenetrados em Cristo e na gratuidade e amor, têm a missão de visitar os privados de liberdade e descobrir a melhor maneira de ajudá-las. “Somente visitando-as, vendo-as, dialogando é que teremos consciência de suas verdadeiras necessidades”.<sup>158</sup> Essas visitas devem ser organizadas e planejadas, porque se trata de anunciar e testemunhar o Cristo, o sentido da sua existência. Dessa maneira, a Pastoral Carcerária apresenta método de formação cristã: olhar, ouvir, descer, libertar e subir.

##### **2.2.4.1 Olhar**

O olhar do agente de Pastoral Carcerária deve ser de compaixão, de

---

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>157</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. Pastoral Carcerária Nacional. *Formação para agentes da Pastoral carcerária*, p. 21.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 20.



compromisso com o privado de liberdade, mediante a situação de injustiça em que o sistema encarcerado está instalado. O olhar jamais deve ser de pena ou de acomodação. Trata-se da visão de conjunto, ferramenta “importantíssima na criação de uma reflexão transformadora e criadora de fraternidade”.<sup>159</sup> Além disso, “o olhar de Deus ao mundo e às pessoas”<sup>160</sup> demonstra a maneira pela qual cada ser humano deve se olhar. Olhar para as pessoas como criaturas sagradas e divinas, que consistem em caminhos e lugares de encontro, de comunicação da Boa-Nova de Deus.

O livro *Agentes da Pastoral Carcerária Discípulos e Missionários de Jesus Cristo* destaca, ainda que:

A pastoral deverá olhar para os pobres e revelá-los ao mundo todo como a presença de Deus, morto e ressuscitado, em Jesus Cristo. [...] Um mesmo olhar para o Ressuscitado, que era e será para sempre o Crucificado, fixa nossa atenção naqueles que ainda estão crucificados e enterrados sob a laje de todo tipo de opressões. Tal olhar também deve passar pelas estruturas físicas, desde o portão de entrada, através das grades, até a cela da pessoa privada de liberdade. A estrutura que é totalmente desumana, pois nega as relações e simplesmente encarcera a todos, inclusive os funcionários.<sup>161</sup>

#### 2.2.4.2 Escutar

“Só se vê bem quem escuta. As pessoas privadas de sua liberdade têm necessidade profunda de escuta. Têm sede de escuta. A grande maioria é procedente de lares, de famílias, onde o diálogo não existia”.<sup>162</sup> Além disso, a realidade carcerária, rica em violência e carente de atendimento às necessidades básicas, não permite privacidade ao preso e lhe impõe a ociosidade e a neutralidade. “Condenado ao ócio, com as relações humanas cortadas e um futuro, à sua espera, sombrio”.<sup>163</sup>

Nesse contexto, os agentes de Pastoral Carcerária têm o desafio de escutar as angústias, as necessidades, as dúvidas dos privados de liberdade. Embora o tempo de atendimento religioso seja escasso e limitado, contempla várias solicitações dos privados de liberdade. Escutar não por mera conveniência, mas com interesse. Mostrar que se importa com a vida e as preocupações do privado de liberdade. O ato de escutar

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>161</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *Agentes da Pastoral Carcerária*, p. 36.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p. 37.

se estende, também, aos funcionários do cárcere, para ajudar criar um ambiente favorável de missão e de relação dele com o preso.

#### **2.2.4.3 Conhecer**

“Deus conhece o sofrimento do seu povo [...]. Conhecer aqui não significa simplesmente saber o nome ou quem é, mas é algo mais profundo. Deus conhece o íntimo do coração das pessoas, sabe do que necessitam”,<sup>164</sup> porque se importam com elas. Esse gesto os agentes de Pastoral Carcerária devem vivenciar, conhecer o ambiente carcerário e as pessoas que atendem, a realidade prisional do Brasil e de estado. Devem assumir a postura de Jesus, chamar as pessoas pelo nome, jamais pelo apelido ou número de pena.

#### **2.2.4.4 Descer**

Deus desce e caminha com o seu povo. O evento máximo dessa descida é a Encarnação de Jesus, o Cristo. Se no Antigo Testamento o povo armava as tendas para que Deus viesse se fazer presente, agora no neotestamentário, o evangelho de João menciona que “ o Verbo tornou-se carne e armou sua tenda entre nós. Nós contemplamos sua glória, glória como de unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (1,14). Isso, também, é perceptível no motivo pelo qual Deus segue ao encontro da humanidade “Deus amou de tal modo o mundo, que deu seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (*Jo* 3,16).

Conforme apresentado no primeiro capítulo, Jesus Cristo, vítima inocente, julgado e condenado – assassinado - à morte de cruz por fidelidade ao Pai, apresentado o maior ato serviçal por amor à humanidade e para que todos fossem libertos, desce aos que sofrem, humilhando-se junto e eleva os pobres. Ele deseja que todos tenham importância e dignidade, assim, quebra todo o tipo de preconceito ou de paradigma da lei da pureza da época.

Essa deve ser a dinâmica da Pastoral Carcerária, descer e subir. “O descer significa ir até os porões do sistema carcerário, até as pessoas privadas de liberdade

---

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 37.

para anunciar a elas a Boa-Nova, a libertação dos cativos”.<sup>165</sup> Visitá-las sem preconceito ou sentimento de inferioridade, mas de compaixão e cuidado para ajudá-las em sua caminhada de fé, a própria missão da Igreja no Brasil “Evangelizar [...] pelo anúncio da Palavra de Deus [...], à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.”<sup>166</sup>

#### 2.2.4.5 Fazê-lo subir

Deus desce ao seu povo com a finalidade de libertá-lo, salvá-lo para nova condição de vida. O livro do Êxodo relata o evento da saída da condição de escravo-servo do faraó, para servo na gratuidade do Senhor. Israel em vários momentos da história rompe com *YHWH* por meio de idolatrias a outros deuses. Pela ótica, Deus deve julgar Israel com justiça, pois rompe com a Aliança. Contudo, percebe-se nos relatos bíblicos a fidelidade de *YHWH* com o seu povo, mediante infidelidade do povo com *YHWH*,<sup>167</sup> pois Deus é Deus e não um ser humano, como consta no livro do profeta Oséias:

Como te tratarei, Efraim? Como te livrarei, Israel? [...] Meu coração se contorce dentro de mim, e ao mesmo tempo a minha compaixão se acende. Não darei curso ao ardor da minha cólera, não tornarei a destruir Efraim, pois sou Deus e não homem, sou santo no meio de ti”. (*Os* 11,8-9)

O amor de Deus pelo seu povo o faz perdoar-lhe. Nisso, o agente de pastoral e os cristãos veem esboçado verdadeiramente o mistério da Cruz, pois “Deus ama tanto o homem que, tendo-se feito ele próprio homem, segue-o até a morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor”.<sup>168</sup> Por isso, “viver o amor de Deus significa partilhar da dignidade que é inerente ao ser humano já no momento de sua criação”.<sup>169</sup> Por isso, a missão da Pastoral Carcerária é elevar, fazer subir, ajudar os privado de liberdade a descobrir sua dignidade e procurar vivê-la. A proximidade representa uma das maneiras de ajudar, pois demonstra preocupação, cria vínculo de cuidado, empatia e

<sup>165</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *Agentes da Pastoral Carcerária*, p. 40.

<sup>166</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da igreja no Brasil 2019-2023*, p. 13.

<sup>167</sup> “O telegrama (*YHWH*) é, na Bíblia hebraica, o nome próprio do Deus de Israel, revelado a Moisés na sarça ardente (*Ex* 3,13ss)”. VERMEYLEN, Jacques. Nome. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1261.

<sup>168</sup> BENTO XVI. *Deus Carita Est*, n. 10.

<sup>169</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. *Agentes da Pastoral Carcerária*, p. 41.

compaixão. Ao mesmo tempo, a Pastoral Carcerária deve denunciar todo o tipo de violência e tortura que o privado de liberdade recebe, pois se trata de haver dignidade, inclusive, no cárcere.

#### **2.2.4.6 Fazê-lo sair**

Deus faz o povo sair da escravidão. Conduz, está junto no caminho, mas os passos cada pessoa realiza. O faraó que escravizava o povo simboliza as situações de marginalizações, em que Deus sucumbe-as pela sua justiça. O povo deve trilhar os passos e o caminho à Terra Prometida com sua presença, em meio às dificuldades.

Assim, paralelamente, a missão da Pastoral Carcerária deve “tirar a pessoa privada de sua liberdade daquela situação tão degradante”.<sup>170</sup> A Palavra de Deus precisa adentrar o coração da pessoa. Não basta libertá-la física, mas sobretudo espiritualmente para que possa encontrar a paz devida consigo, com o próximo e com Deus. Além disso, a Pastoral Carcerária desafia-se a procurar maneiras de inserir a pessoa na sociedade para que seja protagonista de sua história, repleta de amor e confiança em Deus.

#### **2.2.5 Princípio: a presença de Jesus de Nazaré, o Cristo, no privado de liberdade**

Existe forte luz na prática de Jesus e na Palavra de Deus colocada no coração e no mistério da espiritualidade do agente de Pastoral Carcerária “a certeza de que as pessoas presas são gente, irmãos e irmãs, e que podem e devem se tornar construtoras do Reino de Deus”.<sup>171</sup> São criaturas divinas, seus pecados e os seus crimes são inferiores ao dom que recebem de Deus, a vida. Eles, também, são imagens e semelhanças do mesmo Criador (cf. *Gn 1,27*).

O Papa Bento XVI, hodiernamente emérito, numa das mensagens na Celebração da Paz Mundial refletindo sobre a perícopa “e vós sois todos irmãos” (*Mt 23,8*), questiona se as pessoas conseguem corresponder ao anseio de vivência fraterna, gravado em seus corações:

Quem aceita a vida de Cristo e vive nele reconhece Deus como Pai e a ele se entrega

---

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>171</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. Pastoral Carcerária Nacional. *Formação para agentes da Pastoral carcerária*, p. 23.

totalmente, amando-o acima de todas as coisas. O homem reconciliado vê, em Deus, o Pai de todos e, conseqüentemente, é solicitado a viver uma fraternidade aberta a todos. Em Cristo, o outro é acolhido e amado como filho ou filha de Deus, [...] não como um estranho, menos ainda como um antagonista ou até um inimigo. Na família de Deus, onde todos são filhos dum mesmo Pai e, porque enxertados em Cristo, filhos no Filho, não há ‘vidas descartáveis’. Todos gozam de igual e inviolável dignidade; todos são amados por Deus, todos foram resgatados pelo sangue de Cristo, que morreu na cruz e ressuscitou por cada um. Esta é a razão pela qual não se pode ficar indiferente perante a sorte dos irmãos.<sup>172</sup>

A mensagem do Papa Bento XVI, agora emérito, sintetiza a justificativa da missão da Pastoral Carcerária. O privado de liberdade é criatura de Deus e como tal merece dignidade e cuidado. Nele está a presença de Jesus de Nazaré, o Cristo, que por ele é acolhido e amado como filho de Deus. Jesus não “descarta as pessoas”, quer a conversão e mudança de vida, que se enraízam em seu amor. Por isso, a Pastoral Carcerária tem como meta “evangelizar e ser presença da Igreja de Jesus Cristo no cárcere”.<sup>173</sup>

Portanto, o presente capítulo demonstra, brevemente, a realidade do regime carcerário permeado de sofrimento. Algumas das razões são superlotações, violência e doenças. Além disso, apresenta-se a missão da Pastoral Carcerária, ser presença da Igreja e de Cristo no cárcere. A Pastoral Carcerária se constitui de longa linha histórica e seus agentes têm uma proposta clara de espiritualidade, fundamentada em Jesus Cristo e enobrecida pela Sagrada Escritura, pela comunhão com a Igreja e a comunidade, pelos Sacramentos. Para isso, o método catequético consiste em olhar a realidade, escutar as dores e os anseios do privado de liberdade, conhecê-lo pelo nome, descer até sua realidade e sofrimento, fazê-lo subir em busca de sua dignidade e filiação divina. Por fim, fazê-lo sair daquela situação de sofrimento. Isso porque, o princípio norteador da Pastoral Carcerária corrobora a presença de Jesus de Nazaré, o Cristo, no privado de liberdade.

---

<sup>172</sup> PAPA BENTO XVI, *Discurso por ocasião do Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo ‘peregrinos da verdade, peregrinos da paz*, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/1/october/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111027\\_assisì](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/1/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20111027_assisì). Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>173</sup> PASTORAL CARCERÁRIA. Coordenação Nacional da Pastoral Carcerária. *Tortura em tempos de encarceramento em massa*, p. 13.

### 3 Evangelização dos agentes de pastoral carcerária na Diocese de Montenegro

O primeiro capítulo apresenta o significado soteriológico da cruz de Jesus de Nazaré, conforme Sobrino. Jesus de Nazaré, o homem em conflito, é assassinado num determinado contexto social pelas autoridades religiosas e políticas da época. Naquela cruz não morre um sujeito qualquer, mas o Filho de Deus. Ele não morre desiludido, mas com confiança e lucidez até o fim por fidelidade a Deus e “como manifestação de serviço pelos seus”.<sup>174</sup> Permeado de misericórdia e de amor, sente o abandono por parte do Pai, que permanece junto. O segundo capítulo comenta brevemente as dores, doenças e violências que ocorrem nas prisões do Brasil. Nesse lugar, o evangelho de Jesus Cristo é anunciado pelos agentes de Pastoral Carcerária durante os atendimentos religiosos.

Os agentes de Pastoral<sup>175</sup> Carcerária acreditam que Jesus, o Cristo, é a fonte de sentido, de luz e de esperança em qualquer situação, inclusive nas horas de sofrimento, condenação, preconceito e abandono. O próprio Cristo sofreu, conforme demonstrado no primeiro capítulo. Contudo, os agentes de pastoral não vivenciam o cotidiano do presídio, suas dores e angústias. Os agentes são sinais de Deus e da Igreja nas dores dos privados de liberdade.

A partir da visão e da perspectiva dos agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro, a pesquisa pretende demonstrar o sentido que o preso, como cristão, encontra para sua vida ao olhar à cruz de Jesus de Nazaré. Em outras palavras, perceber se Jesus de Nazaré, o fiel ao Pai e serviçal aos seus, que anuncia o amor do Pai, tem algum significado para o privado de liberdade frente à realidade prisional.

Antes de apresentar o sentido que o privado de liberdade,<sup>176</sup> que é cristão, necessita-se elucidar brevemente o surgimento da Pastoral Carcerária na Diocese de Montenegro. Além disso, mostrar a visão dos agentes sobre o presídio e o privado de liberdade antes de participarem da Pastoral Carcerária e mudança de perspectiva após a realização dos atendimentos religiosos. Assim, perceber se a Pastoral Carcerária na

---

<sup>174</sup> HAMMES, É. *Filii in filio*, p. 41.

<sup>175</sup> Quando aparecer agentes de pastoral, trata-se dos agentes de Pastoral Carcerária ou dos que já foram agentes dela.

<sup>176</sup> No decorrer da laboração aparece ora privado de liberdade, ora privados de liberdade (plural), em ambos os casos está se referido aos privados de liberdade que participam dos atendimentos religiosos. A Penitenciária Modulada Jair Fiorin tem em média 1650 presos, porém menos de 10% participam dos encontros de oração.

Igreja de Montenegro está em comunhão com o projeto nacional da Pastoral Carcerária e como a realidade prisional comunga com características da realidade prisional do Brasil, especificados no segundo capítulo.

Importante destacar que o presente capítulo é baseado num roteiro de conversa realizado com sete agentes anônimos e voluntários de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro e cinco pessoas anônimas e voluntárias que foram agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro.

### **3.1 Diocese de Montenegro – anúncio do Evangelho no cárcere<sup>177</sup>**

A Diocese de Montenegro, criada em 2008, teve o Bispo Dom Paulo Antônio de Conto como primeiro pastor. Desde que chegou à diocese, Dom Paulo sonhava com uma pastoral direcionada aos privados de liberdade, mas não conseguiu realizar isso no início da diocese. Em 2013, o Bispo diocesano motivou alguns leigos da Igreja particular de Montenegro a se doarem à missão no cárcere. No final de 2013, Dom Paulo Antônio e alguns leigos visitaram a Penitenciária Modulada Agente Jair Fiorin em Montenegro. Em cada módulo visitado, realizou-se uma celebração, permeada por momento de gratidão a Deus pelas graças recebidas, de perdão e de reflexão da Palavra de Deus.

O intuito dos encontros consistia em ser presença da Igreja e sinal de Deus no cárcere em preparação ao Natal. Conforme Dom Paulo, os privados de liberdade “precisam saber que não estão sozinhos, não estão abandonados”.<sup>178</sup> Então, em 2014 se estruturou<sup>179</sup> na Diocese de Montenegro a Pastoral Carcerária e os atendimentos religiosos iniciaram semanalmente, às segundas-feiras, na Penitenciária Modulada Agente Jair Fiorin, em Montenegro.

No início, a Pastoral Carcerária teve poucos agentes, mas no segundo semestre de 2014 alguns seminaristas do seminário São João Batista de Viamão integram ao

---

<sup>177</sup> Foram utilizadas informações do site da Diocese de Montenegro para fundamentar a história da Pastoral Carcerária na diocese (cf. <http://www.diocesemontenegro.org.br/>).

<sup>178</sup> BAPTISTA, G. *Bispo leva palavra de fé aos presos*. Vale do Caí. Disponível em: <http://www.valedocai.com.br/noticia/5898/bispo-leva-palavra-de-fe-aos-presos/>. Acesso em: 06 de agosto de 2019.

<sup>179</sup> Os agentes de pastoral carcerária tiveram formações antes de iniciarem os atendimentos religiosos. Nos encontros foram informados de maneira de realizar os momentos de orações, sugestões de assuntos que podem ter com os privados de liberdade, bem como as conversas que devem evitar. Além disso, foram instruídos sobre a história e missão da Pastoral Carcerária, a espiritualidade e o método do agente de pastoral. Essas instruções constam no segundo capítulo.

grupo. Hodiernamente, o grupo estrutura-se com coordenação, material de divulgação, membros assíduos por amor à missão. Durante o ano, realizam formações, em paróquias da diocese, para apresentar o trabalho às comunidades e para se instruírem de sua missão. Nas reuniões, comentam sobre a importância do perdão, da reconciliação, de um mundo sem violência, reafirmando a humanidade do privado de liberdade.

A periodicidade dos agentes de pastoral no presídio é semanal e há uma escala entre os agentes. Alguns realizam atendimentos religiosos uma, duas ou três vezes ao mês. Além disso, nem todos que ingressaram na Pastoral Carcerária permanecem até hoje. Alguns são agentes de pastoral carcerária há vários anos.

Assim, perguntam-se: os atendimentos religiosos, conseqüentemente, a missão evangelizadora no cárcere na Igreja particular de Montenegro está em comunhão com o projeto nacional da Pastoral Carcerária, conforme apresentado no segundo capítulo? Além disso, realidade prisional se assemelha com as características da realidade prisional do Brasil, também especificado no segundo capítulo, a partir da perspectiva do agente de Pastoral Carcerária?

### **3.1.1 Os atendimentos religiosos da Igreja particular de Montenegro no cárcere**

Algumas questões foram apresentadas aos agentes de Pastoral Carcerária acerca dos atendimentos religiosos, sobre suas percepções do regime prisional e da realidade prisional, conforme elucidados no segundo capítulo. Os temas em torno dos atendimentos religiosos são: a primeira impressão do agente de pastoral sobre o presídio; o pensamento que o agente tinha em relação ao presídio e sobre o privado de liberdade antes de realizar os atendimentos religiosos; a importância dos atendimentos religiosos no presídio para os privados de liberdade; as atividades que realizam nos atendimentos religiosos com os privados de liberdade; a receptividade aos agentes de pastoral carcerária por parte dos privados de liberdade. Por fim, a questão a respeito à realidade prisional em que se encontram os privados de liberdade.



### **3.1.1.1 A primeira impressão do agente de pastoral sobre o presídio**

Na conversa com os agentes de Pastoral Carcerária se constatou que a maioria sentiu medo por causa da frieza dos agentes penitenciários, que andavam armados. Ainda, enxergaram pessoas algemadas e em péssimas acomodações. O medo, também, foi oriundo do ambiente escuro, frio, úmido, desconfortável, triste, desumano e precário. A impressão era de ter entrado em um outro mundo, predominando sentimentos de angústia e de sofrimento. Os privados de liberdade vivem aglomerados, em condições sub-humanas, e perderam praticamente tudo, inclusive sua dignidade. Além disso, a primeira impressão foi de que, no presídio, os privados de liberdade adoecem, perdem os dentes e, aos poucos, o equilíbrio mental: em suma “perdem tudo”. Dessa maneira, o presídio “é um lugar de tortura, punição severa. Com certeza um criadouro de ódio, dor e indiferença”. Em resumo, é um choque de realidade a situação prisional.

### **3.1.1.2 O pensamento que o agente tinha em relação ao presídio antes de realizar os atendimentos religiosos**

Alguns agentes de Pastoral Carcerária supunham que os presos tinham vida boa, com regalias, com conforto. Esperavam, também, ver uma estrutura física que fosse melhor. Outros agentes de pastoral sabiam da superlotação do presídio. Ainda que houvesse alguma violência e sofrimentos, principalmente com o pobre. Uns nem se questionavam ou se interessavam pela realidade prisional. Enquanto outros julgavam que na prisão as pessoas presas pagam pelos crimes e, em algumas situações, devem sofrer. Predominava preconceito ou indiferença em relação ao privado de liberdade na prisão.<sup>180</sup> Uma parcela não pensava em restauração ou misericórdia. Contudo, outros destacavam que, inspirados em santos da Igreja, acreditavam que a prisão era um lugar de missão.

---

<sup>180</sup> Hodiernamente os agentes de pastorais acreditam que os privados de liberdade merecem dignidade. Os atendimentos religiosos são uma conversão de pensamento.

### **3.1.1.3 O pensamento que o agente tinha em relação ao privado de liberdade antes de realizar os atendimentos religiosos**

Notou-se, por meio do roteiro de conversa, que alguns agentes de pastoral carcerária sentiam medo do privado de liberdade. Pensavam que a maioria fossem assassinos. Hoje sabem que menos de 10% cometeram homicídio. Pensavam que os presos devem sofrer pelo mal que fizeram enquanto estavam livres. Homens e mulheres que não transmitem o bem, porque estão presos para proteção da sociedade. Quando receberem liberdade, não cometerão outros crimes.<sup>181</sup>

Outros agentes cogitavam que o preso merece dignidade e tratamento, embora tenha cometido crime. É justo alguém perigoso para a sociedade ser privado de liberdade. Contudo, a prisão não é eficaz quando carece de recursos para viabilizar aos apenados a possibilidade de fazer novas escolhas. A reclusão sem a restauração não cumpre bem o seu papel social. Os presos fizeram escolhas erradas. A partir dessa premissa, o agente deseja ajudá-los para que não percam a esperança mediante o sofrimento da reclusão. E para que, ao sair, possam fazer escolhas melhores.

### **3.1.1.4 A importância dos atendimentos religiosos no presídio para os privados de liberdade**

Para os agentes de pastoral, os atendimentos religiosos ajudam os privados da liberdade a não perderem a esperança em Deus devido à oportunidade de partilharem a vida na realidade prisional. Vários não recebem visitas de seus familiares. Os atendimentos religiosos podem ajudar no processo de recuperação do privado de liberdade tanto no sentido espiritual quanto terapêutico, porque são acolhidos por quem não os odeia. Trata-se de um espaço de humanização, diálogo e compreensão. Talvez seja o único momento em que são tratados com dignidade e respeito no cárcere. Além disso, visitar os presos é uma missão evangélica e consiste numa obra de misericórdia. É fazê-los sentir que não foram esquecidos totalmente pela Igreja, despertando a consciência de amor, de respeito ao próximo, do desejo de não mais pecar e poder, então, recomeçar.

---

<sup>181</sup> Os agentes de pastoral informaram que não têm mais este pensamento.

### **3.1.1.5 As atividades que realizam nos atendimentos religiosos**

As atividades realizadas no presídio são, conforme apresentadas no segundo capítulo: momentos de orações e reflexões à luz da Sagrada Escritura. Nos atendimentos religiosos, escuta-se o privado de liberdade para ter momento de conversa, de partilha com os irmãos e que ele possa ouvir a Palavra de Deus. Os encontros são permeados de cantos e hinos religiosos. O encontro dura aproximadamente trinta minutos, terminando com a bênção individual. Depois da oração, atende-se individualmente o privado de liberdade para conversa e aconselhamento. Além disso, realizam-se algumas celebrações especiais, como na Páscoa e Natal.<sup>182</sup> Quando possível, a Pastoral Carcerária arrecada doativos, como material de higiene e roupas, para o presídio. Desenvolve-se, também, terapia ocupacional através de oficinas de artesanato. Os agentes de pastoral, preocupados com ressocialização, mediante a extrema vulnerabilidade e abandono, procuram ser voz dos privados de liberdade junto às autoridades do presídio.

### **3.1.1.6 A receptividade aos agentes de Pastoral Carcerária por parte dos privados de liberdade**

A receptividade aos agentes de Pastoral Carcerária é boa. Os privados de liberdade os acolhem, inclusive esperam ansiosamente. Sentem gratidão pela coragem de os atender religiosamente. Quando, porventura, a Pastoral Carcerária não realiza o atendimento, os privados de liberdade pedem para não deixarem de os atender. Importante destacar que não são todos os privados de liberdade que participam dos encontros, mas os que participam querem rezar. Os que não participam respeitam o momento de oração dos demais. Nesses cinco anos, os agentes de Pastoral Carcerária nunca sofreram algum desrespeito.

### **3.1.1.7 A realidade em que se encontram os privados de liberdade**

A prisão é um lugar de imensa tristeza, frieza e desumanidade. Um ambiente de

---

<sup>182</sup> As celebrações são realizadas separadamente com os agentes penitenciários e os privados de liberdade.

sofrimento e precariedade. Há pouca iluminação e higiene. A umidade e o frio contribuem para a proliferação de fungos e bactérias, desencadeando em doenças. Há superlotação. Os privados de liberdade não têm perspectiva de futuro. Durante o período de cárcere contam os dias para serem livres. Alguns sonham em retomar à vida, trabalhar e estudar. Entretanto, sabem que encontrarão preconceito ao saírem, correndo o risco de não inserção social. O lugar não recupera o sujeito para retornar à sociedade. Não há ocupação para os privados de liberdade, ou seja, não há escola, nem trabalho. O atendimento médico e psicológico é precário. “São depósitos do que a sociedade considera lixo humano”. Existem, ainda, grupos de facção, que buscam o controle e o poder, fazendo os outros privados de liberdade sofrerem perseguições e torturas.

### **3.1.2 O sofrimento do privado de liberdade e os atendimentos religiosos da Diocese de Montenegro**

Ao analisar as respostas dos agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro, destacam-se alguns aspectos da realidade prisional em Montenegro, onde se realizam os atendimentos religiosos, em relação à realidade prisional do Brasil e missão da Pastoral Carcerária, conforme descrito no segundo capítulo.

Conforme o segundo capítulo, no tópico “realidade prisional nacional”, os presídios se transformaram em depósitos humanos e, de acordo com os agentes de Pastoral Carcerária, as penitenciárias são depósito do que é para a sociedade lixo humano, onde a realidade prisional é sofrida. Em âmbito nacional, as prisões estão superlotas, precários são os atendimentos médicos, psicológicos, há facções – que querem manipular o controle nas prisões. Além disso, nas respostas dos agentes de Pastoral Carcerária, percebe-se que os presídios não recuperam e nem ressocializam os privados de liberdade. Alguns chegam a perder sua dignidade humana.<sup>183</sup> Inclusive, para os agentes de Pastoral Carcerária, a sua primeira impressão quando entraram no presídio era de terem adentrado em outro mundo, por causa do impacto de realidade,

---

<sup>183</sup> Por perda da dignidade humana se compreende: “tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo o quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias [...]. Todas estas coisas e outras semelhantes, ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador” (*Gaudium et Spes*, n.27). Toda vez que aparecer essa expressão, o significado é o mesmo.

provocado pela pouca iluminação, ambiente frio, úmido, desconfortável e desumano, como já mencionado.

Dessa maneira, alguns agentes que esperavam que os apenados sofressem pelo mal que fizeram, hoje mudaram de opinião. Hodiernamente pensam que merecem os devidos cuidados e respeito, embora tenham cometido algum crime. Outros não pensavam nas realidades prisionais, hoje se preocupam que os privados de liberdade recebam dignidade. Em suma, a experiência fez com que a pessoa mudasse de opinião, quebrando os preconceitos e medos.

Em relação aos atendimentos religiosos, nota-se que seguem as orientações da Pastoral Carcerária: ser sinal e luz de Deus e presença da Igreja no cárcere. Os encontros são permeados pela Sagrada Escritura, em que cada um pode falar e os agentes escutam as dores, as angústias, as partilhas de cada privado de liberdade, para que não percam as esperanças, diante dos sofrimentos diários. Pode-se afirmar que os agentes de Pastoral Carcerária procuram realizar o método de catequese proposto no capítulo dois: escutar, olhar, conhecer, descer até a realidade, fazer o privado de liberdade subir, para ajudá-lo a sair daquela situação de dor. Dessa maneira, os agentes de Pastoral Carcerária da porção do Povo de Deus na Igreja de Montenegro estão em comunhão com o projeto de pastoral da Pastoral Carcerária.

Portanto, o presente tópico resgata a história da Pastoral Carcerária na Diocese de Montenegro, que surge com motivação e apoio do Bispo Dom Paulo Antônio de Conto. A pastoral visa ser sinal e luz de Deus e presença da Igreja no cárcere para que os privados de liberdade não se sintam abandonados e não percam a esperança perante o sofrimento. Demonstra-se, também, que a realidade prisional de Montenegro, bem como a missão, a espiritualidade, o método e os atendimentos religiosos estão em concordância com as informações apresentadas no segundo capítulo. Assim, a pergunta que se faz é: qual é o sentido que um preso, que é cristão, ao olhar para a cruz de Jesus de Nazaré encontra para a sua vida, mediante a realidade sub-humana em que são depositados?

### **3.2 A cruz de Jesus de nazaré como fonte de sentido para um presidiário cristão**

Anteriormente, analisou-se a realidade prisional da Diocese de Montenegro,

bem como os atendimentos religiosos, em relação ao cenário nacional do cárcere e o projeto da Pastoral Carcerária, constatando-se comunhão de informações e valores. Ainda com base no roteiro de conversa, trata-se da cruz de Jesus de Nazaré para demonstrar o sentido que o privado de liberdade pode descobrir para sua vida, frente ao sofrimento, abandono, discriminação, preconceito, desumanização em que vive.

Assim, apresentou-se algumas questões sobre a cruz de Jesus de Nazaré aos agentes de Pastoral Carcerária, realizadas por dois vieses. O primeiro viés consiste em mostrar o que o agente de Pastoral Carcerária diz a respeito de Jesus de Nazaré e de sua cruz nos atendimentos religiosos;<sup>184</sup> O segundo viés analisa o que o privado de liberdade comenta sobre Jesus de Nazaré e sua cruz ao agente de Pastoral Carcerária.

### **3.2.1 Jesus de Nazaré e sua cruz conforme o agente de Pastoral Carcerária**

As questões acerca da cruz de Jesus de Nazaré realizadas aos agentes de Pastoral Carcerária, em vista do que falam nos atendimentos religioso, foram: comentários a respeito de Jesus Cristo aos privados de liberdade e reflexões em relação à cruz de Jesus de Nazaré para os privados de liberdade. As conclusões são as seguintes:<sup>185</sup>

Na primeira questão, nota-se que todos falaram a respeito de Jesus Cristo aos privados de liberdade nos encontros. Alguns comentaram que, nas reflexões, procuravam introduzir os encarcerados no mistério da salvação, relacionando os atos salvíficos de Jesus às suas vidas, como a sua prisão injusta, o ensinamento do perdão e o amor, especialmente para com os inimigos. Outros meditam a presença de Jesus Cristo em todos os lugares, inclusive na prisão e no sofrimento, Ele que veio ao mundo para a salvação de todos, o seu amor e sua misericórdia são infinitas, mas que a pessoa precisa, também, arrepender-se de seus pecados, buscando a conversão. Ele é a segunda pessoa da Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, sendo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Jesus Cristo é apresentado como amigo e próximo de cada privado de liberdade.

Em relação ao segundo tema, os agentes comentaram que levam uma pequena cruz aos encontros. Fazem relação entre a cruz de Jesus de Nazaré e a cruz do privado

---

<sup>184</sup> Optou-se em deixar essa questão nesse tópico para demonstrar a relação do que o agente de Pastoral Carcerária fala a respeito de Jesus de Nazaré e da sua cruz, com o privado de liberdade comenta a respeito da cruz de Jesus de Nazaré. O objetivo consiste em apresentar posteriormente a resposta à problematização da pesquisa.

<sup>185</sup> Monta-se um texto corrido com as respostas, pois se complementam.

de liberdade. Algumas abordagens são abandono, vergonha, dor, sofrimento e exclusão. Além dessas, outros mencionam que Jesus na cruz transformou um sinal de morte em símbolo de libertação, sendo eles os primeiros destinatários dessa redenção. No presídio, local de tortura e desumanização, é atualizado o sofrimento de Jesus também no sofrimento de cada um deles. Nota-se que o símbolo da cruz “fala sozinho” para eles, sendo linguagem comum entre os apenados. Contudo, os agentes comentam que a cruz é também esperança por causa da ressurreição de Jesus, permeado pelo amor e misericórdia. Na cruz Jesus morreu por todos, assim é importante se arrepender dos pecados. Na cruz, antes da morte, ocorreu o diálogo entre Jesus e o ladrão Dimas, que no final se arrependeu, demonstrando que até o último minuto da existência humana há possibilidade de conversão e do perdão.

### **3.2.2 Jesus de Nazaré e sua cruz segundo o privado de liberdade na perspectiva do agente de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro**

As questões acerca da cruz de Jesus de Nazaré realizadas aos agentes de Pastoral Carcerária, em vista do que os privados de liberdade comentam nos atendimentos religiosos são: a respeito de Jesus Cristo e da cruz; Outros temas foram comentados com os agentes de Pastoral Carcerária, acerca da vida de fé dos privados de liberdade: a) no cárcere, a cruz de Jesus de Nazaré tem algum significado aos privados de liberdade; b) no cárcere, os privados de liberdade têm algum hábito de rezarem; c) sobre algum contato posterior ao cárcere, com alguém que já estava privado de liberdade, em que realizou atendimento religioso e como estava sua caminhada de fé. As conclusões são as seguintes.<sup>186</sup>

#### **3.2.2.1 Jesus Cristo para os privados de liberdade**

Os privados de liberdade comentam que sentem Jesus próximo, como um amigo, amparando-os, acompanhando-os, perdoando os pecados e os salvando. Ele é misericordioso e amoroso, conhecem-No como caminho, verdade e vida. Outros dizem que Jesus acolheu as pessoas, ensinando-as a rezar e que sofreu muito, assim, como o privado de liberdade. Alguns mencionam que só com a ajuda de Jesus é possível

---

<sup>186</sup> Monta-se um texto corrido com as respostas, pois se complementam.

superar o sofrimento do cárcere<sup>187</sup>. Contudo, alguns privados de liberdade não dizem nada sobre Jesus de Nazaré, permanecem em silêncio nos encontros.

### **3.2.2.2 A cruz de Jesus Cristo para os privados de liberdade**

Segundo os agentes de Pastoral Carcerária, a cruz é símbolo religioso mais expressivo para o privado de liberdade. A cruz lhes inspira confiança de um futuro melhor, devido se verem, de certa maneira, em Jesus Cristo, que morreu de condenação injusta em meio a ladrões, da pior forma possível e indigna. Os privados de liberdade comentam constantemente que Jesus morreu pelos pecados da humanidade, dando-lhes mensagem de esperança.

### **3.2.2.3 O significado da cruz de Jesus de Nazaré no cárcere**

Alguns agentes de pastoral comentaram que o significado da cruz é fortíssimo. Consiste na proximidade de Deus com o sofrimento do ser humano, solidariedade com aqueles que sofrem injustamente, compaixão com aqueles que são tratados desumanamente e abandonados, fonte de esperança, amor, superação. Alguns encarcerados dizem que só pela fé em Jesus conseguem sobreviver no cárcere, pois a cruz de Jesus dá sentido ao sofrimento.

Alguns agentes de pastoral justificaram que na cruz está evidente que Jesus assume integralmente a vida humana, como a fragilidade, a dor, a vergonha. Sendo privado da liberdade, sofre julgamento, é condenado à morte injusta. Na cruz, Jesus representava o abandono, “Meu Deus, por que me abandonaste?”. Ao morrer, estava entre dois ladrões e prometeu o paraíso a um deles. Assim, dentro do cárcere eles podem experimentar a liberdade de serem filhos de Deus, porque sofrem e, geralmente, são abandonados e perdoados – se houver o arrependimento. Ao mesmo tempo, ao assimilarem suas vidas com a de Jesus, os privados de liberdade amadurecem humana e espiritualmente, pois Cristos sofreu para libertar toda pessoa das suas cadeias. A mensagem de Cristo é de perdão, de misericórdia e de conversão. Jesus é modelo de vida perfeita a ser imitado.

---

<sup>187</sup> Um agente de pastoral relatou o seguinte testemunho: Um privado de liberdade conheceu Jesus e seu amor na prisão, conseqüentemente se converteu. Depois de algum período o agente o encontrou na rua, solto, e ele lhe contou que estava trabalhando e participava de uma comunidade de fé.



#### **3.2.2.4 A oração dos privados de liberdade no cárcere**

Os privados de liberdade, no cárcere, rezam em grupos e ou individualmente. As orações são permeadas, frequentemente, pela leitura bíblica. Além disso, eles rezam o terço, a oração do Pai Nosso, fazem novenas, vigílias e jejum. Alguns encarcerados rezam pelos agentes de Pastoral Carcerária, agradecendo a Deus pelos encontros.

#### **3.2.2.5 Vida pós-cárcere**

Nessa questão, dos 12 agentes de pastoral que participaram do roteiro de conversa, apenas cinco encontraram depois da saída do cárcere ao menos uma pessoa privada de sua liberdade. Um agente relatou que uma moça veio ao seu encontro, agradecendo pelos atendimentos religiosos no cárcere e lhe disse que continuaria sua caminhada de fé em sua comunidade. Outro destacou o encontro com alguns egressos do regime carcerário, que lhe contaram as dificuldades de serem empregados, mas estavam perseverando numa caminhada de fé. Outros agentes frisaram o contato que tiveram, as pessoas procuravam emprego, participavam de uma comunidade de oração e moravam com a família.

#### **3.2.3 Jesus de Nazaré como fonte de sentido para com o privado de liberdade cristão**

Conforme o roteiro de conversa com os agentes de Pastoral Carcerária, constatou-se que os privados de liberdade se identificam com o sofrimento de Jesus de Nazaré na condenação, que foi à morte de cruz, apresentado no primeiro capítulo. Jesus foi condenado, embora fosse vítima, pelas autoridades de sua época, e, conseqüentemente, assassinado numa cruz por anunciar e testemunhar o que é: Filho de Deus encarnado. Os privados de liberdade também, foram condenados pela justiça do contexto hodierno, vários por cometerem alguma ação ilegal ou criminal, o que a presente atividade não tem como foco explicar, pois se trata de trabalho de âmbito de fé. Os privados de liberdade se aproximam de Jesus, principalmente, pela condenação injusta, porque é um escândalo, com já mencionado anteriormente. Contudo, essa condenação de Jesus os faz perceber no sofrimento dele o amor, a entrega, a solidariedade e doação pela humanidade. Não é adequado fazer uma equiparação entre

o contexto da condenação de Jesus e a condenação dos que estão na cadeia hoje. Nesse sentido, inclusive alguns admitem que realizaram alguma atividade errada. O que interessa este estudo é que no sofrimento que Jesus viveu, encontram esperança para si.

Jesus foi condenado à morte de cruz, castigo concedido a escravos e subversivos que cometeram crimes graves, desencadeando morte humilhante e vergonhosa. Os privados de liberdade são depositados em presídios onde predominam violência e descrédito com a vida, perdem sua dignidade num contexto desumano, como apresentado no capítulo segundo e no primeiro tópico desse capítulo. Assim, além do preso sofrer o contexto eminente da prisão, sente a dor da humilhação, da vergonha e do pré-conceito, pois como apresentado no tópico anterior, a dificuldade de reiniciar suas atividades posterior ao cárcere é grande.

No primeiro capítulo, no tópico a consciência de Jesus, fundamentou-se teologicamente o sentido da morte de Jesus: a fidelidade a Deus e a radicalidade da sua misericórdia para com a humanidade, anunciando a esperança aos pobres e sofredores, sucumbindo, assim, os opressores. Os privados de liberdade e os agentes de Pastoral Carcerária acreditam no amor e na misericórdia de Jesus. Nas respostas, é perceptível que diante do sofrimento, Jesus é fonte de esperança, mediante a realidade que os privados de liberdades estão inseridos, que oprime a sua dignidade humana. Tanto que os privados de liberdade rezam em grupos ou individualmente, iluminados, geralmente, pela Sagrada Escritura.

Segundo Sobrino, Deus é amor e se faz próximo dos rejeitados e marginalizados da sociedade. No entanto, Jesus embora experimenta o abandono do Pai na cruz, o Pai está aí. Acontece na cruz uma correspondência de entrega e na obediência de Jesus. Na prisão, o encarcerado faz a experiência do abandono, principalmente, da família,<sup>188</sup> dos amigos e da sociedade. Diante de situações de dor e a gritaria da violência, o que sobra é o silêncio. Assim, os privados de liberdade, ao perceberem a morte de Jesus na

---

<sup>188</sup> Os agentes de pastoral comentaram que a maioria das mulheres encarceradas são abandonadas pelos namorados ou maridos ou demais familiares. Um agente relatou que uma privada de liberdade lhe disse que foi presa por assumir o crime de seus irmãos. Contudo, depois de presa, nunca lhe visitaram e apoiaram. Ela possuía uma doença que atrofiava aos poucos seu corpo, conseqüentemente, precisava de atendimento médico. No entanto, era escasso o acompanhamento médico. Nos últimos atendimentos religiosos, ela estava com dificuldades para caminhar. Por isso, além do abandono, sofria dores terríveis e constantes. Outro agente de pastoral relatou que um privado de liberdade disse que há cinco anos não recebe visitas. O agente de pastoral ficou impressionado pelo período e se questionou: Qual é o impacto na vida de alguém que há cinco anos não recebe visita de ninguém?

cruz, sentem confiança, amor e misericórdia de Deus. Jesus, Filho de Deus, sente abandono, embora o Pai esteja junto. Logo, os privados de liberdade podem intuir que Deus acompanhá-los.

Conforme as respostas dos agentes de Pastoral Carcerária, constata-se que os privados de liberdade podem pensar que Deus está na prisão. É um Deus que participa dos sofrimentos dos encarcerados, um Deus aí, solidário com o sofrimento do privado de liberdade, que não explica as razões das dores, mas os acompanha. É um Deus que se faz pequeno, mas na sua pequenez anuncia e revela a grandiosidade da vida, a confiança, o amor e o serviço pela humanidade. Trata-se da credibilidade do amor de Deus pelos seus, a humanidade.

A cruz, embora não exaure o mistério divino, é um dos maiores momentos reveladores de Deus, demonstrando-O no sofrimento. A cruz era uma condenação à morte escandalosa, conseqüentemente, dificilmente remeteria a Deus. Jesus de Nazaré, ao morrer na cruz, como gesto de serviço e amor, faz com que algo escandaloso apontasse para Deus. Com isso, a partir da cruz de Jesus, o pequeno, o marginalizado, o sofrimento rememora em seu sofrimento, pode-se dizer, em sua cruz, a presença de Deus. Nas respostas, notou-se que o símbolo cruz fala por si próprio ao privado de liberdade. Corroborando o primeiro capítulo, a cruz representa que não há limites da proximidade de Deus com os seres humanos na história.

Conforme se apresentou no capítulo um no tópico “significado soteriológico da cruz”, da passagem da cruz como escândalo à cruz como salvação, Deus traz a salvação. Contudo, não se pode reduzir somente aos pecados, mas ampliar às práticas que Jesus de Nazaré: “salvação de qualquer tipo de opressão interna e externa, espiritual e física, pessoal e social”.<sup>189</sup> O privado de liberdade e os agentes de pastoral acreditam que a libertação, o perdão e a salvação da humanidade acontece por meio do Filho – Jesus, indiferente da situação que a pessoa vive, mas nas de sofrimento principalmente, lembrando dos povos crucificados na história apresentados no primeiro capítulo.

Com isso, questiona-se: analisando a realidade carcerária, com seus sofrimentos, abandonos e violência, pode-se chamar a realidade prisional composta de um povo crucificado? Sobrino não menciona que a população carcerária forma um povo crucificado. Contudo, alguns elementos corroboram para que os privados de

---

<sup>189</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 324.

liberdade se aproximem desse conceito, lembrando-se a ideia foi apresentada no primeiro capítulo.

Em nível jurídico, muitos privados de liberdade cometeram algum crime civil. Então, precisam responder e se responsabilizar por suas ações. Isso dificulta chamá-los de vítimas. No entanto, ao analisar o objetivo dos regimes carcerários na prática, de acordo com o segundo capítulo e o primeiro tópico deste capítulo, pode-se concluir que o privado de liberdade é vítima de estrutura violenta, desumana, que paulatinamente lhe tira sua dignidade humana. Por isso, pode-se dizer que a população carcerária é uma face do povo crucificado, principalmente, mediante o contexto que estão privados de sua liberdade, como já mencionado.

A prisão aumenta a possibilidade de reincidência do preso no crime. Isso porque o cárcere fornece poucos meios para restauração da vida humana e provoca muitos sofrimentos, pobreza e angústias. Além disso, configura forma de violência institucionalizada. Esse aspecto formula o primeiro motivo para pensar a prisão como lugar de povo crucificado que é maltratado, descartado, humilhado, deplorado. Isso porque, segundo Sobrino, a condição normal do povo crucificado consiste: “fome, doença, casebres, analfabetismo, frustração por falta de educação e emprego, dor e sofrimento. [...] Então recai sobre eles a violência e o veredito ‘é réu de morte’”,<sup>190</sup> chegando lhe abstrair a sua dignidade humana.

Nesse contexto de sofrimento, o segundo motivo dos privados liberdade serem uma face do povo crucificado é a crença na ressurreição. O privado de liberdade crê na ressurreição de Jesus, acreditando ser Ele a fonte de esperança, de sentido em frente aos desafios na prisão e de amor. Demonstra-se que na prisão, onde há várias atitudes negativas, que algumas pessoas poderiam chamar de mal, o amor de Deus se faz presente, envolvendo-os num caminho em e com Jesus de Nazaré, o Cristo. A verdade que se apresenta em Jesus é o amor. O amor para com todos os seres humanos, podendo-se afirmar, “que existe o amor e que nesta terra não só o mal se faz presente, mas também o amor nos envolve”.<sup>191</sup> Assim, segundo Sobrino, Jesus de Nazaré pretende alcançar a “salvação de qualquer tipo de opressão interna e externa, espiritual e física, pessoal e social”.<sup>192</sup>

---

<sup>190</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 369.

<sup>191</sup> *Ibidem*, p. 334.

<sup>192</sup> *Ibidem*, p. 3224.

Pode-se lembrar do roteiro de conversa com os agentes de Pastoral Carcerária que alguns privados de liberdade, ao saírem da prisão, conseguem reiniciar suas atividades, mas com grandes desafios. Outros não conseguem e retornam à prisão, porém, desses, uns continuam tendo fé e procurando em Jesus, uma possibilidade de mudar de vida.

A terceira justificativa diz que, na prisão, os privados de liberdade rezam em grupo e individualmente. Em algumas situações, são apoio um para o outro, principalmente diante das dores. Além disso, surge do encontro com Jesus, uma forma de superação e mudança de vida, que brota da esperança em Cristo. Nesse caso, de acordo com Sobrino, o povo crucificado tem a força de evocar o fundamental da fé [...] e da graça<sup>193</sup> para superar as crises e dificuldades. Lembrando-se que numa realidade que parece a predominância do mal diante do bem, o amor de Deus envolve o ser humano.

Portanto, baseando num roteiro de conversa com agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro, o presente capítulo elucidou a ação evangelizadora da Pastoral Carcerária, na Diocese de Montenegro, que iniciou em 2008, na Penitenciária Modulada Agente Jair Fiorin, em Montenegro. Além disso, demonstrou que a Pastoral Carcerária da Igreja particular de Montenegro, em comunhão com o projeto missionário da Pastoral Carcerária Nacional, é luz de Jesus e da Igreja no cárcere, mediante os sofrimentos que ali existem.

Por fim, analisou-se as respostas dos agentes de Pastoral Carcerária sobre Jesus de Nazaré e sua cruz, tanto na ótica do que eles anunciam, quanto na perspectiva de suas escutas nos atendimentos religiosos com os privados de liberdade. Constatou-se que a cruz de Jesus de Nazaré é fonte de esperança para o privado de liberdade cristão na realidade carcerária. Os privados de liberdade se identificam com Jesus na condenação, sofrimento, abandono. Embora, Sobrino não mencione a prisão como um lugar de povo crucificado, há semelhança na descrição principalmente devido os sofrimentos, por serem descartados da sociedade, terem esperança e acreditarem na mudança de vida.

---

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 367.

## Conclusão

O presente trabalho procurou responder à problematização: Qual é o sentido que um presidiário cristão consegue descobrir para sua vida ao olhar para a cruz de Jesus de Nazaré, na perspectiva dos agentes de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro? A resposta se desenvolveu três capítulos.

O primeiro capítulo fundamentou a Teologia da cruz, em Jon Sobrino. A morte de Jesus de Nazaré ocorreu num clima de perseguição, o que lhe deu o título de “O Perseguido”, conforme se constatou nos evangelhos. A justificativa de seu assassinato é oriunda de dois julgamentos, que se complementam: político e religioso. Ele é vítima inocente dos ídolos da sociedade. O motivo era sua concepção de Deus e por se dizer Filho de Deus. Na cruz morre o Filho de Deus, não um ser humano qualquer. Seu assassinato, além de ser um fato histórico, tem um sentido profundo, que o seu pensamento teológico visou desvelar: Jesus anunciava a esperança aos pobres, procurando libertá-los dos opressores, mantendo-se fiel a Deus, apesar das perseguições que sofria. Ao superar as perseguições, confirmava sua misericórdia aos homens e fidelidade a Deus.

Assim, por meio da soteriologia de Sobrino, pode-se constatar que o escandaloso assassinato de Jesus demonstra o quanto ele amava a humanidade, ao ponto de sentir o abandono e solidão do Pai em sua morte de cruz, mas que ali estava. Isto porque na cruz Deus não intervém, deixando as coisas correrem; o mesmo ocorre na história humana: Deus deixa a história acontecer. Contudo, Deus está junto ao sofrimento, é um Deus aí, que carrega junto a cruz. Por isso, do escândalo da cruz emerge a salvação. Trata-se, por meio da cruz, da salvação de todo o tipo de opressão, seja interna ou externa, em que se vive, pois por meio de Jesus é apresentado o amor por todos os seres humanos, principalmente com as vítimas de sofrimento.

Por isso, o capítulo destacou que o lugar material do conhecimento de Deus são as cruzes deste mundo. Trata-se do sofrimento das vítimas deste mundo, chamadas de “os povos crucificados”. Os povos crucificados remetem ao sofrimento humano, fazendo-se referência ao sofrimento de Jesus, de onde vem a esperança para não ser sucumbindo pela realidade, buscando-se uma conversão, em vista da salvação futura. Então, apresentou-se a analogia com o servo sofredor nos cânticos de Isaías, com o pano de fundo do contexto social latino-americano de Sobrino, que era permeado de dores, angústias, miséria pobreza, exploração, ditadura militar, em que muitas pessoas

eram mortas. Predomina—uma violência institucionalizada. Nessa analogia, demonstrou-se que a figura do servo sofredor é notada como presença atual de Cristo por meio do povo crucificado que está em situação semelhante, como deplorado, torturado, humilhado, descartado, maltratado, muitas vezes sem rosto humano. Sendo Jesus de Nazaré, fonte de esperança e de ressurreição, do contrário vã seria a fé do cristão.

Nessa perspectiva, elucidou-se, no segundo capítulo, a prisão como uma realidade de dor e de anúncio do Evangelho. A prisão é uma realidade dominada por sofrimento, antes de tudo por ser espaço em que a pessoa humana é privada da sua liberdade. Esse sofrimento, na realidade brasileira, é aumentado por causa da superlotação, das violências, das doenças, que roubam do privado de liberdade a sua dignidade humana. É um lugar de depósito de lixo humano, daqueles que a sociedade, muitas vezes, quer descartar. Assim, não cumpre o seu papel, que consiste em punir, recuperar e ressocializar o apendo por meio de penas privativas de liberdade. No ambiente carcerário, a Igreja, corpo de Cristo, é sinal de Jesus Cristo e da Igreja por meio dos agentes de Pastoral Carcerária, que desde o ano de 1960 está, enquanto pastoral.

Descreveu-se que agente de Pastoral, chamado por Deus, fundamenta sua espiritualidade em Jesus Cristo, enraizada na Sagrada Escritura, pela comunhão com a Igreja e a comunidade, pelos Sacramentos. Os agentes de pastoral acreditam que Jesus é fonte de vida e de esperança na vida das pessoas, indiferente de lugar, mas principalmente nas realidades de sofrimentos, inclusive no cárcere, porque ali ele está presente no privado de liberdade. A Pastoral Carcerária é uma pastoral sócio-transformadora. Demonstrou-se que os agentes rezam com e pelos presos, realizam atendimentos religiosos, permeados pela Sagrada Escritura e por hinos religiosos, mas, também, desejam uma mudança na estrutura prisional e na vida do preso. Para isso, mostrou-se o método catequético dos agentes de Pastoral Carcerária: olhar a realidade, escutar as dores e os anseio do privado de liberdade, conhecê-lo pelo nome, escutar os sofrimentos e os anseios do privado de liberdade, fazê-lo subir em busca de sua dignidade e filiação divina.

No terceiro capítulo, delimitou-se a Evangelização dos agentes de Pastoral Carcerária para a Diocese de Montenegro, baseando-se num roteiro de conversa com doze voluntários anônimos que foram ou são agentes de pastoral. A Pastoral Carcerária

na Diocese de Montenegro iniciou no ano de 2014, por iniciativa do bispo Dom Paulo de Conto e alguns leigos, que desejavam que os presos não se sentissem abandonados pela Igreja. Assim, paulatinamente ganhou corpo e atualmente realizam semanalmente, às segundas-feiras, os atendimentos religiosos.

A partir do roteiro de conversa, constatou-se que a realidade prisional onde os agentes realizam os atendimentos religiosos é semelhante com a realidade apresentada nacionalmente. Isto porque os presídios se transformaram em depósitos humanos, acumulando pessoas não bem vistas pela sociedade. O ambiente é dominado de sofrimentos, de doenças, de precariedade médica, de violência, de facções, de drogas, conduzindo o preso à perda de sua dignidade e não concedendo meios para sua recuperação e ressocialização à sociedade, após cumprimento da pena estabelecida pela justiça. Além disso, concluiu-se que a Pastoral Carcerária está em comunhão com as orientações da Pastoral Carcerária Nacional. Os agentes de pastoral, nos atendimentos religiosos, são sinal de Jesus Cristo e da Igreja na vida dos privados de liberdade, bem como na prisão. Nos atendimentos religiosos todos podem falar, principalmente os privados de liberdade. Os agentes escutam suas dores, os motivam a não perderem a esperança perante os sofrimentos diários, realizando, também, o método catequético da Pastoral Carcerária, proposto no segundo capítulo: escutar, olhar, conhecer, descer a realidade, fazer o privado de liberdade subir, para ajudá-lo a sair daquela realidade de dor.

Nesse contexto, a partir perspectiva dos agentes de Pastoral Carcerária de Montenegro, concluiu-se que a cruz de Jesus de Nazaré é fonte de esperança, amor, misericórdia, perdão, salvação, liberdade, solidariedade e de vida para o privado de liberdade. Os privados de liberdade se identificam com sofrimento de Jesus de Nazaré. Ambos foram condenados, mas Jesus era vítima inocente da condenação e morte escandalosa, enquanto alguns privados de liberdade admitem seus erros. Contudo, na condenação e no sofrimento de Jesus é perceptível no seu amor, a entrega, a solidariedade e doação pela humanidade. Embora não seja adequado equiparar a condenação de Jesus com os que estão presos hoje, os privados de liberdade acreditam que na cruz Jesus de Nazaré anunciou o amor e a misericórdia de Deus, para libertar a humanidade de todas as formas de opressão. Creem que Deus está com eles, embora sintam o abandono e a solidão perante o contexto de sofrimento por parte de familiares, dos amigos e da sociedade, semelhante ao abandono que Jesus sentiu na



cruz, conforme apresentado no primeiro capítulo. Além dos encontros com os agentes de pastoral, rezam em grupos ou individualmente, crendo, também, na ressurreição.

Assim, pode-se concluir que a população carcerária é face de um povo crucificado. Sobrino não menciona explicitamente que a prisão é um lugar de povo crucificado, mas ao relacionar a realidade carcerária com os elementos de sua ideia de “povo crucificado”, chega-se a essa conclusão. Foi importante destacar que o privado de liberdade geralmente cometeu algum crime ou algum ato ilegal, dificultando-o chamar de vítima por causa se sua pena estabelecida judicialmente, mas se pode dizer que é vítima de uma violência institucionalizada que não o recupera e não lhe concede os meios, mas que lhe rouba a sua dignidade humana. Assim, largado ao sofrimento, abandonado, maltratado, humilhado, deplorado, chegando-lhe desejar a morte, são alguns dos elementos que o constitui face do povo crucificado. Além desses elementos, o privado de liberdade acredita na ressurreição de Jesus, sendo Ele fonte de esperança, de sentido mediante os desafios na prisão e de amor. Jesus, também, é fonte de libertação para o preso. O privado de liberdade reza na prisão em grupo ou individualmente, sendo apoio um para o outro perante as dores. Isto porque surge do encontro com Jesus um novo projeto de vida, que brota da esperança na ressurreição, alertando que num contexto onde aparentemente só o mal se faz presente, o amor de Deus os envolve e aponta um novo caminho de conversão.

Portanto, segundo Sobrino, Jesus de Nazaré, o homem em conflito, morto num contexto social pelas autoridades religiosas e políticas da época, é o Filho de Deus. Ele não morre desiludido, mas com confiança e lucidez até o fim por fidelidade a Deus e como serviçal aos seus. Sua vida e morte é permeada de misericórdia e de amor, em determinado momento na cruz sente o abandono por parte do Pai, mas que permanece junto. Isso significa para o preso sentido de esperança, misericórdia, amor, liberdade, redenção, salvação, solidariedade, perdão, na perspectiva do agente de Pastoral Carcerária da Diocese de Montenegro.

Por fim, a presente pesquisa não esgota toda a reflexão teológica sistemática pastoral da relação da cruz de Jesus de Nazaré com a vida e a realidade do privado de liberdade na prisão. Isto porque outras problematizações podem surgir, como: Como a cruz de Jesus de Nazaré pode iluminar os corações dos governantes brasileiros a refletirem e se preocuparem com a realidade carcerária, tendo em vista que a sua população está em ascendência? Como a cruz de Jesus de Nazaré pode sensibilizar os

próprios privados de liberdade a terem cuidado e zelo por outros privados de liberdade, perante as facções e tráficos de drogas?

## Referências

BÍBLIA SAGRADA. Português. *TEB – Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 2015. 2.ed.

BÍBLIA SAGRADA. Português. *Evangelho e atos dos Apóstolos*. Trad.: Cássio Murilo Dias da Silva, Irineu Rabuske. São Paulo: Loyola, 2013. 2.ed.

BENTO XVI. *Deus Caritas est: Sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Loyola, 1993.

COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja. Pontifício Conselho ‘Justiça e Paz’. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DOS BRASIL. *Pastoral Carcerária*. São Paulo: Paulinas, 1974 (Estudos da CNBB, 4).

\_\_\_\_\_. *Obras sociais da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983 (Estudos da CNBB, 34).

\_\_\_\_\_. *Diretrizes Gerais da Ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015*. Brasília: CNBB, 2011 (Documentos da CNBB, 94).

\_\_\_\_\_. *Diretrizes Gerais da Ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015 – 2019*. São Paulo: Paulinas, 2015 (Documentos da CNBB, 102).

\_\_\_\_\_. *Diretrizes Gerais da Ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 – 2023*. Brasília: CNBB, 2019 (Documentos da CNBB, 109).

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. *La Iglesia en la actual transformacion de America Latina a luz del Concilio*. Medellín: CELAM, 1970.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe. 10. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2009.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2016.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 539-661.

\_\_\_\_\_, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 539-661.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Ministério da Justiça. *Levantamento Nacional de informações penitenciárias INFOPEN- junho de 2014*. Brasília: Ministério da Justiça, 2014.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. Trad. Luiz João Gaio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985 (Col. Teologia hoje).

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

\_\_\_\_\_. *Jesus Cristo, nosso Redentor: Iniciação à Cristologia como Soteriologia*. 2. ed. Porto Alegre, 1999 (Col. Teologia 7).

HAMMES, Érico João. *Filii in filio: a divindade de Jesus como Evangelho da Filiação no seguimento: um estudo em Jon Sobrino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

PASTORAL CARCERÁRIA. Pastoral Carcerária Nacional. *Agentes da Pastoral Carcerária: Discípulos e missionários de Jesus Cristo*. Brasília: CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. Pastoral Carcerária Nacional. *Formação para agentes da Pastoral Carcerária*. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_. Pastoral Carcerária Nacional. *Tortura em tempos de encarceramento em massa*. São Paulo: ASAAC, 2016.

PEREIRA, Sueli da Cruz. *A Teologia da cruz em Jon Sobrino: o caminho mistagógico da Kenosis*. 134 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PRATES, Lisaneos. *Fraternidade Libertadora: Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Trad. Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão à transfiguração*. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

SÍNODO DOS BISPOS. *A justiça no Mundo*. São Paulo: Paulinas, 1971.

SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina: Esboço a partir do seguimento do Jesus Histórico*. Trad. Orlando Bernardi. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. *Jesus, O Libertador: I – A História de Jesus de Nazaré*. Trad. Jaime A. Clasen. Petropólis: Vozes, 1994 (Col. Teologia e Libertação).

\_\_\_\_\_. *O Princípio Misericórdia: Descer da cruz os Povos Crucificado*. Trad. Jaime A. Clasen. Petropólis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ressurreição da verdadeira Igreja: Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1983.

VERMEYLEN, Jacques. Nome. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. 2. ed. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2014, p. 1261-11263.

BAPTISTA, G. *Bispo leva palavra de fé aos presos*. Vale do Caí. São Sebastião do Caí., 22 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.valedocai.com.br/noticia/5898/bispo-leva-palavra-de-fe-aos-presos/>. Acesso em: 06 de agosto de 2019.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, *Notificação sobre as obras do P. Jon Sobrino S.I: Jesuscristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret (Madrid, 1991) e La fe em Jesucristto. Ensayo desde las víctimas (San Salvador, 1999)*. Roma, 2006. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20061126\\_notification-sobrino\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20061126_notification-sobrino_po.html). Acesso em 22 de outubro de 2019.

CONSOLATA. *Família da Consolata*. Lisboa, 2016. Disponível em: <http://www.consolata.pt/quem-somos/fam%C3%ADlia-da-consolata/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

DIOCESE DE MONTENEGRO. *História*. Montenegro, 2019. Disponível em <http://www.diocesemontenegro.org.br/a-diocese/historia/>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

FERREIRA, P. *A estrutura do sistema prisional brasileiro frente aos objetivos da teoria da pena*. Revista do âmbito jurídico. Brasília, 01 de agosto de 2012. Disponível em: [http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=12093](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12093). Acesso em: 23 de maio de 2019.

IRMÃS DO BOM PASTOR. *Quem somos*. Fátima, 2012. Disponível em: <http://bom-pastor.org/home.php>. Acesso em: data 04 de abril de 2019.

KLEBER, Tomaz. *Massacre no Carandiru faz 25 anos; justiça suspende novos júris até STJ julgar recursos*. G1. São Paulo, 07 de outubro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/massacre-do-carandiru-faz-25-anos-justica-suspende-novos-juris-ate-stj-julgar-recursos.ghtml>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

PAPA BENTO XVI, *Discurso por ocasião do Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo ‘peregrinos da verdade, peregrinos da paz*. Roma <http://w2.vatican.va/content/benedict->

xvi/pt/speeches/201/1/october/documents/hf\_ben-xvi\_spe\_20111027\_assisi.  
Acesso em: 30 de setembro de 2019.

PASTORAL CARCERÁRIA. *Agenda nacional pelo desencarceramento*. Brasília, 2017. Disponível em: <https://carceraria.org.br/agenda-nacional-pelo-desencarceramento>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

\_\_\_\_\_. *O que é a Pastoral carcerária*. Brasília, 2013. Disponível em: <https://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria#1541815130503-621cac4b-75d4>

RODRIGUES, Alex. *Governo desenvolve projeto para ampliar acesso de presos à educação*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/ministerios-desenvolvem-projeto-para-ampliar-acesso-de-presos-ensino>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

SECRETÁRIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. *Centro de observação Criminológica e Triagem – COT*. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=29> Acesso em: 04 de abril de 2019.

VERDÉLIO, A. *Com 726 mil presos, Brasil tem terceira maior população carcerária do mundo*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-12/populacao-carceraria-do-brasil-sobe-de-622202-para-726712-pessoas>. Acesso em: 23 de maio de 2019.



## 8. Recensão



<https://doi.org/10.36592/9786587424309-8>

PIZZOLATO, Valentim. *A Igreja na perspectiva do século XIX e no profetismo de Vicente Pallotti*. Porto Alegre: Pallotti, 2003, p. 107-160.

*Pedro Francisco Simone*

### 1 As novas ecclesiologias

Valentim Pizzolatto nasceu em Vale Vênteto aos 27 de Novembro de 1932 no Brasil, sacerdote da Sociedade dos padres Palotinos. É formado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Diplomou-se em estudos pastorais pela Universidade Lateranense de Roma e fez doutoramento em ciências teológicas pela Pontifícia faculdade da Itália Meridional, Nápoles em 1997. Autor de diversos artigos científicos, ele é professor de teologia dogmática na Faculdade Palotina de Santa Maria.

O presente trabalho trata-se de uma recensão do terceiro capítulo cujo subtítulo é *As Novas Ecclesiologias*, da obra completa de Valentim Pizzolatto intitulada *A Igreja na perspectiva do século XIX e no profetismo de Vicente Pallotti*. A obra ajuda-nos a compreender a sociedade e a Igreja do século XIX. No capítulo III, Valentim Pizzolatto apresenta pensamento ecclesiológico de alguns pensadores que se preocuparam pela causa da Igreja no século XIX; contudo, esses ecclesiólogos não deixaram nenhum tratado sobre a matéria de Igreja, entretanto, nos seus diversos manuscritos pode-se encontrar o seu pensamento sobre a Igreja do século XIX. Esses pensadores queriam uma Igreja livre da romanização e capaz de abertura à modernidade e a ciência. Dentre eles, destacamos: Adam Mohler, Newman e Rosmini.

#### 1.1 Uma ecclesiologia pneumatológica e vital no rasto de Adam Mohler

Na sua obra a *Unidade na Igreja*, Adam Mohler apresenta uma Igreja unida e conduzida pela força do Espírito Santo. No seu pensamento daquilo que é a Igreja toma

como modelo a Comunidade Primitiva dos primeiros cristãos. Uma Comunidade que está ligada a Cristo. É dentro desta Comunidade que Cristo continua a atuar na história da Igreja; onde os irmãos, membros dela são caracterizados pela amizade mútua. A Igreja que é a comunidade dos irmãos é feita de amor que dá sentido a todo o serviço que cada membro presta dentro da Comunidade. Uma Comunidade que não tem amor, diz ele, dificilmente pode caminhar junta como Corpo Místico de Cristo.

A exemplo das primeiras Comunidades cristãs, fé e amor são as bases para fundar uma Comunidade unida; e o amor vem do Espírito Santo. O Espírito Santo monitora todas as atividades dos fiéis dentro da Igreja e elimina as desordens. Para Mohler, pela força do Espírito Santo, a Comunidade pode gerar novos filhos; daí que a Igreja é o povo de batizados, povo sacerdotal. Todo aquele que é batizado e ungido pelo óleo é purificado dos seus pecados e passa a fazer parte de uma nova família, o povo sacerdotal e real.

Na eclesiologia de Mohler, admite-se a existência de duas classes na Comunidade; multidão dos fiéis e os dirigentes clérigos, onde cada grupo desempenha as suas funções específicas. O presbítero tem um papel essencial dentro da Comunidade. Isto quer dizer que dentro da Comunidade temos leigos e clérigos.

## **1.2 A Igreja, a Comunidade sacerdotal, é toda infalível**

Este grupo, que é Comunidade sacerdotal é todo infalível. A infalibilidade não é património exclusivo de uma só pessoa, mas de toda a Comunidade. Mas para esta infalibilidade ser de toda a Comunidade parte-se do princípio de que a Comunidade tem poder sobre a pessoa. Mohler, na *Unidade*, sublinha o papel do Espírito Santo para unidade de serviço dentro do grupo. Mas numa outra obra intitulada a *Simbólica*, o nosso autor apresenta uma Igreja Institucional. Contudo, esta Igreja institucional não é diferente da dos fiéis. De fato, Mohler está contra a ideia de uma Igreja dividida em classes desiguais composta por fiéis e dirigentes, leigos e clérigos; onde uns são ativos e outros são passivos. O institucional tem importância dentro da Igreja, sim, mas não para formar classes. A figura do bispo dentro da sua Comunidade tem a função de manter a unidade dos seus fiéis. O bispo não deve ser estranho à sua Comunidade porque dela saiu, como é também para os presbíteros. Os clérigos são eleitos pela Comunidade.



No que diz respeito à autoridade episcopal dentro da Comunidade, Mohler apela que haja harmonia entre o bispo e os seus fiéis. O bispo deve exercer o seu poder com amor e não o uso de força porque assim pode destruí-la. Sobre as funções do bispo de Roma, diz que a Igreja universal necessita de ter um bispo, que é o sucessor de S. Pedro que deve ser reconhecido por todos os bispos da Igreja universal. O bispo de Roma, que é o Papa, está para manter a unidade. Como já se disse que a infalibilidade está dentro de toda a Comunidade da Igreja, Mohler diz que o Papa não deve ser considerado como detentor da infalibilidade porque ele faz parte da Comunidade, que é guiada pelo Espírito Santo. Consoante o tempo histórico que se encontra a intervenção do Papa depende; nos tempos de paz e tranquilidade o centro é o bispo; mas nos tempos difíceis deve se recorrer ao Papa como ponto de unidade da Igreja universal.

No referente às relações entre o bispo e o seu povo, Moher diz que por motivos históricos, o bispo já não é mais próximo do seu rebanho; já há um distanciamento. O bispo tornou-se um homem que só aparece para impor leis por se cumprir. Os fiéis e presbíteros tornaram-se seus subidos.

## **2 John Henry Newman e a eclesiologia do Povo de Cristo**

Depois de ter descrito o pensamento eclesiológico de Adam Mohler, que se sintetiza nas duas obras a *Unidade da Igreja*, onde focaliza uma Igreja puramente pneumatológica, e *Simbólica*, onde incentiva uma Igreja institucionalmente organizada em volta do seu bispo, como sinal de unidade entre os cristãos; agora vamos ver a outra visão eclesiológica do jovem de Oxford, J. H. Newman.

Newman faz parte de um grupo de jovens que se destacaram na Universidade de Oxford no século XIX que se preocuparam no pensamento eclesiológico da época. Estes jovens tinham a preocupação de ver uma nova imagem da Igreja, e por isso, para expressar os seus sentimentos sobre a Igreja, fundaram um movimento que ficou conhecido como o *Movimento de Oxford* com objetivo de conhecer ou descobrir a origem e a missão dos ministros anglicanos. Para estes jovens pairava em suas mentes que eles não são funcionários públicos, mas sucessores dos apóstolos. Este grupo tinha como objetivo principal de tornar a Igreja independente do Estado, lutar contra o liberalismo, despertar o fervor nos clérigos e, sobretudo, aproximar o relacionamento

entre as duas Igrejas: a Católica e a Anglicana. Assim, dentro destes jovens clérigos entusiastas em renovar a Igreja encontramos J. Newman. O jovem clero anglicano vai se notabilizar no Movimento de Oxford pelas suas ideias eclesiológicas e a simpatia que tinha pela Igreja Católica.

### **2.1 A conversão de John Henry Newman**

John Henry Newman era um ministro anglicano que vai se converter à fé católica em 1845, depois de muita caminhada de dúvidas e contradições. Newman olhava para a Igreja romana com grande simpatia e grande admiração pãra ela. Portanto, pertencer à Igreja Católica era que entrar em “Jerusalém celeste”.

Depois da sua conversão, parte para Roma para beber da fonte toda a doutrina católica. Em Roma manteve encontro com alguns teólogos do Colégio romano. Na verdade, a sua conversão, não foi bem vista pelos seus colegas da Universidade, de tal maneira que alguns pensavam que ele se se converteu por motivações humanas ou ambições. Ele sofreu duras críticas por ter se tornado católico, críticas vindas até das pessoas mais próximas dele, por exemplo, De Lubac que dizia que a conversão de Newman foi por ambição.

### **2.2 Visão eclesiológica de Newman**

Para fundamentar o seu pensamento eclesiológico, Newman se inspira nas Escrituras, na Patrística e na Igreja Primitiva cristã. Na patrologia encontra o fundamento teológico da fé, na Igreja Primitiva encontra uma Comunidade alimentada pelo Espírito Santo. É na Igreja Primitiva cristã que encontra o dinamismo de toda a Igreja, povo de Deus, constituída por leigos e a hierarquia, mas unida pelo ofício de Cristo Profeta, Sacerdote e Rei. O Espírito Santo é o motor operante da Comunidade eclesiástica. Para Newman, Cristo faz a Comunidade ser um fundamento igual entre os fiéis.

Como Mohler, Newman também não escreveu nenhum tratado ou obra completa sobre a Igreja, mas nos seus manuscritos encontramos um pensamento eclesiológico. Sendo conhecedor da Sagrada Escritura, Newman via na história do povo de Israel a prefiguração do povo de Cristo. Para o nosso eclesiólogo, a Igreja não

é primeiramente organização hierárquica, mas uma realidade constituída por pessoas reunidas para dar graças a Deus. Todos os membros do povo de Cristo que constituem a Igreja desempenham a tríplice função de Cristo: profeta, rei e sacerdote. Esta tríplice função é exercida por qualquer membro dentro da Igreja graças ao Espírito Santo. Por isso, Newman é da opinião que os leigos, que são a maioria dentro da Comunidade devem ser promovidos aos estudos teológicos. Ele combate veementemente a ideia de haver na Comunidade os que falam e outros só escutam. Na Igreja todos devem falar e todos devem escutar e exercer uma fé ativa porque depois da descida do Espírito Santo sobre os discípulos todos se sentiram iluminados. Todos podem fazer alguma coisa útil dentro da Comunidade cristã.

### **2.3 A voz do povo diante da verdade da fé**

No concernente ao Magistério da Igreja, Newman sabe, de antemão que o Espírito Santo desceu para todos e a cada um dos membros da Comunidade produzindo efeitos diversos. Por isso, dentro da sua ação pastoral, o Magistério deve contar com a presença ou participação dos leigos porque também receberam o mesmo Espírito. Ora, este ponto, Newman entra em contradição com Perrone, porque para este, em matéria de fé, os leigos só podem ser consultados, mas a decisão final deve ser tomada pelo Magistério; porque é aqui onde reside a infalibilidade.

### **2.4 o desenvolvimento histórico-dogmático**

Em termos do desenvolvimento histórico-dogmático, a Igreja tem as suas fontes em Cristo e na Tradição; mas deve evoluir, adaptando-se aos tempos modernos. A doutrina que a Primeira Comunidade recebeu é sempre a mesma, mas deve evoluir consoante o desenvolvimento histórico da sociedade. A mensagem que Jesus deixou para os apóstolos deve ser entendida ao longo da evolução histórica do homem até chegar à plenitude da salvação. A eclesiologia de Newman se enquadra num contexto histórico em que o homem pode nalgum momento se encontrar limitado e com dificuldades de ir em frente, mas o mistério divino está lá para fazer superar as limitações humanas. Toda esta evolução histórica é graças a ação do Espírito Santo. O

Espírito está sempre ativo no processo histórico da Igreja. É ele que orienta e faz crescer a Igreja e torna presente a ação de Cristo dentro dela.

### 3 Rosmini e a sua eclesiologia

Em primeiro lugar importa referir que Rosmini não se pode equiparar com Moltmann e Newman no que diz respeito à visão sobre a Igreja. Entretanto, ele também se preocupou pelo mesmo assunto; desejar uma eclesiologia liberta do poder temporal vigente da época. Rosmini deseja uma Igreja simples e espiritual a desempenhar a sua missão apostólica. Mas para que isso aconteça, apela uma renovação interior da Igreja e tomar sua dimensão sobrenatural. Contudo, Rosmini não era bem-vindo na cúria romana por causa das suas posições políticas diante do problema austríaco, da unificação italiana e principalmente com a publicação da sua obra, em 1849, intitulada *As cinco chagas da Igreja*, onde manifesta o seu pensamento sobre a Igreja no século XIX.

#### 3.1 O método rosminiano

Rosmini era um homem intelectualmente formado e com um conhecimento profundo das relações internas da Igreja romana sabia, inclusive, das separações que haviam entre o clérigo e os leigos. Por isso, a sua preocupação não era de falar com os intelectuais leigos, mas ir ao encontro da classe alta da hierarquia da Igreja para lhe apresentar os erros que cometia, com intuito de procurar mudanças dentro da Igreja romana. O método que utiliza para a renovação do pensamento eclesiológico foi o método análogo-histórico, onde ressalta as fontes bíblicas e patrísticas.

Contudo, é impotente salientar que Rosmini não deixou nenhum tratado sobre a eclesiologia. O interesse sobre este campo pode ser encontrado nos seus escritos, sobretudo em *AS cinco chagas de Cristo*; onde aborda a tradição oral e escrita. Nestas duas tradições, apresenta a ideia da salvação total do homem. Aponta que Jesus pela sua pregação oral que foi posta por escrito posteriormente era para servir de fonte para a salvação da humanidade. A salvação do homem por meio de Jesus Cristo constitui um dos pontos fortes da eclesiologia de Rosmini. Outro ponto fundamental que se encontra na eclesiologia rosminiana é a valorização da pessoa humana. Criticando a

promulgação dos direitos dos humanos de 1789, Rosmini diz que não basta um decreto como tal para que o homem se sinta livre e com direitos, mas é necessário que se respeite. Jesus Cristo é o fundador e o modelo dos direitos da pessoa, porque Ele é o libertador do homem. Sem Cristo não há liberdade e conseqüentemente não há Igreja.

### **3.2 O Sacerdócio comum, princípio das eclesiologias locais**

No tocante ao sacerdócio comum, Rosmini diz que este é o princípio da Igreja universal e das eclesiologias locais, porque pelo batismo que se confere a salvação universal, todo o batizado passa a ser filho de Deus e por conseguinte, dentro Igreja não deve haver espetadores mas membros participantes da unidade trino. O sacerdote deve se sentir como cristão igual aos outros membros. A missa acontece graças a junção do povo e do clero que fazem juntos a mesma ação.

No concernente às eclesiologias locais, ele parte do princípio de que a unidade começa nas igrejas locais em volta do sacerdote na celebração eucarística. Para fundamentar esta posição, Rosmini recorre às Primeiras Comunidades cristãs, onde elas eram autónomas, elegiam o seu bispo e ministros. O bispo deve ser uma pessoa com boa vontade e sabedoria para reger a Comunidade. Ele é quem deve preparar os seus sucessores. O bispo deve estar próximo do seu povo e do seu clero. Ele mantém a unidade. E esta unidade deve acontecer também com as outras igrejas locais até à Igreja universal.

Mas infelizmente, esta imagem do bispo vai cair a partir do decreto constantiniano de 313. A Igreja já se encontra diante de honras e riquezas. O bispo também mudou; torna-se dono das riquezas. Antes, o bispo tinha uma vida simples e próximo do seu povo, mas agora vive em palácios e rodeado por empregados. A sua autoridade que consistia na unidade, agora é superioridade e temor e conseqüentemente haverá ódio entre o alto e o baixo clero porque este último vive na pobreza. Além disso, o nível das Comunidades cai. Elas já não têm mais a formação necessária e passam a ser uma multidão de ignorantes e sem formação litúrgico-bíblica.

### **Análise crítica do texto**

Fazendo uma análise ou apreciação crítica do capítulo que foi objeto da minha leitura e, por conseguinte, a recensão do mesmo, na minha modesta opinião, eu penso que o pensamento dos três eclesiólogos que apresentei sinteticamente neste artigo, ainda pode ter a sua aplicabilidade na Igreja de hoje; sobretudo no que tange às relações entre o clero e os leigos; as relações internas dentro do clero, isto é, a relação entre o presbítero com o seu o bispo. Na verdade, a problemática institucional<sup>1</sup> da Igreja ainda faz se sentir. Dentro clero, embora de uma forma embrional nota-se um distanciamento entre o bispo e seu presbítero. Vemos hoje bispos que não são próximos dos seus padres e muito menos do povo cristão. Parece-me que o bispo, na minha modesta opinião, só no momento da visita pastoral é que mantém encontro com o seu sacerdote. Ora, esse momento não tem como objetivo conhecer a vida do seu presbítero, mas avaliar a execução do plano, do desenvolvimento pastoral e fortalecer a comunidade pela sua presença. E esta forma de ser e agir do bispo não condiz com aquilo que devia ser o papel ou função de bispo dentro da Comunidade segundo os nossos eclesiólogos. Contudo, reconheço e conheço Igrejas particulares onde o bispo está presente na comunidade e se preocupa pelo desenvolvimento da mesma e acima de tudo na integração da ação pastoral dos leigos. Na verdade, sobre o envolvimento dos leigos na ação pastoral, o texto que apresentei ressalta esta necessidade da colaboração dos leigos, porque eles também receberam a força do Espírito Santo que lhes faz ser membros ativos dentro da Comunidade.

Contudo, sublinho que os três eclesiólogos que apresentam o seu pensamento sobre a eclesiologia nos seus manuscritos, têm ideias exagerado no que diz respeito a uma Igreja guiada puramente pela força do Espírito Santo. Para eles todos os membros da Comunidade possuem a verdade porque receberam o Espírito Santo de igual modo. Ora para mim esta posição é muito dilemática porque pode conduzir a uma incerteza entre aquilo que o bispo diz e aquilo que a comunidade diz, onde está a verdade? Ora, onde há sociedade ou pessoas, é melhor ou é necessária que haja alguém para manter a ordem e a verdade. E neste contexto eclesiológico, a verdade está no Magistério da Igreja e não na Comunidade como povo batizado.

---

<sup>1</sup> Uso o termo institucional para dizer que dentro da Igreja, como instituição, ainda vigora a separação entre o clero e leigo.



